



literatura
livre

Sra. Fragrância Primaveril

SUI SIN FAR

Mrs. Spring Fragrance (1912)

Tradução: Ricardo Giasseti

Edição bilingue: POR/ENG

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Sra. Fragrância Primaveril

Sui Sin Far

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{.org}

Sra. Fragrância Primaveril

Sui Sin Far

Tradução:
Ricardo Giassetti

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos aos editores das revistas *The Independent*, *Out West*, *Hampton's*, *The Century*, *Delineator*, *Ladies' Home Journal*, *Designer*, *New Idea*, *Short Stories*, *Traveler*, *Good Housekeeping*, *Housekeeper*, *Gentlewoman*, *New York Evening Post*, *Holland's*, *Little Folks*, *American Motherhood*, *New England*, *Youth's Companion*, *Montreal Witness*, *Children's*, *Overland*, *Sunset* e *Westerner*. Todos vocês foram gentis o bastante para cuidar de meus filhos quando os coloquei no mundo e mais gentis ainda ao permitir que os mesmos retornassem a mim e fossem reunidos neste volume.

Sui Sin Far

A SRA. FRAGRÂNCIA PRIMAVERIL

I

Quando a sra. Fragrância Primavera chegou em Seattle, não falava uma única palavra do idioma americano. Cinco anos depois, seu marido comentou sobre ela:

— Não há mais palavras americanas que ela não conheça.

Todos os que a conheciam concordavam com o sr. Fragrância Primavera.

Ele, cujo nome profissional era Sing Yook, era um jovem comerciante de artesanatos e antiguidades. Embora fosse um chinês conservador em muitos aspectos, também era descrito pelos ocidentais como “americanizado”. A sra. Fragrância Primavera era considerada ainda mais “americanizada”.

Na casa vizinha aos Fragrância Primavera viviam os Chin Yuen. A sra. Chin Yuen era bem mais velha que a sra. Fragrância Primavera e tinha uma filha de dezoito anos com quem a sra. Fragrância Primavera havia desenvolvido uma

grande amizade. A jovem era uma linda garota cujo nome chinês era Mai Gwi Far (Uma Rosa) e o americano era Laura. Quase todos a chamavam de Laura, inclusive seus pais e amigos chineses. Ela era apaixonada por uma pessoa: um jovem chamado Kai Tzu. O rapaz, nascido na América, era corado e robusto como todos os jovens ocidentais, além de ser respeitado entre os jogadores de beisebol como um dos melhores lançadores da Costa Oeste. Também costumava cantar *Drink to me only with thine eyes*¹ com Laura ao piano.

A única pessoa que sabia que Laura amava Kai Tzu e que Kai Tzu amava Laura era a sra. Fragrância Primavera. O motivo era que, embora os pais de Chin Yuen morassem em uma residência mobiliada ao estilo americano e se vestissem como americanos, ainda mantinham religiosamente muitos dos costumes chineses. Seus ideais de vida eram os mesmos de seus ancestrais. Por isso, quando Laura tinha quinze anos, eles a prometeram ao filho mais velho do professor do governo chinês em São Francisco. A hora da consumação dessa promessa se aproximava.

Laura estava com a sra. Fragrância Primavera, que tentava animá-la:

1 É uma antiga canção popular. Os versos são do poema "Song to Celia", de 1616, do dramaturgo inglês Ben Jonson (1572-1637).

— Que bela caminhada fiz hoje — disse ela. — Andei pela praia e voltei pela avenida. Há narcisos brotando na grama verde. Nos jardins dos chalés, as groselhas estão em flor e o perfume dos gerânios paira no ar. Queria que tivesse ido comigo, Laura.

Laura desatou a chorar.

— É o mesmo passeio — soluçou — que eu e Kai Tzu adoramos fazer. Mas nunca mais, nunca mais poderemos fazer isso juntos.

— Olhe, querida — a sra. Fragrância Primaveraíl a confortou —, não sofra tanto assim. Lembre-se daquele lindo poema americano escrito por um nobre chamado Tennyson,² que diz:

*“É melhor ter amado e perdido
Do que nunca ter amado na vida.”*

A sra. Fragrância Primaveraíl não havia percebido que o sr. Fragrância Primaveraíl retornara da cidade, cansado de seu dia de trabalho, e se refestelara no sofá de bambu da

2 Alfred Tennyson (1809-1892), ou 1º Barão Tennyson de Aldworth e Freshwater, foi um poeta inglês. É considerado o principal representante da poesia na Era Vitoriana. O verso acima citado é: *“Tis better to have loved and lost / Than never to have loved at all”* e faz parte do poema *“In Memoriam A. H. H. OBIIT MDCCCXXXIII: 27”*.

varanda. Embora seus olhos vasculhassem as páginas do *Chinese World*, seus ouvidos involuntariamente captavam as palavras que vinham até ele pela janela aberta.

— “É melhor ter amado e perdido do *que nunca ter amado na vida.*” — repetiu o sr. Fragrância Primavera.

Sem querer ouvir mais da conversa secreta das mulheres, levantou-se e passou pela varanda até o outro lado da casa. Duas pombas sobrevoaram sua cabeça. Ele sentiu no bolso a lichia que normalmente trazia para elas. Seus dedos tocaram também uma pequena caixa que continha um pingente de jade pelo qual a sra. Fragrância Primavera havia demonstrado um interesse especial na última vez em que foi ao centro da cidade. Era o aniversário de cinco anos de casamento do sr. e da sra. Fragrância Primavera. Ele escondeu a caixinha ainda mais fundo em seu bolso.

Um jovem rapaz saiu da porta dos fundos da casa, à esquerda do sr. Fragrância Primavera. A casa dos Chin Yuen ficava à sua direita.

— Boa noite — disse o rapaz.

— Boa noite — respondeu o sr. Fragrância Primavera, que desceu os degraus da varanda e se debruçou sobre o corrimão que separava um quintal do outro, onde o jovem estava em pé.

— Pode me dizer, por favor — disse o sr. Fragrância Primavera —, o significado de dois versos de um poema americano que acabei de ouvir?

— Claro — respondeu o jovem com um sorriso simpático. Ele era um dos melhores alunos da Universidade de Washington e, sem dúvida, poderia explicar o significado de todas as coisas do universo.

— Bem — disse o sr. Fragrância Primavera —, é assim:

É melhor ter amado e perdido

Do que nunca ter amado na vida.

— Ah! — exclamou o jovem com ar de profunda sabedoria. — Significa que é bom ter amado de qualquer maneira, sr. Fragrância Primavera... mesmo se não pudermos ter o que amamos, ou, como diz o poeta, se perdemos o que amamos. Obviamente, é preciso passar por isso para entender essa verdade.

O jovem sorriu, pensativo e nostálgico. Mais de uma dúzia de jovens garotas “amadas e perdidas” passaram diante de seus olhos.

— Para entender essa verdade! — repetiu um tanto aborrecido o sr. Fragrância Primavera. — Não há verdade nenhuma nisso. Não é racional. Não é melhor amar o que temos do que não termos o que amamos?

— Depende do temperamento de cada um — respondeu o jovem.

— Agradeço. Boa noite — disse o sr. Fragrância Primavera, virando-se para refletir sobre a falta de sabedoria dos americanos na observação das coisas.

Enquanto isso, dentro de casa, Laura recusava qualquer consolo.

— Ah, não! Não! — ela chorava. — Se não estudasse na mesma escola, ou falasse e passeasse com Kai Tzu, ou se não tocasse música com ele, talvez eu conseguisse superar, ou pelo menos não me aterrorizar com a aproximação do meu casamento com o filho de Man You. Mas as coisas... são assim! — a garota balançava para os lados com uma angústia genuína.

A sra. Fragrância Primavera ajoelhou-se ao seu lado e passou os braços em torno de seu pescoço, exclamando em simpatia:

— Oh, minha pequena irmãzinha! Não chore... não se desespere. Ainda resta uma lua até seu casamento. Quem sabe o que as estrelas decidirão entre elas nesse meio-tempo? Um passarinho me contou que... — e por um bom tempo a sra. Fragrância Primavera falou. E Laura a ouviu também por um bom tempo. Quando a garota se levantou para sair, uma luz brilhava em seus olhos.

II

A sra. Fragrância Primavera se divertia bastante em São Francisco, onde fora visitar sua prima, esposa de um médico fitoterápico na rua Clay. Ela era convidada a todos os lugares onde a honrada esposa de um comerciante chinês poderia ir. Havia muito a ver e ouvir, inclusive mais de uma dúzia de bebês que nasceram nas famílias de seus amigos desde a sua última visita à cidade do Golden Gate.³ A sra. Fragrância Primavera adorava bebês. Ela teve dois, mas ambos foram levados para a terra dos espíritos antes que completassem sua primeira lua. Também ocorreram vários jantares e festas em sua homenagem. Foi em uma dessas recepções que a sra. Fragrância Primavera conheceu Ah Oi, uma jovem com a fama de ser a chinesa mais bela de São Francisco, e a mais levada. Apesar dos boatos, a sra. Fragrância Primavera gostou muito de Ah Oi e a convidou para um piquenique no dia seguinte. Ah Oi aceitou o convite empolgada. Como um pássaro, ela gostava de liberdade, e não havia lugar que a deixasse mais feliz do que parques e bosques.

3 Golden Gate é o modo como a entrada da baía de São Francisco é conhecida. A ponte que leva o mesmo nome só seria construída duas décadas mais tarde, em 1933, e concluída em 1937.

Um dia após o piquenique, a sra. Fragrância Primaveraíl escreveu a seguinte mensagem para Laura Chin Yuen:

Minha preciosa Laura,

Que o bambu sempre oscile. Na próxima semana acompanharei Ah Oi à linda cidade de San José. Lá seremos recepcionadas pelo filho do Ilustre Professor, em uma pequena missão presidida por um bondoso padre americano. A pequena Ah Oi e o filho do Ilustre Professor serão unidos no amor e na harmonia... dois trechos de melodia feitos para se completarem.

O filho do Ilustre Professor, que já frequentou uma faculdade americana, está capacitado a sustentar sua noiva órfã e não teme desagradar seus pais, principalmente agora que ele tem certeza de que sua dor por perdê-lo não será inconsolável. Ele me pediu que desejasse a você e a Kai Tzu — e Ah Oi se junta a ele nos votos — dez mil arco-íris de felicidades.

Meus respeitos aos seus honrados pais e, a você, o amor de uma amiga sincera.

Jade Fragrância Primaveraíl

A sra. Fragrância Primaveraíl também escreveu ao sr. Fragrância Primaveraíl:

Respeitável e honrado senhor,

Saudações de seu broto de ameixa,⁴ que deseja se esconder do sol de sua presença por mais uma semana de sete dias. Minha honrada prima se prepara para o 5º Festival da Lua⁵ e deseja minha ajuda para preparar alguns fudges americanos, aquele delicioso doce feito por minhas mãos desajeitadas pelo qual você já demonstrou certa fraqueza. Minha visita está sendo muito agradável, pois tanto os amigos americanos como os nossos bondosamente se esforçam para que seja algo prazeroso. A sra. Samuel Smith, uma dama americana, conhecida de minha prima, me pediu que a acompanhasse a uma interessante palestra noites atrás. O tema era “América, a protetora da China!” Foi empolgante e o efeito de tanta simpatia me leva a implorar a você que não se lembre de que o barbeiro cobra um dólar pelo seu serviço ao atender um chinês enquanto se submete humildemente aos americanos cobrando apenas quinze centavos. E não

4 A flor de ameixa é considerada um símbolo da virtude e da pureza na China.

5 O Festival da Lua, ou Festival do Meio do Outono, é um dos principais feriados do calendário chinês. É uma festa típica e celebra o final da colheita. Portanto, suas origens estão nas tradições da cultura agrária chinesa, regida pelos ciclos da natureza. Na China, essa comemoração ocorre sempre no 15º dia do 8º mês do calendário lunar.

reclame mais se seu honrado irmão mais velho, em visita a este país, ficou detido nas dependências deste grande governo em vez de ficar sob o teto de sua própria casa. Console-o com o pensamento de que ele está protegido sob a asa da águia, o símbolo da liberdade. Por que comparar a perda de mil anos ou dez mil vezes um dólar com a felicidade de saber que se está completamente protegido? Aprendi tudo isso com o sr. Samuel Smith, homem brilhante e inteligente como outros do sexo superior.

Para mim basta saber que o parque Golden Gate é encantador e que as focas nas rochas da Cliff House são extremamente divertidas e adoráveis. Há muita comemoração e cordialidades em homenagem à sua Fiel Esposa.

Comprei um cachimbo com piteira de âmbar para você. Dizem que é suave aos lábios e que sua nuvem de fumaça é digna dos deuses.

Aguardo, pelos milagrosos cabos telegráficos, sua graciosa permissão para participar da celebração do 5º Festival da Lua e fazer o fudge americano. Continuo, por dez mil vezes dez mil anos, sendo

Sua amada e obediente esposa,

Jade

P.S.: Não se esqueça de cuidar dos pássaros, do gato e das flores. Não coma muito rápido nem se abane muito agora que o clima está mais quente.

A sra. Fragrância Primaveraíl sorriu ao dobrar esta última carta. Mesmo sendo um tanto antiquado, nunca houve um marido tão bom e gentil como o dela. Somente uma vez desde seu casamento ele havia desprezado seus desejos. Foi no último aniversário de bodas, quando ela demonstrou interesse por um certo pingente de jade e ele falhou em atendê-la.

Mas a sra. Fragrância Primaveraíl, feliz por natureza e sempre disposta a ver o lado bom das coisas, não se permitiu ruminar sobre tal adorno. Em vez disso, olhou agradecida para seus dedos decorados por joias e, ao dobrar a carta ao sr. Fragrância Primaveraíl, soprou junto uma feliz lufada de seu amor.

III

O sr. Fragrância Primaveraíl estava sentado na soleira da porta. Acabara de ler duas cartas. Uma era da sra. Fragrância Primaveraíl; a outra, de um primo solteiro mais velho, de

São Francisco. A carta do primo era de teor comercial, mas continha o seguinte adendo:

Tsen Hing, filho do diretor da escola, parece estar bem próximo de sua jovem esposa. Ele é um jovem bem-apegoado e, desculpe-me, meu primo inocente, mas ao permitirmos que as mulheres se afastem do teto da amoreira de seu esposo, como evitar que se transformem em borboletas?

— Sing Foon é velho e cínico — o sr. Fragrância Primavera disse para si mesmo. — Por que dar atenção a ele? Estamos na América, onde é permitido que um homem converse com uma mulher e que uma mulher o ouça sem nenhum pensamento maldoso.

Ele rasgou a carta de seu primo e releu a de sua esposa. Depois ficou bastante pensativo. Seria a produção de *fudge* americano razão suficiente para que uma mulher pedisse para ficar mais uma semana em uma cidade longe de seu marido?

O jovem que morava na casa ao lado saiu para regar o gramado.

— Boa noite — saudou. — Notícias da sra. Fragrância Primavera?

— Está se divertindo — respondeu o sr. Fragrância Primavera.

— Que bom. Lembro de você dizer que ela voltaria no fim desta semana.

— Mudei de ideia — disse o sr. Fragrância Primavera. — Pedi para que ficasse mais uma semana pois vou dar uma festa em sua ausência. Espero ter o prazer de sua presença.

— Com muito prazer — respondeu o jovem. — Mas não convide nenhum outro branco, sr. Fragrância Primavera. Se o fizer, posso acabar me dando mal. Sou repórter honorário do *Gleaner*, sabe?

— Tudo bem — respondeu o sr. Fragrância Primavera distraído.

— Obviamente seu amigo cônsul estará presente. Será uma festa de gala de homens chineses!

Apesar de seus pensamentos melancólicos, o sr. Fragrância Primavera sorriu.

— Tudo é “de gala” na América — observou.

— Verdade! — o jovem concordou animadamente. — Já ouviu dizer que todos os americanos são príncipes e princesas, e que assim que um estrangeiro pisa aqui ele também se torna um nobre, isto é, passa a ser parte de uma família real?

— E quanto ao meu irmão na penitenciária? — questionou secamente o sr. Fragrância Primavera.

— Agora você me pegou — disse o jovem coçando a cabeça. — Bem, é uma pena... uma verdadeira vergonha,

como dizem os ingleses. Mas entenda, meu velho amigo, que os verdadeiros americanos como eu somos contra isso... mais que vocês. É contra os nossos princípios.

— Dedico aos verdadeiros americanos minhas condolências, pois deveriam enfrentar o que vai contra os seus princípios.

— Oh, bem, quem sabe um dia? Não somos de todo mal, sabe? Pense na indenização devolvida ao Dragão pelo Tio Sam.⁶

O sr. Fragrância Primaveraíl tragou seu cachimbo em silêncio. Não era política o que perturbava sua cabeça. Depois de algum tempo, disse calmo e com clareza:

— Neste país o amor vem antes do casamento, certo?

— Sim, exatamente.

O jovem Carman conhecia o sr. Fragrância Primaveraíl bem o bastante para receber com tranquilidade suas perguntas mais absurdas.

— Digamos — continuou o sr. Fragrância Primaveraíl — que algum amigo do seu pai que mora, digamos, na Inglaterra, tenha uma filha. Ambos combinam que essa filha será sua

6 O valor se refere ao pagamento indenizatório chinês de 11 milhões de dólares ao governo dos Estados Unidos após a Revolta dos Boxers, que derrubou a Dinastia Qing e estabeleceu a República da China. O valor foi reinvestido na China para a construção de escolas e universidades.

esposa. Digamos que você se case com essa filha sem nunca tê-la visto, sem conhecê-la. Digamos que ela se case com você sem conhecê-lo. Depois de se casar e conhecer você, essa mulher o amará?

— Obviamente não — respondeu o jovem.

— Então na América é assim: a mulher que se casa com um homem dessa maneira não o amaria?

— Isso. É assim na América. Neste país o amor deve ser livre ou então não é amor de verdade.

— Na China é diferente — meditou o sr. Fragrância Primavera.

— Sim, não tenho dúvidas de que lá é diferente.

— Mas o amor habita o coração da mesma forma — continuou o sr. Fragrância Primavera.

— Sim, da mesma. Uma hora ou outra, todos acabam se apaixonando. Alguns — pensou melhor — até mais de uma vez.

O sr. Fragrância Primavera se levantou:

— Preciso ir até o centro — disse.

Ao caminhar pela rua, lembrou-se da observação que um colega comerciante fez ao ter uma conversa com sua esposa. Ele disse: “Ela é igual a uma mulher americana”.

Ele se sentiu um tanto lisonjeado na época. Tomou aquilo como um cumprimento à inteligência de sua esposa, mas agora, ao entrar no posto telegráfico, aquilo o irritava. Se sua esposa estava se tornando uma mulher americana, então seria possível que também amasse como uma...? Que amasse um homem com quem ela não era casada? Sua memória também resgatou o verso que sua esposa recitou para a filha de Chin Yuen.

Quando o funcionário dos telégrafos lhe deu o papel, ele escreveu esta mensagem:

Fique o quanto quiser, mas lembre-se de que “é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado na vida”.

Quando a sra. Fragrância Primavera recebeu a mensagem, sua risada retiniu como gotas de chuva. Que engraçado! Que delicioso! Seu marido citava poesia americana na mensagem. Talvez estivesse lendo seus livros de poesia depois de sua partida! Tomara. Eles o fariam entender sua afeição pela querida Laura e por Kai Tzu. Ela não precisaria mais esconder dele seu segredo. Que maravilha! Não fora fácil manter o assunto escondido dele. Mas a discrição era necessária, pois o sr. Fragrância Primavera defendia as mesmas tradições sobre casamento que os pais de Chin Yuen. O estranho disso é que ele havia se apaixonado por ela por

meio de uma foto, antes mesmo de conhecê-la. O mesmo ocorreu com ela! Quando o véu foi levantado no casamento e eles puderam olhar para o outro pela primeira vez em carne e osso, não houve desilusão... nem o respeito nem a afeição diminuíram, coisa que inspirou os jovens corações que presenciaram aquela cerimônia.

A sra. Fragrância Primaveraíl desejou cair no sono e só acordar depois de uma semana, em sua pequena casa, servindo chá ao sr. Fragrância Primaveraíl.

IV

O sr. Fragrância Primaveraíl caminhava para o trabalho com o sr. Chin Yuen:

— Sim — disse o sr. Chin Yuen —, a velha ordem está morrendo e a nova ordem agora toma seu lugar, até mesmo para nós, os chineses. Finalmente consenti em dar a mão de minha filha a Kai Tzu.

O sr. Fragrância Primaveraíl ficou surpreso. Ele havia entendido que o casamento entre a filha de seu vizinho e o filho do professor de São Francisco era fato consumado.

— E era — respondeu o sr. Chin Yuen —, mas parece que o jovem rebelde, sem pedir aconselhamento, depositou suas

afeições sobre uma mulher duvidosa e está tão apaixonado que se recusa a cumprir a promessa que seus pais fizeram a mim.

— É isso! — exclamou o sr. Fragrância Primavera. Sua testa se franziu ainda mais.

— Mas — continuou o sr. Chin Yuen com uma resignação amistosa — os céus orquestraram tudo. Nossa filha, como esposa de Kai Tzu, por quem ela já tinha um sentimento há muito tempo, não será obrigada a conviver com uma sogra em um lugar onde sua mãe estaria ausente. Por isso somos gratos, pois ela é nossa filha única e as condições de vida neste país não são as mesmas da China. Além do mais, Kai Tzu, embora não tão estudado como o filho do professor, tem um olho bom para os negócios e, na América, ser um empreendedor é muito mais interessante do que ser um acadêmico. O que você acha disso?

— Eu? Oras! — exclamou o sr. Fragrância Primavera. Ele nem sequer ouvira a última parte do que seu amigo havia falado.

Naquele dia a sombra que o perseguia desde que ouvira sua esposa recitar “é melhor ter amado e perdido”, tornou-se tão pesada e profunda que ele se perdeu completamente nela.

À noite, ao chegar em casa, cuidou do gato, do pássaro e das flores. Depois, sentou-se em uma cadeira de madeira escura — um presente dado por sua esposa em seu último

aniversário — e acendeu seu cachimbo. O gato saltou em seu colo. Ele o acariciou de modo suave e amoroso. O animal tinha todas as atenções da sra. Fragrância Primavera e pareceu ao sr. Fragrância Primavera que sentia a falta dela.

— Coitado! — disse ele. — Quer que ela volte?

Quando se levantou para ir para a cama, colocou o animal cuidadosamente no chão e declamou:

— Ó Sábio e Silencioso, sua senhora voltará para você, mas ela deixará seu coração com os estrangeiros em São Francisco.

O Sábio e Silencioso não se pronunciou. Ele não era um gato ciumento.

O sr. Fragrância Primavera não dormiu naquela noite. Também não comeu na manhã seguinte. Por três dias e três noites ele ficou sem dormir nem comer.

Havia um frescor primaveril no ar no dia em que a sra. Fragrância Primavera chegou em casa. O céu estava azul como o estuário de Puget⁷ ao esparramar sua vastidão reluzente em direção ao poderoso Pacífico, e toda a beleza do mundo verde parecia vibrar com a vida que brotava.

7 Uma profunda enseada do Oceano Pacífico na costa Noroeste dos Estados Unidos.

A sra. Fragrância Primavera nunca esteve tão radiante.

— Ah — ela exclamou, feliz —, não é lindo ver o sol brilhar tão límpido e tudo estar reluzente para me dar as boas-vindas?

O sr. Fragrância Primavera não respondeu. Era a manhã de sua quarta noite sem sono.

A sra. Fragrância Primavera notou seu silêncio e seu rosto sério.

— Tudo... todos estão felizes em me ver, exceto você — ela declarou entre séria e brincalhona.

O sr. Fragrância Primavera entrou em casa e colocou a mala da esposa no chão.

— Se minha esposa está feliz em me ver — respondeu comedidamente —, também estou feliz em vê-la!

Chamou o menino ajudante e mandou que cuidasse para que a sra. Fragrância Primavera se acomodasse.

— Preciso estar na loja em uma hora e meia — disse, olhando o relógio. — Tenho alguns assuntos importantes a tratar.

— Que tipo de assuntos? — questionou a sra. Fragrância Primavera com os lábios trêmulos de desapontamento.

— Não posso simplesmente explicar para você — respondeu seu marido.

A sra. Fragrância Primaveraíl olhou para ele com olhos honestos e diligentes. Havia algo nele, no tom de voz, que a incomodou.

— Yen — ela disse —, você não parece bem. Você não está bem. O que foi?

Algo surgiu na garganta do sr. Fragrância Primaveraíl que o impediu de responder.

— Minha querida! Mais amada de todas! — exclamou uma jovem voz alegre. Laura Chin Yuen entrou correndo e abraçou a sra. Fragrância Primaveraíl.

— Fiquei espiando da janela — disse Laura. — Mal podia esperar para lhe contar. Eu e Kai Tzu vamos nos casar na próxima semana! Graças a você, graças a você... a joia mais preciosa deste mundo!

O sr. Fragrância Primaveraíl se retirou do cômodo.

— Então o filho do professor e a pequena Amor Feliz já estão casados? — continuou Laura, ajudando a sra. Fragrância Primaveraíl com seu xale, o chapéu e o leque.

O sr. Fragrância Primaveraíl saiu pela porta.

— Sente-se e contarei tudo para você, irmãzinha — disse a sra. Fragrância Primaveraíl esquecendo-se de seu marido por um momento.

Quando Laura Chin Yuen saiu, aos rodopios, o sr. Fragrância Primaveraíl entrou e pendurou seu chapéu.

— Voltou rápido — disse a sra. Fragrância Primavera, disfarçando as lágrimas que haviam brotado assim que achou estar sozinha.

— Eu não fui — respondeu o sr. Fragrância Primavera.
— Fiquei ouvindo você e Laura.

— Mas se o negócio é tão importante, não acha que deveria ter ido resolver? — perguntou ansiosamente a sra. Fragrância Primavera.

— Não é importante agora — retrucou o sr. Fragrância Primavera. — Prefiro ouvir de novo sobre os casais Ah Oi e Man You e Laura e Kai Tzu.

— Que gentil da sua parte! — exclamou a sra. Fragrância Primavera, rapidamente revigorada em sua felicidade. E passou a conversar com seu marido da maneira mais amigável e amável possível. Quando terminou, perguntou a ele se não estava feliz por saber que os jovens apaixonados, cujos segredos ela vinha guardando, se uniram. Ele respondeu que sim, realmente estava. Disse que gostaria que todo homem fosse feliz como ele, agora e sempre, em ter uma esposa como a sua.

— Não é sempre que você fala assim — disse a sra. Fragrância Primavera desconfiada. — Você deve ter lido meus livros de poesia americanos!

— Poesia americana? — disparou o sr. Fragrância Primaveraíl quase agressivamente. — A poesia americana é horrível, *repugnante!*

— Ora, ora! — exclamou a sra. Fragrância Primaveraíl cada vez mais surpresa.

Mas a única explicação que o sr. Fragrância Primaveraíl lhe concedeu foi o pingente de jade.

A MULHER INFERIOR

I

Asra. Fragrância Primaveraíl caminhou pelas alamedas frondosas do parque a admirar as flores e ouvir o canto dos pássaros. Era uma linda tarde. O calor do sol era refrescado pela brisa leve. Enquanto caminhava, meditava sobre um livro que pensava em escrever. Muitas mulheres americanas escreviam livros. Por que não uma chinesa? O livro seria sobre americanos, para suas amigas chinesas. O povo americano era muito interessante e misterioso. Orgulho e prazer encheram o coração da sra. Fragrância Primaveraíl ao imaginar Fei, Sie e Mai Gwi ouvindo Lae-Choo ler seus brilhantes parágrafos.

Ao fazer uma curva, avistou Will Carman, o filho de seu vizinho americano, vindo em sua direção. Ao seu lado estava uma jovem garota que parecia fazer parte do ar doce e das belezas que irradiavam ao seu redor. Conversavam entusiasmados e os olhos do jovem não se desviavam do rosto da garota.

— Ah! — murmurou a sra. Fragrância Primaveraíl após um breve revirar de olhos. — É o amor.

Ela se colocou atrás de um pé de lilases, completamente escondida. O jovem casal continuou pelo caminho sinuoso.

— É o amor — repetiu a sra. Fragrância Primaveraíl. — E aquela é a “mulher inferior”.

Ela ouvira a mãe de Will Carman falar da mulher inferior.

Naquela tarde, após o chá, a sra. Fragrância Primaveraíl foi meditar na janela da frente. O sol cobria as Montanhas Olímpicas como um grande pássaro vermelho-dourado com asas roxo-escuras. Sua longa cauda de luz se arrastava para baixo das águas do estuário de Puget.

— Que beleza! — exclamou a sra. Fragrância Primaveraíl, suspirando em seguida.

— Por que suspira? — perguntou o sr. Fragrância Primaveraíl.

— Meu coração está triste — respondeu sua esposa.

— O gato está doente? — indagou o sr. Fragrância Primaveraíl.

A sra. Fragrância Primaveraíl negou.

— Não é nosso Sábio que me atormenta hoje — ela respondeu. — São nossos vizinhos. A tristeza da residência Carman está em a mãe desejar uma mulher superior para o

filho enquanto o coração dele só se importa com a inferior.
Eu os vi hoje, por isso sei.

— O que você sabe?

— Que a mulher inferior é o amor do jovem Carman.

O sr. Fragrância Primaveraíl arqueou as sobrancelhas.
No dia anterior sua esposa era completamente favorável à
mulher superior. Ele proferiu algumas palavras para expressar
sua surpresa, às quais a sra. Fragrância Primaveraíl retorquiou:

— É porque antes, meu grande homem, eu era uma
lagarta!

No mesmo instante o jovem Carman veio pela calçada.
O sr. Fragrância Primaveraíl abriu a porta para ele.

— Entre, vizinho — disse. — Chegaram novos livros
de Shanghai.

— Ótimo — respondeu o jovem, que se interessava por
literatura chinesa.

Enquanto ele e o sr. Fragrância Primaveraíl discutiam as
Odes de Chow e Mágoas de Han,⁸ a sra. Fragrância Primaveraíl,
sentada em uma espreguiçadeira de seda rosa, estudava dis-
cretamente o semblante do visitante. Por que sua expressão
era muito mais séria que alegre? Não era assim um ano atrás
— antes de conhecer a mulher inferior. A sra. Fragrância

8 Duas obras clássicas da literatura chinesa.

Primaveril também notou outras mudanças, tanto na fala como nos gestos. “Ele não é mais um menino”, pensou. “É um homem, e isso se deve à mulher inferior.”

— Quando, sr. Carman — ela perguntou —, você trará uma filha para a casa de sua mãe?

— Quando, sra. Fragrância Primaveril, a senhora acharia mais adequado?

A sra. Fragrância Primaveril abriu seu leque e o observou de modo pensativo sobre a borda prateada.

— As luas do verão logo passarão — ela disse. — Você não deve esperar a grama ficar amarela:

*Nas árvores os golpes ressoam
Os lenhadores se esforçam em vão.
O chamado dos pássaros ecoa
Quando entoam sua doce canção.*

*Do escuro vale um deles vem
Em busca de uma copa altaneira.
Seu lamento ying se ouve além
“Onde está minha companheira?”*

*Por menor que seja, a ave pequenina
Deseja companhia, calor e abrigo.
Por isso o homem, que a tudo domina,*

Não deve também buscar um amigo? — recitou o sr.

Fragrância Primavera.

A sra. Fragrância Primavera tocou o ombro do jovem com o leque em sinal de incentivo.

— Percebo — disse o jovem Carman —, que vocês querem o meu bem.

— E também o da sua mãe — replicou a sra. Fragrância Primavera amável. — Ela ficará feliz quando souber que suas afeições terminarão em casamento.

Um leve brilho de satisfação iluminou o olhar do jovem:

— Mas e se minha mãe não desejar uma filha... pelo menos não a filha que eu gostaria de dar a ela?

— Quando cheguei à América — emendou a sra. Fragrância Primavera — meu marido queria que eu usasse um vestido americano. Recusei-me e disse que nunca faria isso. Mas um dia ele trouxe para casa um vestido digno de uma fada. Desde então tenho usado e adorado as roupas americanas.

— Sra. Fragrância Primavera — declarou o jovem Carman —, seu argumento é irrefutável.

II

Um jovem rapaz com olhar decidido estava do lado de fora de uma pequena casa incrustada nas falésias sobre o estuário. Ele inspirou profundamente o frio ar marítimo, adocicado pelo aroma das rosas, e disse:

— Não está surpreso em me ver? — perguntou à jovem que abria a porta.

— Nem um pouco — respondeu a jovem timidamente.

Ele lhe devolveu um olhar rápido e ardente. Em sua última despedida, havia dito que não voltaria mais, exceto se ela pedisse, o que ela certamente não havia feito.

— Queria muito te surpreender — ele disse.

Ela riu de maneira tão contagiante que dissipou toda a tristeza do rapaz. Ele olhou para ela, iluminada pelas luzes de sua aconchegante sala de estar. “Que garota delicada e feminina”, pensou. Seu rosto era suave, com lábios vermelhos e um queixo bem desenhado. Em seus sonhos ele a tomava nos braços e a fazia sorrir. Mas, ora, sonho não é realidade e a calma simpatia dessa jovem praticamente impossibilitava qualquer demonstração de carinho de sua parte. Pela expressão nos olhos dela, ele não passava de um mero conhecido.

— Pensei — ela disse ao pegar sua caixa de costura — que sua namorada de Welland chegaria amanhã.

— Sim — respondeu o jovem advogado —, e já tenho todas as testemunhas convocadas.

— Ouvi dizer que o sr. Greaves também — ela retorquiu. — Será uma bela briga.

— Nada com que se preocupar, pois eu sairei vencedor. Ele a olhou com olhos faiscantes.

— Não tenho tanta certeza — ela advertiu timidamente. — Pode acabar perdendo por uma questão técnica.

Ele puxou sua cadeira para mais perto dela e folheou um livro que estava sobre a mesa. Na folha de rosto havia a dedicatória: “Para a pequena mulher cuja amizade vale um tesouro”.

Outro livro ao lado trazia a inscrição: “Com amor da turma toda, incluindo os meninos”, e um livro de poemas dedicado a ela: “Com os melhores cumprimentos e leal afeição” escrito por alguém do sexo masculino.

Will Carman colocou de lado as três evidências da popularidade de sua amada entre os amigos e se debruçou sobre a mesa:

— Alice — ele disse —, uma vez você chegou a admitir que me amava.

O rosto da jovem foi tomado por um rubor:

— Eu? — ela perguntou.

— Sim, você.

— E...?

— Oras! Se você me ama e eu te amo...

— Ah, por favor — protestou a garota cobrindo as orelhas com as mãos.

— Eu te amo — afirmou o jovem. — Vim aqui esta noite para pedir sua mão em casamento, Alice. Imediatamente.

— Céus! — exclamou a jovem.

Ela pousou seu bordado no colo enquanto seu amado se aproximava cada vez mais. Ele colocou o braço sobre seus ombros e, inclinando seu rosto na direção do dela, deixou evidente seu propósito.

Por um momento, seus pequenos lábios tremeram e seu queixo perdeu a firmeza. Sua bela cabeça se rendeu à força do braço do rapaz. Foi tudo tão rápido e fugaz que Will Carman quase não entendeu o que se passava.

— Não — disse a jovem decidida, mas triste. Levantou-se e ficou em pé do outro lado da mesa, encarando-o. — Não posso me casar enquanto sua mãe achar que sou inferior a você.

— Quando vocês se conhecerem ela saberá que você é superior a mim. Mas não estou pedindo que aceite minha mãe. Estou pedindo que aceite a mim, meu amor. Se me der sua mão e confiar em mim pelos anos que viveremos juntos, nenhum homem ou mulher jamais se colocará entre nós.

Mas a jovem negou.

— Não — ela repetiu. — Não serei sua esposa enquanto sua mãe não me aceitar com orgulho e alegria.

O ar noturno continuava doce com o perfume das rosas quando Will Carman saiu pela porta do chalé. Mas desta vez ele não respirou profundamente. Seu impetuoso coração irlandês estava muito desapontado. Talvez ele se suavizasse um pouco caso soubesse que os olhos da jovem o acompanhavam com amor e carinho além do que poderiam expressar.

III

— Will Carman falhou em pegar seu pássaro — disse o sr. Fragrância Primavera à sua esposa.

O filho do vizinho acabara de passar pela sua varanda sem se virar para dar seu costumeiro cumprimento cordial.

— Que pena — suspirou a sra. Fragrância Primavera em simpatia. Ela esfregou suas mãos e exclamou: — Ah, esses americanos! Misteriosos, imprevisíveis e incompreensíveis americanos. Se eu tivesse o dom divino do conhecimento, eu os colocaria em um livro que certamente seria imortalizado!

— Dom divino do conhecimento — repetiu o sr. Fragrância Primavera. — Humph!

A sra. Fragrância Primaveraíl encarou seu marido impressionada.

— A autoridade do intelectual, do aluno, não são quase divinas? — ela questionou.

— É o que dizem — ele respondeu. — É o que parece.

Na noite anterior, o sr. Fragrância Primaveraíl e vários outros comerciantes de Seattle e São Francisco ofereceram um jantar para alguns jovens estudantes que haviam acabado de chegar da China. Os jornais matutinos publicaram várias matérias elogiando os alunos, seus futuros promissores e a grande influência que teriam sobre o destino da nação. Mas absolutamente nenhum comentário foi feito sobre os organizadores do banquete e o sr. Fragrância Primaveraíl sentiu-se um tanto injustiçado. Será que ele e seus colegas comerciantes não mereciam algum reconhecimento? Se os alunos haviam chegado para estudar na América, era em razão do sucesso deles, os comerciantes. Eles foram essenciais para trazer vários dos jovens para cá. Um dos rapazes era o próprio irmão mais novo do sr. Fragrância Primaveraíl. Durante anos ele havia enviado recursos para sua educação. O sr. Fragrância Primaveraíl, embora letrado nos clássicos chineses, não era propriamente um intelectual. Chegou à América ainda garoto e conquistou seu lugar com muito esforço e estudo nas horas vagas para aprender a língua e as ideias capitalistas.

Ele ganhou dinheiro, economizou e o enviava para a China. Os anos se passaram e seu negócio prosperou. Seus esforços criaram um fluxo crescente de mercadorias entre sua cidade natal e a atual. Estavam construindo uma escola em Guangzhou com ajuda do dinheiro enviado, além de um conselho ferroviário para a construção de uma ferrovia que ligaria sua cidade natal à capital da província. O nome Fragrância Primaveraíl estaria escrito na entrada.

Era de se esperar que o sr. Fragrância Primaveraíl resmungasse quando a sra. Fragrância Primaveraíl comentou sobre “o dom divino do conhecimento”, e que se sentisse irritado e humilhado quando, como resposta às suas queixas, ela tenha citado as palavras de Confúcio: “Não se preocupe com quem não te conhece; preocupe-se apenas por não conhecê-los”. Esperava que ela concordasse com ele.

Já estava para sair da sala, um tanto aborrecido, quando ela o surpreendeu novamente ao segui-lo e fazer uma reverência dizendo:

— Me curvo diante de você como a grama se curva para o vento. Permita-me sua companhia por mais um momento.

O sr. Fragrância Primaveraíl a observou desconfiado.

— Como já disse, grande homem — continuou a sra. Fragrância Primaveraíl —, desejo escrever um livro imortal e agora que aprendi com você o que é necessário para de-

envolver o “dom divino do conhecimento” e conquistar os objetivos, começarei meu trabalho sem demora. Meu primeiro tema será “a mulher inferior na América”. Por favor, me diga como seria a melhor maneira de conhecê-la melhor.

O sr. Fragrância Primavera, ao ver que sua esposa falava sério — e um tanto tocado —, sentou-se e coçou a cabeça. Após pensar por alguns momentos, respondeu:

— Faça como fazem na América. Quando uma pessoa deve ser retratada, o retratista entrevista essa pessoa. Talvez, minha querida, fosse melhor começar pela mulher superior.

— Claro — exclamou a sra. Fragrância Primavera. — Nenhum sábio é mais sábio que o grande homem.

— Mas não tenho o “dom divino do conhecimento” — lastimou secamente o sr. Fragrância Primavera.

— Fico feliz em saber — respondeu a sra. Fragrância Primavera. — Se fosse um intelectual, não teria tempo de ler a poesia e os jornais americanos.

O sr. Fragrância Primavera riu alto.

— Você não é uma mulher chinesa — ele a provocou. — É americana.

— Por favor, passe minha sombrinha e meu leque — disse a sra. Fragrância Primavera. — Vou passear.

E o sr. Fragrância Primavera obedeceu.

IV

— Mary Carman está em Portland e enviou esta carta — disse a mãe da mulher superior quando sua filha chegou ao jardim.

— Que coisa — respondeu a srta. Evebrook distraída.

— Fala quase exclusivamente de Will.

— Ah, é? Então leia, por favor. Estou interessada em Will Carman por causa de Alice Winthrop.

— Eu esperava que se interessasse por ele de fato e não por outro motivo, Ethel. De qualquer forma, ela diz:

Vim para cá principalmente para me afastar da tristeza que recentemente se abateu sobre mim, e também porque não posso suportar meu garoto mudar tanto de atitude em razão da sua paixão por Alice Winthrop. Não consigo entender como meu filho pode ter prazer na companhia de uma menina como aquela. Pesquisei sua história e descobri que não somente é mal-educada no sentido literal da palavra, mas há tempos vive em um ambiente sórdido e imoral, de pobreza e ignorância. Essa menina, Alice, foi trabalhar em um escritório de advocacia aos quatorze, aparentemente como mensageira. Agora, depois de sete anos no emprego, por intermédio da amizade de homens muito acima de seu extrato social, ela ocupa a posição de secretária do homem mais influente de Washington — uma posição que, por direito,

deveria ser de outra jovem mais bem-educada e de boa família. Há muitas outras assim por aqui. Eu mesma destacaria a srta. Jane Walker. Não é uma afronta à causa das mulheres sermos obrigadas a ver uma menina assim tirar vantagem dos homens, amigos ou amantes, quando há tantas outras jovens esplêndidas, cuidadosamente treinadas e educadas, para serem as companhias adequadas a homens distintos?

— Desculpe, mamãe — interrompeu a srta. Evebrook —, mas já ouvi o suficiente. A sra. Carman é nossa amiga e costuma ser bem razoável. Mas definitivamente não é uma defensora dos direitos das mulheres. Aposto que se um rapaz tivesse conquistado o que Alice Winthrop conseguiu a sra. Carman não teria palavras suficientes para elogiá-lo. Mulheres como Alice Winthrop, apesar de todos os obstáculos, são o orgulho e a glória da América. Há milhares delas por todos os lados: mulheres que trabalham incansavelmente para os outros e que se formam na faculdade da vida com louvor. Mulheres como eu, chamadas de superiores na América, se comparadas a elas, não passam de colegiais.

A sra. Evebrook fechou a cara para sua filha:

— Não entendo por que você pensa assim — disse. — Alice é uma criança brilhante e adorável e sofre o preconceito criado por Mary Carman. Isto é fruto de sua decepção com

você e Will, o verdadeiro amargor da pobre Mary. Para mim, Alice não se compara à minha filha. Ela morreria de medo se tivesse de fazer um discurso.

— Não seja tola, mamãe! — esbravejou a srta. Evebrook. — Ficar em pé no palco em um encontro de feministas e me expor certamente não é uma grande recompensa por todos os sacrifícios que você e papai fizeram por mim. Mas se te agrada, faço isso com prazer, mesmo nas noites em que meu namorado vier.

— Muitos e muitos adorariam namorar com você, Ethel. Você é a garota mais linda desta cidade... e você sabe disso.

— Pare com isso, mamãe. Sabe muito bem que já decidi ter dez anos de liberdade. Dez anos para namorar, viver, sofrer, conhecer o mundo e aprender sobre os homens (não sobre colegas) antes de escolher um marido.

— Você e Alice Winthrop têm a mesma idade e veja só, ela parece uma criança.

— Fisicamente, talvez, mas tem o coração e a mente mais evoluídos. Enquanto ela encara o mundo há anos, entrei nele há apenas alguns meses.

— Sua palestra da semana passada sobre “O sexo oposto” foi esplêndida.

— É claro. Eu estudei uma centena de livros sobre o assunto e fui em outras cinquenta palestras. Só precisei repetir de uma maneira diferente coisas nem um pouco originais.

A srta. Evebrook foi até uma mesa e apanhou uma folha de papel.

— Isto — ela disse — é o que Alice me escreveu em resposta à minha carta sugerindo que ela viesse na reunião feminina da semana que vem. Ela relatou algumas de suas experiências profissionais. O que eu esperava quando pedi isso a ela eram descrições de repressão e opressão feminina pelos homens. É curioso, mas eu e Alice nunca havíamos conversado sobre isso. Se tivéssemos, eu nunca teria feito esse pedido a ela, ou enviado a carta. Ouça:

Eu adoraria poder ajudá-la, mas temo que minhas experiências, caso relatadas, não ajudariam sua causa. Pode ser, como você diz, que os homens impeçam as mulheres de vencerem profissionalmente; mas se esses homens existem, ainda não os encontrei. Quando ainda era pequena, entrei em um escritório de advocacia e pedi emprego. Um dos associados mais velhos me olhou com carinho através de seus óculos e perguntou se eu conseguiria aprender a catalogar livros. Outro associado mais jovem me olhou e disse: “Esta é uma boa menina e devemos ser bons com ela”. Sempre adorei e respeitei os homens com os quais trabalhei, em todos os escritórios. Posso ter uma sorte extraordinária, mas sei de uma coisa: dos homens para os quais trabalhei e entre os quais vivi minha vida, sejam eles clientes, colegas, alunos,

grandes advogados ou políticos, todos me respeitaram, me inspiraram, me aconselharam e me ensinaram. Me fizeram ter uma visão ampla do que é ser uma mulher; e eu também me interessei por eles e seu trabalho. Quanto a corromper minha mente e minha moral, como você diz que os homens fazem com garotas jovens e inocentes: como mulher, olho para os meus anos entre meus colegas de trabalho e me vejo, como quando comecei, uma garotinha impressionável e ignorante, desvalida, fácil de enganar e fácil de ser convencida... mas resgatada e apoiada pela bondade dos camaradas homens entre os quais tenho trabalhado. É por essa razão, minha cara Ethel, que lhe peço desculpas, pois não me encaixo na sua visão e não posso ajudá-la em seu trabalho como eu realmente gostaria.

— Isto, mamãe — declarou a srta. Evebrook — responde a todas as insinuações da sra. Carman e deveria deixá-la envergonhada. Será que alguém sabe o que a pobre Alice sente pelos homens? Alguém pode explicar como ela saiu vitoriosa?

A sra. Evebrook ia responder quando desviou seu olhar para a janela ao notar uma sombrinha rosa.

— Sra. Fragrância Primavera — ela disparou enquanto sua filha se dirigia à porta para recepcionar a dona da

sombrinha, que estava sentada no balanço da varanda escrevendo tranquilamente em seu caderno.

— Desculpe não ter ouvido a senhora tocar, sra. Fragrância Primavera.

— Não precisa se desculpar — replicou a pequena mulher chinesa. — Não se pode ouvir uma campainha se ela não for tocada. Eu não a toquei.

— Distraiu-se, imagino — sugeriu Ethel Evebrook.

— É sábio contar os próprios segredos? — perguntou a sra. Fragrância Primavera.

— Somente para os amigos. Ah, sra. Fragrância Primavera, a senhora é um bálsamo.

— Então terei prazer em confidenciar a vocês. Tenho a ambição de escrever um livro imortal sobre os americanos, e a conversa que ouvi pela janela foi tão interessante que pensei em incluí-la nele antes de me apresentar. Com sua permissão, a escreverei para que a revisem.

— Ficarei lisonjeada e honrada — disse a srta. Evebrook, corada e rindo sem parar. — Mas somente se me prometer que também a contará à nossa amiga, a sra. Carman.

— Oh, sim, pobre sra. Carman! Meu coração dói por ela — sussurrou a pequena mulher chinesa.

V

Quando a mãe de Will Carman voltou de Portland, a primeira pessoa que procurou foi a sra. Fragrância Primavera. Ela havia morado na China quando seu falecido marido trabalhava no serviço aduaneiro e por isso seu preconceito não se estendia aos chineses. Desde quando os Fragrância Primavera se mudaram para a casa ao lado dos Carman, sempre houve uma boa amizade entre as famílias chinesa e americana. Na verdade, a sra. Carman não ousava revelar que, entre seus conhecidos, a sra. Fragrância Primavera era a mais agradável e interessante de todos. Assim, após provar do delicioso chá e alguns gomos de laranja caramelizada, e contar à sra. Fragrância Primavera sobre sua viagem ao Oregon e os chineses que lá encontrou, passou a relatar sua aflição pessoal. A história já se estendia por meses e levou mais de uma hora e meia para ser relatada. Ao terminar, se surpreendeu com a sra. Fragrância Primavera. A mulher chinesa se mostrou compreensiva e a consolou. As ideias chinesas sobre a responsabilidade com os filhos eram semelhantes às dela. Mas hoje a sra. Fragrância Primavera lhe parecia estranhamente alheia e desinteressada.

— Talvez — sugeriu gentilmente a americana, que era bastante sensível — seja você quem está com problemas. Se for isso, minha querida, pode contar comigo.

— Ah, não! — respondeu a sra. Fragrância Primavera radiante. — Não tenho grandes problemas. Mas penso a toda hora sobre o livro que estou escrevendo.

— Livro?

— Sim, um livro sobre os americanos. Um livro que se tornará um tratado.

— Minha querida sra. Fragrância Primavera — exclamou sua visitante maravilhada —, se as mulheres americanas escrevem livros sobre os chineses, por que uma mulher chinesa não poderia escrever sobre os americanos? Entendo o que diz. Ora, sim, é claro. Que ideia original!

— Sim, acho que é original. Mas devo escrever meu livro a partir das vozes de outros.

— Como assim, querida?

— Ouço o que dizem, assimilo e escrevo. Deixe-me explicar sobre o tema “mulher inferior”. A mulher inferior é muito interessante para mim pois você me disse que seu filho está completamente apaixonado por ela. Meu marido me aconselhou a aprender sobre a mulher inferior com uma mulher superior. Fui tratar com a mulher superior. Sentei-me na varanda de sua casa e a ouvi conversando com sua mãe sobre a mulher inferior. Com a velocidade das chamas, escrevi tudo o que ouvi. Quando entrei na casa, a mulher superior me disse que o que escrevi era verdade. Posso ler para você?

— Ficarei honrada em ouvir o que escreveu, mas não acho que a escolha de seu tema tenha sido muito feliz — replicou a sra. Carman um tanto afetada.

— Desculpe minha falta de sabedoria. Prefere que eu não leia? — disse a sra. Fragrância Primavera muito humildemente.

— Não, por favor, leia.

Havia certa urgência na voz da sra. Carman. O que Ethel Evebrook teria a dizer sobre aquela menina?

Quando a sra. Fragrância Primavera terminou a leitura, olhou para a sua amiga americana. Seu rosto era pura ternura.

— Sra. Mary Carman — ela disse —, a senhora é gentil o bastante para admirar meu marido por ser o que os americanos chamam de empreendedor. Por que então não admirar essa mulher inferior que também se fez sozinha?

— Acho que admiro — disse a sra. Carman pensativa.

VI

Era uma noite que ensejava pensamentos fantasiosos. O mar ao longe estava cinzento pela neblina e a própria cidade, esparramada ao redor da curva da baía, parecia obscura e distante. Da janela do chalé Alice Winthrop observava em

silêncio o vasto mundo ao seu redor. Parecia fazer muito tempo desde que ouvira o assobio de Will Carman pela última vez. Ela se perguntava se ele ainda estaria chateado. Sentia muito por tê-lo desapontado, mas, ao mesmo tempo, não estava arrependida. Se não demonstrasse o quanto era independente, a despedida teria sido muito mais dolorosa. Talvez ele percebesse que na verdade aquilo era para o seu próprio bem, não o dela. Se não o tivesse mandado embora, ele continuaria insistindo. Sua natureza era muito autoritária e eles então se casariam — imediatamente. Alice prendeu a respiração e depois suspirou. Eles não seriam felizes. Seria impossível, pois a mãe dele não gostava dela. Quando um abismo de preconceito se coloca entre a esposa e a mãe do marido, a vida desse homem torna-se inviável. Mesmo supondo que ela e Will pudessem se amar e que conseguissem ter uma vida perfeitamente satisfatória juntos, seria esse o caminho correto? A diferença entre certo e errado era muito importante para Alice Winthrop. Ela se pôs no lugar da mãe de seu amado... uma viúva idosa com um filho único sobre o qual ela depositava todo seu amor e cuidados. Ainda muito jovem, ele havia perdido o pai. Que tipo de angústia ela sofreria se esse filho a abandonasse por alguém que ela, sua própria mãe, julgava indigna? Preconceitos são como doenças.

A pobre e pálida senhora que cultivava sentimentos amargos e antipáticos contra ela, e que tanto amava seu filho, era mais digna de pena do que de ressentimento.

Ergueu os olhos para o horizonte entrecortado pelas montanhas além do mar. Havia uma luz prateada por trás delas:

— Sim — ela disse para si mesma, sem perceber que a imensa profundidade filosófica de seu pensamento estava além de sua idade —, se minha vida não puder ser radiante e bela, que ao menos seja pacífica e correta.

A luz por trás das colinas se apagou. A escuridão avançou sobre o mar. Alice afastou-se da janela e ajoelhou-se diante da lareira da sala de estar. Sua amiga, uma jovem com quem dividia o aluguel do chalé, ainda não havia voltado da cidade.

Alice não acendeu as luzes. Ela via imagens nas chamas. E todas tinham a mesma forma e o mesmo rosto: um jovem e belo rapaz com amor e esperança nos olhos. Não, nem sempre amor e esperança. Na última imagem ela viu uma expressão que gostaria de esquecer. Mesmo assim, ela se lembraria para sempre dela e das palavras que disse:

— Não se pode, nunca, dizer a um homem que o ama e depois mandá-lo partir.

Sim, mas Alice amava-o quando disse aquela frase, e sequer imaginaria que seu amor por ele (e o dele por ela) o

faria se afastar de alguém que, antes mesmo que ela chegasse a este mundo, já o ninava em seu colo.

Imediatamente a garota — tão ativa, alegre e inteligente em sua rotina diária — cobriu seu rosto com as mãos e chorou como uma criança. Havia caminhos à sua frente e ela escolhera o mais difícil.

A buzina de um automóvel no cruzamento a fez parar de chorar. Lembrou-se que Nellie Blake logo chegaria em casa. Acendeu as luzes e foi ao banheiro enxugar as lágrimas. Talvez Nellie tivesse esquecido sua chave e por isso batia à porta.

O ar gelado trazia o doce aroma das flores quando Mary Carman chegou à soleira da porta do pequeno chalé e viu lá dentro a sombra de alguém que ela chamava de “a mulher inferior”.

— Srta. Winthrop — ela disse —, vim lhe pedir para que venha comigo. O Will, aquele arteiro, sofreu um pequeno acidente no clube de tiro e não pôde vir. Ele disse que a ama. Se você também o ama, permita-me então organizar o casamento mais lindo do ano. Venha, querida!

— Estou tão feliz — disse a sra. Fragrância Primavera — que aquele pássaro, Will Carter, está em seu ninho com a felicidade ao seu lado.

— E quanto à mulher superior? — perguntou o sr. Fragrância Primavera.

— Ah, a mulher superior! Linda e radiante, dotada do dom divino do conhecimento! Eu adoro a mulher inferior, mas, grande homem, quando tivermos uma filha, que os céus permitam que ela caminhe pelos bosques das mulheres superiores.

A SABEDORIA DO NOVO

I

O velho Li Wang, o mascate, que vivera nas terras de além-mar, costumava dizer que “para cada centavo que ganho aqui, posso fazer cem lá”.

— Então por que você precisa ir de porta em porta para encher sua tigela de arroz? — perguntava Sankwei.

E o velho suspirava em resposta:

— Porque onde se aprende a fazer ouro também se aprende a perdê-lo.

— Perder como? — repetia Wou Sankwei. — Fale mais.

Então o velho contava histórias sobre conquistas e perdas. As últimas eram sempre mais fascinantes que as primeiras.

— Sim, esta é a vida — ele concluía. — É a vida... é a vida...

Às vezes o menino observava a água com olhar melancólico. A terra do outro lado o chamava.

O lugar era uma cidadezinha monótona na costa sul da China, onde os anos se arrastavam. O menino era o filho único daquele que fora o juiz da cidade.

Se seu pai fosse vivo, Wou Sankwei teria sido enviado a outra província para terminar os estudos. Mas agora ele só dormia, sonhava e, de vez em quando, metia-se em encrenca. O que mais esperar do menino? Sua mãe e irmã dependiam completamente dele. Afinal, ele era o homem da casa. A renda da família era pequena, quase insuficiente para suas necessidades. Mas não havia como melhorar essa situação a não ser que, de fato, ele desgraçasse o nome dos Wou e se tornasse um pescador comum. As grandes ondas esverdeadas levantavam seus braços espumantes sobre ele, os peixes reluziam por trás da camada de água. Pareciam suplicar que ele os tirasse das profundezas, mas sua mãe só balançava a cabeça.

— Ao se tornar um pescador — ela dizia —, nossa família será humilhada. Lembre-se de que seu pai era um magistrado.

Quando tinha quase dezenove, uma pessoa ausente por muitos anos retornou à cidade. Ching Kee, assim como o velho Li Wan, também vivera nas terras além-mar. Mas ao contrário do velho Li Wang, havia acumulado uma pequena fortuna.

— Não é fácil viver lá — ele disse —, mas vale a pena. Pelo menos podemos ser homens e trabalhar em qualquer coisa que aparecer sem nos sentirmos humilhados.

Então ele riu dos músculos fracos de Wou Sankwei, dos seus olhos fundos e das suas mãos brancas e roliças.

— Se vivesse na América — ele disse —, aprenderia a ter vergonha de sua aparência.

Foi então que Wou Sankwei decidiu que iria para a América, a terra além-mar. Qualquer vida seria melhor que a vida de um homem-mulher.

Ele conversou bastante e de coração aberto com sua mãe:

— Me dê sua bênção — disse. — Vou trabalhar e economizar dinheiro. O que eu mandar para cá lhe dará conforto e, quando voltar para a China, pode ser que eu conclua meus estudos e consiga um diploma. Se não, o conhecimento que adquirir com a língua estrangeira me permitirá ter uma posição que não trará desgraça ao nome Wou.

Sua mãe ouviu e refletiu. Ela tinha ambições para seu filho, a quem mais amava no mundo. Além do mais, Sik Pin, um comerciante de Gangzhou, visitara a cidade dois meses atrás e contara a Hum Wah, o vendedor de folhas de palma, que o sinal dos tempos dizia que o filho de um sapateiro, ao retornar da América falando a língua estrangeira, podia facilmente conquistar uma posição mais alta que o filho de um professor que não falasse um segundo idioma.

— Muito bem — ela concordou. — Mas antes preciso encontrar uma esposa para você. Somente um neto poderá me confortar por sua perda, meu filho.

II

Wou Sankwei, sentado em sua mesa, se ocupava em anotar números em um grande caderno amarelo. Às vezes, ele repousava seu pincel atrás das orelhas e dedilhava com agilidade uma calculadora chinesa. Wou Sankwei era um associado júnior e contador da firma Leung Tang Wou & Co, em São Francisco. Ele chegara à América sete anos antes e tinha aproveitado bem seu tempo. Seu objetivo e ambição principais eram se aprimorar como pessoa, muito mais do que fazer fortuna. Quem, ao olhar para o seu rosto gentil e inteligente e ouvir seu excelente inglês, poderia dizer que ele falhara?

Um dos sócios o chamou. Algumas pessoas desejavam falar com ele. Wou Sankwei se apressou para o balcão da frente da loja. Uma delas, com aparência maternal, era quem o havia acolhido logo após sua chegada à América. Vinha convidá-lo para passar a noite na companhia dela e de sua sobrinha, a jovem que ao seu lado.

Depois que se foram, Sankwei voltou à sua mesa e trabalhou sem parar até a hora do jantar. Fez sua refeição em um restaurante chinês do outro lado da rua do bazar. Comeu rapidamente, pois antes de ir para a casa de sua amiga, precisava escrever e enviar uma carta muito importante. Sua

mãe havia falecido no ano passado e o tio a quem enviaria a carta havia acomodado sua esposa e filho em sua casa até que Sankwei dissesse para virem à América. Essa hora havia chegado.

Wou Sankwei tinha uma memória frágil da mulher que era sua esposa. Não poderia ser diferente. Eles se conheceram três semanas antes de o navio que o traria para a América zarpar. Desde então, Wou nunca mais vira o rosto de sua esposa. Mas ela era mãe de seu filho. Desde então, ele trabalhava na América e enviava dinheiro a eles. Em retorno, ela provou ser uma boa filha para a mãe de Wou.

Ao sentar-se para escrever, decidiu que a recepcionaria com um grande jantar para seus compatriotas.

— Sim — ele respondeu à sra. Dean, mais tarde naquela noite. — Escrevi para que minha esposa venha.

— Fico feliz — disse a senhora virando-se para sua sobrinha. — O sr. Wou não vê sua esposa há sete anos.

— Céus! — exclamou a jovem. — Deve ter escrito muitas cartas!

— Para ela, nenhuma — replicou o jovem um tanto sério.

Adah Charlton olhou surpresa para ele:

— Por quê...? — ela começou.

— O sr. Wou era um menino tão estudioso quando o conheci — interrompeu a sra. Dean pousando sua mão carinhosamente no ombro do jovem. — Agora é um homem de negócios. Mas não se esqueça do concerto de sábado à noite.

— Não me esquecerei — respondeu Wou Sankwei.

— Ele nunca escreveu para a esposa — explicou a sra. Dean ao ficar a sós com sua sobrinha — porque a esposa não sabe ler nem escrever.

— Ah, mas que triste! — murmurou Adah Charlton com uma expressão pensativa em seu belo rosto.

— Eles não pensam assim. É um costume chinês educar somente os meninos. Pelo menos era assim no passado. Sankwei tem uma inteligência fora do comum. Pobre menino! Ele começou em uma lavanderia. Imagine como a vida foi dura com ele, pois sendo filho de um oficial do governo chinês, não estava acostumado a trabalhos manuais. Mas a personalidade dos chineses é incrível. Agora, depois de sete anos neste país, é um respeitado comerciante entre seus conterrâneos. É tão capaz como qualquer outro jovem americano.

— Mas tia, não é terrível pensar que alguém passe tantos anos longe da esposa, sem qualquer comunicação direta?

— É terrível para nós, mas não para eles. Para eles, tudo se resume ao dever. Sankwei se casou com sua esposa por obrigação. Ele a chama agora porque é seu dever.

— Será que para ele isso é apenas um dever? — refletiu a garota.

A sra. Dean sorriu:

— Você é romântica demais, Adah — ela disse. — Mas espero que, quando ela chegar, eles sejam felizes juntos. Sankwei é como um filho para mim.

III

Pau Lin, a esposa de Wou Sankwei, esperava por seu marido sentada em um canto do convés do grande vapor. Ao seu lado, com a cabeça pousada em seu ombro, estava seu filho de seis anos. Tivera enjoos durante toda a viagem e seu rostinho transparecia sua dor. A mãe, que cuidara dele todas as noites desde que o navio deixara o porto, tinha uma aparência sofrida e cansada. Apesar disso, na tentativa de parecer bela aos olhos de seu marido, usava um lindo vestido roxo bordado, tinha pó de arroz na testa e nas bochechas, e havia pintado seus lábios de carmim.

Por fim ele chegou. Olhou para além de onde ela estava, pois havia outras duas mulheres chinesas também esperando por seus maridos, cada qual com sua criança, e por um breve momento ele ficou confuso. Somente quando o agente do

navio apontou a moça e disse seu nome é que Wou percebeu se tratar de sua esposa. Ele se aproximou, disse algumas palavras formais de boas-vindas e, ao pegar seu filho nos braços, perguntou a ela sobre a saúde do menino.

Ela respondeu lentamente em monossílabos. Depois disso, levantou os olhos para o rosto dele, rosto que não via há sete longos anos, e então seu olhar esperançoso sumiu, suas pálpebras baixaram e sua expressão tornou-se sombria.

— Oh, pobre Sankwei! — exclamou a sra. Dean, que observava a família a certa distância.

— Pobre esposa! — murmurou a jovem.

Ela se aproximou. Teria tomado as mãos da mulher nas suas se o jovem não a tivesse contido com gentileza:

— Ela não fala a sua língua — ele disse.

A jovem recuou e ele explicou à esposa a presença daquela mulher desconhecida. Estava ali para lhe dar as boas-vindas. Eram gentis e bondosas e queriam ser suas amigas, assim como eram dele.

Pau Lin desviou o olhar. O belo rosto de Adah Charlton e o tom de voz de seu marido ao falar dela despertaram suas suspeitas — uma suspeita natural de quem vem de uma terra na qual a amizade entre homens e mulheres praticamente inexistente.

— Pobre menina! Como é tímida! — exclamou a sra. Dean.

Sakwei ficou feliz em saber que nenhuma das duas mulheres entenderam o significado de suas expressões.

Assim começou a vida americana de Wou Sankwei como pai de família. Ele se acostumou logo com a mudança, que na verdade não foi tão grande assim. Pau Lin era mais um acessório do que parte de sua vida. Ela não interferia em seus estudos, em sua vida profissional ou em suas amizades. Quando não estava cuidando da casa ou costurando, passava a maior parte do tempo na companhia das esposas de comerciantes que viviam em apartamentos e quitinetes próximos ao seu. Ela manteve o costume chinês de fazer as refeições em outra mesa e depois do marido. Também obedecia rigidamente a regra estabelecida por sua falecida sogra: manter a boca fechada na presença dele. Sankwei, por sua vez, era sempre gentil e atencioso. Trazia para ela vestidos de seda, enfeites de cabelo, leques e doces. No restaurante chinês, sempre pedia os pratos de que ela mais gostava. Quando ela queria sair com suas amigas chinesas, ele chamava um táxi. Além disso, logo após sua chegada, ele construiu um santuá-

rio atrás do quarto para o culto das placas dos ancestrais⁹ e a linda deusa que ela trouxera consigo da China.

Os pais cobriam a criança de afeto. Era um menino excêntrico, sério, pequeno demais para sua idade e dependia de muitos cuidados. Embora naturalmente bastante ligado à mãe, também se tornou muito próximo do pai que, mais como um irmão mais velho, adorava todo tipo de brincadeira com ele. O menino o seguia como um cachorrinho. Adah Charlton gostava muito dele e o desenhava em diversas poses para o livro sobre crianças chinesas que estava ilustrando.

— No ano que vem ele já poderá ir à escola — disse Sankwei certo dia. — Pretendo que ele vá para uma escola americana.

— O que sua esposa pensa sobre educá-lo como um ocidental? — perguntou a jovem.

— Não perguntei a ela sobre isso — ele respondeu. — Uma mulher não sabe opinar sobre essas coisas.

— Uma mulher, sr. Wou — declarou Adah —, às vezes sabe mais dessas coisas que um homem.

9 Essas placas eram uma espécie de homenagem aos ancestrais. Para a tradição chinesa, são lugares onde as almas dos ancestrais falecidos descansam, por isso é comum tê-las em casa e rezar para tais placas. São geralmente feitas de madeira.

— Talvez uma mulher americana — completou Sankwei.
— Não uma chinesa.

Desde a sua chegada, Pau Lin havia demonstrado interesse em se americanizar, mas o próprio Sankwei não a incentivava.

— Não me agradam as vantagens de se tornar ocidentalizada — ele disse à sra. Dean, cuja influência e interesse em seus estudos sobre a América o haviam ajudado a se tornar quem ele era. — Mas ela não veio para cá como eu, na idade certa para estudar. Sua época de aprendizados já passou.

Certa noite, ao voltar da loja, encontrou o pequeno Yen chorando copiosamente.

— O quê? — ele brincou. — Um homem? Chorando?

O menino tentou esconder o rosto e, ao fazê-lo, percebeu que sua mão estava vermelha e inchada. Marchou até a cozinha onde Pau Lin preparava o jantar.

— O pequeno ainda é fraco... ele seria capaz de fazer algo que merecesse castigo? — perguntou.

Pau Lin encarou seu marido:

— Acho que sim — ela disse.

— O quê?

— Eu o proibi de falar a língua da mulher branca e ele me desobedeceu. Ele aprendeu palavras dessa língua com o menino branco da outra rua.

Sankwei ficou abismado:

— Nós moramos no país do homem branco — ele disse. — A criança terá de aprender a língua do homem branco também.

— Não o meu filho — respondeu Pau Lin.

Sankwei se afastou dela.

— Venha, meu pequeno — pediu ao filho. — Hoje jantaremos no restaurante e depois Yen verá uma apresentação.

Pau Lin deixou o prato de vegetais que preparava, pegou um pequeno cachecol pendurado em um gancho e o amarrou no pescoço do menino.

— Vá com seu pai — disse, severamente.

Mas o menino se agarrou a ela, segurando a mesma mão que o havia punido.

— Quero jantar com você! — exclamou. — Quero jantar com você!

— Vá! — repetiu a mãe, agora punindo o pai. Quando os dois saíram pela porta, ela avisou: — Não tire o agasalho dele. O vento da noite está frio.

Naquela mesma noite, mais tarde, quando pai e filho dormiam tranquilamente, a mãe se levantou e gentilmente pegou o menino. Levou-o até o outro quarto e sentou-se com ele no colo em uma cadeira de balanço. Ao despertar por um momento, ele abraçou seu pescoço. Ela o ninou com o

balanço da cadeira, acariciando sua mão castigada, cantando e chorando até que ele voltasse a dormir.

A primeira vez que o filho de Wou Sankwei foi castigado por sua mãe foi por conta de seu empenho em seguir os passos do pai e usar a língua dos estrangeiros.

— Você fez muito bem — disse a velha Sien Tau na manhã seguinte, ao se debruçar sobre o beiral da varanda para falar com a esposa de Wou Sankwei. — Se eu tivesse outro filho para criar, não deixaria que seguisse os passos dos brancos.

O filho de Sien Tau se casara com uma mulher branca e seus filhos passavam por sua avó na rua sem reconhecê-la.

— Neste país, quem não tem filhos é mais feliz — disse Lae Choo apoiando seu cotovelo sobre o ombro de Sien Tay. — A Toy, filha mais nova de Lew Wing, é livre e ousada como as mulheres brancas. Seu nome está na boca de todos os homens. Algum homem de nossa raça a tomaria como esposa?

— Não é preciso nascer aqui para se tornar um tolo — Pau Lin se juntou à conversa, da porta de outra varanda. — Veja Hum Wah. Ele trabalhou de manhã até a meia-noite por quatorze anos até que um branco apareceu e o convenceu que lhe daria cada centavo em dobro no dia seguinte. Muitas

luas já se passaram e Hum Wah continua esperando que o branco volte com seu dinheiro. Enquanto isso, seu pai e sua mãe, que esperavam sua volta, já morreram há tempos.

— A nova religião é que atrapalha tudo! — exclamou Lae Choq. — Ontem à noite contaram ao meu marido que a bondosa mãe de Chee Ping, que foi batizado cristão na última missa ali na esquina, teve sua cabeça decepada secretamente pelo povo de sua aldeia assim que a notícia chegou lá. Foi a primeira morte violenta registrada naquele lugar. Isso aconteceu à mãe de um dos meninos que frequentam a missão na esquina de casa!

— Sem dúvida essa pobre mãe, ao ser humilhada dessa maneira, não ligou muito em perder a cabeça — suspirou Pau Lin e olhou para baixo com curiosidade. A Chinatown americana causava uma estranha fascinação sobre aquela menina de uma aldeia litorânea chinesa. Ao longo da rua vicejava uma multidão heterogênea de todas as nacionalidades. Vozes melodiosas de meninas, cujos nomes as respeitáveis esposas dos comerciantes chineses temiam dizer, chamavam-se umas às outras de suas varandas no alto de becos sombrios. Um barbeiro obeso gargalhava copiosamente ao olhar um bêbado branco caído na sarjeta. Um senhor enrugado segurando uma gaiola suplicava aos pedestres que lhe deixassem prever seu futuro. Algumas crianças aticavam uma fogueira no meio-fio.

Ali passava um fiel encarregado das Seis Empresas Chinesas¹⁰ que se empenhava em confabular com um monge de robe amarelo do templo chinês. Um chinês vestindo a última moda americana e uma mulher loira riam desavergonhadamente ao entrarem juntos em um restaurante chinês. Porém, mais alto que o vozerio era o estalar dos bondes elétricos e as batidas de suas pesadas rodas no calçamento.

Pau Lin ergueu a cabeça e pôde ver seus pensamentos refletidos na velha Sien Tau.

— Sim — concordou a senhora. — É como criar uma criança em um hospício.

Pau Lin entrou, serviu a Yen sua refeição do meio-dia e o vestiu com primor. Seu pai sairia com ele à tarde. Ela sabatinou o menino, ao trançar seu cabelo, sobre o homem branco que ele visitaria com o pai.

Já era noite quando Wou Sankwei e o filho retornaram. O pequeno correu para ela empolgado:

10 As Seis Empresas Chinesas (Chinese Six Companies), ou a Associação Benevolente Consolidada Chinesa (Chinese Consolidated Benevolent Association), formavam a organização chinesa popular mais importante nos Estados Unidos no século 19. Essa associação teve um papel importante na imigração chinesa para os Estados Unidos.

— Veja, mamãe — disse ao tirar seu boné. — Agora sou como o papai. Não tenho mais trança.

A mãe fitou a pequena cabeça, agora sem a trança da qual ela tanto se orgulhava.

— Ah! — ela exclamou. — Que vergonha! É uma vergonha!

O menino a encarou, triste e desapontado.

— Não ligue, filho — seu pai o confortou. — Está tudo bem.

Pau Lin serviu as tigelas de algas e fígado de galinha e voltou para a cozinha onde sua própria refeição a esperava. Mas não comeu. Dentro de si ela dizia: “Ele fez isso para a mulher branca. Foi para a mulher branca!”.

Mais tarde, ao guardar a trança de seu filho no baú onde também repousava a trança de seu pai, cortada muito tempo atrás, Pau Lin descobriu uma fotografia da sra. Dean, de quando a mulher americana havia acabado de se tornar a professora e benfeitora daquele jovem aprendiz de lavanderia. Ela a apanhou e correu para o seu marido:

— Aqui — ela disse. — Aqui está a fotografia de uma de suas amigas brancas.

Sankwei a tomou dela quase com uma reverência:

— Esta mulher — ele explicou — foi como uma mãe para mim.

— E a jovem, aquela com os olhos cor de porcelana azul? Ela também é como a sua mãe? — inquiriu Pau Lin gentilmente. Mas apesar de toda sua gentileza, Wou Sankwei corou de raiva.

— Nunca fale dela — gritou. — Nunca diga o nome dela!

— Ha, ha, ha, ha! — gargalhou Pau Lin. Foi uma gargalhada leve e melodiosa, mas para Wou Sankwei soou quase como um sacrilégio.

Apesar disso, ele logo se acalmou. Pau Lin era sua esposa e ser gentil com ela não era somente sua obrigação, mas era também sua natureza. Assim, quando seu filho subiu em seu colo pedindo que cantasse uma canção, ele pegou sua flauta e pediu que Pau Lin não trabalhasse mais naquela noite. Ele tocaria para ela alguma música chinesa. Pau lin, cujo coração e mente se recusavam a mudar, havia se dedicado a Wou Sankwei desde o dia em que se tornara sua esposa. Sufocada como estava, com seu coração amargo, sucumbiu à mágica da música que seu marido tocava. A mágica a transportou de volta aos velhos tempos na China, aqueles tempos cuja presença se mantém para sempre em seus filhos exilados.

IV

Parecia natural e correto aos olhos de Pau Lin que um homem tomasse duas ou mesmo três esposas, se achasse necessário. Ela mesma vinha de um lar no qual havia duas linhagens de crianças e sua mãe e a outra esposa de seu pai faziam suas refeições juntas como irmãs. Nem sempre a paz reinou naquela casa, mas pelo menos cada esposa tinha a satisfação de saber que seu marido não considerava nem tratava sua outra mulher como superior. Ambas tinham as mesmas tarefas: criar os filhos do marido e tê-lo como líder de todos.

Para ela, a humilhação e a vergonha se abatiam sobre quem cuidava das crianças de um homem que olhava para outra mulher — de outra raça, inclusive —, como se esta estivesse acima das mulheres comuns. Assim, um ciúme mais agudo que o ciúme corriqueiro acaba por nascer.

Quando o segundo filho de Wou Sankwei tinha duas semanas, Adah Charlton e sua tia pediram para visitar a criança. A jovem americana conversou muito com o pai e brincou alegremente com Yen, cada dia mais forte e alegre. Adah, que não conseguia conversar com a chinesa, colocou ao seu lado um lindo ramalhete de flores, apertou sua mão e olhou para ela com olhos radiantes. Tranquila quanto à diferença entre as

raças, feliz por seus muitos amigos e alegre com sua profissão, ela não tinha a menor ideia de que a mulher cujo marido fora o protegido de sua tia amargava profundamente sua presença.

Após a partida das visitas, Pau Lin, que observara o rosto de seu marido enquanto a jovem artista permaneceu no quarto, disse a ele:

— Há felicidade em alguém que a tudo toma e nada oferece?

— Tudo toma e nada oferece — repetiu seu marido. — O que você quer dizer?

— Ela tomou seu coração — respondeu Pau Lin —, mas não deu um filho a você. Eu cumpri essa tarefa.

— Você é minha esposa — respondeu Wou Sankwei. — E ela... ah! Não fale dela assim. Ela é uma flor imaculada... um lírio!

Ele saiu do quarto e levou consigo a pequena tela com o retrato de seu filho, um presente de Adah ao se despedir, que ele pretendia orgulhosamente mostrar à sua esposa.

Pau Lin viu o retrato somente no dia em que o bebê faleceu. A pintura caiu do bolso do casaco de seu marido quando ele tomou a pequena figura em seus braços e declarou sua morte. Mesmo nesse momento inicial da perda, Pau Lin se deteve para apanhar o retrato e se encolheu aterrorizada:

— Ela nos amaldiçoou! É uma maldição!

Ela pisoteou o rosto do retrato e o destruiu completamente.

— Você não sabe o que diz ou faz — retrucou Sankwei severamente. Ele teria dito mais, mas o semblante enigmático da criança morta o impediu. — A perda de um filho é como a perda de um braço — ele disse à sua companheira.

Sob a luz avermelhada das lanternas, sentaram-se para falar sobre o triste evento.

— Vocês podem se consolar — confortou Leung Tsao — com seu primogênito que a cada dia fica mais forte e belo.

— É verdade — concordou Wou Sankwei. Suas preocupações se amenizavam.

Pau Lin atravessou a cortina da varanda e se aproximou de sua criança, exclamando emocionada:

— Eu prefiro que a luz dos teus olhos se apague mais cedo, amor do meu coração, a vê-lo contaminado pela sabedoria do novo.

V

As amigas chinesas de Wou Pau Lin comentaram entre si, e esses comentários chegaram aos ouvidos da amiga americana de seu marido. Desde quando se tornou viúva a sra.

Dean se devotava completa e sinceramente à melhoria das condições e ao desenvolvimento dos jovens trabalhadores da raça chinesa que vinham para a América. Como dizia à sua sobrinha, eles queriam e precisavam se aproximar da cultura do povo ocidental, e ela fazia o seu melhor para tornar isso possível. As recompensas e a satisfação de seu esforço foram imensas em alguns casos. Especialmente para Wou Sankwei.

Contudo, os comentários que chegaram até ela a perturbaram. Seria verdade o que a esposa de Wou Sankwei declarava, que seu pequeno filho não frequentaria uma escola americana e que não aprenderia o que os americanos ensinavam? Mas que falta de tolerância e inteligência! Que triste imaginar isso! Aquele homem que havia se beneficiado e enriquecido na América ansiava pela chegada de seu filho para que também se beneficiasse da educação ocidental... e agora a ignorância e o ciúmes descabido da esposa se opunham e impediam seu progresso?

Sim, ela também ouvira isso. Que a esposa de Wou Sankwei tinha ciúme — ciúme! — de seu marido, o homem mais correto, gentil e generoso que conhecia.

— De que ela tem ciúme? — a sra. Dean perguntou a Adah Charlton. — Algumas esposas chinesas, pelo que sei, ficam enciumadas, pois realmente alguns maridos são terrivelmente imorais e sustentam abertamente duas ou

mais famílias. Mas não Wou Sankwei e a pobre Pau Lin. Ela tem tudo o que uma mulher chinesa poderia desejar.

Uma intuição repentina iluminou a garota, que ficou muda por alguns instantes. Quando encontrou as palavras, disse:

— Você disse: tudo o que uma mulher chinesa poderia desejar. Tia, não acredito que existe alguma diferença real entre os sentimentos de uma mulher chinesa e os de uma americana. Sankwei trata Pau Lin como a trataria se morasse na China. Mas não é justo, pois ela não está mais em seu país, onde não teria contato com mulheres americanas. Uma mulher é uma mulher, com suas intuições e percepções, seja ela chinesa ou americana, seja estudada ou não. A esposa de Sankwei deve ter percebido, desde o dia em que chegou, o modo como seu marido nos trata em contraste ao modo como trata a ela. Eu não havia percebido isso até você me dizer que ela estava enciumada. Mas nunca é tarde. Agora, apesar de sua ignorância, vejo que a pobrezinha se tornou mais americana naquela meia hora no navio do que Wou Sankwei, todo orgulhoso de si, em seus sete anos na América.

A sra. Dean levou suas mãos até o rosto. Estava claramente perplexa.

— O que você diz pode ser verdade, Adah — ela disse, após uma pausa —, mas mesmo que seja, é Sankwei que

conheço há tanto tempo. Minha simpatia é para com ele. Ele tem muitas responsabilidades. Ficaram sete anos separados. Não há nenhum vínculo ou afeto entre eles, exceto pelo menino. Ainda assim, ele nunca que disse nada que indicasse sinais de problemas. Antes da chegada de Pau Lin, ele me contava absolutamente todas as suas preocupações, como seu fosse meu filho. Agora ele mantém silêncio absoluto sobre suas questões pessoais.

— Princípios chineses — observou Adah retornando ao seu trabalho. — Admito que Sankwei tem seus problemas para resolver. Obviamente ele tenta viver duas vidas, a chinesa e a americana.

— Ele é forçado a isso — retrucou a sra. Dean. — Não ensinamos esses jovens chineses a se tornarem americanos? Mas eles ainda são chineses e precisam, de certo modo, continuar sendo.

Adah não respondeu.

— Pobres crianças, esses dois — disse suspirando a sra. Dean. — Fico consternada com isso. Você se importaria em ir até a cidade comigo? Gostaria de conversar com a sra. Wing Sing novamente.

— Eu adoraria — replicou Adah, guardando seus pincéis.

As fileiras de lanternas ao longo das varandas despejavam uma radiância branda como a luz do luar. Nas paredes e portas havia pedaços de papéis vermelhos com sinogramas. Nas ruas estreitas, arranjos de flores, faixas e placas pintadas exibiam ídolos chineses que chamavam a atenção. Grupos de músicos em vivos trajes de seda tocavam seus instrumentos estridentes de sopro e percussão.

Parecia que todos estavam nas ruas: homens, mulheres e crianças. Quase todos usavam roupas de festa. Um par de monges, em trajes vermelho e amarelo vibrantes, reverenciavam um altar coberto por um lindo tecido bordado em branco e prateado. Alguns estudantes chineses da Universidade da Califórnia observavam, entre curiosos e zombeteiros. Três garotas primorosamente vestidas em seda colorida, com seus cabelos presos em coques, chilreavam e conversavam em um púlpito dourado elevado, como pássaros em uma gaiola. Crianças segurando doces em formato de meia-lua tagarelavam, seus olhos brilhavam sem parar, como estrelas.

Chinatown celebrava o Festival da Lua e Adah Charlton estava feliz pela oportunidade de presenciar essa celebração antes de sua viagem de volta ao Leste. A sra. Dean, familiarizada com o povo chinês e os labirintos de Chinatown, a conduzia decidida, apontando um ou outro objeto interessante

e explicando seu significado à sobrinha. Logo percebeu que, por se tratar de uma noite de festa, era melhor desistir de procurar sua amiga chinesa.

Ao dobrar uma esquina que levava à rua da loja e da residência de Wou Sankwei, um par de mãozinhas agarrou a saia da sra. Dean. Uma vozinha empolgada sibilou:

— Olhem para mim! Vejam!

Era o pequeno Yen, resplandecente em calças cor de malva, um colete bordado e chapéu. Atrás dele estava um homem alto a quem ambas as mulheres reconheceram:

— Por que Yen está com você? — perguntou Adah.

— Seu pai me pediu que lhe servisse como uma espécie de guia, conselheiro e amigo. O pequenino é muito divertido.

— Olhem lá — interrompeu Yen. Ele correu pelo beco até onde os monges adoravam o altar. Os adultos o seguiram.

— O que este homem está cantando? — perguntou Adah.

Um dos monges havia montado uma mesa e, com os braços abertos para a lua que ia alta no céu, parecia fazer algum ritual.

Seu amigo ouviu por alguns momentos antes de responder:

— É uma espécie de invocação à lua. Já vi isso em uma ocasião em Hankou e o monge budista que a celebrou a

traduziu para mim. Sei quase toda ela de cor. Quer que repita para você?

A sra. Dean e Yen examinavam a placa com os grandes ídolos chineses.

— Sim, eu adoraria ouvir — disse Adah.

— Então fique olhando para a lua.

Cara e adorada Lua, ao te perseguir em seu curso solitário pelos céus, meu coração se acalma em meu peito e alivia minha alma. Tu és tão doce, solene e serena que me faz esquecer das emoções mais turbulentas que açoitam a harmonia da vida como discórdias ensurdecedoras. Trazes consigo a lembrança de uma voz quase calada pela hostilidade do mundo: a voz do amor.

Tu és tão pacífica e pura que parece que nenhuma falsidade ou maldade deveria existir sob sua gentil luz, e que a sinceridade — inclusive a sinceridade dos gênios — deve brilhar no interior daqueles que recebem, em suas cabeças, a bênção do resplendor dos teus raios.

A mágica de sua harmonia me alivia de muitas tristezas e pensamentos que, como canções dos mais doces pássaros silvestres, são raras e sagradas demais para os ouvidos rústicos de hoje, e jorram com eloquência quando tu és a única ouvinte.

Cara e adorada Lua, alguns dizem que aqueles que vagam pelos campos iluminados da razão deveriam temer caminhar

pelos vales enluarados da imaginação, mas eu, que sempre fui um peregrino e um estrangeiro no mundo da sabedoria, ofereço a ti esta homenagem. Meu coração agradece que sua luz graciosa também ilumina o coração dos tolos.

— Isso é chinês de verdade? — perguntou Adah.

— Sem dúvida nenhuma. Pelo menos a maior parte. Claro que não posso confirmar cada palavra.

— Achei que haveria alguma referência aos frutos da terra, à colheita. Sempre achei que a religião chinesa era muito pragmática.

— O confucionismo é, mas a mente chinesa precisa de duas religiões. Até o chinês mais comum aspira por coisas que vão além da vida cotidiana. Portanto, eles misturam confucionismo, budismo ou, neste país, o cristianismo.

— Obrigada pela aula. Me ajudou a entender a mente de um certo chinês que interessa a mim e à minha tia.

— E quem é esse chinês em especial que interessa a vocês?

— O pai do pequenino que está conosco hoje.

— Wou Sankwei! Ora, lá vem ele com Lee Tong Hay. Já conhece Lee Tong Hay?

— Não, mas acho que minha tia sim. Ele toca e canta no teatro, não é?

— Sim, ele pode imitar um alemão, um escocês, um irlandês ou um americano com muita facilidade. Faz os personagens com a naturalidade de um chinês. Olá, Lee Tong Hay.

— Olá, sr. Stimson.

Enquanto seu amigo conversava empolgado com o jovem chinês, Adah foi até onde Wou Sankwei falava com a sra. Dean.

— Yen vai para a escola na próxima semana — disse sua tia enlaçando seu braço no dela. Era hora de ir embora.

Adah não disse nada. Sua mente trabalhava em algo bastante fora do comum. Sua tia às vezes dizia que ela era romântica e desorganizada. E talvez ela fosse mesmo.

VI

— Titia foi ao centro logo cedo — disse Adah Charlton.
— Pedi que você viesse pois queria ter uma conversa a sós com você, Sankwei.

— Algum problema, srta. Adah? — perguntou o jovem comerciante. — Posso ajudar em algo?

A sra. Dean o chamava para resolver assuntos financeiros comuns e o consultava sobre sua vida social e familiar. “Não sei o que faria sem a inteligência de Sankwei para me ajudar”, ela sempre dizia para sua sobrinha.

— Não — replicou a garota. — Você já faz muito por nós. Sempre fez, desde que o conheço. Devíamos nos envergonhar de termos permitido isso.

— Do que está falando, srta. Adah? Desde que vim para a América sua tia abriu as portas desta casa para mim e, obviamente, dei em troca tudo o que estaria ao alcance de um homem. Sempre venho até aqui com muita satisfação.

— Sim, disso eu sei, pobre menino — disse Adah para si mesma. E, mais alto, continuou: — Tenho algo a dizer e gostaria que me ouvisse. Faria isso por mim, Sankwei?

— Claro que sim — ele respondeu.

— Muito bem — prosseguiu. — Pedi que viesse hoje pois ouvi dizer que está com problemas em casa, que sua mulher está com ciúme.

— Poderia, por favor, não falar sobre isso, srta. Adah? É um assunto do qual você não entenderia.

— Você prometeu me ouvir com atenção. Consigo entender, mesmo sem poder falar com sua esposa ou saber o que ela sente e pensa. Conheço você, Sankwei, e vejo exa-

tamente qual é a origem do problema. Assim que soube que sua esposa estava enciumada, entendi seus motivos.

— Por quê?

— Porque — respondeu imediatamente — você pensa demais em outras mulheres.

— Em outras mulheres? — repetiu Sankwei confuso.
— Disso eu não sabia.

— Não mesmo. É por isso que estou lhe dizendo. Mas pensa, Sankwei. E está ficando americanizado demais. Minha tia encoraja essa mudança, e ela é uma boa pessoa, com as melhores das intenções; mas todos somos suscetíveis ao erro e é um erro tentar transformar um chinês em um americano. Principalmente se ele tem uma esposa que deve permanecer como sempre foi. Seria diferente se você não fosse casado e livre para continuar, mas você não é.

— Então o que devo fazer, srta. Adah? Você diz que penso muito em outras mulheres além dela e que sou muito americanizado. O que posso fazer, nesse caso?

— Primeiramente, deve pensar em sua esposa. Ela faz por você o que nenhuma mulher americana faria. Ela veio para ser sua esposa, com amor e servidão, sem sequer conhecê-lo. Confiou plenamente em você. Lembre-se de que por muitos anos ela ficou aprisionada em uma casinha cuidando de sua mãe idosa e doente. É uma missão muito dura para uma jo-

vem. Você é o único homem do mundo para ela e sempre foi o único a receber sua total dedicação. Pense no que ela passou durante todos os anos em que você esteve aqui, vivendo uma vida solitária e trabalhadora... um bebê e uma senhora eram suas únicas companhias. Ela abandonou todas as suas amizades por isso. Nenhuma mulher americana se sacrificaria tanto.

“E agora, o que ela tem? Só você e o trabalho doméstico. A mulher branca lê, joga, pinta, vai aos concertos, se diverte, faz cursos e se entretém com o trabalho que lhe agrada. Ao longo da vida, ela pensa e se importa com uma grande quantidade de pessoas. Ela tem tudo isso para ser feliz, além de seu marido. A mulher chinesa só tem a ele.”

— E seu próprio filho.

— Sim, seu filho — repetiu Adah Charlton sorrindo para si, mas logo voltando ao seu tom sério. — É a outra razão para que você deixe de ser americano por um tempo e volte a ser chinês. Pelo amor que sente por seu pequeno, você e sua esposa deveriam viver uma vida de gentilezas e carinho. Isto é muito mais importante para o bem dele do que ir para uma escola ser americanizado.

— Meu desejo é que ele frequente duas escolas, uma americana e outra chinesa.

— Mas o que ele mais precisa é de uma mãe amorosa.

— Mas ela o ama muito.

— Então por que você não a ama como deveria? Se eu fosse casada, acharia que meu marido não me ama tanto se passasse suas noites na companhia de outras mulheres além de mim. Ou se fosse mais atencioso com outras mulheres do que comigo. Não entende por que sua esposa está com ciúmes?

Wou Sankwei se levantou.

— Até mais — disse Adah Charlton estendendo-lhe sua mão.

— Até mais — disse Wou Sankwei.

Se ele fosse um homem branco, o discurso de Adah Charlton sem dúvida teria o efeito contrário do esperado. No máximo, sua sinceridade seria tomada como cinismo. Mas Wou Sankwei não era um homem branco. Era chinês e não via razão para o uso de falsidades em uma questão tão importante quanto a que Adah Charlton lhe apresentou. Ele sentiu-se um exilado do paraíso, mas mesmo assim não pensou como um homem branco teria pensado: que fora o anjo com a espada flamejante o responsável pelas ações dela. Também não culpou nenhuma outra mulher pelas coisas não terem saído como ele previra. Ele simplesmente tentou fazer o melhor com o que tinha à sua disposição.

VII

Foram dias tranquilos na casa de Wou — faltava ainda uma semana para o pequeno Yen começar a frequentar a escola americana. Estava tudo tão pacífico que Wou Sankwei começou a achar que sua esposa havia concordado com seus planos para o menino. Ele assobiava distraído ao esculpir um pequeno barquinho para o filho. As sugestões de Adah Charlton haviam direcionado seus pensamentos para Pau Lin. Ele havia decidido que, se ela oferecesse mais alguma resistência à entrada do menino na escola americana, não insistiria mais. Afinal de contas, embora a língua americana pudesse ser útil neste século, o mundo dá voltas e algum dia ela poderia não ser mais necessária. Quem sabe o futuro? Ele chegou muito perto de expressar seus sentimentos a Pau Lin.

Era a noite da véspera do primeiro dia do pequeno Yen na escola americana. O menino passou o dia todo empolgado e ansioso. Para acalmá-lo, seu pai pediu que lesse uma historinha chinesa em voz alta. Era um livro que ele havia dado ao filho em seu primeiro aniversário na América e com o qual o ensinou a ler. Obedientemente o pequenino levou seu banquinho ao lado da mãe e leu em seu tom infantil a história de um divertido rapaz que se arrepende muito por

ter comido os pedaços de frango assado e chupado as laranjas deixadas sobre o túmulo de seu avô após o funeral.

Wou Sankwei riu muito ao final da história. Ela o fez lembrar de algumas de suas peripécias de criança. Mas Pau Lin acariciou em silêncio a cabeça de seu pequeno leitor. Parecia perdida em pensamentos.

Uma lufada de ar fresco soprou da baía. A mãe sentiu um calafrio e Wou Sankwei, amarrando os cordames do barquinho, acenou para que Yen fechasse a porta. Ao voltar para o lado da mãe, o pequenino tropeçou em seu joelho.

— Oh, mamãe! — exclamou de maneira desajeitada, mas gentil. — A culpa não foi de Yen, foi do meu pé.

— Sim — ela replicou envolvendo o pescoço dele com seu braço. — Sempre culpa do pé. Eles são para o espírito o que o casulo é para a borboleta. Ouça, vou cantar para você a música da Borboleta Feliz.

Ela começou a cantar a velha cantiga chinesa com uma suave voz de pássaro. Ao ouvir, Wou Sankwei ficou feliz. Ele gostava quando as pessoas à sua volta estavam alegres e contentes. Coisa que a casa dos Dean sempre teve de sobra.

O barco foi finalizado antes que a família se recolhesse. Yen o examinou, primeiro de modo crítico e depois exultante. Finalmente, ele o carregou até o armário onde guardava suas pipas, bolas e outros tesouros.

— Vamos velejar com ele amanhã depois da aula — disse a seu pai com um abraço de agradecimento.

Sankwei acariciou sua cabeça. Ele e o menino eram grandes parceiros.

O que seria o barulho que fez Sankwei acordar assustado? Era o limiar do amanhecer, hora em que geralmente Pau Lin ainda não havia se levantado. Mesmo assim, ele ouvia sua voz vindo do quarto de Yen. Apoiou-se no cotovelo para ouvir melhor. Ela cantava suavemente uma cantiga de ninar sobre esquilos e caçadores. Sankwei se perguntou por que estaria cantando àquela hora. De onde ele estava, podia ver a cama e a figura imóvel da criança à meia-luz. Imóvel demais! Em um instante Sankwei estava ao lado deles.

O copo vazio com a borra escura denunciava o mistério.

O que ele mais amava no mundo, seu querido filho que havia conquistado seu coração com alegria e beleza, havia sido tomado dele pela própria mulher que o havia gerado.

Sankwei se afastou e encostou-se na parede. A figura ajoelhada ao lado da cama se levantou. Seu rosto era solene e amoroso.

— Ele está a salvo — ela sorriu — da sabedoria do novo.

Em uma angústia amarga demais para as palavras, o pai escondeu seu rosto com as mãos.

— Por quê? Por quê? — indagou Pau Lin olhando-o, perplexa. — A criança está feliz. A borboleta não lamenta deixar o casulo.

Sankwei levantou a veneziana e escreveu um bilhete para Adah Charlton:

Um acidente levou meu filho. Estou voltando para a China com minha esposa, cuja saúde precisa de cuidados.

SUA TRÊMULA IMAGEM

I

Pan era uma garota metade ocidental metade chinesa. Sua mãe falecera e ela vivia com seu pai, proprietário de um bazar oriental na rua Dupont. Pan vivera toda sua vida em Chinatown e, se havia algo diferente nela dos outros que a cercavam, ela sequer pensava nisso. Foi somente após a chegada de Mark Carson que o mistério de sua natureza começou a incomodá-la. Os dois se encontram na época do boicote dos Sam Yups pelos See Yups.¹¹ Depois que o calor, a poeira e os ânimos se acalmaram nas avenidas e becos de Chinatown, o jovem repórter enviado para cobrir a história entrou pela porta de uma sala fresca, espaçosa, tomada pelo aroma de lírios secos e sândalo, onde encontrou Pan.

11 Há dez distritos na província de Cantão (Guangdong), sendo que Sam Yup se refere ao terceiro distrito e See Yup ao quarto. Nessa época, o assassinato sem solução de um See Yup por um Sam Yup no Sul da Califórnia resultou um boicote nacional entre os dois grupos. Os Sam Yups eram em sua maioria comerciantes e dependiam dos See Yups, muito mais numerosos, como clientes de seus estabelecimentos.

No primeiro momento não se falaram, pois o interesse de Carson era o comerciante de óculos e barba pontuda que fazia contas em seu ábaco e anotava em um livro de folhas pardas. Pan, por sua vez, sempre evitava os ocidentais. Com o povo de seu pai ela sempre se sentia confortável e acolhida, mas na presença do povo de sua mãe ela se sentia estranha e reprimida, intimidada por seu escrutínio curioso, como se fosse refém de uma faca.

Quando Mark Carson voltou ao escritório, fez algumas perguntas sobre a garota que o havia impressionado. Quem era? Chinesa ou branca? O editor de Cidades respondeu a ele:

— É uma garota mais inteligente que o normal, que sabe mais histórias sobre os chineses do que qualquer outra pessoa desta cidade... isso quando ela quer falar.

Mark Carson tinha um queixo firme, olhos espertos e um tom de voz que conquistava facilmente a confiança dos menos atentos. Na redação o chamavam de “o cara que venderia sua alma por uma matéria”.

Depois que a timidez inicial de Pan foi vencida, ele a achou incrivelmente franca e sincera. Porém, ele tinha todos os instintos de um cavalheiro, menos um. E não se deixaria enganar por ela. Ele era seu primeiro amigo branco. Ela tinha o espírito livre, sem as restrições impostas aos brancos ou às mulheres chinesas. Seu pai oriental nutria uma afeição e confiança tão grandes por sua filha, órfã de sua esposa branca,

que ele concordava com tudo o que ela fazia ou dizia. E a própria Pan? Uma mulher branca podia ignorar um insulto, mas uma chinesa pode até nem perceber um. Mas Pan! Só um homem realmente ousado tentaria ofender a pequena Pan.

Os olhos claros de Mark Carson perceberam tudo isso e, com seu jeito delicado e sutil, ensinou à jovem garota que, sem notar até sua chegada, havia vivido uma vida solitária. Ela aprendeu essa lição tão bem que às vezes parecia que seu lado branco devia dominar e anular seu lado chinês.

Enquanto isso, confiando plenamente nele, Pan o guiou por toda Chinatown, iniciando-o nos mistérios e histórias de muitas coisas pelas quais ela, sendo da raça de seu pai, guardava muito carinho e orgulho. Por intermédio dela, foi recebido como um irmão pelo monge de manto amarelo no templo, pelo astrólogo de Prospect Place e outros chineses tradicionalistas. O Clube do Lírio d'Água abriu suas portas para ele quando ela bateu, e a organização Irmãos Sublimes Puros o admitiu como membro honorário, permitindo que, além de assistir, ele pudesse participar de cerimônias das quais nenhum americano participara antes. Com ela ao seu lado, era bem recebido em todos os lugares. Até as pequenas esposas chinesas com seus bebês o recebiam com sorrisos gentis e as crianças solenemente mascavam seus doces e repetiam rimas de ninar para ensiná-lo.

Ele gostava de tudo isso, assim como Pan. Ambos eram jovens e alegres. Depois de passarem a tarde juntos, subiam ao terraço para observar as estrelas, cercados de vasos repletos de flores e lanternas coloridas com suas luzes suaves.

Às vezes havia música. Uma banda chinesa tocava três noites por semana no restaurante dourado logo abaixo deles. Quanto mais altos os gongos soavam e mais tocavam os violinos, mais Pan se deliciava. O bazar de seu pai ficava no térreo. Ocasionalmente Mun You subia as escadas para perguntar se havia algo que poderia fazer o jovem casal ainda mais feliz. Pan respondia: “Somente você”. Pan tinha muito orgulho de seu pai chinês. Às vezes ela dizia a Mark Carson que “é melhor ter um pai chinês do que um branco”. Da última vez que disse isso, ele havia perguntado se ela preferiria um marido branco ou chinês. E Pan, pela primeira vez desde que se conheceram, não encontrou uma resposta.

II

Era uma noite fresca e silenciosa depois de um dia quente. A lua brilhava no céu.

— Quanta beleza acima! Quanta feiura embaixo! — exclamou Mark Carson sem pensar.

Ele e Pan observavam do terraço a rua variegada, iluminada por lanternas, abaixo deles.

— Talvez não seja tão bela — observou Pan com a voz um tanto trêmula —, mas é onde moro. Esta é minha casa.

Ele se inclinou repentinamente em sua direção e pegou suas mãos.

— Pan — ele exclamou. — Você não é daqui. Você é branca... branca.

— Não! Não! — ela protestou.

— É sim — reafirmou. — Você não pode ficar aqui.

— Eu nasci aqui — ela respondeu. — Os chineses me olham como um deles.

— Mas eles não entendem você — ele continuou. — Seu verdadeiro eu é estranho para eles. Que interesse eles têm nos livros que você lê ou nas ideias que você tem?

— Eles se interessam por mim — respondeu Pan confiante. — Não fale mais nesse tom, por favor.

— Mas eu preciso — insistiu o jovem. — Pan, você não percebe que precisa se decidir se será chinesa ou branca? Não se pode ser as duas coisas.

— Quietos, quietos! — acenou Pan. — Eu não te amo quando fala comigo assim.

Um garotinho chinês trouxe chá e pães de açafraão. Era um rapazinho animado com um jeito estranho de falar.

Mark Carson brincou um pouco com ele enquanto Pan ria e tomava seu chá.

Ao ficarem novamente sozinhos, a corrente prateada e a lua crescente se tornaram seus objetos de estudo. Era uma noite muito bonita.

Depois de algum tempo Mark Carson cantou com sua mão sobre o ombro de Pan:

*— E para todo o sempre,
Enquanto o rio correr,
Enquanto o coração bater,
E a vida trazer desgraças,
A lua e seu reflexo falho,
E suas belas sombras, aparecerão,
Como um símbolo de amor nos céus,
E sua trêmula imagem aqui.*

Ao ouvir sua voz irresistível se declarando na canção, a garota não conseguiu evitar o choro. Ela era extremamente jovem e feliz.

— Olhe para mim — pediu Mark Carson. — Ah, Pan! Pan! Essas lágrimas mostram que você é branca.

Pan levantou o rosto molhado.

— Beije-me, Pan — ele disse. E deram seu primeiro beijo.

Na manhã seguinte, Mark Carson começou a trabalhar em um artigo especial que estava devendo ao jornal já há algumas semanas.

III

— Que seus ancestrais o amaldiçoem — rosnou Man You.

Ele jogou um papel aos pés de sua filha e saiu do cômodo.

Chocada pela reação anormal de seu pai, Pan apanhou o papel do chão e na luz fria da tarde leu aquilo que ficaria para sempre gravado em sua memória:

— Traída! Traída! Traída para ser um traidor!

Ela sentia queimar como brasa uma agonia que não podia ser aliviada por palavras nem saciada por lágrimas.

Assim foi até o cair da noite. Então ela subiu aos tropeços pela escada escura que levava ao quarto mais alto, que se abria para as estrelas, e tentou refletir. Alguém a havia ferido. Quem a havia ferido? Ela levantou os olhos. Lá em cima brilhava “sua trêmula imagem”. E lhe trouxe de volta a lucidez. Ele havia feito isso. Esse golpe cruel teria sido desferido inconscientemente? Ah, ele bem sabia que a espada que a feria por meio de outros, ao atingir seu próprio coração,

fazia a dor ser de todos. Ninguém sabia disso melhor que ele, pois a chamara de “uma garota branca, uma mulher branca”. Ela preferiria expor seu corpo e alma nus a revelar coisas sagradas e segredos daqueles que a amavam. Não podiam ser cruel e grosseiramente revelados a um estranho desrespeitoso que nada compreendia. Sabendo disso muito, muito bem, ele havia desprezado seu coração, e o beijo que dera em seus lábios agora se voltava para açoitá-la. Ela, que faz parte da raça que não se esquece.

IV

Mark Carson, de volta à cidade após dois meses, lembrou-se de Pan. Ele a veria naquela mesma noite. A pequena e querida Pan. Bela, inteligente, divertida. Sempre tão francamente alegre quando ele a procurava, tão empolgada em ouvir tudo o que ele contava, tão interessada, inspiradora e amorosa. A essa altura ela já deveria ter se esquecido daquela matéria. Por que uma branca se importaria com essas coisas? Seu caráter estava acima disso. Ele mesmo a havia ensinado a não se importar nas semanas em que tanto se viram. É fato que essa última lição havia sido um tanto dura, embora ele não soubesse ainda como ela a havia recebido. Mas mesmo

que sua rudeza a tenha ferido e irritado, havia um bálsamo curativo, um óleo mágico que ninguém sabia usar tão bem como ele.

Mesmo acompanhado por todos esses pensamentos reconfortantes, havia uma sorradeira corrente de sentimentos que fazia seus pés titubarem em seu caminho até o encontro com Pan. Ele parou na praça Portsmouth e sentou-se em um dos bancos em frente à fonte em memória a Robert Louis Stevenson.¹² Porque Pan não respondera ao bilhete que avisava do compromisso de alguns meses fora da cidade, inclusive com seu endereço? Robert Louis Stevenson saberia a resposta? Sim... e Mark Carson também. Mas embora o próprio Robert Louis Stevenson pudesse responder corajosamente à pergunta, Mark Carson a deixou de lado, levantou-se e subiu a ladeira.

— Achei que não te culpariam, Pan!

— Sim.

— Não havia menção sobre você, querida. Fui cuidadoso não somente por você, mas por mim também.

Silêncio.

12 O escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894) foi um ensaísta, poeta e autor de livros de ficção e viagens. Suas obras mais conhecidas são *A ilha do tesouro* e *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde (O médico e o monstro)*.

— Tudo não passa de superstição. Essas coisas precisam ser expostas e resolvidas.

Mais silêncio.

Mark Carson sentiu um calafrio estranho. Aquela não era a Pan que ele conhecia. Ela nem se parecia com Pan. Ele se acostumara com seus vestidos americanos, mas esta noite ela vestia um traje chinês. Com suas feições rígidas, agora se parecia com uma chinesa. Ele estremeceu.

— Pan, por que você está com esse vestido? — perguntou.

Por dentro das mangas, as pequenas mãos de Pan se digladiavam, mas sua voz e seu rosto estavam calmos.

— Porque sou uma mulher chinesa — respondeu.

— Não é! — exclamou Mark Carson ferozmente. — Você não pode mais dizer isso, Pan. Você é uma mulher branca... branca. Seu beijo não me prometeu isso?

— Uma mulher branca — Pan repetiu elevando sua voz clara até as estrelas no céu. — Eu não seria uma mulher branca por nada neste mundo. Você é um homem branco. E de que vale uma promessa para um homem branco?

Ao se deitar, o elemento do fogo a possuiu de maneira tão avassaladora que quase consumiu sua forma infantil. Então uma criança que ainda mal sabia falar foi à casa de

Man You. Subiu no sofá onde Pan estava e pousou sua cabeça sobre o colo da garota. Sentir o toque da criança a fez chorar.

— Ei! — disse a mãe da criança. — Um dia você também será mãe e toda a amargura desaparecerá.

E Pan, por ser uma mulher chinesa, sentiu-se confortada.

O PRESENTE DO PEQUENO ME

A sala de aula estava decorada com faixas e bandeiras coloridas. As lanternas chinesas balançavam no teto. Uma enorme rã de porcelana, verde e com olhos amarelos, repousava no centro da mesa da professora. Plantas tropicais e nativas: azaleias, jacintos, palmas e lírios chineses espalhavam sua fragrância pelo ambiente.

Era véspera do ano novo chinês e os pequenos alunos da srta. McLeod, por meio da decoração da sala, expressaram seu amor e admiração com estranhos conceitos de beleza. Todos vestiam trajes de festa. Han Wenti vestia mangas bufantes de um azul sublime, nas quais estavam bordados dragões amarelos. Seu pai era o chefe de seu clã na América. E havia San Kee, filho de um comerciante americanizado, sério e esguio em roupas americanas industrializadas. A pequena Choy, do lado das garotas, vestia um longo vestido xadrez enquanto Fei e Sie pareciam beija-flores em seus trajes tradicionais de seda estampada com flores coloridas e douradas.

O olhar da srta. McLeod pousou sobre as pilhas de presentes dispostas em três cadeiras em frente à sua mesa, e depois por sobre a cabeça dos jovens até notar no fundo da

classe um pequeno garoto vestido com uma túnica de algodão, calças e sapatilhas tradicionais chinesas. Estava sentado balançando os pés com uma expressão completamente alheia.

O pequeno Me era visto quase como um fora-da-lei por seus coleguinhas. Era o único aluno em toda a escola que não presenteara a professora. O fato de ser filho de um homem que se alimentava apenas de arroz e molho de soja não aliviava sua ofensa. Havia outros alunos que desconheciam o sabor de cogumelos, brotos de bambu ou carne de leitão, mas não deixavam de oferecer a ela papéis de embrulho, flores do jardim, seixos do rio, estranhos insetos e outros presentes que pelo menos continham valor sentimental. A verdade, contudo, é que o pequeno Me não era ingrato ou indiferente. Ele simplesmente sofria de orgulho. Se não pudesse dar algo de valor como Hom Hing e Lee Chu, filhos dos comerciantes mais abastados de Chinatown, então ele preferia não dar nada. Mesmo assim, se o coração escocês da srta. McLeod se permitisse ter um favorito entre seus alunos, este seria o pequeno Me. Muitas vezes, ela caíra no desgosto dos pais de Hom Hing e Lee Chu ao rejeitar eventuais presentes valiosos de seus filhos gorduchos e sorridentes. Ela vira os olhos do pequeno Me marejarem e suas mãos se recolherem em suas mangas quando as ricas meninas de tranças levaram oferendas até sua mesa.

— Atenção, crianças! — disse a srta. McLeod.

Então ela fez um pequeno discurso em agradecimento aos alunos por seus mimos de admiração e carinho, mas deixou claro que valorizava tanto uma escultura de madeira, feita por um menino que não podia oferecer mais, quanto a estátua de jade e mármore daqueles cujos pais tinham posses para usar botões de ouro; que uma lichia da órfã Amoy era tão deliciosa quanto uma cesta de laranjas da filha única do proprietário de diversas bancas de frutas. O maior de todos os presentes não podia ser avaliado. Eles deveriam se lembrar da história que lhes havia contado na época do Natal sobre a doação de um filho único e querido a pessoas amadas. Todo o dinheiro do mundo não poderia pagar por aquele amado menino. Ele era um presente sem preço.

O pequeno Me parou de balançar os pés. Com olhos solenes e a testa enrugada ele meditou sobre a fala da professora.

O primeiro dia do Ano Novo foi celebrado com muita alegria. Brincaram debaixo das lanternas, comeram bem e fizeram rituais. O flautista, o homem do banjo e o violinista tocaram lindas melodias. Como parte da tradição, todas as crianças ganharam moedas. Doces, laranjas descascadas e sementes de melão foram servidos no banquete. Melodias animavam os becos escuros e “flores” na forma de fogos de

artifícios encantavam jovens e idosos. As sociedades Literária e Benemerita realizaram diversas apresentações que aludiam ao poder das conquistas dos heróis, a amargura dos amantes, as bênçãos que recaem sobre as crianças e o terrível destino dos pecaminosos. E quando o sol se pôs, e muito depois disso também, grupos de jovens fascinados ouviam sentados aos contos de magia e encantamento.

No meio disso tudo o pequeno Me vagava em suas sapatilhas e pensava em outra história, a história do bebê.

No segundo dia do Ano Novo Chinês, a srta. McLeod, com sua bolsa repleta de flores e pequenos e alegres embrulhos vermelhos, parou diante da porta dos Chee. Como não houve resposta às suas batidas, ela abriu o trinco e entrou no cômodo escuro. Em um sofá no canto mais distante da sala havia uma mulher ajoelhada que se lamentava e chorava. Era Chee A Tae, mãe do pequeno Me. O nome real de pequeno Me era Chee Ping. A srta. McLeod tocou o ombro da mulher delicadamente. Ela estremeceu e seus gemidos se reduziram a lágrimas e soluços. A professora sabia que seu bebê havia sido roubado? Algum espírito maligno o havia enfeitiçado e levado. Seu marido, com a ajuda de alguns amigos, procurava por ele, mas ela tinha certeza de que *nunca* o encontrariam. Ela havia queimado incensos para a Mãe e pedia a ajuda da deusa das crianças. Mas suas preces

de nada valiam, pois seu marido havia falhado em enviar aos seus pais o dinheiro para o *ginseng* e a carne naquele mês. Ele havia arriscado a sorte na Casa de Apostas do Tigre e perdido. Se tivesse conseguido, seus pais teriam recebido o dobro da quantia de costume, mas aconteceu o contrário e ele perdeu. Agora, o bebê, irmão mais jovem do pequeno Me, também estava perdido.

— Como isso aconteceu? — perguntou a srta. McLeod.

— Estávamos eu e o bebê sozinhos — replicou a mãe. — Meu marido estava fora e o pequeno Me brincava no beco. Saí para pegar uma tigela de arroz e uma xícara de chá para a velha Sien Tau. Não temos muito para nossas próprias bocas, mas é bom começar o Ano Novo sendo gentil àqueles que talvez não estejam vivos no próximo. O bebê dormia da última vez que o vi. Quando voltei, se ainda dormia ou não, na terra dos vivos ou no mundo dos espíritos, nunca saberei. Somente um lobo, um coração de tigre, saberia dizer.

Era realmente um caso que demandava ajuda. A srta. McLeod fez o que pôde e, depois de algum tempo, Chee A Tae sentou-se e ouvia os passos na rua na esperança de que fosse seu marido. Finalmente, um homem magro e de aspecto cansado chegou usando, em pleno feriado, uma camisa de algodão azul e as calças de um trabalhador chinês, um boné surrado ao redor do qual ele havia enrolado sua

trança! Atrás dele entraram vários de seus compatriotas, com olhares desconfiados para a mulher branca ali presente. Mas, após a reconhecerem, cada um a cumprimentou à maneira americana. Havia muitos diferenciais entre a srta. McLeod e as outras professoras brancas de Chinatown que conquistaram o respeito dos pais pelo trabalho com seus filhos. Um deles era que ela obviamente ela amava seu trabalho e ensinava as crianças sob sua responsabilidade com paciência e zelo. Ela não os mimava demais. Outro é que ela havia se dedicado a aprender chinês antes de ensinar a sua própria língua. E, o terceiro, que vivia em Chinatown e participava da comunidade.

Chee A Tae ficou amargamente desapontada ao ver seu marido sem o bebê. Ela se levantou do sofá e abriu a porta que os homens haviam fechado atrás de si. Apontou para que saíssem novamente, exclamando:

— Vão encontrar meu filho! Vão encontrar meu filho!

Chee Ping, o pai, voltou-se para ela ressentido:

— Mulher — ele gritou —, a perda dele é culpa sua. Já procurei com meus olhos, ouvidos, língua e pernas, mas é como procurar um alfinete no fundo do mar.

A mãe passou a chorar copiosamente:

— Foi seu vício em apostas — soluçou. — Foi por isso que negligenciou seus pais e o azar veio para nós. Ai, ai, ai. Meu coração está encoberto pelas mais negras nuvens!

— Isso é impossível! — exclamou a srta. McLeod escolhendo o momento para interferir. — A criança não pode estar longe. Vamos todos procurar e ver quem a encontrará primeiro.

Uma multidão de homens, mulheres e crianças se aglomerava do lado de fora da porta, a maioria vestida em alegres trajes de festa. Após as palavras da professora, uma confusão de vozes se elevou, seguida por uma correria nos corredores, escadas e portas. Lanternas foram acesas para a inspeção de porões, lojas, armários, escadarias e terraços. Nenhum buraco nos arredores da residência dos Chee deixou de ser vasculhado por olhos atenciosos. Ricos e pobres se uniram na busca, um monge de túnica amarela do templo e um chefe das Seis Empresas estavam claramente empenhados.

A mãe, seguindo os passos da srta. McLeod, mantinha seu lamento.

— Ai, ai, minha florzinha, minha joia de jade, meu broto de pêssego. Mãozinhas que se parecem com folhas novas. Sua voz que parece o sopro do vento oeste. Ai de mim! O destino é meu inimigo! Você está longe de sua mãe que nada pode fazer, presa por grilhões. Seria melhor a morte, mas esse favor me é negado.

O dia se passou, a tarde lentamente encobriu a todos e então veio a noite. O vento soprava em rajadas, mas a lua estava alta e brilhava forte, iluminando até os becos mais

escuros. A parte principal de Chinatown havia sido completamente examinada e a atenção agora se voltava para as colinas que se elevavam na rua Powell. O quarto da srta. McLeod se localizava no último andar de uma pensão na metade do caminho da colina. Era um lugar aconchegante, embora sua aparência não passasse essa noção. Quando o vento passou a soprar, vindo da baía, seus pensamentos momentaneamente a fizeram desejar sua cadeira de balanço e sua pequena lareira. Mas antes que o bebê fosse encontrado ela não teria descanso. A agonia daqueles chineses também era sua, assim como seus problemas. Ela não os adotara como seu povo quando se decepcionou com o seu próprio? Sua grata admiração aos menores favores, sua afeição fiel, embora discreta, eram um bálsamo para seu coração ferido pela indiferença e agressividade daqueles a quem ela dedicara sua juventude, sua força e seus talentos.

De repente, ouviu-se um grito. Wang Hom Hing, um comerciante chinês que comandava a busca na parte mais alta de Chinatown, apareceu na porta de uma humilde pensão — a mesma na qual a srta. McLeod havia construído seu ninho — e acenou uma bandeira chinesa sob a luz das lanternas. Era o sinal de que havia encontrado a criança.

Uma confusão de chineses correu na direção de seu emblema nacional. Com exceção da srta. McLeod, não havia

sequer uma pessoa branca, nem mesmo um policial, para ajudar na busca.

À frente da multidão vinha Chee Ping, o pai, e no meio dela a ofegante A Tae e sua amiga branca. O pequeno Me seguia calma e silenciosamente mais atrás. Embora normalmente fosse o foco da atenção de seus pais, nesse dia — ou melhor, noite — ele parecia completamente esquecido.

Em filas, subiram os diversos lances de escadas enquanto em todas as portas os inquilinos, homens, mulheres e crianças, espiavam, perguntando-se do que se tratava. Havia tanta gente que a professora ficou presa do lado de fora de seu próprio quarto.

Alguém falava alto e de modo empolgado. Era Wang Hom Hing, pai do aluno de mesmo nome e tio de outro aluno, Lee Chu. O que ele dizia? A professora apurou os ouvidos para alcançar suas palavras. Pelos céus! Ele declarava que ela havia roubado a criança que estava em seu quarto, escondida entre os lençóis de sua cama — evidência inequívoca de que ela, sob o disfarce da amizade, havia se infiltrado em seus lares e corações e era, na realidade, uma inimiga disfarçada.

— Não acreditem mais nela, essa tal de Jean McLeod — ele gritou. — Seu sorriso é doce, mas seu coração é uma navalha.

Um sinistro silêncio recaiu após essa frase.

Wang Hom Hing era um homem importante cuja vaidade havia se inflado pela lisonja de astuciosos homens brancos que, ao contrário da escocesa nada diplomática, faziam diferença entre presentes de ricos e de pobres. Além disso, como presidente do Clube do Lírio D'Água e secretário da Sociedade da Causa Celestial, era um homem influente em Chinatown. A professora ficou ainda mais abalada quando Chee A Tae lançou sobre ela um olhar estremecido e desfa-leceu nos braços de uma robusta chinesa atrás dela.

Agora o sangue dos líderes escoceses corria nas veias da srta. McLeod. Era esse sangue valente que, quando todos os barcos nos quais ela depositara suas esperanças e sonhos juvenis se perderam um a um, havia sustentado sua alma acima das ondas revoltas e a ajudaram a lançar outro barco ao mar, por mais bravio e desconhecido que fosse. O barco enfrentara as mais duras ventanias. Ela não poderia permitir que, após ter ancorado no porto com segurança, ele afundasse agora. Nunca! Aquele barco era o cofre que guardava toda a sua força e coragem femininas. Ele carregava seu trabalho chinês — o trabalho no qual ela havia encontrado aconchego, paz e felicidade. Hom Hing não o afundaria sem esforços de sua parte para salvá-lo.

A intrépida mulher, tomada por esses pensamentos, abriu caminho entre a parede humana à sua frente e chegou até o orador. Em meio ao tumulto, o bebê dormia, suas

mãozinhas apoiadas no queixo. Uma figura tão bela que mesmo em seu nervosismo e emoção ela parou por um instante para admirar.

Então encarou o grande chinês em seus lindos trajes de festa. Sua figura pequena e frágil atingiu altura máxima e seus olhos azuis faiscaram.

— Wang Hom Hing! — ela gritou. — Sabe que está tentando fazer meus amigos acreditarem no que nem você acredita! Não sei mais do que a mãe sobre como o pequenino veio parar aqui.

O comerciante chinês encolheu seus ombros insolente e se dirigiu novamente às pessoas, pedindo que julgassem por si mesmas. A criança havia sido roubada. A professora havia fingido ajudar na busca e, mesmo assim, ele — e não ela — havia chegado até seu quarto onde o bebê fora encontrado.

Ouviram-se murmúrios por todo o ambiente, mas depois que arrefeceram a mulher branca procurou por rostos amigos ao seu redor. Surpreendeu-se e comemorou por encontrar vários. Seu ânimo retornou.

— Como eu poderia saber que a criança estava em meu quarto? — perguntou indignada. — Saí daqui hoje pela manhã. Algum desconhecido o trouxe para cá nesse meio-tempo.

Wang Hom Hing se afastou gargalhando em tom provocador. Para ele, sua vingança estava completa.

O pai do bebê levantou seu filho e o passou para a mãe, que o esperava de braços esticados. Abraçou a criança descontroladamente e olhou horrorizada para a professora.

— Amigos — gritou a mulher branca elevando sua voz em um último esforço —, vocês permitirão que um homem me afaste de seus corações? Já não me conhecem há tempo suficiente para acreditar que, embora não possa explicar como o bebê chegou ao meu quarto, eu seja inocente? A Tae — disse, dirigindo-se à mãe —, você acredita que eu tocaria em um fio de cabelo de seu bebê?

A Tae hesitou com seus olhos cheios de lágrimas. Ela já havia amado a professora, mas Wang Hom Hing plantara uma semente venenosa em sua mente impressionável. A srta. McLeod notou essa hesitação com um aperto no coração que quase a levou ao desespero.

Então uma mulher muito idosa e pequena mancou até ela.

— McLeod, Jean — ela gritou. — Suas qualidades benevolentes e nobres, de mente e alma, mereciam um Ano Novo melhor do que este. As palavras de Wang Hom Hing não iludiram a velha Sien Tau.

Ah! A escocesa segurou a mão da velha chinesa em completa gratidão. Ela não conseguia falar com o nó em sua garganta. Então A Tae falou:

— Professora, me perdoe — ela pediu.

E a professora respondeu com um sorriso.

Mais alguns homens e mulheres se adiantaram, olharam para a professora, a agradeceram por sua bondade costumeira e expressaram sua confiança em sua pessoa.

— McLeod, Jean — declarou um senhor —, você é uma boa mulher cem vezes.

Aquele foi o maior cumprimento que Jean McLeod jamais recebera.

— A senhora está errada, mãe! — ela disse, voltando-se sorridente para a velha Sien Tau. — Este é o dia mais feliz da minha vida.

O pai explicou-se para o bebê:

— Os deuses, diante de minha indignidade, o tiraram de mim para darem-no a você.

E o pequeno Me, aproximando-se da professora, gorgjeou na língua que ela mesma o havia ensinado:

— Eu tenho um irmão. Eu amo muito ele todo. Você disse que bebê é o melhor presente então eu dei ele para você quando meu pai e a minha mãe não olhavam. Pequeno Me deu mais que Lee Chu e Hom King.

Levou algum tempo para que o tumulto ocasionado pela confissão surpreendente, mas doce, de pequeno Me se acalmasse. Todos a ouviram, mas ninguém entendeu por completo exceto a professora.

Todos compreenderam que quando nenhum olhar estava atento, o bebê fora carregado pelos braços fortes de pequeno Me para o quarto da professora na pensão, tudo realizado unicamente pela criança. Mas aquilo se mostrou para a srta. McLeod como uma obrigação para salvar seu pequeno aluno da compreensível ira de seus pais: ela precisava explicar a razão do rapto. Então ela o fez tão clara e efusivamente que o pai, colocando seu primogênito sobre seu joelho, declarou em inglês:

— Tenho orgulho dele. Ele é o aluno número um — enquanto a mãe sorria amistosa.

O pequeno Me olhou para o bebê no colo de sua mãe e depois para a professora. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Você não gosta muito do meu presente, e não fica com ele — soluçou.

— Gosto sim — consolou a srta. McLeod. — Gosto tanto que o guardo em meu coração, onde também está o bebê da minha história. Você não se lembra? Na história, foi o pai quem levou o bebê embora. Para que ele ficasse no coração das pessoas antes de voltar para ele!

— É verdade — respondeu a criança com o rosto iluminado. — Você fica com meu irmão no seu coração e eu fico com ele em casa com meu pai e minha mãe. Não pode ser melhor!

A HISTÓRIA DA MULHER BRANCA QUE SE CASOU COM UM CHINÊS

I

Por que me casei com Liu Kanghi, um chinês? Bem, em primeiro lugar, porque eu o amava. Em segundo, porque estava cansada de lidar, enfrentar e lutar com o mundo. E terceiro porque meu filho precisava de um lar.

Meu primeiro marido foi um americano quinze anos mais velho. Por alguns meses fui muito feliz com ele. Eu trabalhava como estenógrafa. Ter meu próprio lar encheu meu coração de alegria. Era um prazer cuidar de James, cozinhar o jantar, seus lanches, ler trechos dos jornais e revistas, e cantar e tocar minhas músicas e cantigas para ele. E por alguns meses ele parecia completamente satisfeito. Acho que tudo era novidade, pois vivera solteiro até os trinta e quatro. Mas não demorou para que parasse de rir das minhas graças, tornou-se irritado e fechado quando eu brincava e, quando eu tentava contar uma história que me interessava,

ele me pedia que não o incomodasse. Percebi rapidamente a mudança e o abismo que surgia entre nós. Mesmo assim, eu o amava e tinha orgulho dele. James era considerado um homem muito inteligente e bem informado, embora seus pais fossem operários sem formação e ele tivesse estudado em escolas públicas. Também era um voraz consumidor de literatura socialista e do novo pensamento. O direito ao voto feminino era um de seus passatempos preferidos. Sempre que eu trazia alguma revista ele a pegava e lia as colunas para mulheres em voz alta para mim, artigos sobre as mulheres serem equiparadas aos homens em completa igualdade. Certa vez arrisquei observar que por mais que o artigo quisesse nos igualar aos homens, para mim, parecia criar um espetáculo estranho e desordenado. Ele franziu a testa e disse que eu não entendia, que era frívola demais. Por fim, ele chamava a minha atenção para notícias do jornal sobre mulheres em destaque nos negócios e empreendimentos. Eu dizia a ele que não admirava mulheres executivas pelo modo como costumavam agir e que tinha amigas muito mais amorosas, generosas e prestativas, que trabalhavam duro — trabalhadoras comuns. Sua resposta foi que eu estava sendo infantil e invejosa.

Apesar de seus comentários cada vez mais arredios e seu evidente desprezo por mim, eu queria agradá-lo. Ele era

meu marido e eu o amava. Muitas tardes, em minhas tarefas domésticas, eu tentava estudar as políticas trabalhistas, o socialismo, o voto feminino e o beisebol, coisas que eu sabia serem do seu interesse.

Não era fácil, mas insisti até certo dia. Já estávamos casados há seis meses. Ele chegou em casa um pouco mais cedo que de costume e me encontrou aplicada em resolver exercícios de matemática. Ele riu com sarcasmo:

— Desista, Minnie — ele disse. — Você não foi feita para outra coisa a não ser cuidar de crianças. Nossa! Tem uma mulher no trabalho ótima com contas e merecidamente ganha mais de cem dólares por mês. O marido dela tem a sorte de poder fazer outras coisas na vida.

Aquilo me feriu. Eu sabia que James queria muito escrever um livro sobre reformas sociais.

No dia seguinte, sem que ele soubesse, fui falar com a esposa do homem que me empregava como estenógrafa antes do casamento e perguntei se achava possível eu reaver meu emprego.

— Mas, querida — ela exclamou —, seu marido tem um bom salário! Por que quer trabalhar?

Contei a ela que James queria escrever um livro sobre reformas sociais e que eu gostaria de ajudá-lo a realizar seu sonho com algum dinheiro para ajudá-lo na publicação.

— Reformas sociais! — ela repetiu. — Que espécie de reformador social ele seria se permitisse que sua mulher trabalhasse quando ele é capaz de sustentá-la?

Ela sugeriu que eu ficasse em casa e me esquecesse do emprego. Fiquei desapontada. Eu disse:

— Ah! Queria ganhar algum dinheiro para James. Se eu tivesse um emprego, talvez ele não me achasse tão inútil.

— Inútil, minha cara? Você é uma das mulheres mais brilhantes que conheço — a sra. Rogers me consolou.

Mas eu achava que não. Contei a ela sobre minha incapacidade de calcular com meu marido quanto ele lucrava em certas negociações, minha falta de interesse em política, questões trabalhistas, o voto feminino e a reforma do mundo.

— Ah! — exclamei. — Sou uma mulher limitada. Só me preocupo que meu marido me ame e que seja bom para mim. Ter uma vida boa e tranquila, poder ajudar um pouco os pobres e os doentes que conheço.

A sra. Rogers ficou séria ao me explicar que havia diferenças de opinião quanto a ser “limitada”. A maioria dos homens não gostaria que suas esposas se envolvessem nos meandros de seus negócios e preferiam uma mulher diferente deles. Naquela mesma manhã seu marido dissera a ela: “Odeio mulheres que tentam entender a cabeça dos homens, que ficam se metendo em nossos assuntos”.

Voltei para casa conformada. Talvez, afinal de contas, James me visse como a sra. Rogers descreveu. Vã ilusão!

Minha filha tinha um mês e meio quando voltei à vida de estenógrafa na Rutherford & Rutherford. Meu salário era de cinquenta dólares mensais — mais do que eu jamais havia ganhado antes. James parecia satisfeito, pois temia que eu tivesse dificuldades em conseguir um emprego depois de ficar tanto tempo sem prática. Esses cinquenta dólares pagavam todas as nossas despesas, exceto o aluguel. Com isso James poderia equacionar seu tempo até o livro estar pronto para ser publicado.

Ele começou a escrever com a ajuda da jovem srta. Moran, a bibliotecária que trabalhava com ele. Reservaram três noites da semana, às vezes quatro, para o trabalho. Uma noite ela chegou quando a bebê estava doente e James havia ido chamar o médico. Ela olhou para a criança com a curiosidade de quem não ama nem entende as crianças.

— Ela não devia estar doente — ela disse. — Deve haver algum engano.

Não respondi e ela continuou:

— O pecado, a tristeza e a doença são a mesma coisa. Não temos a doença que não merecemos. Todos os nossos problemas são causados por nós mesmos.

Não discuti com ela. Eu sabia que não deveria, mas, ao vê-la ali, em pleno vigor da vida e da força, ombros largos,

feições masculinas e, na minha opinião, insensível, senti mais repulsa do que jamais sentira por alguém. Meu próprio pai havia morrido depois de sofrer de uma terrível doença por anos, contraída em função de seu trabalho como médico e cirurgião. E minha pequena criança! Que tipo de pecado teria cometido para ter sarampo?

Quando James voltou, ela comentou com ele sobre o jogo de beisebol da tarde e também de uma reunião das *suffragettes* que ela havia participado na noite anterior.

Depois que ela se foi, ele pareceu empolgado:

— Que grande mulher! — observou.

— Eu não acho! — respondi. — Que tipo de pessoa baseia sua esperança de uma existência melhor na tristeza e no sofrimento? Ela julga as pessoas como objetos de aversão e desprezo. A meu ver, não é uma grande mulher e muito menos uma mulher.

Ele pegou o jornal e foi para outro cômodo.

— O que você acha disso? — gritei para ele.

— De que adiantaria explicar a você? — ele retrucou.

— Você não entenderia.

Naquela época, enquanto eu estava no trabalho, meu coração ansiava pela minha filha! Eu me sentava diante da máquina de escrever e a imaginava chorando por mim. Pobrezinha, sendo cuidada por alguma estranha, privada de sua

amamentação. Enquanto eu anotava o que meu patrão ditava, pensava somente nela. O resultado, obviamente, foi a perda do emprego. Meu marido demonstrou sua insatisfação de várias maneiras. Conforme as semanas se passavam e eu não conseguia outro trabalho, ele se tornava mais frio e indiferente. Ele não bebia nem era violento, mas dizia coisas tão cruéis e maldosas que eu preferiria mil vezes ser espancada e maltratada do que obrigada a ouvir... como eu realmente era. Ele me fazia sentir uma péssima mãe e esposa. Certa vez ele disse: “Se você tivesse a ambição correta, teria se aperfeiçoado na estenografia a ponto de conseguir um emprego no judiciário. Você poderia fazer uma pequena fortuna nesse ramo”.

Eu conhecia uma estenógrafa que relatava casos de divórcio no tribunal e me contou como era o trabalho.

— Prefiro morrer de fome com meu bebê em meus braços a relatar os procedimentos de um divórcio sob os olhos dos homens em juízo.

— Outras mulheres tão boas quanto você o fazem e continuarão fazendo — ele retorquiu.

— Outras mulheres, talvez melhores que eu, já fizeram e fazem isso — repliquei. — Mas nem todas as mulheres são iguais. Eu não sou uma delas.

— É verdade — ele disse. — São atualizadas. Você ficou parada no tempo.

Certa noite deixei James e a srta. Moran trabalhando e atravessei a rua para ver uma amiga doente. Ao voltar, entrei na casa em silêncio para não acordar o bebê que ficara dormindo. Do corredor ouvi a voz de meu marido na sala de estar. Ele disse:

— Sou um solitário. Não há companheirismo entre mim e minha esposa.

— Que disparate! — respondeu a srta. Moran um tanto impaciente. — Veja este parágrafo, por favor, e me diga se não acha melhor que fique depois deste que termina com “a mais pura harmonia”, no lugar deste que começa com “Esses grandes princípios”.

— Não consigo me concentrar no trabalho hoje, disse James com uma voz rouca e cansada. — Quero conversar com você, ganhar sua simpatia... seu amor.

Ouvi uma cadeira ser afastada. Entendi que a srta. Moran se levantara.

— Boa noite! — a ouvi dizer. — Por mais que eu queira ver este trabalho terminado, nunca mais voltarei!

— Mas, céus! Você não pode largar o projeto a essa altura.

— Posso e é isso o que farei. Com licença, senhor.

— Se eu não estivesse nesse estado deplorável você não teria dito “Com licença, senhor” com esse tom de voz.

O próximo som que ouvi foi o de uma pesada queda. A srta. Moran havia empurrado meu marido.

Abri a porta. A srta. Moran, tranquila e aprumada, colocava suas luvas. James tentava se levantar.

— Ah, sra. Carson — exclamou ela. — Seu marido tropeçou na banquetta. Não é um atrapalhado?

James, é claro, conseguiu o divórcio seis meses depois que o abandonei. Ele não quis a criança e pude ficar com ela.

II

Eu estava a caminho do píer com a bebê no colo. Caminhava rápido pois estava em um estado de espírito que não perceberia se o dobro de desgraças recaísse sobre mim. Ao dobrar a esquina para descer uma ladeira que levava ao porto, alguém tocou meu braço e ouvi uma voz dizer:

— Perdão, senhora, mas deixou cair o sapato do bebê!

— Ah, sim! — respondi pegando o sapato mecanicamente da mão que se estendia para mim.

Eu ouvia as ondas quebrando contra o píer quando a voz voltou a soar em meu ouvido.

— Mais um pouco, senhora, e vai cair na água!

Minha resposta foi um passo adiante.

Uma mão forte segurou meu braço e me puxou contra a minha vontade.

— Pobre bebezinho — continuou a voz, estranhamente suave para um homem. — Posso segurá-lo?

Entreguei minha filha à voz.

— É melhor ficar onde está mais claro para ver onde pisa!

E me permiti ser conduzida para a luz.

Foi assim que conheci Liu Kanghi, o chinês que depois se tornaria meu marido. Eu o segui, obedeci e confiei nele desde o primeiro momento. Nunca me ocorreu perguntar que tipo de homem era aquele que me acudira. Tudo o que eu sabia era que se tratava de um homem e que eu estava sendo cuidada como ninguém antes havia feito desde que meu pai falecera. E minha sombria determinação de abandonar um mundo que só me fazia sofrer se dissipou. Em seu lugar, senti uma estranha calma e felicidade.

— Vou levar vocês para a casa de amigos chineses — ele disse ao me encaminhar ladeira acima, com meu bebê no colo.

— Você não se importa de conviver com chineses, não é? — ele adicionou.

Uma lâmpada elétrica iluminou seu rosto ao passarmos debaixo dela.

Não estranhei, em absoluto. Talvez porque ele vestia roupas americanas, tinha o cabelo aparado e, aos meus olhos

americanos, até parecia ser um jovem bem apresentável. Talvez em razão dos meus problemas, mas seja lá o motivo, respondi a ele sinceramente:

— Prefiro mil vezes viver com chineses do que com americanos.

Ele não perguntou o motivo e eu não expliquei até muito depois a história de meu casamento infeliz, da fuga de meu marido — pois era impossível continuarmos a viver juntos —, da vergonha do divórcio e dos rostos de reprovação daqueles que um dia foram nossos amigos; da crueldade do mundo, da terrível luta pela existência com uma criança e da náusea seguida pelo desespero.

A família chinesa que me acolheu era formada por gente simples e gentil. O pai já vivia na América há mais de vinte anos. A família era composta pela esposa, uma filha já adulta e vários outros irmãozinhos, todos nascidos na América. Eles receberam muito bem e adoraram o bebê. Liu Jusong, o pai, era joalheiro. Mas por causa de um acidente que tirou os movimentos de sua mão, agora era parcialmente incapaz para o serviço. Assim, sua família dependia principalmente da assistência de seu parente, Liu Kanghi, o chinês que me levou até eles.

— Amamos muito nosso primo — disse uma das meninas certo dia. — Ele nos ensina muitos jogos e traz brinquedos e doces.

Assim que me recuperei da prostração do ataque nervoso que me manteve de cama por mais de um mês após chegar ao lar dos Liu, minha mente passou a formular planos para manter minha filha com recursos próprios. Certa manhã vesti meu chapéu e um casaco e disse à sra. Liu que iria ao centro me cadastrar como estenógrafa em vários escritórios de datilografia. Ela pediu que eu esperasse mais uma semana — até que, como ela disse: “seus membros estejam mais fortes e firmes”. Mas eu garanti a ela que me sentia capaz de começar a me reerguer. Na verdade, eu estava ansiosa por retribuir pelo menos uma parte dos gastos que havia causado a eles.

— Tudo o que fizemos por você — ela respondeu —, já foi pago em dobro por nosso primo.

— Não há dinheiro que pague sua gentileza para mim e minha filha — repliquei —, mas se é para o seu primo que devo pagar pela minha hospedagem, fico ainda mais ansiosa em quitar essa dívida.

Ao retornar à noite para a casa, exausta pela busca de trabalho, encontrei Liu Kanghi jogando bola com o pequeno Fong na porta da frente.

A sra. Liu veio ao meu encontro e passou a me repreender maternalmente.

— Ah, por que ir ao centro sem estar forte o suficiente? Veja! Já parece doente de novo! — ela disse.

Voltou-se para Liu Kanghi e disse algo em chinês. Ele jogou a bola para o garoto e veio até mim. Seu rosto estava sério e preocupado.

— Por favor, seja gentil e ouça os conselhos de minha prima — pediu.

— Já estou bem para trabalhar — respondi. — Não posso me afundar em dívidas com você.

— Não se preocupe — ele disse. — Existe um modo de você me pagar e ainda ter uma boa vida sem precisar se esgotar e ficar longe do bebê o dia todo. Minha prima me disse que você faz lindas flores de seda, veludo e linho. Por que não faz algumas delas para vender na minha loja? Compro tudo o que você produzir.

— Ah! — exclamei. — Ficaria imensamente feliz em fazer um trabalho assim! Mas acha mesmo que consigo sobreviver com isso?

— Certamente — ele respondeu. — Estou precisando de uma bordadeira e se quiser trabalhar para mim, tentarei pagar um salário justo.

E assim desisti feliz de minha busca por emprego nos escritórios. Morava na casa de Liu Jusong e trabalhava para Liu Kanghi. Os dias, semanas e meses passaram tranquilos e felizes. O bordado artístico sempre fora minha ocupação favorita e quando se tornou uma fonte de renda e de prazer, passei a sentir que

valia a pena viver a vida, finalmente. Observei satisfeita minha filha crescer entre as crianças chinesas. Minha experiência de vida me ensinara que nem todas as virtudes pertencem aos brancos. Eu me interessava por tudo o que dizia respeito à casa dos Liu e fiquei amiga de todos os seus amigos. Assim venci o preconceito aos estrangeiros que sempre carreguei comigo.

Já morava ali há mais de um ano quando, certa tarde, caminhava para casa vindo da loja de Liu Kanghi, na rua Kearney. Carregava um embrulho de seda debaixo do braço, com minha filhinha ao meu lado, quando encontrei James Carson.

— Muito bem — ele disse, parando à minha frente —, sua aparência está ótima. Como está se saindo?

Segurei minha filha e passei por ele sem dizer nada. Ao chegar à casa dos Liu, meu corpo todo tremia, tamanha era minha repulsa e medo daquele homem que já fora meu marido.

Uma semana depois recebi uma carta que dizia:

204 Buchanan Street

Cara Minnie, — Se quiser esquecer do passado e reatar, eu também quero. Fiquei surpreso ao vê-la no outro dia, mais linda do que nunca... e muito mais mulher. Diga o que pensa assim que possível.

Seu marido afetuoso,

James

Ignorei a carta, mas um forte medo me consumia. Liu Kanghi havia me chamado na mesma noite em que a recebi. Ele notou minha perturbação ao se levantar para me receber e esperava que não fosse motivada pelo trabalho de bordar as flores.

— É a sombra da aba do meu chapéu — respondi tranquilamente. Eu estava vestida para ir ao centro com a sra. Liu, que preparava o enxoval de sua filha mais velha.

— Algum dia — disse Liu Kanghi com sinceridade — espero que me conte o que há em seu coração e em sua mente.

Eu me senti segura ao olhar para seu rosto.

— Se puder esperar até que eu volte, contarei tudo ainda esta noite — respondi.

Por mais estranho que pareça, embora eu conhecesse Liu Kanghi há mais de um ano, conversávamos muito pouco a sós. Tudo o que sabia sobre mim ouvira da sra. Liu, ou seja, que eu era uma mulher divorciada, salva da própria destruição quando estava desabrigada e passando fome.

Naquela noite, contudo, após ouvir minha história, ele me pediu para ser sua esposa.

— Eu te amo e a protegerei de tudo. Sua filha será como se fosse minha.

— Admiro seu amor e sua gentileza, mas não posso responder ainda. Seja meu amigo por mais algum tempo — respondi.

— Você tem o sentimento do amor por mim? — ele perguntou.

— Não sei — respondi sinceramente.

Outra carta chegou. Tinha uma redação em tom diferente da primeira e continha uma ameaça para a criança.

Parecia haver apenas um caminho para mim: deixar meus amigos chineses. E assim fiz. Com muita tristeza e lágrimas, me despedi e fui morar na parte mais afastada da cidade, longe de Chinatown e da casa dos Liu.

Minha filhinha sentia falta dos amigos chineses e eu me sentia estranha e solitária. Se quisesse manter minha filha comigo não poderia mais ficar com meus amigos.

Continuei trabalhando para Liu Kanghi e levava meus bordados para sua loja à noite, depois de colocar minha pequena na cama. Normalmente ele me acompanhava de volta, mas nunca me pedia para entrar em casa e eu também nunca o convidava. Por se uma mulher jovem e sozinha, que já havia enfrentado todos os sofrimentos do escândalo após deixar James Carson, aprendi a me precaver.

Era uma noite fria e úmida de novembro quando ele me abordou outra vez. Eu havia entrado em uma doceria na esquina do quarteirão onde morava. Ao sair, sua figura corpulenta apareceu da escuridão à minha frente. Dei um passo para trás e um grito discreto. Ele me agarrou pelo braço.

— Caminhe comigo discretamente se não quiser chamar atenção — ele disse. — Se não obedecer, levo a criança hoje mesmo!

— Você não ousaria! — respondi. — Não tem direito algum sobre ela. Ela é minha filha e eu a sustentei sozinha nos últimos dois anos.

— Sozinha? O que os juízes dirão quando eu contar a eles sobre o chinês?

— O que eles dirão? — repeti. — Sei lá! Há algo de mau em trabalhar para um comerciante chinês e ser paga pelo trabalho?

— E passear à noite com ele, viver por um ano na casa alugada por ele. Ha, ha, ha!

Foi uma risada vulgar e desdenhosa. Era evidente que havia investigado sobre os Liu e que também me espionava. Como é possível uma mulher odiar tanto o homem que um dia amou?

Nos aproximamos de minha casa. Talvez a criança estivesse acordada chorando por mim. De qualquer maneira, eu não teria entrado na casa se ele mesmo não tivesse ido até a porta e aberto sem minha ajuda.

— Suba na frente — ele disse. — Quero ver a criança.

— Você não vai ver ninguém — gritei. Desesperada, me desvencilhei e o encarei, bloqueando a escada.

— Se usar de violência — declarei —, os inquilinos virão me ajudar. Eles me conhecem!

Ele soltou meu braço.

— Bah! — ele disse. — Não me interessa a criança. É com você que quero me reconciliar. Você não entende, Minnie, que sempre serei seu marido? Desde que te vi outro dia na rua, estou mais apaixonado que nunca. E se esquecermos tudo para recomeçar do zero?

Embora o tom de sua voz tivesse suavizado, meu medo só aumentou. Eu teria subido as escadas correndo se ele não tivesse agarrado meu braço novamente.

— Responda, mulher — ele disse.

Apesar de todo o medo, me soltei de sua mão e respondi:

— Você não é mais meu marido, nem legal nem moralmente. A única coisa que sinto por você é desprezo.

— Ah! Então você sucumbiu! — sua expressão era maligna. — O chininha ensebado te conquistou!

Eu já não tinha mais medo dele.

— Conquistou! — gritei sem me preocupar em ser ouvida. — Sim, com a honra que um homem deve ter. E como ousa zombar de alguém como ele? Mesmo com seus dois metros de altura, sua alma nem se compara à grandeza da dele. Você não protegeu nem se importou com a mulher que era sua esposa ou com a filha que ajudou a trazer para este

mundo. Ele me socorreu. Sim, acolheu a mim, uma estranha! Me tratou com todo o respeito. Deu um lar à minha filha, nos deu independência, não somente perante os outros, mas perante ele mesmo. Agora que você o insulta covardemente, entendi o que ainda me faltava: que eu o amo e tudo o que tenho a dizer para você é: “Suma daqui!”

E James Carson se foi. Só ouvi dele mais uma vez, quando os jornais anunciaram sua morte por apoplexia ao se exercitar em uma quadra pública.

Quanto ao querido Liu Kanghi, eu me tornei sua esposa. Embora seja verdade que muitos americanos reprovem essa atitude, eu nunca me arrependi, nem mesmo quando os homens lançam sobre mim os mesmos olhares que lançam para prostitutas. Aceito ser a esposa americana de um humilde chinês na América. A felicidade do homem que me ama é mais importante que a aprovação ou reprovação daqueles que nos dias mais difíceis me deixaram para morrer como um cão. Meu marido chinês não é perfeito. Às vezes ele é mal-humorado e arbitrário, mas é sempre um homem e nunca tentou tirar de mim o privilégio de ser simplesmente uma mulher. Posso confiar nele cegamente. Sinto que me apoia, me protege e se importa comigo. Isso, para uma mulher simples como eu, significa mais do que qualquer outra coisa.

Somente quando o filho de Liu Kanghi deita sua cabeça em meu colo é que me pergunto se tomei a decisão correta. Meu filho, filho de um chinês, possui uma sabedoria infantil que faz brotar lágrimas em meus olhos. Nasceu de mim e de seu pai, mas é diferente de nós dois e, portanto, ficará para sempre entre um povo e outro. Qual será seu destino se não houver tolerância e compreensão entre nós?

SEU MARIDO CHINÊS

*Uma continuação da história da mulher branca que se casou
com um chinês.*

Agora que Liu Kanghi não está mais comigo, sinto que meu coração ficará mais aliviado se registrar algumas memórias dele — se eu for capaz. A tarefa que me cabe não é corriqueira, pois minha mente está repleta de provas irrefutáveis do amor que ele sentia por mim e das coisas que disse e fez. Minhas memórias são vívidas e insistentes; meus sentimentos, os mais ternos.

Por meu marido chinês eu era capaz de enfrentar meus pequenos medos e problemas. Com ele eu podia falar, como as mulheres adoram fazer, do passado e do futuro, dos mistérios da religião, de vida e de morte. Ele se sentia superior ao discutir esses assuntos comigo. Com ele eu nunca me sentia estranha ou envergonhada. Meu marido chinês tinha hábitos simples. Ele gostava de ouvir uma boa história e, embora não fosse exatamente erudito, era capaz de distinguir a boa e a má literatura. Isso advinha de sua educação chinesa. Um dia ele me contou que achava as histórias da Bíblia mais chinesas que americanas e completou: “Se não tivessem me contado,

eu diria que foram escritas por chineses”. Para ele, a música tinha um efeito calmante, mas não despertava grande interesse. Sua mente não se perdia nela, mas gostava de ouvi-la do mesmo modo como admirava uma linda pintura. Ele apreciava artesanato tanto quanto eu. Ainda posso ver seu rosto, sério e preocupado, quando certo dia derrubei por descuido um pouco de nanquim sobre uma peça que estava bordando. Quando voltava à noite e me encontrava cansada e precisando de cuidados, ele mesmo fazia o jantar e até parecia ter muito prazer em apresentar suas habilidades culinárias. Na noite seguinte, se encontrava tudo pronto, fazia piada e dizia estar muito desapontado por eu estar cuidando de tudo tão bem.

Às vezes, a cinzenta memória de James Carson voltava. Se muito tempo atrás eu me paralisava com a raiva fria e desprezível que ele demonstrava em certas ocasiões, agora me distraio com as diferenças entre esses dois homens que foram meus amantes e maridos.

James Carson foi um amante muito mais ardente que Liu Kanghi. Na verdade, foi sua paixão, verdadeira ou fingida, que me fez largar tudo por ele. Quando me namorava, sempre reclamava de minha frieza e falta de sentimentos, chegava a me comparar a uma estátua de mármore ou pior. Eu, uma pobre menina ignorante, me perguntava como podia dar essa impressão quando por dentro me sentia tão diferente.

Dei a James Carson meu primeiro amor. Minha vida toda girava em torno dele como nunca antes havia acontecido com nenhum outro homem. E mesmo assim...

Não havia nada de fingido em meu marido chinês. Continuou sendo simples e sincero depois do casamento como sempre fora antes. Enquanto minha união com James Carson significava decepção, amargor e pequenez, com Liu Kanghi era, no geral, feliz, saudável e fortificante. Sendo que o primeiro, de acordo com os ideais americanos, era um homem educado e de mente aberta, enquanto o outro não passava de um chinês comum.

Mas o chinês comum que apresento a vocês é o tipo de homem amado pelas crianças, pássaros, animais e por algumas mulheres. Toda manhã ele ia até a janela chamar seus pombos, que pousavam ao seu redor, arrulhando em resposta ao seu assobio. A casa onde morávamos era a mesma desde que ele viera para a América. Ficava sobre sua loja e era espaçosa e arejada. A mobília era toda chinesa, mas era esplendorosa. Madeira escura, quase negra, esculpida e clássica, com algumas peças entalhadas com madrepérola. De um lado da sala ficava uma estante com livros e um quadro de culto a seus ancestrais. Eu via Liu Kanghi tocar o quadro com respeito, mas a fé de seus pais não era suficiente para que ele se curvasse diante dele. A elegante simplicidade desses

cômodos me surpreendeu da primeira vez que entrei lá. Eu olhava para ele, parado por um instante diante da janela, com um pombo solitário ao seu lado, talvez se perguntando quem seria a pessoa que agora dividia a atenção de seu amigo. Assim ele vivia desde que chegara a este país — tranquilo e sereno — dos vinte aos vinte e cinco anos. Eu mesma me sentia uma intrusa. Era um sentimento de pena pelo rapaz, pois eu o via assim, apenas um rapaz, quando sua alegria despertava meu coração. Por que atrapalhar sua calma? Seria obra do destino, como ele dizia?

Minha filhinha o amava mais do que a mim. Ele adorava brincar com ela, passar os dedos pelos seus cachos, prender sua faixa e todas as pequenas tarefas que muitos evitam.

Certa vez a bebê pegou uma ratoeira e a segurava de tal maneira que ao menor movimento a mola dispararia a haste de aço em seus braços delicados. Os olhos de Kanghi e os meus viram o perigo ao mesmo tempo. Fiquei paralisada pelo terror. Kanghi foi tranquilamente até ela e tirou a armadilha de suas mãos. Depois me pediu que o ajudasse a soltar seus dedos. Quase desmaiei ao ver aquilo. “Não havia outro jeito”, ele disse. Tivemos de chamar o médico e por pouco o quadro não evoluiu para uma septicemia.

Já ouvi gente dizer que ele era um excelente comerciante, e eu acredito. Mas nunca conversamos sobre seus

negócios. Eu só me interessava pelas lindas peças e pelas mulheres que vinham provocá-lo. Ele sabia como lidar com elas. Obviamente as mulheres não sabiam que eu era sua esposa. Certa vez, uma moça de roupas caras lhe deu seu cartão e pediu que entrasse em contato. Depois que saiu, ele me deu o cartão. Eu o rasguei. Ele dizia que eram ossos do ofício e não se deixava encantar. “Elas fazem parte da vida de Chinatown”, explicava.

Ele era membro do Clube Reformador, um clube social chinês, e do Conselho do Comércio Chinês. Adorava discutir as políticas comerciais chinesa e americana com seus compatriotas e muitas vezes ficava lá até mais tarde, longe de mim. Mas nunca me preocupei com isso.

Liu Kanghi era tão pequeno quanto grande. Por exemplo, ele achava que sabia mais que eu o que era melhor para minha saúde e outras coisas muito pessoais. Se minhas ideias fossem contrárias ou não totalmente alinhadas às dele, bradava vigorosamente e chamava de “tolice de mulher”. Se admirava algum vestido, pedia que eu o usasse em toda ocasião possível e não parecia entender que nem sempre seria o mais adequado.

— Use o vestido com listras prateadas — disse certa vez em um tom autoritário. Eu já estava vestida para sair, mas não como ele gostaria. Respondi que o vestido de listras prateadas não era ideal para um passeio longo de carro em estradas de terra.

— Não importa se é ideal ou não — ele disse. — Gostaria que usasse.

— Tudo bem — respondi. — Vou usar, mas não vou sair de casa.

E fiquei em casa, e ele também.

Outra vez ele reprovou algumas opiniões que expressei diante de seus compatriotas.

— Você não pode falar daquele jeito — ele disse. — Vão pensar que você não é uma boa mulher.

Meu sangue branco ferveu e respondi a ele de um modo que ainda me arrependo ao lembrar. Kanghi nunca quis me insultar ou ferir. Autoritário por natureza, às vezes falava antes de pensar... e tinha uma urgência infantil em me apresentar da melhor maneira possível para seu povo.

Havia outras coisas também: uma espécie de ciúme juvenil e suspeitas que eram difíceis de acalmar. Uma esposa nem sempre consegue perdoar seu marido. A sinceridade e a força de seu amor, embora verdadeiros, às vezes pareciam fúteis e mesquinhos.

Sim, a vida com Liu Kanghi tinha seus desafios e atribulações. Havia uma constante incerteza sobre sua vida na América, uma constante irritação causada pela suposição dos homens de que mulheres brancas não podiam amar um marido chinês ou suas ações. Eram observações sarcásticas e

ofensivas. Da parte de Liu Kanghi também havia a incômoda consciência de que eu não pertencia a ele como esposa pois na verdade eu era da raça dominante. Isto era dito inclusive em tom de desprezo. Esse preconceito se manifestava na forma de palavras e gestos que me irritavam pela dor e humilhação. “Kanghi”, eu dizia com aspereza, pois precisava encobrir meu carinho, “não fale assim comigo. Você é meu superior. Eu não o amaria se isso não fosse verdade”.

Mas apesar de tudo o que eu dissesse, esse preconceito permanecia entre nós na forma, eu diria... de uma barreira racial, estranha e invisível.

Às vezes, ele falava em voltar para a China, o que me aterrorizava. Eu ouvira os rumores das esposas secundárias. Certa tarde a prima de Liu Kanghi, com quem eu havia morado, veio me visitar e mostrou uma carta que havia recebido de uma menina chinesa nascida e criada na América até os dez anos. O último parágrafo dizia: “Emma e eu estamos muito tristes pois gostaríamos de voltar à América”. A prima de Kanghi explicou que o pai das meninas, por não ter filhos homens, havia se casado com outra mulher e a nova esposa morava com as meninas e a mãe.

Aquilo foi antes de nosso bebê nascer. Na mesma noite eu disse a Kanghi que nunca esperasse que eu fosse à China com ele.

— Sabe — comecei —, vejo você como uma parte de mim.

Ele não me deixou dizer mais nada. Depois de algum tempo ele falou:

— É verdade que na China um homem pode até ter uma esposa secundária, mas tradição é tradição, não somente porque filhos homens foram negados à primeira esposa, mas porque a primeira esposa é escolhida pelos pais e guardiões antes que um homem seja um homem de verdade. Se um chinês se casa por amor, sua vida é completa e ele não precisa de uma esposa secundária. Nem mesmo para ter um outro filho. Tome a mim mesmo como exemplo, seu Grande Marido.

Às vezes, eu comentava sobre sua aparência e modos juvenis, e era por isso que, quando estava de bom humor, chamava a si mesmo de “Grande Marido”. Nem sempre ele era infantil. Eu o via resolvendo os problemas de seus amigos, as discussões de seu clã e outras responsabilidades. Ele agia e se parecia com um homem do dobro de sua idade.

Mas apesar dos estranhos costumes matrimoniais de seu povo, eu os considerava muito mais éticos que a maioria dos americanos. Quando eu dizia isso, Liu Kanghi respondia:

— Os americanos pensam mais longe. Se pelo menos alguns deles realizassem o que pensam, os chineses não ficariam confusos ao tentar seguir suas ideias.

Se algum homem já ficou feliz pelo nascimento de um filho, esse homem foi Liu Kanghi. O menino nasceu com um véu em seu rosto.¹³

— Um profeta! — gritou a enfermeira, uma mestiça sino-judia. — Um profeta chegou ao mundo.

Ela disse isso ao pai quando chegou para ver a criança.

— Ele é meu filho e só isso me importa.

Mas estava tão feliz que deu banquetes e festas para seus amigos chineses pelas duas semanas seguintes. Certa noite ele entrou e me encontrou chorando com o bebê no colo. Nunca me esquecerei de sua expressão.

— O que é isso? — murmurou, puxando minha cabeça para o seu ombro. — Qual o motivo do choro? A criança é linda! Ela tem um coração sensível e uma mente brilhante. E vamos fazer com que ele se orgulhe por ter sangue chinês. Ele não terá medo de nada. Para ele, a palavra mestiço não será razão para desonra.

Quando jovem, Kanghi estudou em Hong Kong, onde fez amizade com vários rapazes chineses mestiços com ingleses.

— Eram os mais inteligentes de todos — contava. — Eles mesmos se rebaixavam aos olhos dos chineses, tinham vergonha e tentavam esconder sua linhagem.

13 Ocorrência rara que acontece a cada oitenta mil nascimentos, a membrana da placenta e o líquido amniótico continuam a envolver a criança após o parto.

Sua teoria, portanto, era de que se seu próprio filho crescesse orgulhoso e não envergonhado por ser meio chinês ele seria um grande homem.

Talvez ele estivesse certo, mas não percebia o que eu previa na posição de uma mãe americana: o conflito.

Quando o pequeno Kanghi já tinha mais de um mês, encontramos uma mulher de confiança para cuidar dele. Meu marido passou a me chamar para acompanhá-lo à loja com mais frequência e a vida se tornou ainda mais prazerosa. Jantávamos sempre no restaurante chinês de um amigo e depois íamos ao teatro, concertos e outras diversões. Frequentemente encontrávamos americanos com quem ele tinha algum contato por causa dos negócios. Seus olhos brilhavam de orgulho quando ele me apresentava aos seus conhecidos ocidentais. O ciúme e as desconfianças do primeiro ano de casamento já não pareciam incomodá-lo e, embora eu ainda me arrepie com os olhares de estranhos, sei que meu marido chinês foi um homem feliz por muitos anos.

Agora, encerro minha história. Ele saiu de casa certa manhã seguido até o portão pela menina e o menino. Havíamos nos mudado para uma casa no subúrbio.

— Quero uma bola vermelha — pediu a menina.

— Eu também — gritou o menino.

— Combinado, meus pintinhos — ele respondeu acenando.

Ele foi trazido para casa à noite, baleado na cabeça. Há alguns chineses, assim como americanos, que são contrários ao progresso e odeiam amargamente aqueles que iluminam ou são iluminados.

Mas não tenho vontade de falar sobre isso. Só posso me lembrar de que havia duas bolinhas vermelhas em seus bolsos quando trouxeram meu marido chinês para casa. Esse era Liu Kanghi, um Grande Marido.

A AMERICANIZAÇÃO DE PAU TSU

I

Quando Wan Hom Hing veio para Seattle abrir uma filial do comércio que sua firma mantinha com tanto sucesso em diferentes portos da China, ele trouxe seu sobrinho consigo, Wan Lin Fo, à época com dezoito anos. Wan Lin Fo era um jovem chinês muito bem-educado com grandes olhos brilhantes e ouvidos aguçados. Em poucos anos ele sabia tanto sobre os negócios quanto seus sócios mais experientes. Acima de tudo, aprendeu a falar e a escrever na língua americana com tal fluência que nunca deixava uma pergunta de um homem branco sem resposta, como às vezes era necessário, quando tentavam se impor. “Muito trabalho e pouca diversão”, contudo, vai contra os princípios de um jovem chinês assim como de um americano. Então, de vez em quando Lin Fo passava tardes no Clube Literário Chinês, na sobreloja do restaurante chinês, discutindo com alguns bons amigos os trabalhos

mais importantes dos sábios chineses, entre outros assuntos. O dia do Ano Novo, ou melhor, a semana, também era agraciada com sua presença. Esquecia-se do trabalho vestido com trajes nacionais da mais fina seda para “colorir o azul do céu depois da chuva”, ia à casa de amigos chineses e americanos e distribuía moedas de prata e ouro entre os jovens das famílias que visitava.

Foi em uma dessas visitas de Ano Novo que Wan Lin Fo acabou revelando à família de seu pacato parceiro comercial americano, Thomas Raymond, que estava apaixonado. Aconteceu assim: umas das jovens senhoritas da casa, de rosto claro e belo, e de modos alegres, percebeu ao servir uma xícara de chá a Lin Fo que seus olhos estavam melancólicos e perguntou a ele o motivo:

— Srta. Adah — respondeu Lin Fo. — Posso lhe contar uma coisa?

— Mas é claro, sr. Wan — respondeu a garota. — Sabe que adoro ouvir suas histórias.

— Não se trata de história. Srta. Adah, você inspirou amor em mim...

Adah Raymond ficou sem ação. Wan Lin Fo continuou vagarosamente.

— ...pela garota na China a quem sou prometido.

— Ah, sr. Wan! Que bom ouvir isso. Mas o que eu fiz?

— Isto, srta. Adah! Sempre que venho a esta casa, vejo você, tão boa e linda, servindo chá e espalhando alegria, e penso que se algum dia tiver ao meu lado, em minha casa, alguém tão boa e linda, minha vida será extremamente feliz!

— Não devia me bajular tanto, sr. Wan!

— Só estou dizendo o que meu coração sente. Mas não falarei de você. Vou falar de Pau Tsu.

— Pau Tsu?

— Sim. É o nome de minha futura esposa. Significa pérola.

— Que lindo! Conte-me sobre ela!

— Eu estava prometido a Pau Tsu antes de deixar a China. Meus pais a adotaram para que fosse minha esposa. Se bem me lembro, ela tinha olhos lindos e as bochechas coradas como o vermelho de boa sorte. Sua boca era como uma folha de videira e tinha sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Seu corpo era magro como um salgueiro e, ao falar, sua voz parecia música, com todas as notas em perfeita harmonia.

Adah Raymond bateu palmas suavemente.

— Ah! Já nessa época você estava apaixonado por ela.

— Não — replicou Lin Fo pensativo. — Eu era jovem demais para estar apaixonado... só dezesseis anos. Pau Tsu tinha treze. Mas, como confessei, você me fez lembrar e me apaixonar por ela.

Adah Raymond não era uma garota convencida, mas nem que tentasse conseguiria reagir à fala de Lin Fo.

— Agora tenho vinte e dois — continuou. — Pau Tsu tem dezoito. Amanhã devo escrever aos meus pais e convencê-los a enviá-la a tempo do Festival da Primavera.¹⁴ Meu irmão mais velho se casou no ano passado e sua esposa agora está sob a responsabilidade de meus pais. Então Pau Tsu, que já foi uma filha naquela casa por tantos anos, pode ser entregue a mim.

— Ela deve ser uma coisinha linda — comentou Adah Raymond.

— Você vai comprovar quando conhecê-la — respondeu Lin Fo, orgulhoso. — Meus pais dizem que ela está sempre feliz. Ela encontra alegria em cada pássaro, flor ou gota de orvalho.

— Ficarei feliz em conhecê-la. Ela fala inglês?
Seu rosto se fechou.

— Não — ele respondeu. — Quando ela vier, vai ter de aprender a falar e a ser como você.

14 A mais importante data nacional da China, o Festival da Primavera é o feriado no qual os chineses voltam para casa para se reunirem com suas famílias. Por essa razão, essa festa é tida como um dia de retorno às próprias raízes. Tais reuniões ocorrem na Véspera do Ano Novo lunar.

II

Pau Tsu chegou com a primavera e Wan Lin Fo era o mais feliz e orgulhoso dos noivos. A pequena noiva realmente era muito linda — até para os critérios americanos. Ela parecia transitar entre as cores ocidentais e orientais, entre as luzes e sombras de seus vestidos cor de pêssego e ameixa. Seus pequenos braços e mãos eram carregados de joias e seus cabelos brilhantes decorados com maravilhosas presilhas e varetas.

Quando ela chegou, mostrou logo que Lin Fo não havia sido esquecido. Seus olhos sob as pálpebras cansadas da viagem logo o descobriram: ele a esperava entre um grupo de jovens comerciantes chineses no convés de um barco.

O apartamento que ele preparou para ela tinha mobília em estilo americano e sua frágil figura com vestes orientais a princípio pareceu bastante deslocada. Contudo, não demorou para que ela abrisse uma grande caixa que trouxera na viagem, cheia de telas, leques, vasos, almofadas, tapetes chineses, flores, pássaros artificiais, diversas esculturas e peças de porcelana clássica. Com isso, ela transformou o apartamento em uma residência oriental, ao ponto de montar um pequeno santuário em seu quarto, onde aninhou a Deusa da

Misericórdia,¹⁵ dois quadros de culto aos ancestrais e outros emblemas de sua fé nos deuses de seus pais.

As srts. Raymond a convidaram logo após sua chegada. Ela sorriu e pareceu feliz. Timidamente presenteou cada menina com uma xícara e um pires chineses, além de dois vasos antigos com desenhos excêntricos que Lin Fo tentou explicar a elas o significado.

As garotas ficaram maravilhadas com os presentes e, como elas mesmas disseram, apaixonaram-se pela pequena noiva. Por meio de seu marido, convidaram-na para uma festa que planejavam para a próxima quarta-feira, no lago Washington.

Lin Fo aceitou o convite em nome sua esposa. Ele se sentia como membro da família americana e, como chinês jovem e bem-educado, divertia-se com a constante empolgação dela. Além do mais, ele tinha para si que a companhia das meninas americanas seria ótimo para Pau Tsu aprender as maneiras e a língua da terra na qual ele esperava fazer fortuna.

15 A Deusa da Misericórdia (Guanyin, Kuan Yin ou Guan-Yin) é, para o budismo chinês, o *bodhisattva* (pessoa comum que segue um curso em sua vida que a leva na direção de Buda) de infinita compaixão e misericórdia. Para os chineses, *bodhisattvas* como Guanyin são seres iluminados que adiaram sua ida ao paraíso para ajudar outras pessoas a alcançar a iluminação.

Wan Lin Fo era um legítimo filho da China Central e, secretamente, tinha pena daqueles que nasceram fora dessa influência. Mas havia muitos americanos que ele admirava. Ele também tinha sentimentos respeitosos por um ditado que pendurou em seu quarto: “Quando em Roma, faça como os romanos”.

— Neste país, o que é bom para os homens também é bom para as mulheres — disse a Pau Tsu quando ela refletia sobre sua sugestão de fazer algumas aulas de inglês para mulheres brancas.

— Aprender a nova língua pode ser bom para um homem que trabalha na rua — ela suspirou —, mas de que vale para uma mulher que vive somente dentro de casa para atender ao seu marido?

Contudo, era raro que discordasse de algum desejo de Lin Fo. Como sua madrinha dizia, ela era uma criatura dócil e feliz. Amava seu marido acima de tudo.

Entretanto, com o passar dos dias e semanas, a noiva, que havia vivido no calmo ambiente de um lar chinês, fazendo trabalhos domésticos, bordados, guardando luto, tomando chá e tendo conversas amenas com as amigas, sentiu-se aturdida com as novidades e a dinâmica do novo mundo em que subitamente se viu atirada. Ela não entendia, apesar dos esforços de Lin Fo, por que deveria aprender a língua e

adotar os costumes estrangeiros. Ela e seu marido falavam a mesma língua. Ficava confusa ao ver e ouvir sussurros e sons que não faziam sentido para ela. E por que era necessário receber visitas quase todas as noites? Eram visitantes que ela não podia compreender e que não a compreendiam. Ela era alvo de seus sorrisos e olhares curiosos, que ela assimilava como Vashti, ou melhor, Ester.¹⁶ Sentia-se obrigada a comer com os talheres desajeitados e de aspecto violento dos americanos em vez de seus palitos elegantes e fáceis de manipular.

Adah Raymond, que a pedido de Lin Fo era uma visita constante, notou que o rosto de Pau Tsu minguava a cada dia. Seu sorriso, com o qual ela sempre a recebia, embora doce, agora era melancólico. Seu instinto feminino a avisou de que algo estava errado, mas era difícil ter acesso ao íntimo da moça. Ela segurava as mãos trêmulas de Pau Tsu nas suas, fortes e brancas, e as apertava com amor e simpatia. A chinesa olhava para o rosto acima do seu e pensava consigo: “Não me admira que ele queira que eu seja como ela!”.

16 Vashti foi Rainha da Pérsia e a primeira esposa do rei persa Assuero no *Livro de Ester*. Ela foi banida por sua recusa em exibir sua beleza durante um banquete. Ester foi escolhida para sucedê-la como rainha. Às vezes, Vashti é descrita como má e vaidosa ou vista como uma heroína independente em interpretações feministas.

Se por acaso Lin Fo chegasse antes de Adah Raymond sair, ambos tinham conversas animadas e inteligentes. Tinham muitos interesses em comum a discutir assim como os jovens que vivem por muito tempo nas promissoras cidades do oeste. Mas para Pau Tsu, que servia chás e doces, aquilo tudo era grego. Ou melhor, americano.

— Veja o que trouxe para você, minha pérola — disse Lin Fo certa tarde ao entrar no apartamento acompanhado por um mensageiro que depositou uma grande caixa de papelão no meio da sala.

Com murmúrios de surpresa, Pau Tsu se aproximou e o mensageiro se afastou para que Lin Fo cortasse o barbante. Dali, tirou um lindo vestido rendado de gala e um traje de passeio azul escuro, ambos em estilo americano.

Por um momento fez-se silêncio na sala. Lin Fo olhou surpreso para sua esposa. Seu rosto empalideceu e seu corpo tremia. Ela recolheu suas mãos para dentro das mangas.

— Ora, Pau Tsu! — ele exclamou. — Achei que ficaria feliz.

A garota curvou-se sobre o vestido de renda transparente, tomou o babado em suas mãos e o acariciou sobre seu joelho. Então, com um sorriso, olhou para o seu marido e respondeu:

— Você é tão bom e gentil. Não sou merecedora. Falo baixo porque estou tomada de felicidade.

Depois, com palavras de alegria e admiração, ela tirou os vestidos de dentro da caixa e os estendeu cuidadosamente sobre o sofá.

— Quero que se vista como uma mulher americana quando sairmos ou recebermos — disse o marido. — É como os americanos fazem na América. Não percebeu, luz dos meus olhos, que visto os trajes de nosso país e uso tranças somente no Ano Novo e nos feriados nacionais? A esposa deve agir sempre como seu marido.

Uma risada nervosa escapou dos lábios de Pau Tsu.

— Quando eu vestir isto — ela disse tocando o traje de passeio —, ficarei parecida com sua amiga, a srta. Raymond.

Ela bateu palmas alegremente, mas quando seu marido saiu para o trabalho ajoelhou-se e chorou copiosamente.

III

Durante a estação das chuvas Pau Tsu foi acometida por uma tosse terrível. Para uma filha da China Setentrional, o clima frio e úmido do estuário de Puget era cruel demais. Seus delicados pulmões sofriam. Lin Fo ficou muito preocupado com seu estado de saúde e confessou seu nervosismo ao encontrar Adah Raymond por acaso na rua. A sensível

garota imediatamente o acompanhou até sua casa. Pau Tsu estava deitada no sofá, com febre e dificuldade para respirar. A americana sentiu suas mãos e testa.

— Ela precisa de um médico — disse, mencionando o nome do médico de sua família.

Pau Tsu estremeceu. Desta vez, entendeu um pouco do inglês.

— Não! Não! Um homem não, não! — gritou.

Adah Raymond olhou para Lin Fo.

— Entendo — disse ela. — Há várias médicas na cidade. Vamos chamar uma.

Mas o rosto de Lin Fo não se perturbou.

— Não! — ele declarou. — Estamos na América. Pau Tsu deve ser atendida pelo seu médico.

Adah Raymond ia protestar quando a esposa doente tocou em sua mão e sussurrou:

— Eu não importa. Homem tudo bem.

Então a garota calou-se, pois entendeu que se a esposa não queria contrariar a vontade do marido, não seria ela a discordar. Seu coração, porém, se condeou em compaixão quando Pau Tsu abriu os botões da blusa para o estetoscópio.

— Foi como mandar uma ovelha para o abate — contou à sua irmã posteriormente. — Pau Tsu permaneceu imóvel, de olhos e lábios cerrados, enquanto o médico esteve ali.

Depois que ele saiu, ficamos as duas sozinhas. Ela tremia e gemia, como se delirasse. Acredito honestamente que a consulta foi pior que a morte para aquela pobre chinesa. A discrição de gerações femininas foi destruída quando ela abriu a gola de sua túnica de seda.

Uma semana após a visita do médico, mesmo com o tratamento da tosse, Pau Tsu ainda não estava melhor. Ela tocava seu alaúde sussurrando uma canção que dizem ter sido escrita em um leque e dado de presente a um antigo imperador chinês por uma de suas esposas:

*— De seda nova em folha,
Toda branca,
E leve como a lua da colheita,
Uma promessa de pureza e amor,
Um presente desta sua.*

*Durante todo o verão,
Em seus braços
Ou aninhada em seu peito,
Acalmarei sua frente febril,
E te encantarei com meu jeito.*

*Mas, ah, com o frio vento do outono,
Já abandonado, sem amor,*

*Nos dias nublados e frios,
Será só pó e bolor.*

*Aceite este leque de seda,
Triste herança do meu povo,
Que acariciou e cuidou de você,
Para ser esquecido de novo.*

— Por que tanta melancolia, minha pérola? — perguntou Lin Fo ao entrar em casa.

— Quando um pássaro está prestes a morrer, seu canto é triste — respondeu Pau Tsu.

— Mas você não vai morrer... você foi feita para viver — declarou Lin Fo, puxando-a para perto e olhando seu rosto que a cada dia parecia mais frágil e translúcido.

IV

Um garoto mensageiro chinês subiu a rua correndo e entrou na loja da Wan Hom Hing & Co. Perguntou pelo sócio mais novo. Quando Lin Fo se adiantou, entregou a ele uma graciosa e florida carta, cuidadosamente dobrada e com seu nome. Ele a abriu e leu:

Caro e honrado Marido,

Sua Pau Tsu não é merecedora e não tem coragem de encarar sua provação como deveria. Portanto, ela se foi e ora para que obtenha seu divórcio, como é o costume americano. Assim você será feliz com a Bela Senhorita, muito superior a Pau Tsu. Isto eu digo pois vejo com seus olhos, nos quais ela brilha como uma estrela. Caso contrário, por que manteria Pau Tsu obrigada a imitá-la? Tentei obedecê-lo e me tornar uma mulher americana, mas estou muito cansada e o pavor do que está reservado a mim foi superado.

Seu espinho incômodo, Pau Tsu

Lin Fo dobrou mecanicamente a carta e a meteu no bolso do paletó. Um cliente perguntou a ele o preço de uma bandeja laqueada:

— Uma ótima manhã para o senhor — ele respondeu, pegando seu chapéu.

O cliente e os vendedores observaram boquiabertos ele sair da loja.

Na rua, o destino o fez encontrar com Adah Raymond. Ele a teria ignorado caso não o tivesse chamado.

— Qual é o problema, sr. Wan? — ela perguntou. — Você está muito estranho.

— Você não pode entender o peso das minhas dificuldades — ele respondeu sem parar para falar com ela.

Mas Adah Raymond era persistente e estava preocupada com Pau Tsu.

— Tem algo errado com sua esposa — ela disparou.

Lin Fo voltou-se para ela.

— Você sabe onde ela está? — perguntou com certa suspeita.

— Ora, não! — exclamou a garota, surpresa.

— Bem, ela me deixou.

Por um momento, Adah Raymond não podia acreditar. Indignada, mirou o esposo abandonado.

— Você mereceu! — ela exclamou. — Eu já desconfiava. Seu tratamento com aquela alma bela e doce era cruel e arbitrário.

— Perdão, srta. Adah? — retrucou Lin Fo. — Não estou entendendo. Pau Tsu é o meu próprio coração. Como poderia ser cruel com ela?

— Ah, seu burro — exclamou a garota. — Você é um chinês, mas é quase tão burro como um americano. Sua crueldade era forçar Pau Tsu a ser algo que sua natureza nunca desejou: uma mulher americana. Adaptar-se e adotar em poucos meses todos os modos e costumes. Percebi isso logo, mas Pau Tsu era delicada e pacífica demais para en-

xergar qualquer falha em seu marido e não tinha coragem de abrir seus próprios olhos... ou os seus. Não acha que foi por isso que ela se foi?

— Acho — murmurou Lin Fo. Ele estava completamente arrasado. — E por outras coisas também.

— Que outras coisas?

— Ela... tinha... medo... do médico.

— Tinha mesmo — disse agressivamente. — Culpa sua! Lin Fo voltou a caminhar, mas a garota se manteve ao seu lado.

— Você queria que sua esposa fosse uma mulher americana enquanto você continuava a ser um chinês com ela. Mesmo com todo o seu empenho em se adaptar ao estilo de vida americano, você ainda é totalmente chinês. Acha que algum americano ousaria tratar sua esposa como você a tratava?

Wan Lin Fo não respondeu. Ele se perguntava como é que podia ter desejado que sua gentil Pau Tsu agisse como essa mulher sem controle. Agora Pau Tsu havia partido. Sua angústia momentânea o fez esquecer da presença e das palavras de sua amiga. Seu silêncio acalmou a garota americana. Afinal, homens, mesmo os chineses, não passam de meninos crescidos e desajeitados. Não era seu costume chutar um homem que já estava caído.

— Vamos, anime-se. Nós vamos encontrá-la — ela disse, repentinamente mudando de tom. — Provavelmente sua empregada tem amigos em Chinatown que a hospedaram.

— Vou encontrá-la — disse Lin Fo resoluto. — Não me importa se ela não fala uma só palavra em inglês. Vamos viajar para a China para que nosso filho nasça no país mais amado pelos céus.

— Agora não há muito a ser feito para reparar o sofrimento dela. Quanto à americanização de Pau Tsu, ela virá com o tempo. Tenho plena certeza de que se eu fosse mandada para o seu país e obrigada a me tornar uma mulher chinesa em dois ou três meses eu seria uma grande decepção para quem tivesse depositado esperanças nisso.

Horas se passaram antes de qualquer pista da desaparecida. Todos os amigos e conhecidos da pobre Pau Tsu foram consultados e avisados. Se algum deles sabia do paradeiro da jovem esposa, nenhum se pronunciou. Embora o rosto de Lin Fo estivesse sério para esconder sua preocupação, a simpatia dessas pessoas certamente não era direcionada a ele.

Todos já se preparavam para desistir das buscas quando um garotinho, com um colar de contas azuis nas mãos, chamou a atenção do jovem marido. Ele reconheceu a gargantilha, um presente de Pau Tsu para a criada, A-Toy. Ele mesmo havia comprado. Parou e perguntou ao pequenino.

Para sua grande alegria, descobriu que sua esposa e criada estavam na casa do menino, com sua avó, uma senhora praticante da fitoterapia.

Adah Raymond sorriu alegre para seu amigo, agora evidentemente aliviado.

— Vai ficar tudo bem — ela disse seguindo Lin Fo a caminho da casa indicada pelo rapazinho.

Ao chegar, ela sugeriu que o marido entrasse na frente, sozinho. Ela entraria logo mais.

— Srta. Ada — disse Lin Fo. — Peço dez mil vezes desculpas, mas talvez seja melhor que veja minha esposa outro dia, não hoje.

Ela hesitou, envergonhada e humilhada.

Adah Raymond logo entendeu o significado do problema que enfrentavam, o motivo da tristeza de Pau Tsu.

— Deus, como somos tolos! — falou sozinha a caminho de casa. — Eu devia ter desconfiado. O que mais Pau Tsu poderia pensar? Veio de um país onde as mulheres não têm amigos homens, exceto seus maridos. Ela devia sofrer muito sob seus sorrisos! Que alma corajosa, pobrezinha!

NA TERRA DA LIBERDADE

I

Veja, Pequenino... as montanhas à luz da manhã. Este será seu lar pelos próximos anos. É tudo lindo e você será muito feliz aqui.

O Pequenino levantou seu rosto para a mãe em completa admiração. Ele estava distraído comendo uma fruta cristalizada, mas isso não o impediu de gorgolejar uma resposta.

— Sim, meu broto de oliveira, é lá que seu pai está acumulando uma fortuna para você. Seu pai! Ah, você vai ficar tão feliz em ver seu amado rosto. Foi por você que eu o deixei.

O Pequenino apertou sua bochecha alegremente contra o joelho da mãe. Ela o pegou no colo. Ele tinha dois anos, era um menino gorducho com covinhas, vivos olhos castanhos e muito robusto.

— Ah, ah, ah! Uh, uh, uh! — balbuciou, apontando para um rebocador a vapor que passava.

O horizonte marítimo de São Francisco estava repleto de barcos e vapores em movimento. Outras embarcações,

maiores e menores, incluindo um par de barcos de passageiros vindo das Filipinas, estavam ancorados mais ao longe. Levaria ainda algum tempo antes do Eastern Queen atracar e ainda depois disso, um solitário chinês aguardaria no cais por uma hora e seria detido por muito mais tempo por homens com as iniciais U. S. C.¹⁷ em seus quepes. Somente após isso ele poderia embarcar no vapor e recepcionar sua esposa e filho.

— Este é o seu filho — anunciou a alegre Lae Choo.

Hom Hing levantou a criança, apertou seu corpinho todo e olhou em seu rosto com olhos orgulhosos e felizes. Depois virou-se para um fiscal aduaneiro ao seu lado e lançou um olhar indagador:

— Mas que belo menino você tem aí — disse o homem.
— Onde ele nasceu?

— Na China — respondeu Hom Hing jogando o Pequenino sobre seu ombro direito, preparando-se para conduzir sua esposa para o vapor.

— Já estive na América antes?

— Ele, não — respondeu o pai com uma risada alegre.
O fiscal sinalizou para outro.

17 Sigla para United States Customs, agência federal e principal organização de controle de fronteiras dos Estados Unidos.

— Este nosso pequeno amigo — disse —, está visitando a América pela primeira vez.

O outro fiscal coçou o queixo, pensativo.

— Bom dia — disse Hom Hing.

— Espere! — ordenou um dos fiscais. — Você ainda não pode ir.

— O que mais? — perguntou Hom Hing.

— Desconfio — disse o primeiro fiscal — que não podemos deixar o menino desembarcar. Não há nada nos documentos que você apresentou, nem nos da sua esposa, que faça menção à criança.

— Ele não existia quando os documentos foram enviados — respondeu Hom Hing calmamente. Mas havia tensão em seus olhos e trouxe seu filho com mais força contra seu peito.

— O quê? Como assim? — a voz de Lae Choo titubeou, pois entendia um pouco de inglês.

O segundo fiscal se dirigiu a ela com pesar.

— Não gosto dessa parte do trabalho — resmungou.

O primeiro fiscal se voltou para Hom Hing e, em um tom de autoridade, disse:

— Como o menino não tem um certificado que permita sua entrada no país, terá de deixá-lo conosco.

— Não toquem no meu filho! — exclamou Hom Hing.

— Sim, nós cuidaremos dele e assim que Washington se manifestar ele será devolvido a vocês.

— Mas — protestou Hom Hing — ele é meu filho.

— Não temos provas — respondeu o homem encolhendo os ombros. — Mesmo que tivéssemos, ele não poderia passar sem as ordens do governo.

— Ele é meu filho — reiterou Hom Hing calmo e solene. — Sou um comerciante chinês e trabalho em São Francisco há anos. Quando certa manhã minha esposa disse que sonhou com uma árvore frondosa e uma flor vermelha crescendo nela, eu disse que gostaria que meu filho nascesse em nosso país e que ela se preparasse para ir à China. Minha esposa dividia o mesmo desejo. Depois que meu filho nasceu, minha mãe caiu doente e minha esposa cuidou dela. Então foi meu pai quem adoeceu e ela também cuidou dele. Por vinte luas minha esposa cuidou dos idosos e, quando morreram, abençoaram ela e meu filho. Foi então que pedi que retornassem. Achei que não haveria problema, pois sou um comerciante chinês e meu filho é meu filho.

— Muito bem, Hom Hing — respondeu o fiscal. — Mesmo assim levaremos seu filho.

— Não leva meu filho. Ele meu filho também.

Era Lae Choo. Tomou a criança dos braços do pai e a abraçou e protegeu.

Os fiscais falaram rapidamente entre si e um deles puxou Hom Hing de lado para falar em seu ouvido.

Resignado, Hom Hing baixou a cabeça e se aproximou de sua esposa:

— É a lei — disse em chinês. — Não será por muito tempo, só até o sol se levantar amanhã.

— E você também — redarguiu Lae Choo com a voz alterada pela dor.

Acostumada a obedecer, entregou o menino ao marido, que por sua vez o passou para o primeiro fiscal. O Pequenino protestou bravamente, mas sua mãe cobriu o rosto com a manga do vestido e seu pai silenciosamente a levou dali. Era assim que mandava a lei do país.

II

O dia raiou. Lae Choo, que não dormira a noite toda, vestiu-se e acordou seu marido.

— Já amanheceu — ela gritou. — Vá e traga nosso filho.

O homem esfregou seus olhos e se apoiou sobre o cotovelo para olhar pela janela. Podia-se ver uma estrela pálida no céu. As pétalas de um lírio, em um vaso na janela, ainda estavam fechadas.

— Ainda não — ele disse repousando sua cabeça novamente.

— Ainda não? Ah, toda minha vida antes de ontem parece mais curta que o tempo que passou desde que o tiraram de mim.

A mãe deixou-se cair ao lado da cama e cobriu seu rosto.

Hom Hing acendeu a luz, tocou o rosto de sua esposa e carinhosamente perguntou se ela havia dormido.

— Dormir? — repetiu aos prantos. — Ah, como posso fechar meus olhos com meus braços vazios, que sempre guardavam seu corpinho todas as noites por mais de vinte luas? Você não sabe, meu marido, o que é não ter os dedinhos, os pezinhos e os bracinhos de um filho. Mesmo no escuro seus olhinhos brilhavam para mim e às vezes eu caía no sono ouvindo seus barulhinhos. E agora não o vejo, não o sinto e não o ouço. Meu bebê, meu gordinho!

— Calma, calma, calma! — tranquilizou Hom Hing com a mão em seu ombro. — Não precisa se lamentar tanto. Logo ele virá te alegrar novamente. Impossível haver uma lei que separe um filho de uma mãe! — Lae Choo secou seus olhos.

— Você tem razão, marido — murmurou suavemente.

Levantou-se e andou pelo apartamento organizando coisas. A caixa de presentes que trouxe para seus amigos da Califórnia fora aberta na noite anterior. Sedas, bordados,

esculturas de madeira, peças ornamentais de laca, bandejas, caixas de cânfora, leques e porcelanas se espalhavam, separados em grupos. Ao desempacotar, o pensamento de que seu filho estava nas mãos de estranhos a exauriu e deixou tudo ali para se arrastar até a cama e chorar.

Depois de separar os presentes corretamente, foi ao terraço.

A estrela havia esmaecido e faixas claras estampavam o céu ocidental. Lae Choo olhou para a rua abaixo e depois para toda a paisagem. Abaixo do apartamento que ocupavam havia quartos para jovens chineses solteiros, e dali ela podia ouvi-los tomando café da manhã. Debaixo de sua sala de jantar ficava a loja de doces de seu marido. Do outro lado da rua, um grande restaurante. Na noite anterior, estava resplandecente com alegres lanternas coloridas e som de música. As comemorações do Festival da Lua, organizadas pelo primogênito de Quong Sum, foram longas e sonoras, tanto que a obrigaram a amarrar o lenço sobre as orelhas. Ela, uma mãe enlutada, não tinha vontade de festejar com os outros pais. Naquela manhã a vizinhança estava mais consonante com seu estado de espírito. Tudo calmo e quieto. Os foliões haviam se dispersado ou foram dormir.

Lá embaixo, uma mulher rechonchuda vestida com cetim negro e longos brincos de pingentes olhou para cima

e acenou com um sorriso amistoso. Era sua velha vizinha, Kuie Hoe, esposa do ourives Mark Sing. Ao seu lado estava seu filhinho, de jaqueta amarela e calças lilás. Lae Choo lembrou-se dele bebê. Ela costumava brincar com ele nos velhos tempos quando ainda não tinha seu próprio filho. Muito tempo parecia ter passado! Ela prendeu a respiração em um suspiro, mas acabou gargalhando.

— Por que tão feliz? — gritou o marido lá de dentro.

— Porque meu Pequenino está voltando para casa — respondeu Lae Choo. — Sou uma mãe feliz... uma mãe feliz.

Ela adentrou o quarto com um sorriso no rosto.

O meio-dia chegou. O arroz fumegava nas tigelas e um cheiroso prato de frango e brotos de bambu esperavam por Hom Hing. Nem por um momento Lae Choo descansou naquelas horas matinais. Não parou um só segundo. Toda hora, contudo, levantava os olhos para o relógio dourado sobre o aparador curiosamente esculpido da lareira. Chegou até a exclamar: “Que demora, ai, quanta demora!” Depois, interpelou-se: “Fique feliz, Lae Choo. O Pequenino está chegando! O Pequenino está chegando!” Diversas vezes ela caiu aos prantos e outras tantas riu alto.

Hom Hing entrou na sala com seus braços largados ao longo do corpo.

— O Pequenino! — Lae Choo esganiçou.

— Me pediram para voltar amanhã.

Com um gemido a mãe desabou no chão. O meio-dia passara. A comida permaneceu sobre a mesa.

III

As chuvas de inverno cessaram: a primavera chegou à Califórnia para lavar as colinas com seu verde e criar um desfile infindável de flores sobre elas. Mas não havia primavera no coração de Lae Choo, pois o Pequenino continuava longe de seus braços.

Ele ainda era mantido na missão. Homens brancos cuidavam dele e embora por toda uma lua ele tivesse pedido por sua mãe, ao que nunca foi atendido, agora parecia feliz e contente. Cinco luas se passaram desde o dia em que cruzaram juntos a Golden Gate, mas o governo em Washington ainda demorava a enviar a resposta que o devolveria aos seus pais.

O desconsolado Hom Hing rolava a esmo as contas de seu ábaco quando um homem de rosto amistoso adentrou sua loja.

— Novidades? — perguntou o comerciante chinês.

— Esta! — o jovem apresentou uma carta datilografada.

Hom Hing leu as palavras:

— *Ref: Criança chinesa, dita filho de Hom Hing, comerciante chinês estabelecido à rua Clay, 425, São Francisco. O assunto será analisado assim que possível.*

Hom Hing devolveu a carta e, sem dizer nada, voltou a manipular sua calculadora.

— Não vai dizer nada? — perguntou o jovem.

— Nada. Já enviaram esta mesma carta quinze vezes.

Não foi você mesmo quem trouxe?

— Verdade!

O jovem observou o comerciante chinês discretamente. Ele tinha uma proposta a fazer e ponderava se aquele seria um bom momento.

— Como está sua esposa? — perguntou solícita e diplomáticamente.

Hom Hing moveu a cabeça com pesar.

— Pior a cada dia — respondeu. — Só come quando peço e não para de chorar. Não vê prazer em vestidos e flores, e não se importa em ver os amigos. Não prega os olhos a noite toda. Acho que antes da próxima lua acabará indo para a terra dos espíritos.

— Não! — exclamou o jovem, genuinamente assustado.

— Se o menino não voltar para casa, certamente perdi minha esposa — continuou Hom Hing com uma amarga tristeza.

— Não é certo — exclamou o jovem, indignado. Então fez sua proposta.

Os olhos do pai chinês brilharam em efusão.

— Se gostaria que você fosse para Washington e os fizesse dar o documento para ter meu filho de volta? — ele gritou. — Para que perguntar se sabe que é o que mais desejo no mundo?

— Então — disse o jovem —, começarei na próxima semana. Estou ansioso para acabar com isso e devolver a paz de espírito para sua esposa.

— Vou contar a ela. Só de ouvir o que você pensa já a deixará alegre — disse Hom Hing.

Enviou uma mensagem para Lae Choo, no andar de cima, pelo tubo na parede.

Em poucos instantes ela apareceu, abatida, distraída e com grandes olheiras. Mas quando seu marido contou a ela a sugestão do jovem advogado, ela se eletrificou. Ajustou sua postura e seus olhos brilharam. A cor voltou às suas bochechas.

— Ah! — exclamou, voltando-se para James Clancy. — Você é cem vezes um homem bom!

O jovem sentiu-se constrangido. Seus olhos até se desviaram levemente do olhar intenso da mãe chinesa.

— Bem, agora precisamos buscar seu menino — ele respondeu. — Obviamente — voltou-se para Hom Hing —, teremos algum custo. Não é possível apressar os funcionários do governo sem ouro nos bolsos.

Hom Hing o fitou distraído por um momento e, então:

— De quanto precisa, sr. Clancy? — perguntou tranquilamente.

— Bem, vou precisar de pelo menos quinhentos para começar.

Hom Hing pigarreou:

— Acho que disse a você da última vez que o paguei para escrever as cartas e visitar o chefe da alfândega que já tinha gasto praticamente todo o meu dinheiro!

— Ah, bem, então não tocaremos nesse assunto, meu velho. Não fará mal ao menino continuar onde está e sua esposa conseguirá superar isso bem.

— Como é? — disse Lae Choo trêmula.

James Clancy olhou para a janela.

— Ele diz — explicou Hom Hing em chinês — que para conseguirmos nosso menino precisaremos de muito dinheiro.

— Ah, sim. Dinheiro!

Lae Choo balançou a cabeça.

— Eu não tenho todo esse dinheiro.

Por um momento Lae Choo olhou alternadamente para o rosto dos dois e então a compreensão pousou sobre ela. Com o dedo em riste, apontou para o advogado e gritou:

— Você não é homem cem vezes bom. Não passa de simples homem branco.

— Sim, dona — respondeu James Clancy curvando-se e sorrindo com ironia.

Hom Hing se colocou diante de sua esposa e se dirigiu novamente ao advogado:

— Vou tentar — disse ele — levantar algum dinheiro. Mas quinhentos... não será possível.

— E quatrocentos?

— Já disse que não tenho quase nada e meus amigos não são ricos.

— Muito bem!

O advogado caminhou sem pressa na direção da porta e parou sob o batente para acender um cigarro.

— Pare, homem branco. Homem branco, pare!

Lae Choo, ofegante e apavorada, se adiantou e agora estava ao seu lado, agarrada à sua manga e apavorada.

— Você diz que pode ir pegar documento e trazer meu Pequenino se Hom Hing der quinhentos dólares para você?

O advogado fez que sim, despreocupado. Seus olhos miravam seu cigarro, que não se acendia com o fósforo.

— Então você vai, pegue o documento. Se Hom Hing não pode dar quinhentos dólares... eu darei, talvez até mais.

Ela tirou uma pesada pulseira de outro de seu pulso e a mostrou ao homem. Ele a pegou mecanicamente.

— Vou buscar mais!

Saiu apressada e desapareceu atrás da porta por onde havia entrado.

— Ah, olha, eu não posso aceitar isto — disse James Clancy voltando para perto de Hom Hing e depositando o bracelete à sua frente.

— É verdadeiro — disse Hom Hing sério. — Puro ouro chinês. Foi um presente dos pais dela quando nos casamos.

— Mas não posso levar — protestou o jovem.

— É como se fosse dinheiro. E como você quer dinheiro para ir à Washington... — replicou Hom Hing como se explicasse o óbvio.

— Veja, meus brincos de jade, meus broches de ouro, agulhas de cabelo, o pente de pérola e meus anéis... um, dois, três, quatro, cinco anéis. Muito bem... muito bem. Todos valem bom dinheiro. Dou tudo a você. Pegue e traga o documento para o meu Pequenino.

Lae Choo amontoou suas joias diante do advogado.

Hom Hing pousou uma mão inibidora em seu ombro.
— Tudo não, mulher — ele disse em chinês.

Ele selecionou um anel... seu presente para Lae Choo quando ela sonhou com a árvore e a flor vermelha. O resto das joias ele empurrou na direção do homem branco.

— Pegue tudo e venda — ele disse. — Elas pagarão sua viagem à Washington e você volta trazendo o documento.

Por um momento James Clancy hesitou. Ele não era um homem sentimental, mas algo dentro dele o advertiu sobre aceitar tal pagamento por seus serviços.

— São verdadeiras, verdadeiras — Lae Choo afirmou em súplicas ao perceber sua hesitação.

Então ele pegou as joias, enfiou-as no bolso de seu colete e saiu apressado da loja.

IV

Lae Choo seguiu a missionária pelo berçário. Seu coração batia tão forte de felicidade que mal podia respirar. O documento finalmente havia chegado: o precioso papel dava a Hom Hing e sua esposa o direito sobre seu próprio filho. Já se iam dez meses desde que o haviam tirado deles, dez meses desde que o sol parou de brilhar para Lae Choo.

O lugar estava repleto de crianças, em sua maioria muito pequenas, mas nenhuma menor que a sua. A missionária falava enquanto andava. Contou a Lae Choo que seu pequeno Kim, como o chamavam na creche, era o mascote do lugar e que suas brincadeiras e trejeitos divertiam a todos por ali. No início fora uma criança indócil e chorava muito pela mãe, “mas as crianças logo se esquecem e depois de um mês ele já parecia bem à vontade e brincava por todo lado, como um passarinho feliz”.

— Sim — respondeu Lae Choo. — Ah, sim, sim!

Ela não ouvia nada do que a mulher dizia. Caminhava em um labirinto de alegria antecipada.

— Por favor, esperem aqui — disse a missionária colocando Lae Choo em uma cadeira. — Os mais novinhos estão tomando café da manhã.

Ela se foi por um momento — que pareceu uma hora inteira para a mãe — e logo reapareceu trazendo um menino pela mão, vestido com um avental azul de algodão e alpargatas. O rosto do menino era cheio e corado, seus olhos brilhavam.

— Ah, Pequenino, meu Pequenino! — exclamou Lae Choo.

Ela caiu de joelhos e projetou seus braços famintos na direção do filho.

Mas o Pequenino se encolheu todo e tentou se esconder nas dobras da saia da mulher branca.

— Vaimbora, vaimbora! — pediu à sua mãe.

O LÍRIO CHINÊS

Mermei morava em um quarto de sobreloja em uma pensão familiar. Havia outras mulheres chinesas no mesmo andar, mas Mermei nunca se misturava. Ela não era como as outras. Era aleijada. Uma queda havia retorcido suas pernas e por isso se movimentava com dificuldade; seu rosto havia se deformado de maneira tão terrível que ninguém além de seu irmão, Lin John, ousava encará-la. Ele trabalhava na lavanderia de outro chinês. Lin John e Mermei chegaram em São Francisco ainda crianças com seus pais. Sua mãe morreu no mesmo dia em que pisou na cidade estrangeira; o pai, na semana seguinte. Ambos contraíram uma febre na viagem. Mermei e Lin John foram adotados pelo irmão do pai, que embora fosse um homem pobre, fez seu melhor até também ser levado pela morte.

Muito antes do tio morrer, Mermei sofreu o acidente que a tornaria diferente das outras meninas. Aquilo só fez aumentar a afeição de seu irmão. Assim, o velho tio Lin Wan morreu feliz sabendo que Lin John sempre colocaria Mermei em primeiro lugar.

Mermei morava em seu pequeno cômodo, onde era cuidada por Lin John e raramente se passava alguma noite

sem que ele fosse visitá-la. Certa vez, contudo, Lin John não apareceu e Mermei sentiu-se muito triste e solitária. Ela era capaz de bordar o dia todo em perfeito silêncio se soubesse que à noite alguém viria para conversar sobre os pensamentos que habitavam sua cabeça de cabelos negros, pois não sabia nada da vida além daquilo que observava da janela do seu quarto, a qual dava para a rua. Mermei ficava sentada ali por horas vendo quem passava e o que acontecia. Naquele dia ela havia colocado muitas coisas em seu arquivo mental para que Lin John explicasse a ela naquela noite. Dois sacerdotes de amarelo passaram por ali a caminho do templo no outro quarteirão; um passarinho de peito branco esvoaçou perto da vidraça; um homem levando uma imagem da Casa de Apostas do Tigre entrou na casa do outro lado da rua; e seis jovens da sua idade, vestidas alegremente para algum casamento, também passaram por ali.

Como Lin John não chegou até as nove, a garota passou a chorar discretamente. Não era seu costume chorar, mas por alguma razão desconhecida por ela própria, a visão dessas alegres meninas produziu nela tristes pensamentos. Em meio às lágrimas, ouviu batidas tímidas na porta. Não era Lin John. Ele sempre dava pancadas fortes e em seguida entrava sem esperar que ela abrisse. Mermei mancou até a porta e a abriu. Ali, na luz mortiça do corredor, estava uma

jovem moça — a mais bela jovem que Mermei já vira — que oferecia à Mermei o botão de um lírio chinês. Mermei entendeu o significado da flor que lhe era oferecida e a aceitou, convidando sua visita a entrar.

Aquela foi uma hora extremamente agradável para Mermei! Ela se esqueceu de sua deformidade e ambas conversaram do fundo de seus corações.

— Lin John é querido, mas não se pode falar com um homem, mesmo sendo seu irmão, como falamos entre nós — disse Mermei para Sin Far, sua nova amiga.

Sin Far, cujo nome significava Pura Flor, ou Lírio Chinês, respondeu:

— Sim, é verdade. A mulher precisa ter amigas mulheres e que o homem tenha amigos homens. Não é assim que funciona no país que o Paraíso mais ama?

— Que espírito benevolente a trouxe até minha porta? — perguntou Mermei.

— Não sei — respondeu Sin Far. — Só sei que me sentia solitária. Nós nos mudamos para cá há pouco tempo, eu, minha irmã e seu marido. Minha irmã está noiva e eles precisam conversar a sós. Por isso, à noite, quando as tarefas do dia já terminaram, fico sozinha. Várias vezes, ao ouvir que não está bem, venho até sua porta, mas nunca bati, pois sempre que me aproximo ouço a voz daquele que dizem ser

seu irmão. Hoje, ao voltar de um lugar que visitei para minha irmã, ouvi apenas o som de seu choro... então corri até meu quarto e trouxe o lírio para você.

Na noite seguinte, quando Lin John explicou que fora obrigado a trabalhar até mais tarde, Mermei respondeu feliz que não havia se importado. Ela o amava tanto quanto antes e estava alegre em vê-lo, como sempre. Disse também que o irmão não deveria se preocupar quando o trabalho o impedisse de vir visitá-la. Ela havia conhecido uma amiga que alegrava sua solidão.

Lin John ficou surpreso, mas feliz com as boas novas. E aconteceu que quando conheceu Sin Far, com seu rosto doce e gentil, suas belas pálpebras baixas e suas sobrancelhas arqueadas, ele começou a pensar nas macieiras, nos pessegueiros e ameixeiras em flor no país que o Paraíso mais ama.

Já eram quase quatro da tarde e Lin John trabalhava em sua lavanderia sem prestar muita atenção ao furor que tomara conta das ruas e as sirenes dos veículos que passavam. Ele nunca saberia que aquilo tinha a ver com ele e continuaria a trabalhar caso um garoto não tivesse metido a cabeça pela porta e gritado:

— Lin John, a casa em que mora sua irmã pegou fogo!

Lin John encontrou o alto edifício em chamas. As labaredas lamberam sua face quando saltou para a escada que nenhum outro homem teve coragem de subir.

— Não vou sair. É melhor que eu morra — disse Mermei ao resistir à amiga com toda sua tímida força.

— A escada não aguentará nosso peso. Você é irmã dele — Sin Far replicou calmamente.

— Mas ele gosta mais de você. Vocês dois podem ser felizes juntos. Eu não sirvo para viver.

— Que tal se Lin John decidir, Mermei?

— Sim, que Lin John decida.

Lin John chegou à janela. Por um terrível segundo ele hesitou. Então seus olhos buscaram pelos olhos da amiga de sua irmã.

— Venha, Mermei — ele chamou.

— Onde está Sin Far? — perguntou Mermei ao recobrar a consciência.

— Sin Far está na terra dos espíritos felizes.

— E eu ainda estou neste mundo triste e sombrio.

— Não fale assim, minha pequena. Seu irmão a ama e a protegerá da escuridão.

— Mas você amava Sin Far muito mais... e ela amava você.

Lin John baixou a cabeça.

— Ai de mim! — chorou Mermei. — Viver para fazer mais gente infeliz!

— Não — disse Lin John. — Sin Far está feliz. E eu... eu cumpri o meu dever com a aprovação dela. Sim, ela me pediu. Como é que eu posso, irmãzinha, estar infeliz?

A TRAVESSIA ILEGAL DE TIE CO

Entre os ousados homens que se empenham em atravessar ilegalmente chineses do Canadá para os Estados Unidos, Jack Fabian está entre os mais corajosos da profissão. É o mais esperto no planejamento e o mais bem-sucedido em enganar os fiscais do governo.

Incrivelmente forte, ele era um homem alto e encorpado, com traços delicados e um par de olhos ferinos e firmes, dotado de uma espécie de eloquência rude e um brilho muito pessoal, não admira que nós, os chineses, recorramos a ele como guia e o sigamos por onde ele nos disser para ir. Com Fabian no comando nos metemos nas aventuras mais malucas e encontramos esconderijos para nossos bens humanos como somente aqueles que fazem parte do negócio ousariam imaginar.

Jack, porém, não busca a glória — seu objetivo é o dinheiro. Certo dia, quando um amigo romântico observou que era muito gentil de sua parte ajudar os pobres chineses a atravessar a fronteira, um sorriso cínico curvou seu bigode.

— Gentil! — ele repetiu. — Bem, eu ainda não tive tempo de pensar com emoção sobre isso. É somente uma

questão de dólares e centavos, embora, é claro, que para um homem de princípios claros como eu, há certo prazer em tirar alguma vantagem do governo. Um pobre diabo de vez em quando gosta de lucrar um pouco sobre uma operação milionária como essa.

Isso foi no último verão e parecia que Fabian estava com pouca sorte. Poucos meses antes, para surpresa de todos, ele cometeu um erro bobo que resultou em sua captura pelos fiscais americanos. Ele e seu comparsa, junto com mais cinco chineses ilegais, estavam na cadeia local esperando julgamento.

Contudo, descansar atrás das grades não agradava em nada a natureza enérgica de Fabian. Então, em uma noite escura, com uma serra entregue a ele por um visitante aparentemente muito inocente no dia anterior, ele realizou uma boa fuga. Após vagar faminto e ser perseguido pelas matas e bosques, chegou ao Canadá são e salvo.

Havia morado por três meses na prisão e, nesse tempo, algumas mudanças aconteceram nos círculos de tráfico humano. Alguns advogados criativos vislumbraram um esquema no qual qualquer jovem chinês que pagasse cerca de duzentos dólares poderia adquirir um pai que juraria que seu filho havia nascido na América... e assim se provava que era cidadão americano com o direito de respirar o ar dos

Estados Unidos. Os próprios chineses, com ajuda de outros homens brancos, fabricavam certificados confirmando seu direito de cruzar a fronteira e agora entravam no país em grandes bandos.

Esse tipo de truque naturalmente abalou os negócios de nosso amigo, mas todos sabemos que a brincadeira de “engana-ianques” não duraria muito tempo. Então, nesse período, demos um tempo e esperamos com paciência.

Mas não Fabian. Ele tornou-se muito arredio e não parava quieto, com ares de carranca. Certo dia estava sentado na lavanderia cujo proprietário havia usado muitas vezes os serviços de nosso guia para enviar seus garotos. A bem da verdade, diziam que Fabian havia “passado” mais de quinhentos celestiais¹⁸ para dentro do Tio Sam. Se Fabian não fosse um camarada extremamente generoso, hoje seria um cavalheiro aposentado em vez de uma reencarnação de Rob Roy.¹⁹

18 Celestial era um termo usado pela mídia, durante o século 19, para descrever os imigrantes chineses que viviam nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. A palavra faz referência ao termo Tiāncháo, que pode ser traduzido como Império Celestial e era o nome tradicionalmente utilizado para se referir à China.

19 Robert Roy foi um fora da lei escocês nascido em 1671 que se tornou um herói popular.

Pois Fabian estava sentado na lavanderia de Chen Ting Lung & Co., contando a um belo e jovem chinês que estava na pior e que toparia levar até mesmo um só homem por vez.

O jovem chinês olhou pensativo para o rosto de Fabian.

— Você me levaria? — indagou.

— Levar você? — repetiu Fabian. — Ora, você é um dos mandachuvas aqui. Não me diga que quer ir para um lugar onde levaria anos para montar uma lavanderia como esta que já tem hoje.

— Sim, quero ir — replicou Tie Co. — Quero ir para Nova York e pago cinquenta dólares mais as despesas se me levar. E não conte nada aos meus sócios.

— Nunca conto nada para chinês nenhum — resmungou Fabian. E ficou feliz em aceitar a proposta. Combinaram a noite da partida.

— Para qual firma você está indo? — perguntou o homem branco.

Os imigrantes chineses ilegais costumavam fazer acordos com as empresas chinesas que os receberiam.

Tie Co hesitou e murmurou algo que se pareceu com “Quong Wo Yuen” ou “Long Lo Toon”. Fabian não tinha certeza de qual, mas não perguntou mais por pura falta de interesse.

Ao sair da lavanderia, acenou para Tie Co do lado de fora da janela e o chinês acenou de volta com um sorriso

pálido em seu rosto pequeno e delicado, observando Fabian até sumir de vista.

A noite em que partiram estava agradável. Fabian tinha uma carroça esperando na esquina. Tie Co se vestiu com roupas comuns e entrou nela sem ser visto. Logo, traficante e traficado já estavam fora da cidade. Fizeram uma boa viagem, pois Fabian tinha uma afeição real por Tie Co. Ambos se conheciam há anos e o rapaz de raciocínio rápido o intrigava.

No segundo dia deixaram o cavalo em uma fazenda onde Fabian o pegaria na volta. Cruzaram o rio em um bote antes do nascer do sol e mergulharam na mata onde ficariam até a noite. Chovia e tiveram de se arrastar vagarosa e pesadamente pela lama e contra o vento.

Tie Co pausava de vez em quando para tomar fôlego. Então Fabian observou:

— Você não é um rapaz muito forte, Tie Co. Uma pena ter de trabalhar tanto para ganhar a vida.

E Tie Co respondeu:

— Trabalho muito bom! Sem trabalho Tie Co morre.

Fabian olhou para o rapaz com ar protetor, perguntando-se sem muito pensar por que aquele chinês parecia ser tão diferente dos outros.

— Gostaria de voltar para a China? — perguntou.

— Não — disse Tie Co decidido.

— Por quê?

— Não sei — respondeu Tie Co.

Fabian riu.

— Você não tem uma boa esposa por lá? — continuou.

— Sempre dizem que vocês se casam muito jovens.

— Não, eu não tem mulher — confirmou seu parceiro com um riso abafado. — Nunca tive mulher.

— Brincadeira — riu Fabian. — Ora, Tie Co, pense como seria bom ter uma esposa para fazer arroz e te dar amor.

— Não tenho mulher — repetiu Tie Co seriamente. — Não gosto de mulher, gosto de homem.

— Então é um solteirão convicto! — disparou Fabian.

— Eu gosta você — disse Tie Co com sua voz infantil soando clara e doce na mata molhada. — Gosta tanto que quero ir para Nova York e dar cinquenta dólares para você. Sem amigos em Nova York.

— O quê? — exclamou Fabian.

— Ah, desculpa ter falado. Tie Co sente muito — e o garoto chinês se encolheu e baixou a cabeça.

— Olha aqui, Tie Co — disse Fabian. — Não vou deixar que faça isso por mim. Você foi muito inocente, eu não ligo para os seus cinquenta dólares. Preciso deles menos que você. Meu Deus! Você me deixou constrangido agora... eu

que já gastei milhares na farra, mas não posso tirar o pouco que você conseguiu se escravizando. Agora já estamos no Estado de Nova York. Quando sairmos desta mata, atravessaremos uma ponte que cruza um rio. Do outro lado, não muito longe, há uma estação de trem. Em vez de comprar um bilhete para Nova York, vamos tomar o trem juntos para Toronto.

Tie Co não respondeu... ele parecia pensar profundamente. De repente apontou para alguns troncos caídos adiante.

— Dois homens escondidos. Ali atrás — ele gritou.

Fabian olhou em volta ansioso. Seu olhar aguçado perscrutava as sombras na tentativa de encontrar qualquer sugestão de movimento, mas não havia ninguém à vista. Exceto pelo funesto suspiro do vento por entre as árvores, tudo o mais estava quieto.

— Não tem ninguém — disse, um tanto impaciente.

Estava bem alerta, pois estavam a menos de dois quilômetros da fronteira e ele sabia que os fiscais do governo queriam muito pegá-lo. Ele sentiu, apesar de sua fortaleza, que se algum truque ou surpresa surgisse, estaria frito.

— Se pegarem você comigo, muito ruim — sentenciou Tie Co.

Suas palavras eram como uma resposta aos pensamentos de Fabian.

— Mas não nos pegarão, então anime-se, garoto — replicou, mais cordialmente do que pretendia.

— Se aparecerem, não estamos juntos. Assim não levarão você e tudo fica bem.

— Sim — concordou Fabian, imaginando o que seu companheiro tinha em mente.

Saíram da mata ao cair da noite e logo atravessavam a ponte sobre o rio. Próximo ao meio da ponte, Tie Co parou e encarou Fabian.

— Se homem vem e não estou aqui, homem não machuca você — e ao dizer isso ele rodopiou como um pé de vento sobre a mureta.

Igualmente veloz, Fabian saltou atrás dele. Mas embora fosse um nadador de primeira, os esforços do homem branco foram em vão. Tie Co foi levado pela correnteza veloz.

Com frio e ensopado, Fabian se arrastou até a margem, onde foi capturado.

— Então seu chinês se jogou no rio. Por que ele fez isso? — perguntou um dos fiscais.

— Acho que estava maluco — respondeu Fabian. Ele acreditava piamente no que dizia.

— Nós os perseguimos por toda a mata — disse outro deles. — Uma hora achamos que o rapaz nos viu.

Fabian continuou calado.

O corpo de Tie Co foi resgatado no dia seguinte. Ou melhor, era o corpo de Tie Co, mas não era Tie Co, pois Tie Co era um rapaz e o corpo encontrado com o rosto de Tie Co, vestido com as roupas de Tie Co, era o corpo de uma menina... era uma mulher.

Ninguém na lavanderia de Chen Ting Lung & Co, nenhum chinês no Canadá ou em Nova York pôde explicar o mistério. Tie Co chegou ao Canadá com um grupo de outros jovens. Embora não muito forte, “sempre foi um empregado bom e muito esperto”. Era quieto e reservado entre seus conterrâneos, não fumava tabaco nem ópio e frequentava assiduamente a igreja aos domingos, além de estar entre os preferidos das missionárias.

Fabian foi solto menos de uma semana depois. “Sem evidências contra ele”, disse o comissário, sem perceber que se tratava do prisioneiro que havia fugido de sua prisão há menos de um mês.

Fabian agora anda muito ocupado. Muitos rapazes pedem ajuda a ele para atravessar a fronteira, mas nenhum se parece com Tie Co. Às vezes, entre uma coisa e outra, ele se pergunta longa e seriamente sobre o mistério da vida — e da morte — de Tie Co.

O DEUS DA RESTAURAÇÃO

Quem tem vinho tem muitos amigos — resmungou Koan-lo Segundo ao olhar para trás e sair da loja em que estava. Era uma loja chinesa comum, recheada de todo tipo de artigos pitorescos. Cerca de uma dúzia de chineses estavam sentados em círculo. Na sala adjacente, era possível vislumbrar as silhuetas de vários fumantes que, reclinados, discutiam negócios e se deliciavam com o fascinante cachimbo a cada intervalo da conversa.

Koan-lo Primeiro se destacava entre os fumantes. Era um chinês alto, na faixa dos trinta, que usava uma boina preta com um botão vermelho. Koan-lo Primeiro era primo de Koan-lo Segundo, mas embora Koan-lo Segundo fosse jovem e pobre, Koan-lo Primeiro era um dos comerciantes chineses mais ricos de São Francisco, e poderoso entre as pessoas de sua família naquela cidade. Eles o tinham como um pai.

Koan-lo Primeiro havia incumbido Koan-lo Segundo de encontrar Sie, sua noiva, que chegaria naquele dia em um vapor vindo da China. Koan-lo Primeiro era um homem ocupado demais para se dar ao trabalho de ir até o porto.

Então Koan-lo Segundo e Sie se encontraram... embora não fosse a primeira vez. Cinco anos antes, em um

subúrbio de Guangzhou, eles disseram “eu te amo” um para o outro.

Koan-lo Segundo era órfão, criado e cuidado desde muito jovem por Koan-lo Primeiro.

Sie era filha de um escravo, o que explica por que ela e Koan-lo Segundo tiveram a oportunidade de se conhecer antes que ele viesse para a América com seu primo. Na China, as filhas de escravos têm muito mais liberdades do que as garotas das classes sociais mais altas.

— Koan-lo, ah, Koan-lo — murmurou Sie suave e alegremente ao reconhecer seu amado.

— Sie, meu doce amor — respondeu Koan-lo Segundo, sua voz entre a tristeza e a felicidade.

Ele percebeu que havia ocorrido um engano... Sie acreditava que o homem com quem iria casar era ele: Koan-lo Segundo.

E todo o amor que morava em Koan-lo se alvoroçou e o deixou zozzo ao pensar em como aquilo terminaria.

Ele conseguiria explicar que o Koan-lo que a comprara para ser sua noiva, a quem ela pertencia por direito, era seu primo e não ele? Conseguiria entregar a Koan-lo, de muitos amigos e lojas caras, a única companhia, o único tesouro que tivera na vida? Será que Sie comeria feliz o arroz de Koan-lo Primeiro quando na verdade amava Koan-lo Segundo?

Os pequenos dedos de Sie se enroscaram nos seus. Ela se apoiou nele.

— Estou cansada. Vamos descansar logo? — ela perguntou.

— Sim, logo mais, minha Sie — ele murmurou, envolvendo-a em seus braços.

— Fiquei muito feliz quando meu pai disse que me mandou vir — cochichou. — Eu disse: “Que bom que Koan-lo se lembrou de mim depois de tantos anos”.

— Já não se lembrava mais de mim, meu jasmim?

— Não diga isso. Você sabe que meus dias e noites foram preenchidos por você.

— Se lembrava de mim, como pôde imaginar que eu me esqueceria?

— A diferença é que você é homem e eu sou mulher.

— Você já é minha há duas semanas — disse Koan-lo Segundo. — Ainda me ama, Sie?

— Olhe meus olhos e veja — ela respondeu.

— Está feliz?

— Feliz? Sim, é o dia mais feliz da minha vida, pois hoje meu pai conquista sua liberdade.

— Como assim, Sie?

— Ora, Koan-lo, você sabe. Meu pai recebe hoje o restante do valor que pagou por mim. Isso, mais o que já pagou adiantado, é suficiente para pagar pela liberdade de meu pai.

Meu querido e amado pai... trabalhou tanto esses anos todos. Sempre foi tão gentil comigo. Estou muito feliz que, por minha causa, o Deus da Restauração decretou que ele não será mais um escravo. Sim, sou a mulher mais feliz do mundo hoje.

Sie beijou a mão de seu marido.

Ele a afastou e a usou para esconder seu próprio rosto.

— Ah, querido marido! — exclamou. — Está muito doente.

— Não estou doente — replicou arrasado Koan-lo. —

Mas Sie, preciso confessar que sou alguém muito pobre e teremos de deixar a bela casa no campo e ir à cidade onde vou procurar emprego e mal teremos o que comer.

— Gentil e generoso Koan-lo — respondeu Sie. — Você se arruinou para pagar meu preço? Ah, Sie infeliz, você jogou Koan-lo na lona! Que eu seja sua serva e ficarei feliz em jejuar por você. Me importo com Koan-lo, não com luxos.

E ela se ajoelhou diante do jovem. Ele a levantou gentilmente e disse:

— Sie, não sou digno de tal devoção ou palavras. Elas ferem meu coração mil vezes. Ouça minha confissão: eu sou seu marido, mas não fui eu quem comprou você. Meu primo, Koan-lo Primeiro, mandou você vir da China. Foi ele quem negociou e pagou metade do valor que seu pai pediu enquanto você ainda estava em Guangzhou, e o resto irá depois de ver seu rosto. Ai de mim! O resto nunca será

pago pois roubei você de meu primo. Ele não vai cumprir o acordo e seu pai continuará sendo um escravo.

Sie ficou imóvel, confusa com a revelação repentina e terrível. Olhou seu marido desnorreada.

— É verdade, Koan-lo? Meu pai continuará escravo?
— ela perguntou.

— Sim, é verdade — replicou seu marido. — Mas ainda temos um ao outro e você disse que não se importa com a pobreza. Agora me perdoe e esqueça seu pai. Esquecerei tudo por amor a você.

Ele tentou puxá-la para perto, mas com um grito sofrido ela virou-se e correu.

Koan-lo Primeiro fumava e meditava sentado.

Muitas luas se passaram desde que Koan-lo Segundo traíra a confiança de Koan-lo Primeiro, e agora ele se perguntava o que Koan-lo Segundo estaria fazendo e como lidava com a vida.

— Ele tinha pouco dinheiro e está desacostumado ao trabalho duro. Agora, com uma mulher para sustentar, o que esse cão faria? — pensou o homem.

Ele se sentia ferido e amargurado, mas ao chegar a noite, depois de fumar bastante, seu coração ficava mais leve e confessou ao seu cachimbo:

— Muito bem, ele tinha um sentimento de amor por ela, e acredito que os jovens devem se apaixonar por jovens. Acho que perdoaria sua ingratidão se ele viesse pedir perdão.

— Grande e honrado senhor, Sie desonrada se ajoelha à sua frente e implora que pise em minha cabeça.

Tais palavras foram proferidas por uma jovem chinesa de rara beleza que subitamente entrou no quarto e se prostrou diante de Koan-lo Primeiro. Ele levantou os olhos com raiva.

— Ah, vejo a mulher falsa que esqueceu seu pai preso!
— gritou.

Lágrimas caíram dos olhos tristes de Sie, ajoelhada.

— Meu bom senhor — disse ela —, antes que eu me tornasse uma mulher e seu primo um homem, já nos amávamos. E quando nos encontramos após uma longa separação, ambos nos esquecemos de nossas obrigações. Mas o Deus da Restauração trabalhou em meu coração. Me arrependo e agora venho até você e me entrego como sua escrava para trabalhar até que minha carne se desprenda de meus ossos, se este for o seu desejo. Só peço que envie o restante do valor de minha compra para meu pai. Ele é muito idoso e frágil para ser um escravo. Senhor, dizem que é mais justo que os outros homens. Ah, conceda-me o que peço! É por meu pai que suplico. Por anos ele me sustentou e cuidou de mim; e meu coração quase se parte quando penso nele. Castigue-me

pelo que fiz de errado, me vista em trapos e me dê a pior das comidas! Apenas me deixe servi-lo e ser útil a você para que meu pai seja digno da liberdade.

— E quanto ao meu primo? Agora o está traindo?

— Não, sem traição para com Koan-lo, meu marido... apenas honrando meu pai.

— E quer que eu, que fui prejudicado, liberte seu pai?

A cabeça de Sie pendeu ainda mais ao responder:

— Quero ser sua escrava. Quero pagar com o trabalho de minhas mãos a dívida de meu pai. Por isso abandonei meu marido.

Koan-lo Primeiro levantou o queixo de Sie com sua mão e contemplou seu rosto seriamente.

— Seu coração não é de todo ruim — ele observou.

— Sente-se e ouça. Não paguei por você para que fosse minha escrava, pois neste país a lei não permite comprar uma mulher como escrava. Mas vou contratá-la por cinco anos como minha empregada. Durante esse período você fará o que eu mandar, mas depois disso será livre. Fique tranquila quanto ao seu pai.

— Que o sol brilhe sobre você, mais gracioso dos senhores! — exclamou Sie.

Então Koan-lo Primeiro apontou para ela o corredor que levava a um pequeno cômodo. Segundo ele, seria seu quarto particular enquanto permanecesse com ele.

Sie agradeceu e já saía quando a porta se escancarou e Koan-lo Segundo, alterado e nervoso, entrou. Foi diretamente até Sie e a segurou pelos ombros.

— Você é minha! — ele gritou. — Matarei você antes que seja de outro homem!

— Primo! — disse Koan-lo Primeiro. — Não desejo que a mulher seja minha esposa, mas a quero como empregada. Ela já recebeu os salários pela liberdade de seu pai.

Koan-lo Segundo olhou confuso para os rostos de sua esposa e de seu primo. Depois levantou as mãos e exclamou:

— Ah, Koan-lo, meu primo. Fui muito mau. Sempre o invejei e tive pensamentos amargos em meu coração. Mesmo sua bondade para comigo durante esse tempo me contrariava, e quando o via cercado de amigos, eu dizia com desprezo: “Quem tem vinho tem muitos amigos”, mesmo sabendo que as pessoas gostavam de você por ter um bom coração. E também enganei Sie. Eu a tomei para mim sabendo que acreditava que eu era outra pessoa. Fiz com que pensasse que era minha por direito.

— Mas eu sou sua — interrompeu Sie trêmula.

— Então ela deve ser sua... quando se é digno de tal pérola e se pode cuidar e guardá-la — disse Koan-lo Primeiro. E fez um gesto para que seu primo se aproximasse:

— Eis o seu castigo, pois o Deus da Restauração demanda. Por cinco anos não verá o rosto de Sie, sua

esposa. Enquanto isso, irá estudar, pensar, ser honesto e trabalhar.

— Seu marido virá hoje. A notícia a agrada? — perguntou Koan-lo Primeiro.

Ela sorriu e corou.

— Ficarei triste por deixar você — ela respondeu.

— Mais feliz do que triste — disse o homem. — Sie, agora seu marido é um jovem digno. Mudou de maneira maravilhosa nesses anos de provação.

— Então não o reconhecerei nem o amarei — ela disse, brincando. — Ora, ele...

— Minha querida!

— Meu marido!

— Minhas crianças, eis minha bênção: sejam bons e felizes. Agora vou fumar e sonhar com o amor, já que não o tenho.

Com essas palavras Koan-lo Primeiro se retirou.

— Ele não é quase como um deus? — disse Sie.

— Sim — respondeu seu marido ao sentá-la sobre seus joelhos. — Eu não merecia que ele fosse tão bom para mim. E você, ah, Sie, como pode gostar de mim quando sabe que fui uma pessoa tão má?

— Bem — disse Sie alegremente —, só as pessoas mais próximas sabem o quanto somos maus.

AS TRÊS ALMAS DE AH SO NAN

I

O sol vencia a neblina da manhã, salpicando de dourado as águas cinzentas da baía de São Francisco e difundindo um brilho esmeralda sobre as ilhas em volta.

Escunas e veleiros jaziam imóveis ao longo dos molhes, e mais ao longe, no porto, havia embarcações ancoradas vindas de várias partes do mundo.

Uma frota de barcos de pesca retornava do alto mar empurrada pelo vento como uma revoada de pássaros costeiros. Os pescadores haviam trabalhado a noite toda e agora retornavam com o resultado de seu esforço.

Uma jovem chinesa observava a frota da praia Enseada do Pescador, arrepiada pela brisa da manhã. Ela não vestia o robe sobre a blusa de algodão azul. Nada cobria sua cabeça. Toda sua atenção se concentrava em um barco solitário, o mais atrasado de todos, por ser o mais carregado. O pescador era da sua própria raça. Ao atracar seu barco, ele correu até ela:

— O'Yam! O que faz aqui? — perguntou discretamente sob os olhares de seus parceiros de pesca.

— Sua mãe está morrendo — ela respondeu.

O jovem rapaz disse algumas palavras em inglês a um grego cujo barco descansava ao lado do seu. O grego respondeu na mesma língua. Então Fou Wang largou suas redes e, seguido pela garota, caminhou apressado pela areia, docas, armazéns e mercearias. Subiu uma rua em ziguezague e adentrou o coração de Chinatown. Não se falaram até chegarem ao destino, um predinho de três andares.

O rapaz começou a subir as escadas e a garota o seguia. Fou Wang olhou para trás e sacudiu a cabeça. A garota estancou no primeiro degrau.

— Não posso subir? — ela pediu.

— Hoje é um dia de pesar — replicou Fou Wang. — Preciso me esquecer, por alguns momentos, de tudo o que faz parte das alegrias da vida.

A garota jogou sua manga sobre a cabeça e se afastou da porta aberta.

— O que foi? — perguntou uma voz gentil. A mulher pousou a mão em seu ombro.

O'Yam se sobressaltou.

— Ah, Liuchi — exclamou. — A mãe de Fou Wang está morrendo e você sabe o que isto significa para mim.

A mulher a olhou com compaixão.

— Seu pai, eu sei — ela disse ao destrancar uma porta e conduzir sua amiga para um cômodo que dava para a rua. — Há muito ele deseja uma desculpa para declinar de seu noivado com Fou Wang. Mas tenho certeza de que o rapaz para quem você é o sol e a lua nunca lhe dará essa chance.

Ela ofereceu chá a O'Yam, mas a garota o colocou de lado.

— Você não conhece Fou Wang — ela disse com tristeza, mas orgulhosa. — Ele seguirá sua consciência mesmo que perca o sol, a lua e o mundo inteiro.

Uma jovem botou a cabeça pela fresta da porta.

— A mãe de Fou Wang faleceu — exclamou.

— Ela era uma boa mulher. Mãe gentil e amorosa — disse Liuchi ao se inclinar para olhar o rosto impassível de sua amiga.

A jovem filha de Ah So Nan desatou a chorar copiosamente. Seu belo rosto estava inchado. Ah So Nan era muito querida por seus filhos e as lágrimas não eram somente em razão da cerimônia do velório, mas de tristeza genuína.

Fou Wang estava em pé ao lado do divã sobre o qual o corpo jazia. Sua face era séria e imóvel, seus olhos, solemes, mas iluminados por um fulgor vivo. Sobre sua cabeça havia um pano branco. Ficou assim de manhã até a noite,

contemplando o semblante sereno de sua mãe e jurando que nada que pudesse provar sua afeição ou cumprir os desejos para confortar seu espírito na terra onde agora estava seria deixado de lado.

— Guardarei três anos de luto por você, minha mãe. Por três anos guiarei suas três almas — jurou para si mesmo, lembrando-se de que, para sua mãe, os costumes e as tradições de seu país eram sagrados. Eram sagrados para ele também. Mesmo morando na América, entre americanos e chineses americanos, a família de Fou Wang, com exceção de um membro, mantinha as crenças de seus antepassados com firmeza.

— Todos os vivos devem morrer e, assim, retornar à terra. Os órgãos e a carne apodrecem e, nos subterrâneos, se tornam a vida dos campos. Mas o espírito continua sua jornada e se reapresenta no alto em sua condição de gloriosa luz — recitou um monge de vestes amarelas que balançava um incensório diante do pequeno altar à luz de velas.

Era meia-noite quando os amigos da família de Fou Wang deixaram o velório e o principal enlutado permaneceu sozinho com sua mãe morta.

Sua irmã Fin Fan e a garota prometida a ser sua esposa escovaram suas roupas ao passarem por ele. A última tocou sua mão timidamente em um ato involuntário de carinho,

mas se ele percebeu, não retribuiu e seu olhar se manteve fixo no rosto da morta.

II

— Minha menina, Moy Ding Fong está pronto caso Fou Wang não esteja, e você deve se casar ainda este ano. Jurei que se casaria.

Kien Lung saiu do quarto com passos determinados. Ele era um chinês americanizado e dava pouca importância ao que chamava de “costumes chineses antiquados” — exceto quando eram interessantes para ele. Também era um viúvo que gostaria de se casar novamente, mas não queria ter duas mulheres da mesma idade — sendo uma sua esposa e outra sua filha — vivendo sob o mesmo teto.

Sozinha, os pensamentos de O'Yam se tornaram tristes, quase desesperadores. Seis luas se passaram desde que Ah So Nan havia falecido, mas seu filho sequer falara, nem ao menos uma vez, com sua esposa prometida. Ocasionalmente ele passava por ela na rua, mas sempre continuava com uma postura altiva e com piedade e paz em seus olhos. Ao menos era o que a garota acreditava, e o ato de simplesmente pensar no casamento já parecia quase um sacrilégio. Mas agora a situação

estava posta. Se Fou Wang mantivesse sua decisão de guardar três anos de luto por sua mãe, o que seria dela? Estremeceu ao pensar no velho Moy Ding Fong. Era muito amargor.

Ouviu batidas leves na porta. Uma jovem girou a fechadura e entrou. Era Fin Fan, a irmã de seu prometido.

— Trouxe meu trabalho de bordado — ela disse. — Achei que poderíamos conversar um pouco antes do anoitecer, quando preciso ir preparar o jantar.

O'Yam, alegre com a visita, fez um pouco de chá e se acomodou para uma troca de confidências.

— Não quero ser condescendente — disse, finalmente, Fin Fan. — Hom Hing é obrigado a voltar para a China em duas semanas e, com ou sem o consentimento de Fou Wang, irei com o homem para quem minha mãe me prometeu.

— Sem o consentimento de Fou Wang? — repetiu O'Yam.

— Sem — confirmou Fin Fan cortando um fio de lã. — Sem o consentimento de meu honrado irmão.

— Mas sua mãe partiu há menos de seis luas!

O rosto de O'Yam guardava uma expressão de choque.

— As folhas caídas lamentam as verdes que restam na árvore? — questionou Fin Fan.

— Você deve amar muito Hom Hing — murmurou O'Yam. — Mais do que Fou Wang me ama.

— Não — retrucou sua amiga. — O amor de Fou Wang por você é tão grande como o meu por Hom Hing. É só a consciência do meu irmão que separa vocês dois. Você sabe bem disso.

— Ele não me ama — suspirou O'Yam.

— Se não te amasse — retrucou Fin Fan —, por que, ao ouvir que não andava bem, ficou sem dormir, andando pelo quarto, até chegarem notícias de que você já estava melhor de saúde? Por que estimaria tanto um leque velho que você jogou fora?

— Ah, que bom! — sorriu O'Yam.

Fin Fan sorriu suavemente.

— Fou Wang não é como os outros homens — ela disse. — Sua consciência é uma herança dos seus tataravós. — Seu rosto pareceu pensativo e adicionou: — É triste cruzar o mar sem a bênção de seu irmão mais velho.

Ela repetiu isso para Liuchi e Mai Gwi Far, a viúva, a quem encontrara a caminho de casa.

— Por que fazer isso — perguntou a viúva — se há outro jeito de fazer a mesma coisa?

— Como?

— Ah So Nan não deixou roupas, vestimentas que serviriam em suas três almas...? Além do mais, é sempre mais fácil enganar os sérios e sábios.

— Ah!

III

O'Yam subiu as escadas do templo. O desejo de solidão a levou até lá. Mas quando a porta se fechou atrás dela, percebeu que não estava sozinha. Fou Wang estava lá. Ali, parado, silencioso e imóvel, diante das imagens dos Três Grandes Sábios.

“Está comungando com o espírito de sua mãe”, pensou O'Yam. Ela o olhava através de uma cortina de lágrimas. O amor tomou conta do seu ser. Ela não ousou se mover, pois temia que ele se virasse e a visse e então, obviamente, iria embora. Ela ficaria alguns momentos próxima a ele e então sairia.

A fraca luz do ambiente, a quietude em meio ao barulho e o aroma dos incensos suavizaram e acalmaram aquele sentimento. Era como se toda a mágoa e o desespero que a oprimiam quando seu pai lhe disse para se preparar para o casamento com Moy Ding Fong desaparecessem.

Após algum tempo, ela caminhou silenciosamente na direção da porta. Mas foi tarde demais. Fou Wang se virou e a viu.

Ela tremeu como um pássaro até perceber que, surpreso com sua presença, ele se esqueceu da morte e só pensou na vida: vida e amor. Uma luz alegre e exultante clareou seus

olhos. Ele deu um passo rápido em sua direção. Então cobriu seu rosto com as mãos.

— Fou Wang! — gritou O'Yam com o amor finalmente vencendo a tradição. — Devo me tornar a esposa de Moy Ding Fong?

— Não! Oh, não! — ele gemeu.

— Então — disse a garota em desespero — fique comigo.

As mãos de Fou Wang se abriram. Por um momento ele olhou para aquele rosto em súplica... e hesitou.

Um pequeno pássaro entrou voando pela janela e pousou no altar a cantar.

Fou Wang se afastou e a expressão em seu rosto se alterou.

— Um aviso dos mortos — ele murmurou. — Um aviso dos mortos!

Uma mão de ferro apertou o coração de O'Yam. A própria vida se fechava sobre ela.

IV

Naquele final de tarde a neblina se espalhava vinda do mar. O silêncio reinava no terreno sagrado do cemitério chinês de São Francisco quando Fou Wang colocou um

ramallete de flores no túmulo de sua mãe e se preparava para a cerimônia do ministério das três almas.

A fragrância vinda da fileira de abetos ao lado tomou suas narinas enquanto arrancava o mato e as folhas secas do local de descanso de seus pais. Ao depositar as tigelas de arroz e frango, e o vaso de incenso, como de costume, pareceu sentir uma leve presença, ou várias, atrás da fileira de abetos.

Ele suspirou profundamente. Sem dúvida as sombras de seus pais estavam inquietas por que...

— Fou Wang — disse a voz, baixa mas clara.

O jovem rapaz caiu de joelhos.

— Honrada mãe! — gritou.

— Fou Wang — repetiu a voz —, embora meu nome esteja em seus lábios, O'Yam está em seu coração.

Atormentado, Fou Wang só teve forças para balbuciar:

— Não fui um filho empenhado? Não me sacrifiquei por todas as três, mãe? Ora, então por que me repreende?

— Não repreendo — cantaram as três vozes. Fou Wang levantou a cabeça e viu três figuras emergirem de trás da parede de abetos. — Não repreendo. Você tem sido um filho empenhado e agradeço profundamente suas oferendas em meu túmulo e no templo. Longe de qualquer repreensão, vim dizer a você que os mortos devem levar em consideração os vivos que fielmente guardam o luto e o ministério por eles...

E que não mais se sacrifique enquanto não satisfizer seu coração e tomar a filha de Kien Lung; e dar à sua irmã e ao marido dela sua bênção como irmão mais velho. Sua mãe que se foi pede que os corações não se partam. As folhas caídas não lamentam as folhas verdes que ainda pendem nos galhos.

Ao dizer isso, as três figuras saíram batendo as mangas das familiares vestimentas de Ah So Nan e sumiram de sua vista.

Por um momento Fou Wang pareceu enfeitiçado, tentando acompanhá-las com os olhos. Então se levantou e correu na direção dos abetos, atrás dos quais elas pareciam ter evaporado.

— Mãe, honorável genitora! Volte e me conte sobre o renascimento! — ele gritou.

Mas não houve resposta.

Fou Wang retornou ao túmulo e acendeu um incenso. Mas não esperou para ver sua fumaça se levantar. Em vez disso, correu para casa de Kien Lung e disse à garota que encontrou na porta:

— Meu amor por você não se alimentará mais da fragrância das flores e da luz do sol e da lua.

O VALIOSO BEBÊ CHINÊS

O bebê foi um raio de sol na vida de Fin Fan e seu amor por ele não poderia ser traduzido em palavras. Assim que nasceu, ela costumava se deitar com o rosto próximo à boca pequena e macia e pensava que não havia nada mais belo no mundo que o rostinho corado diante de si. O toque daqueles dedinhos dos pés e das mãos faziam seu corpo todo estremecer. Foram dias maravilhosos, mas passaram rápido demais. Uma semana após o nascimento de Flor de Jasmim, Fin Fan já estava ocupada enrolando folhas de tabaco na escura sala nos fundos da fábrica de seu marido. Enrolar folhas de tabaco havia sido a ocupação de Fin Fan desde que se tornara esposa de Chung Kee. E que trabalho duro e cansativo era aquele. Agora, porém, ela não se importava muito, pois um beliche fora construído em um dos cantos da sala para abrigar seu embrulho mais precioso. A toda hora ela ia até lá cantarolar para o bebê que repousava ali.

Mas embora Fin Fan estimasse tanto sua criança, o pai de Flor de Jasmim preferiria que ela não tivesse nascido, pois a considerava um estorvo que tomava tempo demais da mãe. Ele preferia que Fin Fan gastasse suas horas enrolando folhas

de tabaco a ficar cuidando do bebê. Contudo, Fin Fan podia fazer as duas coisas. Pulava da cama logo cedo e se recolhia apenas tarde da noite. Continuava fazendo tanto dinheiro para seu marido como antes do bebê nascer. E para ela a situação era boa, pois a alternativa seria que o bebê fosse dado a alguma mulher mais afortunada. Não que Fin Fan se considerasse desafortunada. Isso não! Ela fora uma escravinha trabalhadora sua vida toda e, depois que sua ama a vendeu a Chung Kee para ser sua esposa, ela nunca sequer sonhou em reclamar pois, embora fosse esposa, ainda era escrava.

Quando Flor de Jasmim tinha cerca de seis meses, uma das senhoras da missão, ao fazer sua ronda por Chinatown, foi visitar Fin Fan e seu bebê.

— Mas que beleza de criança! — exclamou a senhora. — E que esperta — continuou, notando os amuletos nos pequenos tornozelos e pulsos, o colete acolchoado e as alegres calças com as quais Fin Fan havia enfeitado seu tesouro.

Fin Fan sentou-se e sorriu com timidez, roçando seu queixo delicadamente contra a bochecha do bebê. Fin Fan ainda mal deixara de ser uma criança.

— Oh, gostaria de saber, cara mamãe — disse a senhora —, se não deixaria sua pequena participar do concurso de bebês chineses que teremos na véspera do Natal, na escola da missão presbiteriana.

Os olhos de Fin Fan faiscaram.

— Como assim? Você acha que meu bebê venceria? — perguntou hesitante.

— Na verdade, acho que sim — respondeu a senhora tocando os bracinhos perfeitos e observando aqueles brilhantes olhos negros.

Daquele dia até a véspera do Natal, Fan Fin não pensava em outra coisa além do concurso de bebês. Ela iria com seu bebê e, se ganhasse um prêmio, talvez seu pai olhasse para ela com mais carinho. Assim não ficaria tão aborrecido quando a pequena fizesse seus barulhinhos ou chorasse.

Na manhã da véspera de Natal, Chung Kee trouxe para a sala de Fin Fan um grande fardo de tabaco. Ele declarou que tudo aquilo deveria estar enrolado até a noite. Quando chegou a hora do concurso, o trabalho ainda não estava terminado. Contudo, Fin Fan vestiu seu bebê, enrolou-o em um xale e saiu discretamente dali com ela no colo.

Ao chegar na sede da missão, foi recepcionada por uma cena esplêndida. Os pequenos concorrentes, no espaço reservado a eles, apresentavam em geral uma aparência maravilhosa. Todos haviam sido cuidadosamente preparados para a prova de beleza e estavam tão belos quanto era possível. Em alguns casos, porém, usavam enfeites nas

cabeças e volumosas roupas de seda que praticamente os faziam desaparecer. Outros pequenos praticamente reluziam em ouro e lantejoulas, enquanto outros ainda se pareciam com austeros querubins, praticamente nus. A maioria eram crianças saudáveis e robustas, e nenhum dos quarenta e cinco parecia zangado ou chorava. O bebê de Fin Fan era o 46º e foi imediatamente cercado e admirado por um grupo de senhoras.

Os olhos de Fin Fan pareciam bailar. Seu bebê ganharia um prêmio e ela nunca mais precisaria temer que seu marido quisesse dá-lo embora. Esse terrível medo a assombrava desde o nascimento. “Mas é claro”, pensou a pequena mãe, “que se ganhar um prêmio ele ficará tão orgulhoso que me deixará ficar com ela para sempre”.

E o bebê de Fin Fan realmente ganhou um prêmio, um pedacinho brilhante de ouro. Ela correu satisfeita e empolgada para casa, muito feliz e orgulhosa.

Chung Kee estava furioso. Fin Fan desaparecera e o trabalho que havia demandado pela manhã estava sobre a mesa, inacabado. Ele disse algumas palavras duras em um tom suave, como era normalmente seu costume, e então disse à senhora que ajudava aos homens na fábrica que se aprontasse para levar o bebê à esposa do fitoterapeuta naquela noite.

— Diga a ela — ele falou — que meu primo, o médico, me contou que ela deseja há muito um filho e que então enviarei uma menina como presente de Natal, como os americanos costumam fazer.

Nesse momento houve uma forte batida na porta. Chung Kee lentamente a destrancou e dois homens entraram, carregando uma maca sobre a qual repousava uma forma coberta.

— O que fazem na minha loja? — perguntou Chung Kee com seu inglês truncado.

Os homens baixaram sua carga e um deles puxou o lençol que cobria a maca, revelando uma mulher desmaiada e um bebê morto.

— Foi na rua Jackson. A mulher tentava correr com o bebê nos braços e quando chegou no cruzamento o carro do açougueiro virou a esquina. Alguns chineses que o conhecem me disseram para trazê-la aqui. Sua esposa e filha, não?

Chung Kee fitou a face imóvel atônito... o horror habitava seus olhos.

Uma multidão de curiosos começou a se formar. Um médico estava entre eles e abriu caminho entre as pessoas até onde Fin Fan começava a recobrar a consciência.

— Todos para trás. Precisamos de ar! — gritou autoritariamente.

Fin Fan, despertada pela voz poderosa, levantou a cabeça debilmente. Olhou diretamente nos olhos de seu marido e disse:

— O bebê de Chung Kee ganhou o primeiro prêmio. Chung Kee vai deixar Fin Fan ficar com ela para sempre.

E isto foi tudo. Os olhos de Fin Fan se fecharam. Sua cabeça pendeu para trás ao lado de seu valioso bebê... para sempre.

LIN JOHN

Era noite de Ano Novo e Lin John alimentava o fogo que crepitava. Entre as frestas do telhado as estrelas reluziam. Do fundo da noite, elas brilhavam sobre ele, e ele sentia sua beleza, embora não tivesse palavras para descrevê-las. A longa trança enrolada em volta de sua cabeça se desprendeu preguiçosamente e pendeu em suas costas. Seu rosto jovem e delicado estava plácido e feliz. Lin John estava em paz com o mundo. Em uma de suas mangas havia uma pequena bolsa de ouro, acumulada pelos ganhos de três anos. Era o ouro que libertaria sua única irmã de um aprisionamento humilhante e secreto. Um sentimento de dever cumprido permitia que agora sonhasse com o porvir. Que camarada afortunado ele era por ter sido capaz de ter um trabalho lucrativo e em três anos acumular quatrocentos dólares! Nos próximos três anos ele poderia montar um pequeno negócio e enviar sua irmã para os seus pais na China, onde viveria como uma mulher honesta. As arestas de sua vida foram esquecidas naquele calor reconfortante e o mundo sucumbiu aos seus sonhos.

O trinco se abriu suavemente. Uma mulher se aproximou do garoto com passos furtivos e ajoelhou-se ao seu

lado. Sob o brilho trêmulo do fogo já fraco, ela encontrou o que procurava. Escondeu rapidamente a bolsa entre seus seios e, em silêncio, saiu.

Lin John acordou. Sentia-se muito leve — assim como suas mangas. Pegou sua tigela de arroz e a encheu. Seus palitos caíram no chão. Com as mãos metidas em sua blusa, sentiu que algo não estava lá. Primeiro, seus olhos se estalaram. Então proferiu um grito baixo e sua face ficou velha e cinzenta.

Era um apartamento abastado, ricamente atapetado, com mobília escura e o teto esculpido artisticamente, decorado com lindos ornamentos chineses e incensários de ouro. As paredes eram revestidas de cima a baixo com longos lambris de bambu cobertos de seda estampada com personagens chineses, plantas tropicais em armações e pesadas cortinas que protegiam as janelas. Situava-se no coração de Chinatown. Nesse ambiente, uma menina vestia um traje de seda azul escuro sobre uma saia lindamente bordada. As mangas pendiam sobre suas mãos cobertas por anéis e calçava sapatos leves de seda. Flores de joias enfeitavam seus cabelos, e usava três ou quatro pares de braceletes. Brincos de ouro pendiam de suas orelhas.

Era uma bela garota com rosto claro e oval, olhos amendoados e escuros, boca pequena e carnuda, cabelos de azeviche e uma silhueta miúda e graciosa.

Na cadeira a seu lado havia um manto de pele de foca como os que as americanas elegantes usavam. A garota o olhou admirada e logo acariciou a pele com seus dedos.

— Pau Sang — ela chamou.

Uma cortina se abriu e uma chinesa gorda e de rosto redondo, com blusa e calças de cetim negro, apareceu.

— Veja — disse a beldade. — Tenho um manto como o das americanas. Não é lindo?

Pau Sang concordou.

— Eu me preocupo com Moy Loy — ela disse. — Está devendo na Casa de Apostas do Tigre e perdendo dinheiro.

— Não foi Moy Loy quem me deu. Eu mesma comprei.

— Mas quem lhe deu o dinheiro?

— Se eu contar um segredo, promete guardá-lo?

Pau Sang sorriu de modo sombrio e sua amiga, chegando mais perto, disse:

— Peguei o dinheiro do meu irmão... era meu dinheiro. Há anos ele trabalha para me libertar. Na semana passada, ele me disse que tinha economizado quatrocentos dólares para pagar a Moy Loy pela minha liberdade. Mas para que eu preciso ser libertada? Para ser pobre? Para não ter ninguém

que me pague bons jantares e coisas bonitas? E deixar de ser feliz? Lin John tinha boas intenções, mas não me conhece bem. Para mim, é melhor ter um manto de pele de foca como as elegantes americanas. Umhas duas noites atrás eu fui até seu rancho e o encontrei dormindo. Não o acordei... e agora tenho este manto para o primeiro dia do ano. Entendeu?

— Os céus me odeiam — disse Lin John com tristeza ao falar com Moy Loy. — Juntei o dinheiro para libertar minha irmã e o perdi. Sinto muito e gostaria que dissesse a ela que, por sua causa, vou trabalhar e ser disciplinado até que outros três anos se passem e que, embora a culpa seja do meu próprio descuido, continuo fiel à ela.

E com esse punhal fincado em suas costas ele saiu da casa. De uma janela no alto, uma mulher olhava para baixo e disse para si mesma:

— Tolo!

O ESPÍRITO AFIM DE TIAN SHAN

Se Tian Shan fosse americano e a China lhe fosse um país proibido, suas ousadas expedições e excitantes aventuras serviriam de inspiração para diversos artigos em jornais e revistas, livros e contos. Como herói, certamente ofuscaria Dewey,²⁰ Peary²¹ ou Cook.²² Contudo, sendo chinês e o país proibido os Estados Unidos, ele simplesmente foi descrito pela imprensa americana como “um oriental matreiro que ‘por meios escusos e truques baixos’ enganou a vigilância de nossos corajosos fiscais alfandegários”. Quanto às suas experiências, a única que tinha algum interesse especial nelas foi Fin Fan.

Fin Fan e Tian Shan tinham muitas afinidades. Ela, filha de um chinês canadense proprietário de uma loja, era alvo

20 George Dewey (1837-1917) foi o comandante naval norte-americano que derrotou a frota espanhola na Batalha de Manila Bay durante a Guerra Hispano-Americana (1898).

21 Robert E. Peary (1856-192) foi um famoso explorador norte-americano das regiões árticas.

22 James Cook (1728-1779) foi um explorador e navegador britânico. Em sua carreira comandou três expedições ao Oceano Pacífico. Em suas viagens, chegou à região do círculo polar Antártico, no sul; e ao estreito de Bering, no norte.

de muita atenção tanto das senhoras da missão protestante como das boas irmãs católicas.

— Gosto de falar e de me vestir como vocês — ela costumava responder às tentativas de colocá-la nos moldes —, mas não quero pensar como vocês. Discutem muito.

E quando a pressionavam dizendo que seu pai era um convertido — as senhoras da missão sobre a fé protestante e as freiras à católica — ela respondia calmamente:

— É mesmo? Bem, eu não sou meu pai. Além do mais, meu pai só se diz católico ou protestante para agradar vocês. É um homem amável e quer ser gentil.

Suas motivações originais e independentes levaram Fin Fan a viver, como acabou acontecendo, em uma atmosfera de proscricção entre seus próprios conterrâneos, pois todas as chinesas respeitáveis no Canadá e nos Estados Unidos, a não ser que seus maridos fossem influentes em seu próprio país, se ajustavam à religião das mulheres da raça branca.

Fin Fan sentou-se na soleira da porta da casa de seu pai distraída com um novelo de lã e um gatinho. Ela era uma bela garota, com feições delicadas, olhos bem puxados e lábios dignos das mulheres de Soo Chow, a província de sua falecida mãe.

Eis que Tian Shan apareceu.

— Vamos dar um passeio pela montanha? — perguntou.

— Não sei — respondeu Fin Fan.

— Vamos! — ele insistiu.

O passeio foi muito agradável, ainda mais por ser outono, quando as folhas das árvores ficam coloridas e transformam a própria montanha em um grande ramalhete.

O ar estava fresco e doce com o aroma dos pinheiros. Tian Shan e Fin Fan conversavam empolgados — não somente por eles, mas pela maravilhosa paisagem. O sol brilhava entre o bosque de árvores de troncos escuros e suas folhas douradas, os esquilos se agitavam entre elas, os pássaros cantavam e falavam sozinhos em seus ninhos já em abandono, e muitas outras graças da natureza. A vida errante de Tian Shan o tornara um exímio conhecedor da mata e Fin Fan... bem, Fin Fan era seu espírito afim.

Um grande carvalho os convidou a se sentarem sob seus galhos como se houvesse ali uma fogueira.

Depois de comerem meia dúzia de nozes, Fin Fan pediu que Tian Shan lhe contasse de sua última aventura. Toda vez que cruzava a fronteira, ele era obrigado a criar algum novo plano para conseguir seu feito. Como normalmente se dava bem, havia sempre uma nova história a contar sempre que voltava ao Canadá.

Desta vez ele cruzara o rio dois quilômetros acima das corredeiras Lanchine em uma canoa de guerra indígena e chegou em uma enseada cercada por corais, onde seria impossível persegui-lo. Foi uma manobra ousada, pois precisou seguir pela correnteza traiçoeira do St. Laurence. Suas quedas formidáveis faziam parecer que, de fato, ele perderia a vida na furiosa catarata. Mas com coragem indomável ele seguiu adiante. A canoa, a cada mergulho dos remos, empinava nas ondas e cortava a espuma, até que finalmente chegasse à margem pela qual ele tanto havia se arriscado.

Fin Fan ficou pensativa por alguns momentos após ouvir sua narrativa.

— Por que — finalmente perguntou — você vem tanto para este lado e depois arrisca sua vida para voltar se ganha muito mais dinheiro nos Estados Unidos do que no Canadá?

Tian Shan ficou pasmo. Ele mesmo não costumava analisar as razões de suas ações.

Ao vê-lo permanecer em silêncio, Fin Fan continuou:

— Eu acho — ela disse — bem bobo da sua parte ficar indo e voltando de um país ao outro, perdendo seu tempo sem realizar nada.

Tian Shan revolveu um pouco da terra fofa com suas botas.

— Talvez seja — ele observou.

Naquela noite o apetite de Tian Shan pela ceia estava menor que de costume e, quando deitou sua cabeça no travesseiro, em vez de dormir, só pensava em Fin Fan. Fin Fan! Fin Fan! Seu rosto estava à sua frente, sua voz em seus ouvidos. O relógio marcava: Fin Fan. O gato miava, o rato chiava, os pássaros noturnos cantavam: Fin Fan. Ele se agitou, tentando descobrir o que o incomodava. Aos primeiros raios da manhã compreendeu sua condição: ele amava Fin Fan como um americano ama a garota com quem se casará.

Mas Tian Shan, diferentemente da maioria dos chineses, nunca guardara dinheiro e, portanto, não tinha uma casa para oferecer a Fin Fan. Ele também sabia que o pai dela dava atenção a outro comerciante de Montreal, que daria um bom genro.

Na luz do início da manhã, Tian Shan se levantou e redigiu uma carta. Na carta, escrita com um pincel fino em longas folhas de papel amarelo, contou a Fin Fan que, por ela dizer ser uma tolice, desistiria por algum tempo do prazer de ir e vir pela fronteira. Estava dominado pelo desejo de economizar dinheiro para ter uma esposa e uma casa. Talvez em um ano eles se vissem novamente.

Lee Ping mal podia acreditar que sua filha se opunha seriamente a se tornar esposa de Wong Ling, um jovem

comerciante bem-apessoado e próspero. Ele tentou fazê-la raciocinar, mas em vez de se apegar ao casamento, ela declarou que preferia trabalhar como doméstica para uma senhora canadense que conhecera na missão antes de se casar com o homem escolhido por seu pai.

— Wong Ling não é um homem adequado? — perguntou seu pai, impressionado.

— Se é ou não adequado não faz diferença — retrucou Fin Fan. — Não me casarei com ele e a lei deste país não me obriga a casar contra a minha vontade.

O rosto bem-humorado de Lee Ping assumiu uma expressão de piedade por sua filha. Somente uma galinha que chocou um ovo de pata e vê seu filho ir para a água na primeira oportunidade teria uma expressão parecida.

O coração de Fin Fan amoleceu. Ela gostava tanto de seu pai quanto ele dela. Sentou-se ao lado dele e acariciou seu braço.

— Gostaria de ficar com você um pouco mais — ela disse. Lee Ping meneou a cabeça, mas concordou.

— Você precisa convencê-la — ele disse a Wong Ling naquela noite. — Estamos em um país onde as leis e costumes sagrados da China não valem nada.

Então Wong Ling decidiu pedi-la em casamento. Ele não era um rapaz feio e sabia bem como adocicar seu discurs-

so. Além do mais, ele acreditava poder abrir caminho com flores, bijuterias e docinhos.

Fin Fan observou, ouviu e aceitou todos os presentes que recebia. Guardava tudo cuidadosamente em um baú que pretendia levar à Nova York no futuro.

— Ajudarão a decorar a casa de Tian Shan — ela disse.

Doze luas se passaram desde que Tian Shan começou a pensar em economizar e, novamente, escreveu para Fin Fan.

— Consegui e economizei — escreveu. — Posso buscá-la? E a resposta enviada pelo correio não foi “não”.

Obviamente, o coração de Fin Fan se acelerou empolgado quando Tian Shan adentrou a loja de seu pai. Mas algum instinto indescritivelmente feminino a fez simplesmente acenar com a cabeça friamente para ele, e continuou o que poderia ser chamado de flerte com Wong Ling, que a presenteara minutos antes com o primeiro lírio chinês da estação e uma caixa do melhor gengibre em conserva.

Tian Shan sentou-se sobre uma caixa de cogumelos secos e olhou zangado para seu rival que, alheio ao fato de ser um terceiro — quando só poderia haver dois — continuava a falar sem parar. Sem pensar e cordialmente, Fin Fan disse uma palavra para o primeiro e depois para o outro. E embora

amasse um com todo seu coração, acabou demonstrando mais receptividade ao outro.

Finalmente Tian Shan levantou-se e marchou até o balcão.

— São seus? — perguntou a Wong Ling apontando para o lírio e a caixa de gengibres.

— A srta. Fin Fan me deu a honra de aceitá-los — respondeu Wong Ling suavemente.

— Muito bem — comentou Tian Shan. Ele pegou os presentes e os jogou na rua.

Uma cena de completa confusão se seguiu. No meio disso, o pai de Fin Fan, que havia saído para a cidade, apareceu na porta.

— O que significa isto? — ele demandou.

— Ah, papai, papai, eles estão se matando! Separe-os! Separe-os! — implorou Fin Fan.

Mas não foi necessária a interferência do pai. Wong Ling se esquivou para um lado e, ao cair, chocou-se contra o pé de ferro do aquecedor. Tian Shan, ao ver seu rival inconsciente, saiu correndo da loja.

A lua brilhava no céu como uma grande pérola amarelada em uma noite agradável e serena. Mas Fin Fan, desgraçada e infeliz, não podia dormir.

— Tudo culpa sua! Tudo culpa sua! — declarou a voz da consciência.

— Fin Fan — falou uma voz próxima a ela.

Quem seria? Sim, certamente era Tian Shan.

Ela foi incapaz de conter um grito.

— Shh! — pediu Tian Shan. — Ele morreu?

— Não — respondeu Fin Fan. — Está muito mal, mas vai se recuperar.

— Quase me tornei um assassino — meditou Tian Shan. — Mesmo assim, estou sujeito a pegar alguns anos de cadeia.

— Sou a causa dos seus problemas — chorou Fin Fan.

Tian Shan bateu em seu ombro para tentar consolá-la, mas ruídos de passos a afastaram dele imediatamente.

— Vão bater em você! — ela gritou. — Saia! Saia!

Tian Shan lançou um longo olhar de adeus e se foi, apressado.

Pobre Fin Fan! Acabou perdendo a todos. Além da vergonha, havia angústia e remorso em seu coração. Todas as esperanças e sonhos que o alimentaram durante um ano agora se resumiam a nada. E ele, por quem havia se apaixonado, agora era um foragido da justiça, inclusive no Canadá.

Certo dia, ela pegou um jornal americano que um cliente deixou no balcão, mais por hábito do que intencionalmente, e leu os parágrafos em voz alta.

Um chinês que respirava o ar dos Estados Unidos ilegalmente por muitos anos fora capturado ao tentar cruzar a fronteira, uma proeza que, segundo ele, havia realizado mais de uma dúzia de vezes nos últimos anos. Seu nome era Tian Shan e, sem dúvida, seria deportado para a China assim que a papelada necessária fosse concluída.

Fin Fan levantou sua cabeça. Ar fresco e luz invadiram sua alma. Seus olhos faiscaram. No armário atrás dela havia um terno de seu pai. Fin Fan era uma jovem mulher, alta e forte.

— Você tem visita — disse o guarda ao parar em frente à cela de Tian Shan. — Um menino sem visto foi pego hoje cedo por dois de nossos homens deste lado do Rouses Point. Ele não nos deu nenhum dado pessoal, por isso vamos colocá-lo com você. Talvez façam a viagem para a China juntos.

Tian Shan continuou lendo um jornal chinês que lhe permitiram manter consigo. Não estava nem um pouco interessado na companhia que trariam. Preferia ficar sozinho. O rosto da pessoa ausente é muito mais fácil de ser convocado no silêncio e na solidão. Já estava claro que Tian Shan nunca

mais veria Fin Fan e por meio da verdadeira filosofia chinesa ele começava a rejeitar a realidade e aceitar os sonhos como substrato para sua vida. A própria vida era dura, amarga e frustrante. Somente os sonhos eram alegres e sorridentes.

Uma estrela após a outra apareceu até que o céu ficou salpicado e cintilante. Pelas barras da cela, Tian Shan fitava solenemente o firmamento.

Alguém tocou seu ombro. Era seu companheiro de cela.

Até então o menino não havia se intrometido. Ficara encolhido, dormindo profundamente em um canto desde que chegara.

— O que você quer? — perguntou Tian Shan sem ser indelicado.

— Ir para a China com você e ser sua esposa — foi a resposta suave e surpreendente.

— Fin Fan! — exclamou Tian Shan. — Fin Fan!

O menino tirou seu chapéu.

— Isso — disse. — Sou eu, Fin Fan!

A CANTORA

I

Ah Oi, a atriz chinesa, deitou-se no chão de seu quarto e apoiou o queixo nas mãos fechadas para olhar a estreita faixa de céu azul que podia ser vista pela janela. Ela parecia ter perdido seu bom humor costumeiro. Pela primeira vez desde que deixara sua casa, seus pensamentos estavam seriamente no passado e ela ansiava muito pelo mar da China, os barcos e as areias úmidas e enrugadas pelo vento. Seu pai era um pescador e por muitas primaveras ela acompanhou a reunião da frota pesqueira à qual ele pertencia. Ela se lembrava de aplaudir as embarcações que saíam para o mar e realizar o trabalho daquela temporada. A de seu pai ia junto, reluzindo o quanto sua pintura permitia, com uma bandeirinha tremulando na popa. Ainda se lembrava de como sua mãe a ensinara a rezar para a “Nossa Senhora de Pootoo”, a deusa dos marinheiros. Não é preciso ser cristão para ser religioso, e os pais de Ah Oi haviam instruído sua filha cuidadosamente de acordo com seus conhecimentos,

portanto, não era culpa deles que ela fosse uma atriz desprezada em uma Chinatown nos Estados Unidos.

O som de passos do lado de fora pareceu afugentar a melancolia de Ah Oi. Quando uma garota cruzou a porta, ela olhava a rua abaixo com interesse: uma movimentada via pública de Chinatown.

A visitante tinha uma aparência estranha. Chorava tanto que a tinta vermelha, o pó de arroz e o batom carmim borravam seu semblante naturalmente belo.

Ah Oi desatou a rir.

— Ora, Mag-gee — ela disse —, você está muito esquisita com esses riachos vermelhos escorrendo no seu rosto. O que foi?

— O que foi? — repetiu Mag-gee, que era metade branca. — A questão é que eu preferia estar morta! Esta noite devo me casar com um chinês que nunca vi antes e que não posso suportar. Não é uma coisa natural. Sempre fiquei com outros homens, mas nunca consegui me envolver com um chinês. Nasci na América e nem me pareço chinesa, nem fisicamente nem de jeito nenhum! Meus olhos são azuis e tem dourado em meu cabelo. Adoro batata e bife. Toda vez que como arroz passo mal, sem falar dos picadinhos. Ele chegou há uma semana e combinou tudo com meu pai. Agora está acertado que irei embora,

para morar para sempre na China. Ano que vem serei uma chinesa... já comecei a treinar hoje, quando meu pai me fez usar tinta e pó no rosto, e me vestir com roupas chinesas. Ah! Que ninguém nunca passe pelo que estou passando. Só de pensar em me casar com um chinês...! Como eu odeio os chineses! E o pior de tudo é que amo outra pessoa.

A garota caiu em soluços profundos. A atriz, evidentemente acostumada a ouvir seus compatriotas insultados pelos cidadãos brancos e meio-brancos de Chinatown, gargalhou um riso leve e retumbante. Seus olhos brilharam maliciosamente.

— Se não gosta de homens chineses — disse —, por que se casar com um? E se gosta de outra pessoa, por que não fica com esse alguém?

Eram palavras fortes proferidas por uma chinesa! Mas Ah Oi não era como as outras mulheres chinesas, a vida toda protegidas por seus maridos ou pais.

A garota meio-branca fitou sua amiga.

— O que você quer dizer? — ela perguntou.

— Isto — disse Ah Oi.

A cabeça loura e a negra se aproximaram. E as duas mulheres passaram pela porta entre cochichos e risos contidos.

— Ah Oi vai aprontar alguma — disse alguém.

II

— A cantora! A cantora! — era um clamor puro de raiva e surpresa.

A cerimônia do véu da noiva acabava de ser realizada e Hwuy Yen, pai de Mag-gee, e seus amigos estavam completamente ensandecidos pela revelação da pequena figura lindamente vestida no centro da sala não ser a noiva esperada, mas Ah Oi, a atriz e cantora.

Todas as vozes menos uma se alvoroçaram. O noivo, um homem alto e bonito, não entendia o que acontecera. Ele não tinha palavras para expressar sua surpresa pela algazarra. Ele estava tão perdido que somente quando Hwuy Yen se aproximou da noiva e a ameaçou com gestos o rapaz tomou seu papel de marido e interferiu colocando-se na frente dela.

— Do que se trata isto? — inquiriu. — O que minha esposa fez para merecer tal afronta?

— Esposa? — disparou Hwuy Yen desdenhoso. — Ela não é sua esposa. Você devia se casar com minha filha, Mag-gee. Esta não é minha filha. É uma impostora, uma atriz, uma cantora. Onde está minha filha?

Ah Oi soltou sua gargalhada peculiar, retumbante e divertida. Ela não parecia nem um pouco envergonhada e,

na verdade, parecia gostar da situação. Seus olhos brilhantes e desafiadores encontraram os de seu inquisidor e respondeu:

— Mag-gee foi comer bife com batatas com um homem branco. Ah, nós nos divertimos tanto ensaiando esta peça!

— Veja como ela não vale nada — disse Hwuy Yen para o jovem noivo.

O noivo se compadeceu de Ah Oi. Ele era um homem e talvez algum carinho tenha tomado seu coração contra tanto amargor demonstrado contra a garota. Ela era linda. Ele a puxou para si.

— Você tem alguma explicação? — ele perguntou com tristeza.

Por um momento ela fitou seus olhos... os únicos olhos que transmitiam verdadeira gentileza aos seus depois de tantas luas.

— Explique-me você — ela respondeu com um olhar suplicante.

Então Ke Leang, o noivo, falou:

— A filha de Hwuy Yen não se prestou a ser minha noiva e buscou sua felicidade com outro. Ah Oi, de coração gentil, a ajudou em sua felicidade e tentou compensar minha perda se entregando a mim. Ela foi tola e indiscreta, mas o bem que mora dentro de seu peito é maior que o mal. Agora ela é minha esposa e não há quem possa dizer o contrário.

Ah Oi puxou sua manga.

— Você me dá créditos que não mereço — ela disse.

— Não tenho sentimentos gentis. Apenas pensei em pregar uma peça. Não sou sua esposa. Não passa de uma cena como na peça em que atuei amanhã.

— Quieta — ordenou Ke Leang. — Você não atuará mais. Me casarei com você e levarei para a China.

Então algo no coração de Ah Oi, que por muito tempo estava rígido como uma pedra, tornou-se leve e suave, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Oh, senhor — ela disse. — É preciso um coração para amar e você despertou o coração que há dentro deste meu peito de cantora.

壽
司

海

聚春園

客滿

SEAFOOD
RESTAURANT





Mrs. Spring Fragrance

Suin Sin Far

ACKNOWLEDGMENT

I have to thank the Editors of The Independent, Out West, Hampton's, The Century, Delineator, Ladies' Home Journal, Designer, New Idea, Short Stories, Traveler, Good Housekeeping, Housekeeper, Gentlewoman, New York Evening Post, Holland's, Little Folks, American Motherhood, New England, Youth's Companion, Montreal Witness, Children's, Overland, Sunset, and Westerner magazines, who were kind enough to care for my children when I sent them out into the world, for permitting the dear ones to return to me to be grouped together within this volume.

MRS. SPRING FRAGRANCE

I

When Mrs. Spring Fragrance first arrived in Seattle, she was unacquainted with even one word of the American language. Five years later her husband, speaking of her, said: "There are no more American words for her learning." And everyone who knew Mrs. Spring Fragrance agreed with Mr. Spring Fragrance.

Mr. Spring Fragrance, whose business name was Sing Yook, was a young curio merchant. Though conservatively Chinese in many respects, he was at the same time what is called by the Westerners, "Americanized." Mrs. Spring Fragrance was even more "Americanized."

Next door to the Spring Fragrances lived the Chin Yuens. Mrs. Chin Yuen was much older than Mrs. Spring Fragrance; but she had a daughter of eighteen with whom Mrs. Spring Fragrance was on terms of great friendship. The daughter was a pretty girl whose Chinese name was Mai Gwi Far (a rose) and whose American name was Laura.

Nearly everybody called her Laura, even her parents and Chinese friends. Laura had a sweetheart, a youth named Kai Tzu. Kai Tzu, who was American-born, and as ruddy and stalwart as any young Westerner, was noted amongst baseball players as one of the finest pitchers on the Coast. He could also sing, "Drink to me only with thine eyes," to Laura's piano accompaniment.

Now the only person who knew that Kai Tzu loved Laura and that Laura loved Kai Tzu, was Mrs. Spring Fragrance. The reason for this was that, although the Chin Yuen parents lived in a house furnished in American style, and wore American clothes, yet they religiously observed many Chinese customs, and their ideals of life were the ideals of their Chinese forefathers. Therefore, they had betrothed their daughter, Laura, at the age of fifteen, to the eldest son of the Chinese Government school-teacher in San Francisco. The time for the consummation of the betrothal was approaching.

Laura was with Mrs. Spring Fragrance and Mrs. Spring Fragrance was trying to cheer her. "I had such a pretty walk today," said she. "I crossed the banks above the beach and came back by the long road. In the green grass the daffodils were blowing, in the cottage gardens the currant bushes were flowering, and in the air was the perfume of the wallflower. I wished, Laura, that you were with me."

Laura burst into tears. "That is the walk," she sobbed, "Kai Tzu and I so love; but never, ah, never, can we take it together again."

"Now, Little Sister," comforted Mrs. Spring Fragrance "you really must not grieve like that. Is there not a beautiful American poem written by a noble American named Tennyson, which says:

"'Tis better to have loved and lost, Than never to have loved at all?"

Mrs. Spring Fragrance was unaware that Mr. Spring Fragrance, having returned from the city, tired with the day's business, had thrown himself down on the bamboo settee on the veranda, and that although his eyes were engaged in scanning the pages of the Chinese World, his ears could not help receiving the words which were borne to him through the open window.

"'Tis better to have loved and lost, Than never to have loved at all," repeated Mr. Spring Fragrance. Not wishing to hear more of the secret talk of women, he arose and sauntered around the veranda to the other side of the house. Two pigeons circled around his head. He felt in his pocket for a lichi which he usually carried for their pecking. His fingers touched a little box. It contained a jadestone pendant, which Mrs. Spring Fragrance had particularly

admired the last time she was down town. It was the fifth anniversary of Mr. and Mrs. Spring Fragrance's wedding day.

Mr. Spring Fragrance pressed the little box down into the depths of his pocket.

A young man came out of the back door of the house at Mr. Spring Fragrance's left. The Chin Yuen house was at his right.

"Good evening," said the young man.

"Good evening," returned Mr. Spring Fragrance. He stepped down from his porch and went and leaned over the railing which separated this yard from the yard in which stood the young man.

"Will you please tell me," said Mr Spring Fragrance, "the meaning of two lines of an American verse which I have heard? "

"Certainly," returned the young man with a genial smile. He was a star student at the University of Washington, and had not the slightest doubt that he could explain the meaning of all things in the universe.

"Well," said Mr. Spring Fragrance, "it is this:

" 'Tis better to have loved and lost,
Than never to have loved at all."

“Ah!” responded the young man with an air of profound wisdom. “That, Mr. Spring Fragrance, means that it is a good thing to love anyway — even if we can’t get what we love, or, as the poet tells us, lose what we love. Of course, one needs experience to feel the truth of this teaching.”

The young man smiled pensively and reminiscently. More than a dozen young maidens “loved and lost” were passing before his mind’s eye.

“The truth of the teaching!” echoed Mr. Spring Fragrance, a little testily. “There is no truth in it whatever. It is disobedient to reason. Is it not better to have what you do not love than to love what you do not have?”

“That depends,” answered the young man, “upon temperament.”

“I thank you. Good evening,” said Mr. Spring Fragrance. He turned away to muse upon the unwisdom of the American way of looking at things.

Meanwhile, inside the house, Laura was refusing to be comforted.

“Ah, no! no!” cried she. “If I had not gone to school with Kai Tzu, nor talked nor walked with him, nor played the accompaniments to his songs, then I might consider with complacency, or at least without horror, my approaching marriage with the son of Man You. But

as it is — oh, as it is — !”The girl rocked herself to and fro in heart-felt grief.

Mrs. Spring Fragrance knelt down beside her, and clasping her arms around her neck, cried in sympathy:

“Little Sister, oh, Little Sister! Dry your tears — do not despair. A moon has yet to pass before the marriage can take place. Who knows what the stars may have to say to one another during its passing? A little bird has whispered to me — “ For a long time Mrs. Spring Fragrance talked. For a long time Laura listened. When the girl arose to go, there was a bright light in her eyes.

II

Mrs. Spring Fragrance, in San Francisco on a visit to her cousin, the wife of the herb doctor of Clay Street, was having a good time. She was invited everywhere that the wife of an honorable Chinese merchant could go. There was much to see and hear, including more than a dozen babies who had been born in the families of her friends since she last visited the city of the Golden Gate. Mrs. Spring Fragrance loved babies. She had had two herself, but both had been transplanted into the spirit land before the completion of even

one moon. There were also many dinners and theatre-parties given in her honor. It was at one of the theatre-parties that Mrs. Spring Fragrance met Ah Oi, a young girl who had the reputation of being the prettiest Chinese girl in San Francisco, and the naughtiest. In spite of gossip, however, Mrs. Spring Fragrance took a great fancy to Ah Oi and invited her to a tete-a-tete picnic on the following day. This invitation Ah Oi joyfully accepted. She was a sort of bird girl and never felt so happy as when out in the park or woods.

On the day after the picnic Mrs. Spring Fragrance wrote to Laura Chin Yuen thus:

My Precious Laura, — May th6e bamboo ever wave. Next week I accompany Ah Oi to the beauteous town of San Jose. There will we be met by the son of the Illustrious Teacher, and in a little Mission, presided over by a benevolent American priest, the little Ah Oi and the son of the Illustrious Teacher will be joined together in love and harmony— two pieces of music made to complete one another.

The Son of the Illustrious Teacher, having been through an American Hall of Learning, is well able to provide for his orphan bride and fears not the displeasure of his parents, now that he is assured that your grief at his loss will not be inconsolable. He wishes me to waft to you and to Kai

Tzu — and the little Ah Oi joins with him — ten thousand rainbow wishes for your happiness.

*My respects to your honorable parents, and to yourself,
the heart of your loving friend,*

Jade Spring Fragrance

To Mr. Spring Fragrance, Mrs. Spring Fragrance also indited a letter:

Great and Honored Man, — Greeting from your plum blossom,¹ who is desirous of hiding herself from the sun of your presence for a week of seven days more. My honorable cousin is preparing for the Fifth Moon Festival, and wishes me to compound for the occasion some American “fudge,” for which delectable sweet, made by my clumsy hands, you have sometimes shown a slight prejudice. I am enjoying a most agreeable visit, and American friends, as also our own, strive benevolently for the accomplishment of my pleasure. Mrs. Samuel Smith, an American lady, known to my cousin, asked for my accompaniment to a magniloquent lecture the other evening. The subject was “America, the Protector of China!” It was most exhilarating, and the effect of so much

1 The plum blossom is the Chinese flower of virtue. It has been adopted by the Japanese, just in the same way as they have adopted the Chinese national flower, the chrysanthemum.

expression of benevolence leads me to beg of you to forget to remember that the barber charges you one dollar for a shave while he humbly submits to the American man a bill of fifteen cents. And murmur no more because your honored elder brother, on a visit to this country, is detained under the roof-tree of this great Government instead of under your own humble roof. Console him with the reflection that he is protected under the wing of the Eagle, the Emblem of Liberty. What is the loss of ten hundred years or ten thousand times ten dollars compared with the happiness of knowing oneself so securely sheltered? All of this I have learned from Mrs. Samuel Smith, who is as brilliant and great of mind as one of your own superior sex.

For me it is sufficient to know that the Golden Gate Park is most enchanting, and the seals on the rock at the Cliff House extremely entertaining and amiable. There is much feasting and merry-making under the lanterns in honor of your Stupid Thorn.

I have purchased for your smoking a pipe with an amber mouth. It is said to be very sweet to the lips and to emit a cloud of smoke fit for the gods to inhale.

Awaiting, by the wonderful wire of the telegram message, your gracious permission to remain for the celebration of the

*Fifth Moon Festival and the making of American "fudge," I
continue for ten thousand times ten thousand years,*

Your ever loving and obedient woman,

Jade

P.S. Forget not to care for the cat, the birds, and the flowers.

*Do not eat too quickly nor fan too vigorously now that the
weather is warming*

Mrs. Spring Fragrance smiled as she folded this last epistle. Even if he were old-fashioned, there was never a husband so good and kind as hers. Only on one occasion since their marriage had he slighted her wishes. That was when, on the last anniversary of their wedding, she had signified a desire for a certain jadestone pendant, and he had failed to satisfy that desire.

But Mrs Spring Fragrance, being of a happy nature, and disposed to look upon the bright side of things, did not allow her mind to dwell upon the jadestone pendant. Instead, she gazed complacently down upon her bejeweled fingers and folded in with her letter to Mr. Spring Fragrance a bright little sheaf of condensed love.

III

Mr. Spring Fragrance sat on his doorstep. He had been reading two letters, one from Mrs. Spring Fragrance, and the other from an elderly bachelor cousin in San Francisco. The one from the elderly bachelor cousin was a business letter, but contained the following postscript:

Tsen Hing, the son of the Government schoolmaster, seems to be much in the company of your young wife. He is a good-looking youth, and pardon me, my deaf cousin; but if women are allowed to stray at will from under their husbands' mulberry roofs, what is to prevent them from becoming butterflies?

“Sing Foon is old and cynical,” said Mr. Spring Fragrance to himself. “Why should I pay any attention to him? This is America, where a man may speak to a woman, and a woman listen, without any thought of evil.”

He destroyed his cousin's letter and re-read his wife's. Then he became very thoughtful. Was the making of American fudge sufficient reason for a wife to wish to remain a week longer in a city where her husband was not?

The young man who lived in the next house came out to water the lawn.

“Good evening,” said he. “Any news from Mrs. Spring Fragrance?”

“She is having a very good time,” returned Mr. Spring Fragrance.

“Glad to hear it. I think you told me she was to return the end of this week.”

“I have changed my mind about her,” said Mr. Spring Fragrance. “I am bidding her remain a week longer, as I wish to give a smoking party during her absence. I hope I may have the pleasure of your company.”

“I shall be delighted,” returned the young fellow. “But, Mr. Spring Fragrance, don’t invite any other white fellows. If you do not I shall be able to get in a scoop. You know, I’m a sort of honorary reporter for the Gleaner.”

“Very well,” absently answered Mr. Spring Fragrance.

“Of course, your friend the Consul will be present. I shall call it ‘A high-class Chinese stag party!’”

In spite of his melancholy mood, Mr. Spring Fragrance smiled.

“Everything is ‘high-class’ in America,” he observed. ,

“Sure!” cheerfully assented the young man. “Haven’t you ever heard that all Americans are princes and princesses,

and just as soon as a foreigner puts his foot upon our shores, he also becomes of the nobility — I mean, the royal family.”

“What about my brother in the Detention Pen?” dryly inquired Mr. Spring Fragrance.

“Now, you’ve got me,” said the young man, rubbing his head. “Well, that is a shame — ‘a beastly shame,’ as the Englishman says. But understand, old fellow, we that are real Americans are up against that — even more than you. It is against our principles.”

“I offer the real Americans my consolations that they should be compelled to do that which is against their principles.”

“Oh, well, it will all come right some day. We’re not a bad sort, you know. Think of the indemnity money returned to the Dragon by Uncle Sam.”

Mr. Spring Fragrance puffed his pipe in silence for some moments. More than politics was troubling his mind.

At last he spoke. “Love,” said he, slowly and distinctly, “comes before the Wedding in this country, does it not?”

“Yes, certainly.”

Young Carman knew Mr. Spring Fragrance well enough to receive with calmness his most astounding queries.

“Presuming,” continued Mr. Spring Fragrance — “presuming that some friend of your father’s, living —

presuming — in England — has a daughter that he arranges with your father to be your wife. Presuming that you have never seen that daughter, but that you marry her, knowing her not. Presuming that she marries you, knowing you not. — After she marries you and knows you, will that woman love you?”

“Emphatically, no,” answered the young man.

“That is the way it would be in America — that the woman who marries the man like that — would not love him?” ,

“Yes, that is the way it would be in America. Love, in this country, must be free, or it is not love at all.”

“In China, it is different!” mused Mr. Spring Fragrance.

“Oh, yes, I have no doubt that in China it is different.”

“But the love is in the heart all the same,” went on Mr. Spring Fragrance.

“Yes, all the same. Everybody falls in love some time or another. Some” — pensively — “many times.”

Mr. Spring Fragrance arose.

“I must go down town,” said he.

As he walked down the street he recalled the remark of a business acquaintance who had met his wife and had had some conversation with her: “She is just like an American woman.”

He had felt somewhat flattered when this remark had been made. He looked upon it as a compliment to his wife's cleverness; but it rankled in his mind as he entered the telegraph office. If his wife was becoming as an American woman, would it not be possible for her to love as an American woman — a man to whom she was not married? There also floated in his memory the verse which his wife had quoted to the daughter of Chin Yuen.

When the telegraph clerk handed him a blank, he wrote this message:

"Remain as you wish, but remember that 'Tis better to have loved and lost, than never to have loved at all."

When Mrs. Spring, Fragrance received this message, her laughter tinkled like falling water. How droll! How delightful! Here was her husband quoting American poetry in a telegram. Perhaps he had been reading her American poetry books since she had left him! She hoped so. They would lead him to understand her sympathy for her dear Laura and Kai Tzu. She need no longer keep from him their secret. How joyful! It had been such a hardship to refrain from confiding in him before. But discreetness had been most necessary, seeing that Mr. Spring Fragrance entertained as old-fashioned, notions concerning marriage as did the Chin

Yuen parents. Strange that that should be so, since he had fallen in love with her picture before ever he had seen her, just as she had fallen in love with his! And when the marriage veil was lifted and each beheld the other for the first time in the flesh, there had been, no disillusion — no lessening of the respect and affection, which those who had brought about the marriage had inspired in each young heart.

Mrs. Spring Fragrance began to wish she could fall asleep and wake to find the week flown, and she in her own little home pouring tea for Mr. Spring Fragrance.

IV

Mr. Spring Fragrance was walking to business with Mr. Chin Yuen. As they walked they talked.

“Yes,” said Mr. Chin Yuen, “the old order is passing away, and the new order is taking its place, even with us who are Chinese. I have finally consented to give my daughter in marriage to young Kai Tzu.”

Mr. Spring Fragrance expressed surprise. He had understood that the marriage between his neighbor’s daughter and the San Francisco school-teacher’s son was all arranged.

“So ‘twas,” answered Mr. Chin Yuen; “but it seems the young renegade, without consultation or advice, has placed his affections upon some untrustworthy female, and is so under her influence that he refuses to fulfil his parents’ promise to me for him.”

“So!” said Mr. Spring Fragrance. The shadow on his brow deepened.

“But,” said Mr. Chin Yuen, with affable resignation, “it is all ordained by Heaven. Our daughter, as the wife of Kai Tzu, for whom she has long had a loving feeling, will not now be compelled to dwell with a mother-in-law and where her own mother is not. For that, we are thankful, as she is our only one and the conditions of life in this Western country are not as in China. Moreover, Kai Tzu, though not so much of a scholar as the teacher’s son, has a keen eye for business and that, in America, is certainly much more desirable than scholarship. What do you think?”

“Eh! What!” exclaimed Mr. Spring Fragrance. The latter part of his companion’s remarks had been lost upon him.

That day the shadow which had been following Mr. Spring Fragrance ever since he had heard his wife quote, “’Tis better to have loved,” etc., became so heavy and deep that he quite lost himself within it.

At home in the evening he fed the cat, the bird, and the flowers. Then, seating himself in a carved black chair — a present from his wife on his last birthday — he took out his pipe and smoked. The cat jumped into his lap. He stroked it softly and tenderly. It had been much fondled by Mrs. Spring Fragrance, and Mr. Spring Fragrance was under the impression that it missed her.

“Poor thing!” said he. “I suppose you want her back!” When he arose to go to bed he placed the animal carefully on the floor, and thus apostrophized it:

“O Wise and Silent One, your mistress returns to you, but her heart she leaves behind her, with the Tommies in San Francisco.”

The Wise and Silent One made no reply. He was not a jealous cat.

Mr. Spring Fragrance slept not that night; the next morning he ate not. Three days and three nights without sleep and food went by.

There was a springlike freshness in the air on the day that Mrs. Spring Fragrance came home. The skies overhead were as blue as Puget Sound stretching its gleaming length toward the mighty Pacific, and all the beautiful green world seemed to be throbbing with springing life.

Mrs. Spring Fragrance was never so radiant.

“Oh,” she cried light-heartedly, “is it not lovely to see the sun shining so clear, and everything so bright to welcome me?”

Mr. Spring Fragrance made no response. It was the morning after the fourth sleepless night.

Mrs. Spring Fragrance noticed his silence, also his grave face.

“Everything — everyone is glad to see me but you,” she declared, half, seriously, half jestingly.

Mr. Spring Fragrance set down her valise. They had just entered the house.

“If my wife is glad to see me,” he quietly replied, “I also am glad to see her!”

Summoning their servant boy, he bade him look after Mrs. Spring Fragrance’s comfort.

“I must be at the store in half an hour,” said he, looking at his watch. “There is some very important business requiring attention.”

“What is the business?” inquired Mrs. Spring-Fragrance, her lip quivering with disappointment.

“I cannot just explain to you,” answered her husband.

Mrs. Spring Fragrance looked up into his face with honest and earnest eyes. There was something in his manner, in the tone of her husband’s voice, which touched her.

“Yen,” said she, “you do not look well. You are not well. What is it?”

Something arose in Mr. Spring Fragrance's throat which prevented him from replying.

"O darling one! sweetest one!" cried a girl's joyous voice. Laura Chin Yuen ran into the room and threw her arms around Mrs. Spring Fragrance's neck.

"I spied you from the window," said Laura, "and I couldn't rest until I told you. We are to be married next week, Kai Tzu and I. And all through you, all through you — the sweetest jade jewel in the world!"

Mr. Spring Fragrance passed out of the room.

"So the son of the Government teacher and little Happy Love are already married," Laura went on, relieving Mrs. Spring Fragrance of her cloak, her hat, and her folding fan.

Mr. Spring Fragrance paused upon the doorstep.

"Sit down, Little Sister, and I will tell you all about it," said Mrs. Spring Fragrance, forgetting her husband for a moment.

When Laura Chin Yuen had danced away, Mr. Spring Fragrance came in and hung up his hat.

"You got back very soon," said Mrs. Spring Fragrance, covertly wiping away the tears which had begun to fall as soon as she thought herself alone.

"I did not go," answered Mr. Spring Fragrance. "I have been listening to you,- and Laura."

“But if the business is very important, do not you think you should attend to it?” anxiously queried Mrs. Spring Fragrance.

“It is not important to me now,” returned Mr. Spring Fragrance. “I would prefer to hear again about Ah Oi and Man You and Laura and Kai Tzu.”

“How lovely of you to say that!” exclaimed Mrs. Spring Fragrance, who was easily made happy. And she began to chat away to her husband in the friendliest and wifeliest fashion possible. When she had finished she asked him if he were not glad to hear that those who loved as did the young lovers whose secrets she had been keeping, were to be united; and he replied that indeed he was; that he would like every man to be happy with a wife as he himself had ever been and ever would be.

“You did not always talk like that,” said Mrs. Spring Fragrance slyly. “You must have been reading my American poetry books!”

“American poetry!” ejaculated Mr. Spring Fragrance almost fiercely, “American poetry is detestable, *abhorrible!*”

“Why! why!” exclaimed Mrs. Spring Fragrance, more and more surprised.

But the only explanation which Mr. Spring Fragrance vouchsafed was a jadestone pendant.

THE INFERIOR WOMAN

I

Mrs. Spring Fragrance walked through the leafy alleys of the park, admiring the flowers and listening to the birds singing. It was a beautiful afternoon with the warmth from the sun cooled by a refreshing breeze. As she walked along she meditated upon a book which she had some notion of writing. Many American women wrote books. Why should not a Chinese? She would write a book about Americans for her Chinese women friends. The American people were so interesting and mysterious. Something of pride and pleasure crept into Mrs. Spring Fragrance's heart as she pictured Fei and Sie and Mai Gwi Far listening to Lae-Choo reading her illuminating paragraphs.

As she turned down a by-path she saw Will Carman, her American neighbor's son, coming towards her, and by his side a young girl who seemed to belong to the sweet air and brightness of all the things around her. They were

talking very earnestly and the eyes of the young man were on the girl's face.

"Ah!" murmured Mrs. Spring Fragrance, after one swift glance. "It is love."

She retreated behind a syringa bush, which completely screened her from view. Up the winding path went the young couple.

"It is love," repeated Mrs. Spring Fragrance, "and it is the 'Inferior Woman.'"

She had heard about the Inferior Woman from the mother of Will Carman.

After tea that evening Mrs. Spring Fragrance stood musing at her front window. The sun hovered over the Olympic mountains like a great, golden red-bird with dark purple wings, its long tail of light trailing underneath in the waters of Puget Sound.

"How very beautiful!" exclaimed Mrs. Spring Fragrance; then she sighed.

"Why do you sigh?" asked Mr. Spring Fragrance.

"My heart is sad," answered his wife.

"Is the cat sick?" inquired Mr. Spring Fragrance.

Mrs. Spring Fragrance shook her head.

"It is not our Wise One who troubles me today," she replied. "It is our neighbors. The sorrow of the Carman

household is that the mother desires for her son the Superior Woman, and his heart enshrines but the Inferior. I have seen them together today, and I know.”

“What do you know?”

“That the Inferior Woman is the mate for young Carman.”

Mr. Spring Fragrance elevated his brows. Only the day before, his wife’s arguments had all been in favor of the Superior Woman. He uttered some words expressive of surprise, to which Mrs. Spring Fragrance retorted:

“Yesterday, Great Man, I was a caterpillar!”

Just then young Carman came strolling up the path. Mr. Spring Fragrance opened the door to him. “Come in, neighbor,” said he. “I have received some new books from Shanghai.”

“Good,” replied young Carman, who was interested in Chinese literature. While he and Mr. Spring Fragrance discussed the “Odes of Chow” and the “Sorrows of Han,” Mrs. Spring Fragrance, sitting in a low easy-chair of rose-colored silk, covertly studied her visitor’s countenance. Why was his expression so much more grave than gay? It had not been so a year ago — before he had known the Inferior Woman. Mrs. Spring Fragrance noted other changes, also, both in speech and manner. “He is no longer a boy,” mused she. “He is a man, and it is the work of the Inferior Woman.”

“And when, Mr. Carman,” she inquired, “will you bring home a daughter to your mother?”

“And when, Mrs. Spring Fragrance, do you think I should?” returned the young man.

Mrs. Spring Fragrance spread wide her fan and gazed thoughtfully over its silver edge.

“The summer moons will soon be over,” said she. “You should not wait until the grass is yellow.”

*“The woodmen’s blows responsive ring,
As on the trees they fail,
And when the birds their sweet notes sing .
They to each other call.
From the dark valley comes a bird,
And seeks the lofty tree,
Ying goes its voice, and thus it cries:
‘Companion, come to me.’
The bird, although a creature small
Upon its mate depends,
And shall we men, who rank o’er all,
Not seek to have our friends? “*

quoted Mr. Spring Fragrance.

Mrs. Spring Fragrance tapped his shoulder approvingly with her fan.

“I perceive,” said young Carman, “that you are both allied against my peace.”

“It is for your mother,” replied Mrs. Spring Fragrance soothingly. “She will be happy when she knows that your affections are fixed by marriage.”

There was a slight gleam of amusement in the young man’s eyes as he answered: “But if my mother has no wish for a daughter — at least, no wish for the daughter I would want to give her?”

“When I first came to America,” returned Mrs. Spring Fragrance, “my husband desired me to wear the American dress. I protested and declared that never would I so appear. But one day he brought home a gown fit for a fairy, and ever since then I have worn and adored the American dress.”

“Mrs. Spring Fragrance,” declared young Carman, “your argument is incontrovertible.”

II

A young man with a determined set to his shoulders stood outside the door of a little cottage perched upon a bluff overlooking the Sound. The chill sea air was sweet with the

scent of roses, and he drew in a deep breath of inspiration before he knocked.

“Are you not surprised to see me?” he inquired of the young person who opened the door.

“Not at all,” replied the young person demurely.

He gave her a quick almost fierce look. At their last parting he had declared that he would not come again unless she requested him, and that she assuredly had not done.

“I wish I could make you feel,” said he.

She laughed — a pretty infectious laugh which exorcised all his gloom. He looked down upon her as they stood together under the cluster of electric lights in her cozy little sitting-room. Such a slender, girlish figure! Such a soft cheek, red mouth, and firm little chin! Often in his dreams of her he had taken her into his arms and coaxed her into a good humor. But, alas! dreams are not realities, and the calm friendliness of this young person made any demonstration of tenderness well-nigh impossible. But for the shy regard of her eyes, you might have thought that he was no more to her than a friendly acquaintance.

“I hear,” said she, taking up some needle-work, “that your Welland case comes on tomorrow.”

“Yes,” answered the young lawyer, “and I have all my witnesses ready.”

“So, I hear, has Mr. Greaves,” she retorted. “You are going to have a hard fight.”

“What of that, when in the end I’ll win.”

He looked over at her with a bright gleam in his eyes.

“I wouldn’t be too sure,” she warned demurely. “You may lose on a technicality?”

He drew his chair a little nearer to her side and turned over the pages of a book lying on her work-table. On the fly-leaf was inscribed in a man’s writing: “To the dear little woman whose friendship is worth a fortune.”

Another book beside it bore the inscription: “With the love of all the firm, including the boys,” and a volume of poems above it was dedicated to the young person “with the high regards and stanch affection” of some other masculine person.

Will Carman pushed aside these evidences of his sweetheart’s popularity with his own kind and leaned across the table.

“Alice,” said he, “once upon a time you admitted, that you loved me.”

A blush suffused the young person’s countenance.

“Did I?” she queried.

“You did, indeed,”

“Well?”

“Well! If you love me and I love you — “

“Oh, please!” protested the girl, covering her ears with her hands.

“I will please,” asserted the young man. “I have come here tonight, Alice, to ask you to marry me — and at once.”

“Deary me!” exclaimed the young person; but she let her needlework fall into her lap as her lover, approaching nearer, laid his arm around her shoulders and, bending his face close to hers, pleaded his most important case.

If for a moment the small mouth quivered, the firm little chin lost its firmness, and the proud little head yielded to the pressure of a lover’s arm, it was only for a moment so brief and fleeting that Will Carman had hardly become aware of it before it had passed.

“No,” said the young person sorrowfully but decidedly. She had arisen and was standing on the other side of the table facing him. “I cannot marry you while your mother regards me as beneath you.”

“When she knows you she will acknowledge you are above me. But I am not asking you to come to my mother, I am asking you to come to me, dear. If you will put your hand in mine and trust to me through all the coming years, no man or woman born can come between us.”

But the young person shook her head.

“No,” she repeated. “I will not be your wife unless your mother welcomes me with pride and with pleasure.”

The night air was still sweet with the perfume of roses as Will Carman passed out of the little cottage door; but he drew in no deep breath of inspiration. His impetuous Irish heart was too heavy with disappointment. It might have been a little lighter, however, had he known that the eyes of the young person who gazed after him were misty with a love and yearning beyond expression.

III

“Will Carman has failed to snare his bird,” said Mr. Spring Fragrance to Mrs. Spring Fragrance.

Their neighbor’s son had just passed their veranda without turning to bestow upon them his usual cheerful greeting.

“It Is too bad,” sighed Mrs. Spring Fragrance sympathetically. She clasped her hands together and exclaimed:

“Ah, these Americans! These mysterious, inscrutable, incomprehensible Americans! Had I the divine right of learning I would put them into an immortal book!”

“The divine right of learning,” echoed Mr. Spring Fragrance, “Humph!”

Mrs. Spring Fragrance looked up into her husband’s face in wonderment.

“Is not the authority of the scholar, the student, almost divine?” she queried.

“So ‘tis said,” responded he. “So it seems.”

The evening before, Mr. Spring Fragrance, together with several Seattle and San Francisco merchants, had given a dinner to a number of young students who had just arrived from China. The morning papers had devoted several columns to laudation of the students, prophecies as to their future, and the great influence which they would exercise over the destiny of their nation; but no comment whatever was made on the givers of the feast, and Mr. Spring Fragrance was therefore feeling somewhat unappreciated. Were not he and his brother merchants worthy of a little attention? If the students had come to learn things in America, they, the merchants, had accomplished things. There were those amongst them who had been instrumental in bringing several of the students to America. One of the boys was Mr. Spring Fragrance’s own young brother, for whose maintenance and education he had himself sent the wherewithal every year for many years. Mr. Spring Fragrance, though well read in the

Chinese classics, was not himself a scholar. As a boy he had come to the shores of America, worked his way up, and by dint of painstaking study after working hours acquired the Western language and Western business ideas. He had made money, saved money, and sent money home. The years had flown, his business had grown. Through his efforts trade between his native town and the port city in which he lived had greatly increased. A school in Canton was being built in part with funds furnished by him, and a railway syndicate, for the purpose of constructing a line of railway from the big city of Canton to his own native town, was under process of formation, with the name of Spring Fragrance at its head.

No wonder then that Mr. Spring Fragrance muttered "Humph!" when Mrs. Spring Fragrance dilated upon the "divine right of learning," and that he should feel irritated and humiliated, when, after explaining to her his grievances, she should quote in the words of Confutze: "Be not concerned that men do not know you; be only concerned that you do not know them." And he had expected wifely sympathy.

He was about to leave the room in a somewhat chilled state of mind when she surprised him again by pattering across to him and following up a low curtsy with these words:

"I bow to you as the grass bends to the wind. Allow me to detain you for just one moment."

Mr. Springy Fragrance eyed her for a moment with suspicion.

“As I have told you, Great Man,” continued Mrs. Spring Fragrance, “I desire, to write an immortal book, and now that I have learned from you that it is not necessary to acquire the ‘divine right of learning’ in order to accomplish things, I will begin the work without delay. My first subject will be ‘The Inferior Woman of America.’ Please advise me how I shall best inform myself concerning her.”

Mr. Spring Fragrance, perceiving that his wife was now serious, and being easily mollified, sat himself down and rubbed his head. After thinking for a few moments he replied:

“It is the way in America, when a person is to be illustrated, for the illustrator to interview the person’s friends. Perhaps, my dear, you had better confer with the Superior Woman.”

“Surely,” cried Mrs. Spring Fragrance, “no sage was ever so wise as my Great Man.”

“But I lack the ‘divine right of learning,’” dryly deplored Mr. Spring Fragrance.

“I am happy to hear it,” answered Mrs. Spring Fragrance. “If you were a scholar you would have no time to read American poetry and American newspapers.”

Mr. Spring Fragrance laughed heartily.

“You are no Chinese woman,” he teased. “You are an American.”

“Please bring me my parasol and my folding fan,” said Mrs. Spring Fragrance. “I am going out for a walk.”

And Mr. Spring Fragrance obeyed her.

IV

“This is from Mary Carman, who is in Portland,” said the mother of the Superior Woman, looking up from the reading of a letter, as her daughter came in from the garden.

“Indeed,” carelessly responded Miss Evebrook.

“Yes, it’s chiefly about Will.”

“Oh, is it? Well, read it then, dear. I’m interested in Will Carman, because of Alice Winthrop.”

“I had hoped, Ethel, at one time that you would have been interested in him for his own sake. However, this is what she writes:

“I came here chiefly to rid myself of a melancholy mood which has taken possession of me lately, and also because I cannot bear to see my boy so changed towards me, owing to his infatuation for Alice Winthrop. It is incomprehensible

to me how a son of mine can find any pleasure whatever in the society of such a girl. I have traced her history, and find that she is not only uneducated in the ordinary sense, but her environment, from childhood up, has been the sordid and demoralizing one of extreme poverty and ignorance. This girl, Alice, entered a law office at the age of fourteen, supposedly to do the work of an office boy. Now, after seven years in business, through the friendship and influence of men far above her socially, she holds the position of private secretary to this most influential man in Washington — a position which by rights belongs only to a well-educated young woman of good family. Many such applied. I myself sought to have Jane Walker appointed. Is it not disheartening to our woman's cause to be compelled to realize that girls such as this one can win men over to be their friends and lovers, when there are so many splendid young women who have been carefully trained to be companions and comrades of educated men?"

"Pardon me, mother," interrupted Miss Evebrook, "but I have heard enough. Mrs. Carman is your friend and a well-meaning woman sometimes; but a woman suffragist, in the true sense, she certainly is not. Mark my words: If any young man had accomplished for himself what Alice Winthrop has, accomplished, Mrs. Carman could not have

said enough in his praise. It is women such as Alice Winthrop who, in spite of every drawback, have raised themselves to the level of those who have had every advantage, who are the pride and glory of America. There are thousands of them, all over this land: women who have been of service to others all their years and who have graduated from the university of life with honor. Women such as I, who are called the Superior Women of America, are after all nothing but schoolgirls in comparison.

Mrs. Evebrook eyed her daughter mutinously. "I don't see why you should feel like that," said she. "Alice is a dear bright child, and it is prejudice engendered by Mary Carman's disappointment about you and Will which is the real cause of poor Mary's bitterness towards her; but to my mind, Alice does not compare with my daughter. She would be frightened to death if she had to make a speech."

"You foolish mother!" rallied Miss Evebrook. "To stand upon a platform at woman suffrage meetings' and exploit myself is certainly a great recompense to you and father for all the sacrifices you have made in my behalf. But since it pleases you, I do it with pleasure even on the nights when my beau should 'come a courting.'"

"There is many a one who would like to come, Ethel. You're the handsomest girl in this Western town — and you know it."

“Stop that, mother. You know very well I have set my mind upon having ten years’ freedom; ten years in which to love, live, suffer, see the world, and learn about men (not schoolboys) before I choose one.”

“Alice Winthrop is the same age as you are, and looks like a child beside you.”

“Physically, maybe; but her heart and mind are better developed. She has been out in the world all her life, I only a few months.”

“Your lecture last week on ‘The Opposite Sex’ was splendid.”

“Of course. I have studied one hundred books on the subject and attended fifty lectures. All that was necessary was to repeat in an original manner what was not by any means original.”

Miss Evebrook went over to a desk and took a paper therefrom.

“This,” said she, “is what Alice has written me in reply to my note suggesting that she attend next week the suffrage meeting, and give some of the experiences of her business career. The object I had in view when I requested the relation of her experiences was to use them as illustrations of the suppression; and oppression of women by men. Strange to say, Alice and I have never conversed on this particular

subject. If we had I would not have made this request of her, nor written her as I did. Listen:

“I should dearly love to please you, but I am afraid that my experiences, if related, would not help the cause. It may be, as you say, that men prevent women from rising to their level; but if there are, such men, I have not met them. Ever since, when a little girl, I walked into a law office and asked for work, and the senior member kindly looked me over through his spectacles and inquired if I thought I could learn to index books, and the junior member glanced under my hat and said: “This is a pretty little girl and we must be pretty to her,” I have loved and respected the men amongst whom I have worked and wherever I have worked. I may have been exceptionally fortunate, but I know this: the men for whom I have worked and amongst whom I have spent my life, whether they have been business or professional men, students or great lawyers and politicians, all alike have upheld me, inspired me, advised me, taught me, given me a broad outlook upon life for a woman; interested me in themselves and in their work. As to corrupting my mind and my morals, as you say so many men do, when they have young and innocent girls to deal with: As a woman I look back over my years spent amongst business and professional men, and see myself, as I was at first, an impressionable, ignorant

little girl, born a Bohemian, easy to lead and easy to win, but borne aloft and morally supported by the goodness of my brother men, the men amongst whom I worked. That is why, dear Ethel, you will have to forgive me, because I cannot carry out your design, and help your work, as otherwise I would like to do."

"That, mother," declared Miss Evebrook, "answers all Mrs. Carman's insinuations, and should make her ashamed of herself. Can any one know the sentiments which little Alice entertains toward men, and wonder at her winning out as she has?"

Mrs. Evebrook was about to make reply, when her glance happening to stray out of the window, she noticed a pink parasol.

"Mrs. Spring Fragrance!" she ejaculated, while her daughter went to the door and invited in the owner of the pink parasol, who was seated in a veranda rocker calmly writing in a note-book.

"I'm so sorry that we did not hear your ring, Mrs. Spring Fragrances" said she.

"There is no necessity for you to sorrow," replied the little Chinese woman. "I did not expect you to hear a ring which rang not. I failed to pull the bell."

"You forgot, I suppose," suggested Ethel Evebrook.

“Is it wise to tell secrets?” ingenuously inquired Mrs. Spring Fragrance.

“Yes, to your friends. Oh, Mrs. Spring Fragrance, you are so refreshing.”

“I have pleasure, then, in confiding to you. I have an ambition to accomplish an immortal book about the Americans, and the conversation I heard through the window was so interesting to me that I thought I would take some of it down for my book before I intruded myself. With your kind permission I will translate for your correction.”

“I shall be delighted — honored,” said Miss Evebrook, her cheeks glowing and her laugh rippling, “if you will promise me that you will also translate for our friend, Mrs. Car- man.”

“Ah, yes, poor Mrs. Carman! My heart is so sad for her,” murmured the little Chinese woman.

V

When the mother of Will Carman returned from Portland, the first person upon whom she called was Mrs. Spring Fragrance. Having lived in China while her late husband was in the customs service there, Mrs. Carman’s

prejudices did not extend to the Chinese, and ever since the Spring Fragrances had become the occupants of the villa beside the Carmans, there had been social good feeling between the American and Chinese families. Indeed, Mrs. Carman was wont to declare that amongst all her acquaintances there was not one more congenial and interesting than little Mrs. Spring Fragrance. So after she had sipped a cup of delicious tea, tasted some piquant candied limes, and told Mrs. Spring Fragrance all about her visit to the Oregon city and the Chinese people she had met there she reverted to a personal trouble confided to Mrs. Spring Fragrance some months before and dwelt upon it for more than half an hour. Then she checked herself and gazed at Mrs. Spring Fragrance in surprise. Hitherto she had found the little Chinese woman sympathetic and consoling, Chinese ideas of filial duty chimed in with her own. But today Mrs. Spring Fragrance seemed strangely uninterested and unresponsive.

“Perhaps,” gently suggested the American woman, who was nothing if not sensitive, “you have some trouble yourself. If so, my dear, tell me all about it.”

“Oh, no!” answered Mrs. Spring Fragrance brightly. “I have no troubles to tell; but all the while I am thinking about the book I am writing.”

“A book!”

“Yes, a book about Americans, an immortal book.”

“My dear Mrs. Spring Fragrance!” exclaimed her visitor in amazement. “The American woman writes books about the Chinese. Why not a Chinese woman write books about the Americans? I see what you mean. Why, yes, of course. What an original idea! “

“Yes, I think that is what it is. My book I shall take from the words of others.”

“What do you mean, my dear?”

“I listen to what is said, I apprehend, I write it down. Let me illustrate by the ‘Inferior Woman’ subject. The Inferior Woman is most interesting to me because you have told me that your son is in much love with her. My husband advised me to learn about the Inferior Woman from the Superior Woman. I go to see the Superior Woman. I sit on the veranda of the Superior Woman’s house. I listen to her converse with her mother about the Inferior Woman. With the speed of flames I write down all I hear. When I enter the house the Superior Woman advises me that what I write is correct. May I read to you?”

“I shall be pleased to hear what you have written; but I do not think you were wise in your choice of subject,” returned Mrs. Carman somewhat primly.

“I am sorry I am not wise. Perhaps I had better not read?” said Mrs. Spring Fragrance with humility.

“Yes, yes, do, please.”

There was eagerness in Mrs. Carman’s voice. What could Ethel Evebrook have to say about that girl!

When Mrs. Spring Fragrance had finished reading, she looked up into the face of her American friend — a face in which there was nothing now but tenderness.

“Mrs. Mary Carman,” said she; “you are so good as to admire my husband because he is what the Americans call a man who has made himself. Why then do you not admire the Inferior Woman who is a woman who has made herself?”

“I think I do,” said Mrs. Carman slowly.

VI

It was an evening that invited to reverie. The far stretches of the sea were gray with mist, and the city itself, lying around the sweep of the Bay, seemed dusky and distant. From her cottage window Alice Winthrop looked silently at the open world around her. It seemed a long time since she had heard Will Carman’s whistle. She wondered if he were still angry with her. She was sorry that he had left her in anger, and yet not sorry. If she had not made him believe that she was proud and selfish, the parting would have been

much harder; and perhaps had he known the truth and realized that it was for his sake, and not for her own, that she was sending him away from her, he might have refused to leave her at all. His was such an imperious nature. And then they would have married — right away. Alice caught her breath a little, and then she sighed. But they would not have been happy. No, that could not have been possible if his mother did not like her. When a gulf of prejudice lies between the wife and mother of a man, that man's life is not what it should be. And even supposing she and Will could have lost themselves in each other, and been able to imagine themselves perfectly satisfied with life together, would it have been right? The question of right and wrong was a very real one to Alice Winthrop. She put herself in the place of the mother of her lover — a lonely elderly woman, a widow with an only son, upon whom she had expended all her love and care ever since, in her early youth, she had been bereaved of his father. What anguish of heart would be hers if that son deserted her for one whom she, his mother, deemed unworthy! Prejudices are prejudices. They are like diseases.

The poor, pale, elderly woman, who cherished bitter and resentful feelings towards the girl whom her son loved, was more an object of pity than condemnation to the girl herself.

She lifted her eyes to the undulating line of hills beyond the water. From behind them came a silver light. "Yes," said she aloud to herself — and, though she knew it not, there was an infinite pathos in such philosophy from one so young — "if life cannot be bright and beautiful for me, at least it can be peaceful and contented. "

The light behind the hills died away; darkness crept over the sea. Alice withdrew from the window, and went and knelt before the open fire in her sitting-room. Her cottage companion, the young woman who rented the place with her, had not yet returned from town.

Alice did not turn on the light. She was seeing pictures in the fire, and in every picture was the same face and form — the face and form of a fine, handsome young man with love and hope in his eyes. No, not always love and hope. In the last picture of all there was an expression which she wished she could forget. And yet she would remember — ever — always — and with it, these words:

"Is it nothing to you — nothing — to tell a man that you love him, and then to bid him go?"

Yes, but when she had told him she loved him she had not dreamed that her love for him and his for her would estrange him from one who, before ever she had come to this world, had pillowed his head on her breast.

Suddenly this girl, so practical, so humorous, so clever in every-day life, covered her face with her hands and sobbed like a child. Two roads of life had lain before her and she had chosen the hardest.

The warning bell of an automobile passing the cross-roads checked her tears. That re- minded, her that Nellie Blake would soon be home. She turned on the light and went to the bedroom and bathed her eyes. Nellie must have forgotten her key. There she was knocking.

The chill sea air was sweet with the scent of roses as Mary Carman stood upon the threshold of the little cottage, and beheld in the illumination from within the young girl whom she had called "the Inferior Woman."

"I have come, Miss Winthrop," said she, "to beg of you to return home with me. Will, reckless boy, met with a slight accident while out shooting, so could not come for you himself. He has told me that he loves you, and if you love him, I want to arrange for the prettiest wedding of the season. Come, dear!"

"I am so glad," said Mrs. Spring Fragrance, "that Will Carman's bird is in his nest and his felicity is assured"

"What about the Superior Woman?" asked Mr. Spring Fragrance.

“Ah, the Superior Woman! Radiantly beautiful, and gifted with the divine right of learning! I love well the Inferior Woman but, O Great Man, when, we have a daughter, may Heaven ordain, that she walk in the groove of the Superior Woman.”

THE WISDOM OF THE NEW

I

Old Li Wang, the peddler, who had lived in the land beyond the sea, was wont to declare: "For every cent that a man makes here, he can make one hundred there."

"Then, why," would ask Sankwei, "do you now have to move from door to door to fill your bowl with rice?"

And the old man would sigh and answer:

"Because where one learns how to make gold, one also learns how to lose it."

"How to lose it!" echoed Wou Sankwei "Tell me all about it."

So the old man would tell stories about the winning and the losing, and the stories of the losing were even more fascinating than the stories of the winning.

"Yes, that was life," he would conclude. "Life, life."

At such times the boy would gaze across the water with wistful eyes. The land beyond the sea was calling to him.

The place was a sleepy little south coast town where the years slipped by monotonously. The boy was the only son of the man who had been the town magistrate.

Had his father lived, Wou Sankwei would have been sent to complete his schooling in another province. As it was he did nothing but sleep, dream and occasionally get into mischief. What else was there to do? His mother and sister waited upon him hand and foot. Was he not the son of the house? The family income was small, scarcely sufficient for their needs; but there was no way by which he could add to it, unless, indeed, he disgraced the name of Wou by becoming a common fisherman. The great green waves lifted white arms of foam to him, and the fishes gleaming and lurking in the waters seemed to beseech him to draw them from the deep; but his mother shook her head.

“Should you become a fisherman,” said She, “your family would lose face. Remember that your father was a magistrate.”

When he was about nineteen there returned to the town one who had been absent for many years. Ching Kee, like old Li Wang, had also lived in the land beyond the sea; but unlike old Li Wang he had accumulated a small fortune.

“’Tis a hard life over there,” said he, “but ’tis worthwhile. At least one can be a man, and can work at what work comes his way without losing face.” Then he laughed at

Wou Sankwei's flabby muscles, at his soft, dark eyes, and plump, white hands.

"If you lived in America," said he, "you would learn to be ashamed of such beauty."

Whereupon Wou Sankwei made up his mind that he would go to America, the land beyond the sea. Better any life than that of a woman man.

He talked long and earnestly with his mother. "Give me your blessing," said he. "I will work and save money. What I send home will bring you many a comfort, and when I come back to China, it may be that I shall be able to complete my studies and obtain a degree. If not, my knowledge of the foreign language which I shall acquire, will enable me to take a position which will not disgrace the name of Wou."

His mother listened and thought. She was ambitious for her son whom she loved beyond all things on earth. Moreover, had not Sik Ping, a Canton merchant, who had visited the little town two moons ago, declared to Hum Wah, who traded in palm leaves, that the signs of the times were that the son of a cobbler, returned from America with the foreign language, could easier command a position of consequence than the son of a school-teacher unacquainted with any tongue but that of his motherland?

“Very well,” she acquiesced; “but before you go I must find you a wife. Only your son, my son, can comfort me for your loss.”

II

Wou Sankwei stood behind his desk, busily entering figures in a long yellow book. Now and then he would thrust the hair pencil with which he worked behind his ears and manipulate with deft fingers a Chinese counting machine. Wou Sankwei was the junior partner and bookkeeper of the firm of Leung Tang Wou & Co of San Francisco. He had been in America seven years and had made good use of his time. Self-improvement had been his object and ambition, even more than the acquirement of a fortune, and who, looking at his fine, intelligent face and listening to his careful English, could say that he had failed?

One of his partners called his name. Some ladies wished to speak to him. Wou Sankwei hastened to the front of the store. One of his callers, a motherly looking woman, was the friend who had taken him under her wing shortly after his arrival in America. She had come to invite him to spend the evening with her and her niece, the young girl who accompanied her.

After his callers had left, Sankwei returned to his desk and worked steadily until the hour for his evening meal, which he took in the Chinese restaurant across the street from the bazaar. He hurried through with this, as before going to his friend's house, he had a somewhat important letter to write and mail. His mother had died a year before, and the uncle, to whom he was writing had taken his wife and son into his home until such time his nephew could send for them. Now the time had come.

Wou Sankwei's memory of the woman who was his wife was very faint. How could it be otherwise? She had come to him, but three weeks before the sailing of the vessel which had brought him to America, and until then he had not seen her face. But she was his wife and the mother of his son. Ever since he had worked in America he had sent money for her support, and she had proved a good daughter to his mother.

As he sat down to write he decided that he would welcome her with a big dinner to his countrymen.

"Yes," he replied to Mrs. Dean, later on in the evening, "I have sent for my wife."

"I am so glad," said the lady. "Mr. Wou"; — turning to her niece — "has not seen his wife for seven years."

"Deary me!" exclaimed the young girl. "What a lot of letters you must have written!"

“I have not written her one,” returned the young man somewhat stiffly.

Adah Charlton looked up in surprise. “Why — “ she began.

“Mr. Wou used to be such a studious boy when I first knew him,” interrupted Mrs. Dean, laying her hand affectionately upon the young man’s shoulder. “Now, it is all business. But you won’t forget the concert on Saturday evening.”

“No, I will not forget,” answered Wou Sankwei.

“He has never written to his wife,” explained Mrs. Dean when she and her niece were alone, “because his wife can neither read nor write.”

“Oh, isn’t that sad!” murmured Adah Charlton, her own winsome face becoming pensive.

“They don’t seem to think so. It is the Chinese custom to educate only the boys. At least it has been so in the past. Sankwei himself, is unusually bright. Poor boy! He began life here as a laundryman, and you may be sure that it must have been hard on him, for, as the son of a petty Chinese Government official, he had not been accustomed to manual labor. But Chinese character is wonderful; and now after seven years in this country, he enjoys a reputation as a business man amongst his countrymen, and is as up to date as any young American.”

“But, Auntie, isn’t it dreadful to think that a man should live away from his wife for so many years without any communication between them whatsoever except through others.”

“It is dreadful to our minds, but not to theirs. Everything with them is a matter of duty. Sankwei married his wife as a matter of duty. He sends for her as a matter of duty.”

“I wonder if it is all duty on her side,” mused the girl.

Mrs. Dean smiled. “You are too romantic, Adah,” said she. “I hope, however, that when she does come, they will be happy together. I think almost as much of Sankwei as I do of my own boy.”

III

Pau Lin, the wife of Wou Sankwei, sat in a corner of the deck of the big steamer, awaiting the coming of her husband. Beside her, leaning his little queued head against her shoulder, stood her six-year-old son. He had been ailing throughout the voyage, and his small face was pinched with pain. His mother, who had been nursing him every night since the ship had left port, appeared very worn and tired. This, despite the fact that with a feminine desire to make herself fair to see in the eyes of her husband, she had arrayed

herself in a heavily embroidered purple costume, whitened her forehead and cheeks with powder, and tinted her lips with carmine.

He came at last, looking over and beyond her. There were two others of her country- women awaiting the men who had sent for them, and each had a child, so that for a moment he seemed somewhat bewildered. Only when the ship's officer pointed out and named her, did he know her as his. Then he came forward, spoke a few words of formal welcome, and, lifting the child in his arms, began questioning her as to its health.

She answered in low monosyllables. At his greeting she had raised her patient eyes to his face— the face of the husband whom she had not seen for seven long years — then the eager look of expectancy which had crossed her own faded away, her eyelids drooped, and her countenance assumed an almost sullen expression.

“Ah, poor Sankwei!” exclaimed Mrs. Dean, who with Adah Charlton stood some little distance apart from the family group.

“Poor wife!” murmured the young girl. She moved forward and would have taken in her own white hands the ringed ones of the Chinese woman, but the young man gently restrained her. “She cannot understand you,” said

he. As the young girl fell back, he explained to his wife the presence of the stranger women. They were there to bid her welcome; they were kind and good and wished to be her friends as well as his.

Pau Lin looked away. Adah Charlton's bright face, and the tone in her husband's voice when he spoke to the young girl, aroused a suspicion in her mind — a suspicion natural to one who had come from a land where friendship between a man and woman is almost unknown.

"Poor little thing! How shy she is!" exclaimed Mrs. Dean.

Sankwei was glad that neither she nor the young girl understood the meaning of the averted face.

Thus began Wou Sankwei's life in America as a family man. He soon became accustomed to the change, which was not such a great one after all. Pau Lin was more of an accessory than a part of his life. She interfered not at all with his studies, his business, or his friends, and when not engaged in housework or sewing, spent most of her time in the society of one or the other of the merchants' wives, who lived in the flats and apartments around her own. She kept up the Chinese custom of taking her meals after her husband or at a separate table, and observed faithfully the rule laid down for her by her late mother-in-law: to keep a quiet tongue in the presence of her man. Sankwei, on his part, was always kind and indulgent. He

bought her silk dresses, hair ornaments, fans, and sweetmeats. He ordered her favorite dishes from the Chinese restaurant. When she wished to go out with her women friends, he hired a carriage, and shortly after her advent erected behind her sleeping room a chapel for the ancestral tablet and gorgeous goddess which she had brought over seas with her.

Upon the child both parents lavished affection. He was a quaint; serious little fellow, small for his age and requiring much care. Although naturally much attached to his mother, he, became also very fond of his father who, more, like an elder brother than a parent, delighted in playing all kinds of games with him, and whom he followed about like a little dog. Adah Charlton took a great fancy to him and sketched him in many different poses for a book on Chinese children which she was illustrating.

“He will be strong enough to go to school next year,” said Sankwei to her one day. “Later on I intend to put him through an American college.”

“What does your wife think of a Western training for him?” inquired the young girl.

“I have not consulted her about the matter,” he answered. “A woman does not understand such things.”

“A woman, Mr. Wou,” declared Adah, “understands such things as well as and sometimes better than a man.”

“An American woman, maybe,” amended Sankwei; “but not a Chinese.”

From the first Pau Lin had shown no disposition to become Americanized, and Sankwei himself had not urged it.

“I do appreciate the advantages of becoming westernized,” said he to Mrs. Dean whose influence and interest in his studies in America had helped him to become what he was, “but it is not as if she had come here as I came, in her learning days. The time for learning with her is over.”

One evening, upon returning from his store, he found the little Yen sobbing pitifully.

“What!” he teased, “A man — and weeping.”

The boy tried to hide his face, and as he did so, the father noticed that his little hand was red and swollen. He strode into the kitchen where Pau Lin was preparing the evening meal.

“The little child who is not strong — is there anything he could do to merit the infliction of pain?” he questioned.

Pau Lin faced her husband. “Yes, I think so,” said she.

“What?”

“I forbade him to speak the language of the white women, and he disobeyed me. He had words in that tongue with the white boy from the next street.”

Sankwei was astounded.

"We are living in the white man's country," said he. "The child will have to learn the white man's language."

"Not my child," answered Pau Lin.

Sankwei turned away from her. "Come, little one," said he to his son, "we will take supper tonight at the restaurant, and afterwards Yen shall see a show."

Pau Lin laid down the dish of vegetables which she was straining and took from a hook a small wrap which she adjusted around the boy.

"Now go with thy father," said she sternly.

But the boy clung to her — to the hand which had punished him. "I will sup with you," he cried, "I will sup with you."

"Go," repeated his mother, pushing him from her. And as the two passed over the threshold, she called to the father: "Keep the wrap around the child. The night air is chill."

Late that night, while father and son were peacefully sleeping, the wife and mother arose, and lifting gently the unconscious boy, bore him into the next room where she sat down with him in a rocker. Waking, he clasped his arms around her neck. Backwards and forwards she rocked him, passionately caressing the wounded hand and crooning and crying until he fell asleep again.

The first chastisement that the son of Wou Sankwei had received from his mother, was because he had striven

to follow in the footsteps of his father and use the language of the stranger.

“You did perfectly right,” said old Sien Tau the following morning, as she leaned over her balcony to speak to the wife of Wou Sankwei. “Had I again a son to rear, I should see to it that he followed not after the white people.”

Sien Tau’s son had married a white woman, and his children passed their grandame on the street without recognition.

“In this country, she is most happy who has no child,” said Lae Choo, resting her elbow upon the shoulder of Sien Tau. “A Toy, the young daughter of Lew Wing, is as bold and free in her ways as are the white women, and her name is on all the men’s tongues. What prudent man of our race would take her as wife?”

“One needs not to be born here to be made a fool of,” joined in Pau Lin, appearing at another balcony door. “Think of Hum Wah. From sunrise till midnight he worked for fourteen years, then a white man came along and persuaded from him every dollar, promising to return doublefold within the moon. Many moons have risen and waned, and Hum Wah still waits on this side of the sea for the white man and his money. Meanwhile, his father and mother, who looked long for his coming, have passed beyond returning.”

“The new religion — what trouble it brings!” exclaimed Lae Choq. “My man received word yestereve that the good old mother of Chee Ping — he who was baptized a Christian at the last baptizing in the Mission around the corner — had her head secretly severed from her body by the steadfast people of the village, as soon as the news reached there. ‘Twas the first violfent death in the records of the place. This happened to the mother of one of the boys attending the Mission corner of my street.”

“No doubt, the poor old mother, having lost face, minded not so much the losing of her head,” sighed Pau Lin. She gazed below her curiously. The American Chinatown held a strange fascination for the girl from the seacoast village. Streaming along the street was a motley throng made up of all nationalities. The sing-song voices of girls whom respectable merchants’ wives shudder to name, were calling to one another from high balconies up shadowy alleys. A fat barber was laughing hilariously at a drunken white man who had fallen into a gutter; a withered old fellow, carrying a bird in a cage, stood at the corner entreating passersby to have a good fortune told; some children were burning punk on the curbstone. There went by a stalwart Chief of the Six Companies engaged in earnest confab with a yellow-robed priest from the joss house. A Chinese

dressed in the latest American style and a very blonde woman, laughing immoderately, were entering a Chinese restaurant together. Above all the hubbub of voices was heard the clang of electric cars and the jarring of heavy wheels over cobblestones!

Pau Lin raised her head and looked her thoughts at the old woman, Sien Tau.

“Yes,” nodded the dame, “’tis a mad place in which to bring up a child.”

Pau Lin went back into the house, gave little Yen his noonday meal, and dressed him with care. His father was to take him out that afternoon. She questioned the boy, as she braided his queue, concerning the white women whom he visited with his father.

It was evening when they returned — Wou Sankwei and his boy. The little fellow ran up to her in high glee. “See, mother,” said he, pulling off his cap, “I am like father now. I wear no queue.”

The mother looked down upon him — at the little round head from which the queue, which had been her pride, no longer dangled.

“Ah!” she cried. “I am ashamed of you; I am ashamed!”

The boy stared at her, hurt and disappointed.

“Never mind, son,” comforted his father. “It is all right.”

Pau Lin placed the bowls of seaweed and chickens' liver before them and went back to the kitchen where her own meal was waiting. But she did not eat. She was saying within herself: "It is for the white woman he has done this; it is for the white woman!"

Later, as she laid the queue of her son within the trunk wherein lay that of his father, long since cast aside, she discovered a picture of Mrs. Dean, taken when the American woman had first become the teacher and benefactress of the youthful laundryman. She ran over with it to her husband. "Here," said she; "it is a picture of one of your white friends." Sankwei took it from her almost reverently, "That woman," he explained, "has been to me as a mother."

"And the young woman — the one with eyes the color of blue china — is she also a mother?" inquired Pau Lin gently. But for all her gentleness, Wou Sankwei flushed angrily.

"Never speak of her," he cried. "Never speak of her!"

"Ha, ha, ha! Ha, ha, ha!" laughed Pau Lin. It was a soft and not unmelodious laugh, but to Wou Sankwei it sounded almost sacrilegious.

Nevertheless, he soon calmed down. Pau Lin was his wife, and to be kind to her was not only his duty but his nature. So when his little boy climbed into his lap and besought his father to pipe him a tune, he reached for

his flute and called to Pau Lin to put aside work for that night. He would play her some Chinese music? And Pau Lin, whose heart and mind, undiverted by change, had been concentrated upon Wou Sankwei ever since the day she had become his wife, smothered for the time being, the bitterness in her heart, and succumbed to the magic of her husband's playing — a magic which transported her in thought to the old Chinese days, the old Chinese days whose impression and influence ever remain with the exiled sons and daughters of China.

IV

That a man should take to himself two wives, or even three, if he thought proper, seemed natural and right in the eyes of Wou Pau Lin. She herself had come from a home where there were two broods of children and where her mother and her father's other wife had eaten their meals together as sisters. In that home there had not always been peace; but each woman, at least, had the satisfaction of knowing that her man did not regard or treat the other woman as her superior. To each had fallen the common lot — to bear children to the man, and the man was master of all.

But, oh! the humiliation and shame of bearing children to a man who looked up to another woman — and a woman of another race — as a being above the common uses of women. There is a jealousy of the mind more poignant than any mere animal jealousy.

When *Wou Sankwei's* second child was two weeks old, *Adah Charlton* and her aunt called to see the little one, and the young girl chatted brightly with the father and played merrily with *Yen*, who was growing strong and merry. The American women could not, of course, converse with the Chinese; but *Adah* placed beside her a bunch of beautiful flowers, pressed her hand, and looked down upon her with radiant eyes. Secure in the difference of race, in the love of many friends, and in the happiness of her chosen work, no suspicion whatever crossed her mind that the woman whose husband was her aunt's protégé tasted everything bitter because of her.

After the visitors had gone, *Pau Lin*, who had been watching her husband's face while the young artist was in the room, said to him:

"She can be happy who takes all and gives nothing."

"Takes all and gives nothing," echoed her husband.

"What do you mean?"

"She has taken all your heart," answered *Pau Lin*, "but she has not given you a son. It is I who have had that task."

“You are my wife,” answered Wou Sankwei. “And she — oh! how can you speak of her so? She, who is as a pure water-flower — a lilly!”

He went out of the room, carrying with him a little painting of their boy, which Adah Charlton had given to him as she bade him goodbye and which he had intended showing with pride to the mother.

It was on the day that the baby died that Pau Lin first saw the little picture. It had fallen out of her husband’s coat pocket when he lifted the tiny form in his arms and declared it lifeless. Even in that first moment of loss Pau Lin, stooping to pick up the portrait, had shrunk back in horror, crying; “She would cast a spell! She would cast a spell!”

She set her heel upon the face of the picture and destroyed it beyond restoration.

“You know not what you say and do,” sternly rebuked Sankwei. He would have added more, but the mystery of the dead child’s look forbade him.

“The loss of a son is as the loss of a limb,” said he to his childless partner, as under the red glare of the lanterns they sat discussing the sad event.

“But you are not without consolation,” returned Leung Tsao. “Your firstborn grows in strength and beauty.”

“True,” assented Wou Sankwei, his heavy thoughts becoming lighter.

And Pau Lin, in her curtained balcony overhead, drew closer her child and passionately cried:

“Sooner would I, heart of my heart, that the light of thine eyes were also quenched, than that thou shouldst be contaminated with the wisdom of the new.”

V

The Chinese women friends of Wou Pau Lin gossiped among themselves, and their gossip reached the ears of the American woman friend of Pau Lin's husband. Since the days of her widowhood Mrs. Dean had devoted herself earnestly and whole-heartedly to the betterment of the condition and the uplifting of the young workingmen of Chinese race who came to America. Their appeal and need, as she had told her niece, was for closer acquaintance with the knowledge of the Western people, and that she had undertaken to give them, as far as she was able. The rewards and satisfactions of her work had been rich in some cases. Witness Wou Sankwei.

But the gossip had reached and much perturbed her. What was it that they said Wou Sankwei's wife had declared

— that her little son should not go to an American school nor learn the American learning. Such bigotry and narrow-mindedness! How sad to think of! Here was a man who had benefited and profited by living in America, anxious to have his son receive the benefits of a Western education — and here was this man's wife opposing him with her ignorance and hampering him with her unreasonable jealousy.

Yes, she had heard that too. That Wou Sankwei's wife was jealous — jealous — and her husband the most moral of men, the kindest and the most generous.

“Of what is she jealous?” she questioned Adah Charlton. “Other Chinese men's wives, I have known, have had cause to be jealous, for it is true some of them are dreadfully immoral and openly support two or more wives. But not Wou Sankwei. And this little Pau Lin. She has everything that a Chinese woman could wish for.”

A sudden flash of intuition came to the girl, rendering her for a moment speechless. When she did find words, she said:

“Everything that a Chinese woman could wish for, you say. Auntie, I do not believe there is any real difference between the feeling of a Chinese wife and an American wife. Sankwei is treating Pau Lin as he would treat her were he living in China. Yet it cannot be the same to her as if she

were in their own country, where he would not come in contact with American women. A woman is a woman with intuitions and perceptions, whether Chinese or American, whether educated or uneducated, and Sankwei's wife must have noticed, even on the day of her arrival, her husband's manner towards us, and contrasted it with his manner towards her. I did not realize this before you told me that she was jealous. I only wish I had. Now, for all her ignorance, I can see that the poor little thing became more of an American in that one half hour on the steamer than Wou Sankwei, for all your pride in him, has become in seven years."

Mrs. Dean rested her head on her hand. She was evidently much perplexed.

"What you say may be, Adah," she replied after a while; "but even so, it is Sankwei whom I have known so long, who has my sympathies. He has much to put up with. They have drifted seven years of life apart. There is no bond of interest or sympathy, between them, save the boy. Yet never the slightest hint of trouble has come to me from his own lips. Before the coming of Pau Lin, he would confide in me every little thing that worried him, as if he were my own son. Now he maintains absolute silence as to his private affairs."

"Chinese principles," observed Adah, resuming her work. "Yes, I admit Sankwei has some puzzles to solve.

Naturally, when he tries to live two lives — that of a Chinese and that of an American.”

“He is compelled to that,” retorted Mrs. Dean. “Is it not what we teach these Chinese boys — to become Americans? And yet, they are Chinese, and must, in a sense, remain so.

Adah did not answer.

Mrs. Dean sighed. “Poor, dear children, both of them,” mused she. “I feel very low-spirited over the matter, I suppose you wouldn’t care to come down town with me. I should like to have another chat with Mrs. Wing Sing.”

“I shall be glad of the change,” replied Adah, laying down her brushes.

Rows of lanterns suspended from many balconies shed a mellow, moonshiny radiance. On the walls and doors were splashes of red paper inscribed with hieroglyphics. In the narrow streets, booths decorated with flowers and banners and screens painted with immense figures of josses diverted the eye; while bands of musicians in gaudy silks, shrilled and banged, piped and fluted.

Everybody seemed to be out of doors — men, women, and children — and nearly all were in holiday attire. A couple of priests, in vivid scarlet and yellow robes, were kotowing before an altar covered with a rich cloth, embroidered in white and silver. Some Chinese students from the University

of California stood looking on with comprehending, half-scornful interest; three girls lavishly dressed in colored silks with their black hair plastered back from their faces and heavily bejewelled behind, chirped and chattered in a gilded balcony above them like birds in a cage. Little children, their hands full of half-moon-shaped cakes, were pattering about, with eyes, for all the hour, as bright as stars.

Chinatown was celebrating the Harvest Moon Festival, and Adah Charlton was glad that she had an opportunity to see something of the celebration before she returned East. Mrs. Dean, familiar with the Chinese people and the mazes of Chinatown, led her around fearlessly, pointing out this and that object of interest and explaining to her its meaning. Seeing that it was a gala night, she had abandoned her idea of calling upon the Chinese friend.

Just as they turned a corner leading up to the street where Wou Sankwei's place of business and residency was situated, a pair of little hands grasped Mrs. Dean's skirt and a delighted little voice piped: "See me! See me!" It was little Yen, resplendent in mauve-colored pantaloons and embroidered vest and cap. Behind him was a tall man whom both women recognized.

"How do you happen to have Yen with you?" Adah asked."

“His father handed him over to me as a sort of guide, counsellor, and friend. The little fellow is very amusing.”

“See over here,” interrupted Yen. He hopped over the alley to where the priests stood by the altar. The grown people followed him.

“What is that man chanting?” asked Adah. One of the priests had mounted a table, and with arms outstretched towards the moon sailing high in the heavens, seemed to be making some sort of an invocation.

Her friend listened for some moments before replying:

“It is a sort of apotheosis of the moon. I have heard it on a like occasion in Hankow and the Chinese bonze who officiated gave me a translation. I almost know it by heart. May I repeat it to you?”

Mrs. Dean and Yen were examining the screen with the big josses.

“Yes, I should like to hear it,” said Adah.

“Then fix your eyes upon Diana.”

“Dear and lovely moon, as I watch thee pursuing thy solitary course o’er the silent heavens, heart-easing thoughts steal o’er me and calm my passionate soul. Thou art so sweet, so serious, so serene that thou causest me to forget the stormy emotions which crash like jarring discords across the harmony of life, and bringest to my memory a voice

scarce ever heard amidst the warring of the world — love's low voice.

“Thou art so peaceful and so pure that it seemeth as if naught false or ignoble could dwell beneath thy gentle radiance, and that earnestness — even the earnestness of genius — must glow within the bosom of him on whose head thy' beams fall like blessings.

“The magic of thy sympathy disburteneth me of many sorrows, and thoughts, which, like the songs of the sweetest sylvan singer, are too dear and sacred for the careless ears of day, gush forth with unconscious eloquence when thou art the only listener.

“Dear and lovely moon, there are some who say that those who dwell in the sunlit fields of reason should fear to wander through the moonlit valleys of imagination; but I, who have ever been a pilgrim and a stranger in the realm of the wise, offer to thee the homage of — a heart which appreciates that thou graciously shinest — even on the fool.”

“Is that really Chinese?” queried Adah.

“No doubt about it — in the main. Course, I cannot swear to it word for word.”

“I should think that there would be some reference to the fruits of the earth — the harvest. I always understood that the Chinese religion was so practical”

“Confucianism is. But the Chinese mind requires two religions. Even the most commonplace Chinese, has yearnings for something above everyday life. Therefore, he combines with his Confucianism, Buddhism— or, in this country, Christianity.”

“Thank you for the information. It has given me a key to the mind of a certain Chinese in whom Auntie and I are interested.”

“And who is this particular Chinese in, whom you are interested.”

“The father of the little boy who is with us tonight.”

“Wou Sankwei! Why, here he comes with Lee Tong Hay. Are you acquainted with Lee Tong Hay?”

“No, but I believe Aunt is. Plays and sings in vaudeville, doesn't he?”

“Yes; he can turn himself into a German, a Scotchman, an Irishman, or an American, with the greatest ease, and is, as natural in each character as he is as a Chinaman. Hello, Lee Tong Hay.”

“Hello, Mr. Stimson.”

While her friend was talking to the lively young Chinese who had answered his greeting, Adah went over to where Wou Sankwei stood speaking to Mrs. Dean.

“Yen begins school next week,” said her aunt, drawing her arm within her own. It was time to go home.

Adah made no reply. She was settling her mind to do something quite out of the ordinary. Her aunt often called her romantic and impractical. Perhaps she was.

VI

“Auntie went out of town this morning,” said Adah Charlton. “I, phoned for you to come up, Sankwei because I wished to have a personal and private talk with you.”

“Any trouble, Miss Adah,” inquired the young merchant. “Anything I can do for you?”

Mrs. Dean often called upon him to transact little business matters for her or to consult with him on various phases of her social and family life.

“I don’t know what I would do without Sankwei’s head to manage for me,” she often said to her niece.

“No,” replied the girl, “you do too much for us. You always have, ever since I’ve known you. It’s a shame for us to have allowed you.”

“What are you talking about, Miss Adah? Since I came to America your aunt has made this house like a home to me,

and, of course, I take an interest in it and like to do anything for it that a man can. I am always happy when I come here.”

“Yes, I know you are, poor old boy,” said Adah to herself.

Aloud she said: “I have something to say to you which I would like you to hear. Will you listen, Sankwei?”

“Of course I will,” he answered.

“Well then,” went on Adah, “I asked you to come here today because I have heard that there is trouble at your house and that your wife is jealous of you.”

“Would you please not talk about that, Miss Adah. It is a matter which you cannot understand.”

“You promised to listen and heed. I do understand, even though I cannot speak to your wife nor find out what she feels and thinks. I know you, Sankwei, and I can see just how the trouble has arisen. As soon as I heard that your wife was jealous I knew why she was jealous.”

“Why?” he queried.

“Because,” she answered unflinchingly, “you are thinking far too much of other women.”

“Too much of other women?” echoed Sankwei dazedly. “I did not know that.”

“No, you didn’t. That is why I am telling you. But you are, Sankwei. And you are becoming too Americanized. My aunt encourages you to become so, and she is a good woman,

with the best and highest of motives; but we are all liable to make mistakes, and it is a mistake to try and make a Chinese man into an American — if he has a wife who is to remain as she always has been. It would be different if you were not married and were a man free to advance. But you are not.”

“What am I to do then, Miss Adah? You say that I think too much of other women besides her, and that I am too much Americanized. What can I do’ about it now that it is so?”

“First of all you must think of your wife. She has done for you what no American woman would do — came to you to be your wife, love you and serve you without even knowing you — took you on trust altogether. You must remember that for many years she was chained in a little cottage to care for your ailing and aged mother — a hard task indeed for a young girl. You must remember that you are the only man in the world to her, and that you have always been the only one that she has ever cared for. Think of her during all the years you are here, living a lonely hard-working life — a baby and an old woman her only companions. For this, she had left all her own relations. No American woman would have sacrificed herself so.

“And, now, what has she? Only you and her housework. The white woman reads, plays, paints, attends concerts, entertainments, lectures, absorbs herself in the work she

likes, and in the course of her life thinks of and cares for a great many people. She has much, to make her happy besides her husband. The Chinese woman has him only."

"And her boy."

"Yes, her boy," repeated Adah Charlton, smiling in spite of herself, but lapsing into seriousness the moment after. "There's another reason for you to drop the American for a time and go back to being a Chinese. For sake of your darling little boy, you and your wife should live together kindly and cheerfully. That is much more important for his welfare than that he should go to the American school and become Americanized."

"It is my ambition to put him through both American and Chinese schools."

"But what he needs most of all is a loving mother."

"She loves him all right."

"Then why do you not love her as you should? If I were married I would not think my husband loved me very much if he preferred spending his evenings in the society of other women than in mine, and was so much more polite and deferential to other women than he was to me. Can't you understand now why your wife is jealous?"

Wou Sankwei stood up.

"Goodbye," said Adah Charlton, giving him her hand.

“Goodbye,” said Wou Sankwei.

Had he been a white man, there is no doubt that Adah Charlton’s little lecture would have had a contrary effect from what she meant it to have. At least, the lectured would have been somewhat cynical as to her sincerity. But Wou Sankwei was not a white man. He was a Chinese, and did not see any reason for insincerity in a matter as important as that which Adah Charlton had brought before him. He felt himself exiled from Paradise, yet it did not occur to him to question, as a white man would have done, whether the angel with the flaming sword had authority for her action. Neither did he lay the blame for things gone wrong upon any woman. He simply made up his mind to make the best of what was.

VII

It had been a peaceful week in the Wou household — the week before little Yen was to enter the American school. So peaceful indeed that Wou Sankwei had begun to think that his wife was reconciled to his wishes with regard to the boy. He whistled softly as he whittled away at a little ship he was making for him. Adah Charlton’s suggestions had

set coursing a train of thought which had curved around Pau Lin so closely that he had decided that, should she offer any further opposition to the boy's attending the American school, he would not insist upon it. After all, though the American language might be useful during this century, the wheel of the world would turn again, and then it might not be necessary at all. Who could tell? He came very near to expressing himself thus to Pau Lin.

And now it was the evening before the morning that little Yen was to march away to the American school. He had been excited all day over the prospect, and to calm him, his father finally told him to read aloud a little story from the Chinese, book which he had given him on his first birthday in America and which he had taught him to read. Obediently the little fellow drew his stool to his mother's side and read in his childish sing-song the story of an irreverent lad who came to great grief because he followed after the funeral of his grandfather and regaled himself on the crisply roasted chickens and loose-skinned oranges which were left on the grave for the feasting of the spirit.

Wou Sankwei laughed heartily over the story. It reminded him of some of his own boyish escapades. But Pau Lin stroked silently the head of the little reader, and seemed lost in reverie.

A whiff of fresh salt air blew in from the Bay. The mother shivered, and Wou Sankwei, looking up from the fastening of the boat's rigging, bade Yen close the door. As the little fellow came back to his mother's side, he stumbled over her knee.

"Oh, poor mother!" he exclaimed with quaint apology. "Twas the stupid feet, not Yen."

"So," she replied, curling her arm around his neck, "'tis always the feet. They are to the spirit as the cocoon to the butterfly. Listen, and I will sing you the song of the Happy Butterfly."

She began singing the old Chinese ditty in a fresh birdlike voice. Wou Sankwei, listening, was glad to hear her. He liked having everyone around him cheerful and happy. That had been, the charm of the Dean household.

The ship was finished before the little family retired. Yen examined it, critically at first, then exultingly. Finally, he carried it away and placed it carefully in the closet where he kept his kites, balls, tops, and other treasures. "We will set sail with it tomorrow after school," said he to his father, hugging gratefully that father's arm.

Sankwei rubbed the little round head. The boy and he were great chums.

What was that sound which caused Sankwei to start from his sleep? It was just on the border land of night and day, an unusual time for Pau Lin to be up. Yet, he could hear her voice in Yen's room. He raised himself on his elbow and listened. She was softly singing a nursery song about some little squirrels and a huntsman. Sankwei wondered at her singing in that way at such an hour. From where he lay he could just perceive the child's cot and the silent child figure lying motionless in the dim light. How very motionless! In a moment Sankwei was beside it.

The empty cup with its dark dregs told the tale.

The thing he loved the best in all the world — the darling son who had crept into his heart with his joyousness and beauty — had been taken from him — by her who had given.

Sankwei reeled against the wall. The kneeling figure by the cot arose. The face of her was solemn and tender.

"He is saved," smiled she, "from the Wisdom of the New."

In grief too bitter for words the father bowed his head upon his hands.

"Why! Why!" queried Pau Lin, gazing upon him bewilderedly. "The child is happy. The butterfly mourns not o'er the shed cocoon."

Sankwei put up his shutters and wrote this note to Adah Charlton:

I have lost my boy through an accident. I am returning to China with my wife whose health requires a change.

“ITS WAVERING IMAGE”

I

Pan was a half white, half Chinese girl. Her mother was dead, and Pan lived with her father who kept an Oriental Bazaar on Dupont Street. All her life had Pan lived in Chinatown, and if she were different in any sense from those around her, she gave little thought to it. It was only after the coming of Mark Carson that the mystery of her nature began to trouble her. They met at the time of the boycott of the Sam Yups by the See Yups. After the heat and dust and unsavoriness of the highways and byways of Chinatown, the young reporter who had been sent to find a story, had stepped across the threshold of a cool, deep room, fragrant with the odor of dried lilies and sandalwood, and found Pan.

She did not speak to him, nor he to her. His business was with the spectacled merchant, who, with a pointed brush, was making up accounts in brown paper books and rolling balls in an abacus box. As to Pan, she always turned

from whites. With her father's people she was natural and at home; but in the presence of her mother's she felt strange and constrained, shrinking from their curious scrutiny as she would from the sharp edge of a sword.

When Mark Carson returned to the office, he asked some questions concerning the girl who had puzzled him. What was she? Chinese or white? The city editor answered him, adding: "She is an unusually bright girl, and could tell more stories about the Chinese than any other person in this city — if she would."

Mark Carson had a determined chin, clever eyes, and a tone to his voice which easily won for him the confidence of the unwary. In the reporter's room he was spoken of as "a man who would sell his soul for a story."

After Pan's first shyness had worn off, he found her bewilderingly frank and free with him; but he had all the instincts of a gentleman save one, and made no ordinary mistake about her. He was Pan's first white friend. She was born a Bohemian, exempt from the conventional restrictions imposed upon either the white or Chinese woman; and the Oriental who was her father mingled with his affection for his child so great a respect for and trust in the daughter of the dead white woman, that everything she did or said was right to him. And Pan herself! A white woman might

pass over an insult; a Chinese woman fail to see one. But Pan! He would be a brave man indeed who offered one to childish little Pan.

All this Mark Carson's clear eyes perceived, and with delicate tact and subtlety he taught the young girl that, all unconscious until his coming, she had lived her life alone. So well did she learn this lesson that it seemed at times as if her white self must entirely dominate and trample under foot her Chinese.

Meanwhile, in full trust and confidence, she led him about Chinatown, initiating him into the simple mystery and history of many things, for which she, being of her father's race, had a tender regard and pride. For her sake he was received as a brother by the yellow-robed priest in the joss house, the Astrologer of Prospect Place, and other conservative Chinese. The Water Lily Club opened its doors to him when she knocked, and the Sublimely Pure Brothers' organization admitted him as one of its honorary members, thereby enabling him not only to see but to take part in a ceremony in which no American had ever before participated. With her by his side, he was welcomed wherever he went. Even the little Chinese women in the midst of their babies, received him with gentle smiles, and the children solemnly munched his candies and repeated nursery rhymes for his edification.

He enjoyed it all, and so did Pan. They were both young and light-hearted. And when the afternoon was spent, there was always that high room open to the stars, with its China bowls full of flowers and its big colored lanterns, shedding a mellow light.

Sometimes there was music. A Chinese band played three evenings a week in the gilded restaurant beneath them, and the louder the gongs sounded and the fiddlers fiddled, the more delighted was Pan. Just below the restaurant was her father's bazaar. Occasionally Mun You would stroll upstairs and inquire of the young couple if there was anything needed to complete their felicity, and Pan would answer: "Thou only." Pan was very proud of her Chinese father. "I would rather have a Chinese for a father than a white man," she often told Mark Carson. The last time she had said that he had asked whom she would prefer for a husband, a white man or a Chinese. And Pan, for the first time since he had known her, had no answer for him.

II

It was a cool, quiet evening, after a hot day. A new moon was in the sky.

“How beautiful above! How unbeautiful below!” exclaimed Mark Carson involuntarily.

He and Pan had been gazing down from their open retreat into the lantern-lighted, motley-thronged street beneath them.

“Perhaps it isn’t very beautiful,” replied Pan, “but it is here I live. It is my home.” Her voice quivered a little.

He leaned towards her suddenly and grasped her hands.

“Pan,” he cried, “you do not belong here. You are white — white.”

“No! no!” protested Pan.

“You are,” he asserted. “You have no right to be here.”

“I was born here,” she answered, “and the Chinese people look upon me as their own.”

“But they do not understand you,” he went on. “Your real self is alien to them. What interest have they in the books you read — the thoughts you think?”

“They have an interest in me,” answered faithful Pan. “Oh, do not speak in that way any more.”

“But I must,” the young man persisted. “Pan, don’t you see that you have got to decide what you will be — Chinese or white? You cannot be both.”

“Hush! Hush!” bade Pan. “I do not love you when you talk to me like that.”

A little Chinese boy brought tea and saffron cakes. He was a picturesque little fellow with a quaint manner of speech. Mark Carson jested merrily with him, while Pan holding a tea-bowl between her two small hands laughed and sipped.

When they were alone again, the silver stream and the crescent moon became the objects of their study. It was a very beautiful evening.

After a while Mark Carson, his hand on Pan's shoulder, sang:

“And forever, and forever,
As long as the river flows,
As long as the heart has passions,
As long as life has woes,
The moon and its broken reflection,
And its shadows shall appear,
As the symbol of love in heaven,
And its wavering image here.”

Listening to that irresistible voice singing her heart away, the girl broke down and wept. She was so young and so happy.

“Look up at me,” bade Mark Carson. “Oh, Pan! Pan! Those tears prove that you are white.”

Pan lifted her wet face.

“Kiss me, Pan,” said he. It was—the first time.

Next morning Mark Carson began work on the special-feature article which he had been promising his paper for some weeks.

III

“Cursed be his ancestors,” bayed Man You.

He cast a paper at his daughter’s feet and left the room.

Startled by her father’s unwonted passion, Pan picked up the paper, and in the clear passionless light of the afternoon read that which forever after was blotted upon her memory.

“Betrayed! Betrayed! Betrayed to be, a betrayer!”

It burnt red hot; agony unrelieved by words, unassuaged by tears.

So till evening fell. Then she stumbled up the dark stairs which led to the high room open to the stars and tried to think it out. Someone had hurt her. Who was it? She raised her eyes. There shone: “Its Wavering Image.” It helped her to lucidity. He had done it. Was it unconsciously dealt — that cruel blow? Ah, well did he know that the sword which pierced her through others, would carry with it to her own heart, the pain of all those others. None knew

better than he that she, whom he had called “a white girl, a white woman,” would rather that her own naked body and soul had been exposed, than that things, sacred and secret to those who loved her, should be cruelly unveiled and ruthlessly spread before the ridiculing and uncomprehending foreigner. And knowing all this so well, so well, he had carelessly sung her heart away, and with her kiss upon his lips, had smilingly turned and stabbed her. She, who was of the face that remembers.

IV

Mark Carson, back in the city after an absence of two months, thought of Pan. He would see her that very evening. Dear little Pan, pretty Pan, clever Pan, amusing Pan; Pan, who was always so frankly glad to have him come to her; so eager to hear all that he was doing; so appreciative, so inspiring, so loving. She would have forgotten that article by now. Why should a white woman care about such things? Her true self was above it all. Had he not taught her that during the weeks in which they had seen so much of one another? True, his last lesson had been a little harsh, and as yet he knew not how she had taken it; but even if its roughness

had hurt and irritated, there was a healing balm, a wizard's oil which none knew so well as he how to apply.

But for all these soothing reflections, there was an undercurrent of feeling which caused his steps to falter on his way to Pan. He turned into Portsmouth Square and took a seat on one of the benches facing the fountain erected in memory of Robert Louis Stevenson. Why had Pan failed to answer the note he had written telling her of the assignment which would keep him out of town for a couple of months and giving her his address? Would Robert Louis Stevenson have known why? Yes — and so did Mark Carson. But though Robert Louis Stevenson would have boldly answered himself the question, Mark Carson thrust it aside, arose, and pressed up the hill.

“I knew they would not blame you, Pan!”

“Yes.”

“And there was no word of you, dear. I was careful about that, not only for your sake, but for mine.”

Silence.

“It is mere superstition anyway. These things have got to be exposed and done away with.”

Still silence.

Mark Carson felt strangely chilled. Pan was not herself tonight. She did not even look herself. He had been accustomed to seeing her in American dress. Tonight she

wore the Chinese costume. But for her clear-cut features she might have been a Chinese girl. He shivered.

“Pan,” he asked, “why do you wear that dress?”

Within her sleeves Pan’s small hands struggled together; but her face and voice were calm.

“Because I am a Chinese woman,” she answered.

“You are not,” cried Mark Carson, fiercely. “You cannot say that now, Pan. You are a white woman — white. Did your kiss not promise me that?”

“A white woman!” echoed. Pan her voice rising high and clear to the stars above them. “I would not be a white woman for all the world. You are a white man. And what is a promise to a white man!”

When she was lying low, the element of Fire having raged so fiercely within her that it had almost shriveled up the childish frame, there came to the house of Man You a little toddler who could scarcely speak. Climbing upon Pan’s couch, she pressed her head upon the sick girl’s bosom. The feel of that little head brought tears.

“Lo!” said the mother of the toddler. “Thou wilt bear a child thyself some day, and all the bitterness of this will pass away.”

And Pan, being a Chinese woman, was comforted.

THE GIFT OF LITTLE ME

The schoolroom was decorated with banners and flags wrought in various colors. Chinese lanterns swung overhead. A big, green, porcelain frog with yellow eyes squatted in the centre of the teacher's desk. Tropical and native plants: azaleas, hyacinths, palms, and Chinese lilies, filled the air with their fragrance.

It was the day before the Chinese New Year of 18 — and Miss McLeod's little scholars, in the decoration of their schoolroom, had expressed their love of quaint conceits and their appreciation, of the beautiful. They were all in holiday attire. There was Han Wenti in sky-hued raiment and loose, flowing sleeves, upon each of which was embroidered a yellow dragon. Han Wenti's father was the Chief of his clan in America. There was San Kee, the son of the Americanized merchant, stiff and slim in American store clothes. Little Choy, on the girls' side, proudly wore a checked louisine Mother Hubbard gown, while Fei and Sie looked like humming-birds in their native costume of bright-colored silks flowered with gold.

Miss McLeod's eyes wandered over the heap of gifts piled on three chairs before her desk, and over the heads

of the young givers, to where on a back seat a little fellow in blue cotton tunic and pantaloons sat swinging a pair of white-soled shoes in a “don’t care for anybody” fashion.

Little Me was looked upon almost as criminal by his schoolfellows. He was the only scholar in all the school who failed to offer at the shrine of the Teacher, and the fact that he was the son of a man who dined on no richer dish than rice and soy gravy did not palliate his offense. There were other scholars who knew not the taste of mushrooms, baniboo shoots, and sucking pigs, yet who were unceasing, in their offerings of paper mats, wild flowers, pebbles, strange insects, and other gifts possessing at least a sentimental value. The truth of the matter, however, was that Little Me was neither unappreciative nor unloving. He was simply afflicted with pride. If he could not give in the princely fashion of Hom Hing and Lee Chu, the sons of the richest merchants in Chinatown, he would not give at all. Yet if Miss McLeod, in her Scotch heart, allowed herself a favorite amongst her scholars, it was Little Me. Many a time had she incurred the displeasure of the parents of Hom Hing and Lee Chu by rejecting the oft-times valuable presents of their chubby, complacent-faced sons. She had seen Little Me’s eyes cloud and his small hands draw up in his sleeves when the pattering footsteps of the braided darlings of the rich led them, with their offerings, to her desk.

“Attention, children!” said Miss McLeod; and she made a little speech in which she thanked her scholars for their tokens of appreciation and affection, but impressed upon them that she prized as much a wooden image of his own carving from a boy who had nothing more to offer, as she did an ivory or jade figure from one whose father could afford to wear gold buttons; that a lichi from the orphan Amoy was as refreshing to her as a basket of oranges from the only daughter of the owner of many fruit ranches. The greatest of all gifts was beyond price. They must remember the story she had told them at Christmas time of the giving of a darling and only Son to a loved people. All the money in the world could not have paid for that dear little boy. He was a free gift.

Little Me stopped swinging his feet in their white-soled shoes. With solemn eyes and puckered brow he meditated over this speech.

The first day of the new year was kept with much rejoicing. There were gay times under the lanterns, quaint ceremonies, and fine feasting. The flutist came out with his flute, the banjo man with his banjo, and the fiddler with his fiddle. No child but had a piece of gold or silver given to him or her, and sweet-meats, loose-skinned oranges, and

watermelon seeds were scattered around galore. Strains of music enlivened the dark alleys, and “flowers” or fireworks delighted both old and young. The Literary and Benevolent Societies brought forth those of their number whose imaginations and experiences gave them the power to portray the achievements of heroes, the despair of lovers, the blessings which fall to the lot of the filial son, and the terrible fate of the undutiful, and while the sun went down and long after it had set, groups of fascinated youths sat listening to tales of magic and enchantment.

In the midst of it all Little Me wandered around in his white-soled shoes, and thought of that other story — the, story of the Babe.

On the second day of the Chinese New Year, Miss McLeod, her twine bag full to overflowing with little red parcels of joy, stopped before the door of the Chee house. As there was no response to her knock, she lifted the latch and entered a darkened room. By a couch in the furthest corner of the room a woman knelt, moaning and tearful. It was Chee A Tae, Little Me’s mother. Little Me’s proper name was Chee Ping. Miss McLeod touched her shoulder sympathetically. The woman shuddered and the low moans became heartrending cries and sobs. Did the teacher know that her baby was stolen? Some evil spirit had witched him

away. Her husband, with some friends, was searching for the child; but she felt sure they would find him — never. She had burnt incense to “Mother” and besought the aid of the goddess of children; but her prayers would not avail, because her husband had neglected that month to send his parents cash for ginseng and broth. He had tried his luck with the Gambling Cash Tiger and failed. Had he been fortunate, his parents would have received twice their usual portion, but as it was, he had lost. And now the baby, the younger brother of Little Me, was lost too.

“How did it happen?” inquired Miss McLeod.

“We were alone — the babe and I,” replied the mother. “My man was visiting and Little Me was playing in the alley. I stepped over with a bowl of boiled rice and a pot of tea for old Sien Tau. We have not much for our own mouths, but it is well to begin the New Year by being kind to those who may not see another. The babe was sleeping, when I last beheld him. When I returned, whether he was asleep, awake, in the land of the living or in the spirit world, was withheld from me. A wolf — a tiger heart — alone knew.”

This was truly a case needing sympathy. Miss McLeod did her best, and after a while Chee A Tae sat up and listened with some hope for her husband’s footsteps. He came at last, a tired, gaunt-looking man, wearing in the face of the holiday,

the blue cotton blouse and pantaloons of a working Chinaman, and a very dilapidated American slouch hat, around which he had wound his queue! He was followed into the room by several of his countrymen who cast suspicious glances at the white woman present; but, upon recognition came forward, each in turn, and saluted her in American fashion. There were several points of difference between Miss McLeod and the other white teachers of Chinatown which had won for her the special favor of her pupil's parents. One was that though it was plain to all that she loved her work and taught the children committed to her charge with the utmost patience and care, she was not a child-cuddling and caressing woman. Another, that she had taken pains to learn the Chinese language before attempting to teach her own. Thirdly, she lived in Chinatown, and made herself at home amongst its denizens.

Chee A Tae was bitterly disappointed at seeing her husband without the babe. She arose from her couch, and pulling open the door, which the men had closed behind them, pointed them out again, crying: "Go, find my son ! Go, find my son ! "

Chee Ping the First turned upon her resentfully. "Woman," he cried, "that he lost is your fault. I have searched with my eyes, ears, tongue, and limbs; but one might as well look for a pin at the bottom of the ocean."

The mother began to weep pitifully. "Tis the Gambling Cash Tiger," she sobbed.

"Twas he who caused you to forget your parents and ill fortune has followed therefore. A-ya, A-ya, A-ya. My heart is as heavy as the blackest heavens!"

"What nonsense!" exclaimed Miss McLeod, thinking it time to interfere. "The child cannot be far away. Let us all hunt and see who will find him first."

A crowd of men, women, and children had gathered outside the door, most of them in gay holiday attire. At these words of the teacher there was an assenting babel of voices, followed by a darting into passages, up stairways, and behind doors. Lanterns were lit for the exploration of underground cellars, stores, closets, stairways, balconies. Not a hole in the vicinity of the Chee dwelling but was penetrated by keen eyes. Rich and poor alike joined in the search, a yellow-robed priest from the joss house and one of the Chiefs of the Six Companies being conspicuously interested.

The mother, following in the footsteps of Miss McLeod, kept up a plaintive wailing. "A-Ya, my young bud, my jade jewel, my peach bloom. Little hands, veined like young leaves; voice like the breath of a zephyr. Alas, the fates are against me! You are lost to your poor mother who is without resource and bound with fetters. Death would be sweet indeed; but that boon is denied."

The day wore on and evening gradually stole upon them, followed by night. The wind blew in gusts, but the moon had risen and was shining bright so that there was a kind of moonlight even in the dark alleys. The main portion of Chinatown had been thoroughly scoured, and most attention was now being given to the hills which crept up to Powell Street. It was in a top story of a half-way hill tenement that Miss McLeod's room was located; a cozy little place, for all its apparently comfortless environment. When the wind began to blow bleak from the Bay, her thoughts drifted longingly to her easy chair and cheery grate fire; but only for a moment. Until the baby was found she could know no rest. The distress of these Chinese people was hers; their troubles also. Had she not adopted them as her own when kinfolk had failed her? Their grateful appreciation of the smallest service; their undemonstrative but faithful affection had been as balm to a heart wounded by the indifference and bruised by the ingratitude, of those to whom she had devoted her youth, her strength, and her abilities.

Suddenly a cry was heard. Wang Hom Hing, a merchant Chinaman, who had taken command of the search party detailed to explore the upper part of Chinatown, appeared at the door of a rickety tenement — the one in which Miss McLeod had built her nest — and waved, under the lanterns, a Chinese flag, signal that the child was found.

Pell-mell the Chinese rushed towards their country's emblem. With the exception of Miss McLeod, not a single white person, not even a policeman, had been impressed into the search.

Leading the rushing crowd was Chee Ping the First; in the midst panted A Tae and her white woman friend, and in the wake of all calmly and quietly pattered Little Me. Though usually the chief object of his parents' attention, this day, or rather night, he seemed altogether forgotten.

Up several flights of stairs streamed the searchers, while from every door on the landings, men, women, and children peered out, inquiring what it all meant. Hemmed in by numbers, the teacher found herself at last blocked outside her own room.

Someone was talking loudly and excitedly. It was Wang Hom Hing, the father of her pupil of that name, and the uncle of another pupil, Lee Chu. What was he saying? The teacher strained her ears to catch his words. Gracious Heavens! He was declaring that she had stolen the child; that it lay in her room, hidden under the coverlets of her bed — positive evidence that she who, under the guise of friendship, had ingratiated herself into their hearts and homes, was in reality a secret enemy.

“Trust her no more— this McLeod, Jean,” he cried. “Though her smile is as sweet as honey, her heart is like a razor.”

There was an ominous silence after this speech.

Wang Hom Hing was a pompous man whose conceit had been inflated by the flattery of wily white people, who, unlike the undiplomatic Scotch woman, did discriminate between the gifts of the rich and poor. Nevertheless, as President of the Water Lily Club and Secretary of the Society of Celestial Reason, he was a man of influence in Chinatown, and, this was painfully impressed upon the teacher when Chee A Tae cast upon her a shuddering glance and fell swooning into the arms of a stout countrywoman behind her.

Now, the blood of Scottish chieftains throbbed in Miss McLeod's veins; and it was this brave blood which, when all the ships in which she had stored her early hopes and dreams had one by one been lost, had borne up her soul above the stormy flood, and helped her to launch another ship in a sea both wild and strange. That ship had weathered many a gale. Should she, after steering it safely into port, allow it to founder — in harbor? Never! That ship was the safe-deposit bank for all her womanly affection and energy. It carried her Chinese work — the work in which she had found consolation, peace, and happiness. Hom Hing should not wreck it without some effort on her part to save.

The intrepid woman, nerved by these thoughts, pushed through the human wall before her and reached the speaker's

side. Sleeping in the midst of the tumult lay the babe, its little hand under its cheek. So pretty a picture that even in her stress and excitement she paused for a moment to wonder and admire.

Then she faced the big Chinaman in his gorgeous holiday robes, her small, slight form drawn to its fullest height, her light blue eyes ablaze.

“Wang Hom Hing,” she cried. “You know you are trying to make my friends believe what you do not believe yourself! I know no more than its mother does about how the dear baby came here.”

The Chinese merchant shrugged his shoulders insolently, and addressing the people again, asked them to judge for themselves. The child had been stolen. The teacher had pretended to aid in a search, yet it had been he and not she who had led the way to her room where it had been found.

Low mutterings were heard throughout the place; but after they had subsided, the white woman, looking around for a friendly face, was surprised and cheered to find many. Her spirits rose.

“How was I to know the child lay in my room?” she indignantly inquired. “I left the place in the early morning. It has been brought there since by someone unknown to me.

Wang Hom Hing laughed scornfully as he moved away, his revenge, as he thought, complete.

The father of the babe raised his son in his arms and passed him on to the mother who stood with arms outstretched. Clutching the child convulsively, she gazed with horror-struck eyes at the teacher.

“Friends,” cried the white woman, raising her voice in a last effort, “will you allow that, man to turn from me your hearts? Have you not known me long enough to believe that though I cannot explain to you how the baby came to be in my room, yet I am innocent of having brought it there. A Tae” — addressing the mother — “can you believe that I would harm one hair of your baby’s head?”

A Tae hesitated, her eyes full of tears. She had loved the teacher, but Wang Hom Hing had sown a poisonous seed in her superstitious mind. Miss McLeod noted her hesitation with a sinking of the heart that was almost despair.

Up hobbled a very old and very tiny woman.

“McLeod, Jean,” she cried, “your gracious and noble qualities of mind and soul merit a happier New Year’s Day than this. Wang Hom Hing’s words cannot deceive old Sien Tau.”

Ah! The Scotch woman grasped gratefully the old Chinese woman’s hand. She could not speak for the tickle in her throat.

Then spake A Tae: “Teacher, forgive me,” besought she.

And the teacher smiled her answer.

A number of men and women came forward, looked into the teacher's face, thanked her for past kindnesses, and expressed their confidence in her.

"McLeod, Jean," declared an old man, "you are a hundred women good."

Which was the highest compliment that Jean McLeod had ever received.

"You are wrong, mother!" said she, turning with a beaming face to old Sien Tau. "This is the happiest day I have known."

Explained the father of the babe: "The gods, seeing my unworthiness, took from me to give to you."

And Little Me, straggling to the teacher's side, piped in the language she herself had taught him:

"I have one brother. I love him all over. You say baby boy best gift so I give him to you when my father and mother not see. Little Me give better than Lee Chu and Hom King."

It was some time before the tumult occasioned by Little Me's boastful but sweet confession subsided. It had been heard by all, but was understood wholly by none save the teacher.

That when no watchful eye was there to see, the baby had been carried in Little Me's sturdy arms from under the home roof to the teacher's tenement room, was made plain

to everyone by the child himself. But it devolved upon Miss McLeod, in order to save her little scholar from obviously justifiable paternal wrath, to explain his reason for the kidnapping, and this she did so clearly and eloquently that the father, raising his first born to his knee, declared in English: "I proud of him. He Number One scholar," while the mother fondly smiled.

Little Me looked at the baby in his mother's lap, and then at the teacher. His eyes filled with tears.

"You not like what I give you well enough to keep him," he sobbed.

"Yes, yes," consoled Miss McLeod. "I like him so well that I put him away in my heart where I keep the baby of my story. Don't you remember? That was what the father of the story gave the baby for. To be kept in the people's hearts after he had gone back to him!"

"Ah, yes," responded the child, his face brightening. "You keep my brother in your heart and I keep him in the house with me and my father and mother. That best of all!"

THE STORY OF ONE WHITE WOMAN WHO MARRIED A CHINESE

I

Why did I marry Liu Kanghi, a Chinese? Well, in the first place, because I loved him; in the second place, because I was weary of working, struggling and fighting with the world; in the third place, because my child needed a home.

My first husband was an American fifteen years older than myself. For a few months I was very happy with him. I had been a working girl — a stenographer. A home of my own filled my heart with joy. It was a pleasure to me to wait upon James, cook him nice little dinners and suppers, read to him little pieces from the papers, and magazines and sing and play to him my little songs and melodies. And for a few months he seemed to be perfectly contented. I suppose I was a novelty to him, he having lived a bachelor existence until he was thirty-four. But it was not long before he left off smiling at my little jokes,

grew restive and cross when I teased him, and when I tried to get him to listen to a story in which I was interested and longed to communicate, he would bid me not bother him. I was quick to see the change and realize that there was a gulf of differences between us. Nevertheless, I loved and was proud of him. He was considered a very bright and well-informed man, and although his parents had been uneducated working people he had himself been through the public schools. He was also an omnivorous reader of socialistic and new-thought literature. Woman suffrage was one of his particular hobbies. Whenever I had a magazine around he would pick it up and read aloud to me the columns of advice to women who were ambitious to become comrades to men and walk shoulder to shoulder with their brothers. Once I ventured to remark that much as I admired a column of men keeping step together, yet men and women, thus ranked would, to my mind, make a very unbeautiful and disorderly spectacle. He frowned and answered that I did not understand him, and was too frivolous. He would often draw my attention to newspaper reports concerning women of marked business ability and enterprise. Once I told him that I did not admire clever business women, as I had usually found them, and so had other girls of my acquaintance, not nearly so kind-hearted,

generous, and helpful as the humble drudges of the world — the ordinary working women. His answer to this was that I was jealous and childish.

But, in spite of his unkind remarks and evident contempt for me, I wished to please him. He was my husband and I loved him. Many an afternoon, when through with my domestic duties, did I spend in trying to acquire a knowledge of labor politics, socialism, woman suffrage and baseball, the things in which he was most interested.

It was hard work, but I persevered until one day. It was about six months after our marriage. My husband came home a little earlier than usual, and found me engaged in trying to work out problems in subtraction and addition. He laughed sneeringly. "Give it up, Minnie," said he. "You weren't built for anything but taking care of kids. Gee! But there's a woman at our place who has a head for figures that makes her worth over a hundred dollars a month. Her husband would have a chance to develop himself."

This speech wounded me. I knew it was James' ambition to write a book on social reform.

The next day, unknown to my husband, I called upon the wife of the man who had employed me as stenographer before I was married, and inquired of her whether she thought I could get back my old position.

“But, my dear,” she exclaimed, “your husband is receiving a good salary! Why should you work?”

I told her that my husband had in mind the writing of a book on social reform, and I wished to help him in his ambition by earning some money towards its publication.

“Social reform!” she echoed. “What sort of social reformer is he who would allow his wife to work when he is well able to support her!”

She bade me go home and think no more of an office position. I was disappointed. I said: “Oh! I wish I could earn some money for James. If I were earning money, perhaps he would not think me so stupid.”

“Stupid, my dear girl! You are one of the brightest little women I know,” kindly comforted Mrs. Rogers.

But I knew differently and went on to tell her of my inability to figure with my husband how much he had made on certain sales, of my lack of interest in politics, labor questions, woman suffrage, and world reformation. “Oh!” I cried, “I am a narrow-minded woman. All I care for is for my husband to love me and be kind to me, for life to be pleasant and easy, and to be able to help a wee bit the poor and sick around me.”

Mrs. Rogers looked very serious as he told me that there were differences of opinion as to what was meant by

“narrow-mindedness,” and that the majority of men had no wish to drag their wives into all their business perplexities, and found more comfort in a woman who was unlike rather than like themselves. Only that morning her husband had said to her: “I hate a woman who tries to get into every kink of a man’s mind, and who must be forever at his elbow meddling with all his affairs.”

I went home comforted. Perhaps after a while James would feel and see as did Mr. Rogers. Vain hope!

My child was six weeks old when I entered business life again as stenographer for Rutherford & Rutherford. My salary was fifty dollars a month — more than I had ever earned before, and James was well pleased, for he had feared that it would be difficult for me to obtain a paying place after having been out of practise for so long. This fifty dollars paid for all our living expenses, with the exception of rent, so that James would be able to put by his balance against the time when his book would be ready for publication.

He began writing his book, and Miss Moran the young woman bookkeeper at his place collaborated with him. They gave three evenings a week to the work, sometimes four. She came one evening when the baby was sick and James had gone for the doctor. She looked at the child with the curious eyes of one who neither loved nor understood children. “There is

no necessity for its being sick," said she. "There must be an error somewhere." I made no answer, so she went on: "Sin, sorrow, and sickness all mean the same thing. We have no disease that we do not deserve, no trouble which we do not bring upon ourselves."

I did not argue with her. I knew that I could not; but as I looked at her standing there in the prime of her life and strength, broad-shouldered, masculine-featured, and, as it seemed to me, heartless, I disliked her more than I had ever disliked anyone before. My own father had died after suffering for many years from a terrible malady, contracted while doing his duty as a physician and surgeon. And my little innocent child! What had sin to do with its measles?

When James came in she discussed with him the baseball game which had been played that afternoon, and also a woman suffrage meeting which she had attended the evening before.

After she had gone he seemed to be quite exhilarated. "That's a great woman!" he remarked.

"I do not think so!" I answered him. "One who would take from the sorrowful and suffering their hope of a happier existence hereafter, and add to their trials on earth by branding them as objects of aversion and contempt, is not only not a great woman but, to my mind, no woman at all."

He picked up a paper and walked into another room.

“What do you think now?” I cried after him.

“What would be the use of my explaining to you?” he returned. “You wouldn’t understand.”

How my heart yearned over my child those days! I would sit before the typewriter and in fancy hear her crying for her mother. Poor, sick little one, watched over by a strange woman, deprived of her proper nourishment. While I took dictation from my employer I thought only of her. The result, of course, was, that I lost my place. My husband showed his displeasure at this in various ways, and as the weeks went by and I was unsuccessful in obtaining another position, he became colder and more indifferent. He was neither a drinking nor an abusive man; but he could say such cruel and cutting things that I would a hundred times rather have been beaten and ill-used than compelled, as I was, to hear them. He even made me feel it a disgrace to be a woman and a mother. Once he said to me: “If you had had ambition of the right sort you would have perfected yourself in your stenography so that you could have taken cases in court. There’s a little fortune in that business.”

I was acquainted with a woman stenographer who reported divorce cases and who had described to me the work, so I answered: “I would rather die of hunger, my baby in my arms, than report divorce proceedings under the eyes of men in a court house.”

“Other women, as good as you, have done and are doing it,” he retorted.

“Other women, perhaps better than I, have done and are doing it,” I replied, “but all women are not alike. I am not that kind.”

“That’s so,” said he. “Well, they are the kind who are up to date. You are behind the times.”

One evening I left James and Miss Moran engaged with their work and went across the street to see a sick friend. When I returned I let myself into the house very softly for fear of awakening the baby whom I had left sleeping. As I stood in the hall I heard my husband’s voice in the sitting-room. This is what he was saying:

“I am a lonely man. There is no companionship between me and my wife.”

“Nonsense!” answered Miss Moran, as I thought a little impatiently. “Look over this paragraph, please, and tell me if you do not think it would be well to have it follow after the one ending with the words ‘ultimate concord,’ in place of that beginning with ‘These great principles.’”

“I cannot settle my mind upon the work tonight,” said James in a sort of thick, tired voice. “I want to talk to you — to win your sympathy — your love.”

I heard a chair pushed back. I knew Miss Moran had arisen.

“Good night!” I heard her say. “Much as I would like to see this work accomplished, I shall come no more!”

“But, my God! You cannot throw the thing up at this late date.”

“I can and I will. Let me pass, sir.”

“If there were no millstone around my neck, you would not say, ‘Let me pass, sir’, in that tone of voice.”

The next I heard was a heavy fall. Miss Moran had knocked my big husband down.

I pushed open the door. Miss Moran, cool and collected, was pulling on her gloves. James was struggling to his feet.

“Oh, Mrs. Carson!” exclaimed the former. “Your husband fell over the stool. Wasn’t it stupid of him!”

James, of course, got his divorce six months after I deserted him. He did not ask for the child, and I was allowed to keep it.

II

I was on my way to the waterfront, the baby in my arms. I was walking quickly, for my state of mind was such that I could have borne twice my burden and not have felt it. Just as I turned down a hill which led to the docks, someone touched my arm and I heard a voice say:

“Pardon me, lady; but you have dropped your baby’s shoe!”

“Oh, yes!” I answered, taking the shoe mechanically from an outstretched hand, and pushing on.

I could hear the waves lapping against the pier when the voice again fell upon my ear.

“If you go any further, lady, you will fall into the water!”

My answer was a step forward.

A strong hand was laid upon my arm and I was swung around against my will.

“Poor little baby,” went on the voice, which was unusually soft for a man’s. “Let me hold him!”

I surrendered my child to the voice.

“Better come over where it is light and you can see where to walk!”

I allowed myself to be led into the light.

Thus I met Liu Kanghi, the Chinese who afterwards became my husband. I followed him, obeyed him, trusted him from the very first. It never occurred to me to ask myself what manner of man was succoring me. I only knew that he was a man, and that I was being cared for as no one had ever cared for me since my father died. And my grim determination to leave a world which had been cruel to me, passed away — and in its place I experienced a strange calmness and content.

“I am going to take you to the house of a friend of mine,” he said as he, preceded me up the hill, the baby in his arms.

“You will not mind living with Chinese people?” he added.

An electric light under which we were passing flashed across his face.

I did not recoil — not even at first. It may have been because he was wearing American clothes, wore his hair cut, and, even to my American eyes, appeared a good-looking young man — and it may have been because of my troubles; but whatever it was I answered him, and I meant it: “I would much rather live with Chinese than Americans.”

He did not ask me why, and I did not tell him until long afterwards the story of my unhappy marriage, my desertion of the man who had made it impossible for me to remain under his roof; the shame of the divorce, the averted faces of those who had been my friends; the cruelty of the world; the awful struggle for an existence for myself and child; sickness followed by despair.

The Chinese family with which he placed me were kind, simple folk. The father had been living in America for more than twenty years. The family consisted of his wife, a grown daughter, and several small sons and daughters, all of whom had been born in America. They made me very welcome and adored the baby. Liu Jusong, the father, was a working jeweler;

but, because of an accident by which he had lost the use of one hand, was partially incapacitated for work. Therefore, their family depended for maintenance chiefly upon their kinsman, Liu Kanghi, the Chinese who had brought me to them.

“We love much our cousin,” said one of the little girls to me one day. “He teaches us so many games and brings us toys and sweets.”

As soon as I recovered from the attack of nervous prostration which laid me low for over a month after being received into the Liu home, my mind began to form plans for my own and my child’s maintenance. One morning I put on my hat and jacket and told Mrs Liu I would go downtown and make an application for work as a stenographer at the different typewriting offices. She pleaded with me to wait a week longer — until, as she said, “your limbs are more fortified with strength”; but I assured her that I felt myself well able to begin to do for myself, and that I was anxious to repay some little part of the expense I had been to them.

“For all we have done for you,” she answered, “our cousin has paid us doublefold.”

“No money can recompense your kindness to myself and child,” I replied; “but if it is your cousin to whom I am indebted for board and lodging, all the greater is my anxiety to repay what I owe.”

When I returned to the house that evening, tired out with my quest for work, I found Liu Kanghi tossing ball with little Fong in the front porch.

Mrs. Liu bustled out to meet me and began scolding in motherly fashion.

“Oh, why you go down town before you strong enough? See! You look all sick again!” said she.

She turned to Liu Kanghi and said something in Chinese. He threw the ball back to the boy and came toward me, his face grave and concerned.

“Please be so good as to take my cousin’s advice,” he urged.

“I am well enough to work now,” I replied, “and I cannot sink deeper into your debt.”

“You need not,” said he. “I know a way by which you can quickly pay me off and earn a good living without wearing yourself out and leaving the baby all day. My cousin tells me that you can create most beautiful flowers on silk, velvet, and linen. Why not then you do some of that work for my store? I will buy all you can make.”

“Oh!” I exclaimed, “I should be only too glad to do such work! But do you really think I can earn a living in that way?”

“You certainly can,” was his reply. “I am requiring an embroiderer, and if you will do the work for me I will try to pay you what it is worth.”

So I gladly gave up my quest for office work. I lived in the Liu Jusong house and worked for Liu Kanghi. The days, weeks, and months passed peacefully and happily. Artistic needlework had always been my favorite occupation, and when it became a source both of remuneration and pleasure, I began to feel that life was worth living, after all. I watched with complacency my child grow amongst the little Chinese children. My life's experience had taught me that the virtues do not all belong to the whites. I was interested in all that concerned the Liu household, became acquainted with all their friends, and lost altogether the prejudice against the foreigner in which I had been reared.

I had been living thus more than a year when, one afternoon as I was walking home from Liu Kanghi's store on Kearney Street, a parcel of silks and floss under my arm, and my little girl trudging by my side, I came face to face with James Carson.

"Well, now," said he, planting himself in front of me, "you are looking pretty well. How are you making out?"

I caught up my child and pushed past him without a word. When I reached the Liu house I was trembling in every limb, so great was my dislike and fear of the man who had been my husband.

About a week later a letter came to the house addressed to me. It read:

204 Buchanan Street

Dear Minnie, — If you, are willing to forget the past and make up, I am, too. I was surprised to see you the other day, prettier than ever — and much more of a woman. Let me know your mind at an early date.

*Your affectionate husband,
James*

I ignored this letter, but a heavy fear oppressed me. Liu Kanghi, who called the evening of the day I received it, remarked as he arose to greet me that I was looking troubled, and hoped that it was not the embroidery flowers.

“It is the shadow from my big hat,” I answered lightly. I was dressed for going down town with Mrs. Liu who was preparing her eldest daughter’s trousseau.

“Some day,” said Liu Kanghi earnestly, “I hope that you will tell to me all that is in your heart and mind.”

I found comfort in his kind face.

“If you will wait until I return, I will tell you all tonight,” I answered.

Strange as it may seem, although I had known Liu Kanghi now for more than a year, I had had little talk alone with him, and all he knew about me was what he had learned

from Mrs. Liu; namely, that I was a divorced woman who, when saved from self-destruction, was homeless and starving.

That night, however after hearing my story, he asked me to be his wife. He said: "I love you and would protect you from all trouble. Your child shall be as my own."

I replied: "I appreciate your love and kindness, but I cannot answer you just yet. Be my friend for a little while longer."

"Do you have for me the love feeling?" he asked.

"I do not know," I answered truthfully.

Another letter came. It was written in a different spirit from the first and contained a threat about the child.

There seemed but one course open to me. That was to leave my Chinese friends. I did. With much sorrow and regret I bade them goodbye, and took lodgings in a part of the city far removed from the outskirts of Chinatown where my home had been with the Lius.

My little girl pined for her Chinese playmates, and I myself felt strange and lonely; but I knew that if I wished to keep my child I could no longer remain with my friends.

I still continued working for Liu Kanghi, and carried my embroidery to his store in the evening after the little one had been put to sleep. He usually escorted me back; but never asked to be allowed, and I never invited him to visit

me, or even enter the house. I was a young woman, and alone, and what I had suffered from scandal since I had left James Carson had made me wise.

It was a cold, wet evening in November when he accosted me once again. I had run over to a delicatessen store at the corner of the block where I lived. As I stepped out, his burly figure loomed up in the gloom before me. I started back with a little cry, but he grasped my arm and held it.

“Walk beside me quietly if you do not wish to attract attention,” said he, “and by God, if you do, I will take the kid tonight!”

“You dare not!” I answered. “You have no right to her whatever. She is my child and I have supported her for the last two years alone.”

“Alone! What will the judges say when I tell them about the Chinaman?”

“What will the judges say!” I echoed. “What can they say? Is there any disgrace in working for a Chinese merchant and receiving pay for my labor?”

“And walking in the evening with him, and living for over a year in a house for which he paid the rent. Ha! ha! ha! Ha! ha! ha!”

His laugh was low and sneering. He had evidently been making enquiries concerning the Liu family, and also

watching me for some time. How a woman can loathe and hate the man she has once loved!

We were nearing my lodgings. Perhaps the child had awakened and was crying for me. I would not, however, have entered the house had he not stopped at the door and pushed it open.

“Lead the way upstairs!” said he. “I want to see the kid.”

“You shall not,” I cried. In my desperation I wrenched myself from his grasp and faced him, blocking the stairs.

“If you use violence,” I declared, “the lodgers will come to my assistance. They know me!”

He released my arm.

“Bah!” said he. “I’ve no use for the kid. It is you I’m after getting reconciled to. Don’t you know, Minnie, that once your husband, always your husband? Since I saw you the other day on the street, I have been more in love with you than ever before. Suppose we forget all and begin over again!”

Though the tone of his voice had softened, my fear of him grew greater. I would have fled up the stairs had he not again laid his hand on my arm.

“Answer me, girl,” said he.

And in spite of my fear, I shook off his hand and answered him: “No husband of mine are you, either legally or morally. And I have no feeling whatever for you other than contempt.”

“Ah! So you have sunk!” — his expression was evil —
“The oily little Chink has won you!”

I was no longer afraid of him.

“Won me!” I cried, unheeding who heard me. “Yes, honorably and like a man. And what are you that dare sneer at one like him. For all your six feet of grossness, your small soul cannot measure up to his great one. You were unwilling to protect and care for the woman who was your wife or the little child you caused to come into this world; but he succored and saved the stranger woman, treated her as a woman, with reverence and respect; gave her child a home, and made them both independent, not only of others but of himself. Now, hearing you insult him behind his back, I know, what I did not know before — that I love him, and all I have to say to you is, Go!”

And James Carson went. I heard of him again but once. That was when the papers reported his death of apoplexy while exercising at a public gymnasium.

Loving Liu Kanghi, I became his wife, and though it is true that there are many Americans who look down upon me for so becoming, I have never regretted it. No, not even when men cast upon me the glances they cast upon sporting women. I accept the lot of the American wife of an humble Chinaman in America. The happiness of the man who loves

me is more to me than the approval or disapproval of those who in my dark days left me to die like a dog. My Chinese husband has his faults. He is hot-tempered and, at times, arbitrary; but he is always a man, and has never sought to take away from me the privilege of being but a woman. I can lean upon and trust in him. I feel him behind me, protecting and caring for me, and that, to an ordinary woman like myself, means more than anything else.

Only when the son of Liu Kanghi lays his little head upon my bosom do I question whether have done wisely. For my boy, the son of the Chinese man, is possessed of a childish wisdom which brings the tears to my eyes; and as he stands between his father and myself, like yet unlike us both, so will he stand in after years between his father's and his mother's people. And if there is no kindness nor understanding between them, what will my boy's fate be?

HER CHINESE HUSBAND

Sequel to the story of the white woman who married a chinese

Now that Liu Kanghi is no longer with me, I feel that it will ease my heart to record some memories of him — if I can. The task, though calling to me, is not an easy one, so throng to my mind the invincible proofs of his love for me, the things he has said and done. My memories of him are so vivid and pertinacious, my thoughts of him so tender.

To my Chinese husband I could go with all my little troubles and perplexities; to him I could talk as women love to do at times of the past and the future, the mysteries of religion, of life and death. He was not above discussing such things with me. With him I was never strange or embarrassed. My Chinese husband was simple in his tastes. He liked to hear a good story, and though unlearned in a sense, could discriminate between the good and bad in literature. This came of his Chinese education. He told me one day that he thought the stories in the Bible were more like Chinese than American stories, and added: "If you had not told me what you have about it, I should say that it was composed by the

Chinese.” Music had a soothing though not a deep influence over him. It could not sway his mind, but he enjoyed it just as he did a beautiful picture. Because I was interested in fancy work, so also was he. I can see his face, looking so grave and concerned, because one day by accident I spilt some ink on a piece of embroidery I was working. If he came home in the evenings and found me tired and out of sorts, he would cook the dinner himself, and go about it in such a way that I felt that he rather enjoyed showing off his skill as a cook. The next evening, if he found everything ready, he would humorously declare himself much disappointed that I was so exceedingly well.

At such times a gray memory of James Carson would arise. How his cold anger and contempt, as exhibited on like occasions, had shrivelled me up in the long ago. And then — I would fall to musing on the difference between the two men as lovers and husbands.

James Carson had been much more of an ardent lover than ever had been Liu Kanghi. Indeed it was his passion, real or feigned, which had carried me off my feet. When wooing he had constantly reproached me with being cold, unfeeling, a marble statue, and so forth; and I, poor, ignorant little girl, would wonder how it was I appeared so when I felt so differently. For I had given James Carson my first love.

Upon him my life had been concentrated as it has never been concentrated upon any other. Yet — !

There was nothing feigned about my Chinese husband. Simple and sincere as he was before marriage, so was he afterwards. As my union with James Carson had meant misery, bitterness, and narrowness, so my union with Liu Kanghi meant, on the whole, happiness, health, and development. Yet the former, according to American ideas, had been an educated broad-minded man; the other, just an ordinary Chinaman.

But the ordinary Chinaman that I would show to you was the sort of man that children, birds, animals, and some women love. Every morning he would go to the window and call to his pigeons, and they would flock around him, hearing and responding to his whistling , and cooing. The rooms we lived in had been his rooms ever since he had come to America. They were above his store, and large and cool. The furniture had been brought from China, but there was nothing of tinsel about it. Dark wood, almost black, carved and antique, some of the pieces set with mother-of-pearl. On one side of the inner room stood a case of books and an ancestral tablet. I have seen Liu Kanghi touch the tablet with reverence, but the faith of his fathers was not strong enough to cause him to bow before it. The elegant

simplicity of these rooms had surprised me much when I was first taken to them. I looked at him then, standing for a moment by the window, a solitary pigeon pecking in at him, perhaps wondering who had come to divert from her her friend's attention. So had he lived since he had come to this country — quietly and undisturbed — from twenty years of age to twenty-five. I felt — , myself an intruder. A feeling of pity for the boy — for such he seemed in his enthusiasm arose in my breast. Why had I come to confuse his calm? Was it ordained, as he declared?

My little girl loved him better than she loved me. He took great pleasure in playing with her, curling her hair over his fingers, tying her sash, and all the simple tasks from which so many men turn aside.

Once the baby got hold of a set rat trap, and was holding it in such a way that the slightest move would have released the spring and plunged the cruel steel into her tender arms. Kanghi's eyes and mine beheld her thus at the same moment. I stood transfixed with horror. Kanghi quietly went up to the child and took from her the trap. Then he asked me to release his hand. I almost fainted when I saw it. "It was the only way," said he. We had to send for the doctor, and even as it was, came very near having a case of blood poisoning.

I have heard people say that he was a keen business man, this Liu Kanghi, and I imagine that he was. I did not, however, discuss his business with him. All I was interested in were the pretty things and the women who would come in and jest with him. He could jest too. Of course, the women did not know that I was his wife. Once a woman in rich clothes gave him her card and asked him to call upon her. After she had left he passed the card to me. I tore it up. He took those things as a matter of course, and was not affected by them. "They are a part of Chinatown life," he explained.

He was a member of the Reform Club, a Chinese social club, and the Chinese Board of Trade. He liked to discuss business affairs and Chinese and American politics with his countrymen, and occasionally enjoyed an evening away from me. But I never needed to worry over him.

He had his littlenesses as well as his bignesses, had Liu Kanghi. For instance, he thought he knew better about what was good for my health and other things purely personal, than I did myself, and if my ideas opposed or did not tally with his, he would very vigorously denounce what he called "the foolishness of women." If he admired a certain dress, he would have me wear it on every occasion possible, and did not seem to be able to understand that it was not always suitable.

“Wear the dress with the silver lines,” he said to me one day somewhat authoritatively. I was attired for going out, but not as he wished to see me. I answered that the dress with the silver lines was unsuitable for a long and dusty ride on an open car.

“Never mind,” said he, “whether it is unsuitable or not. I wish you to wear it.”

“All right,” I said. “I will wear it, but I will stay at home.”

I stayed at home, and so did he.

At another time, he reproved me for certain opinions I had expressed in the presence of some of his countrymen. “You should not talk like that,” said he. “They will think you are a bad woman.”

My white blood rose at that, and I answered him in a way which grieves me to remember. For Kanghi had never meant to insult or hurt me. Imperious by nature, he often spoke before he thought — and he was so boyishly anxious for me to appear in the best light possible before his own people.

There were other things too: a sort of childish jealousy and suspicion which it was difficult to allay. But a woman can forgive much to a man, the sincerity and strength of whose love makes her own, though true, seem slight and mean.

Yes, life with Liu Kanghi was not without its trials and tribulations. There was the continual uncertainty about his

own life here in America, the constant irritation caused by the assumption of the white men that a white woman does not love her Chinese husband, and their actions accordingly; also sneers and offensive remarks. There was also on Liu Kanghi's side an acute consciousness that, though belonging to him as his wife, yet in a sense I was not his, but of the dominant race, which claimed, even while it professed to despise me. This consciousness betrayed itself in words and ways which filled me with a passion of pain and humiliation. "Kanghi," I would sharply say, for I had to cloak my tenderness, "do not talk, to me like that, You *are* my superior. I would not love you if you were not."

But in spite of all I could do or say, it was there between us: that strange, invisible —what? Was it the barrier of race — that consciousness?

Sometimes he would talk about returning to China. The thought filled me with horror. I had heard rumors of secondary wives. One afternoon the cousin of Liu Kanghi, with whom I had lived, came to see me, and showed me a letter which she had received from a little Chinese girl who had been born and brought up in America until the age of ten. The last paragraph in the letter read: "Emma and I are very sad and wish we were back in America." Kanghi's cousin explained that the father of the little girls, having no sons,

had taken to himself another wife, and the new wife lived with the little girls and their mother.

That was before my little boy was born. That evening I told Kanghi that he need never expect me to go to China with him.

“You see,” I began, “I look upon you as belonging to me.”

He would not let me say more. After a while he said: “It is true that in China a man may and occasionally does take a secondary wife, but that custom is custom, not only because sons are denied to the first wife, but because the first wife is selected by parents and guardians before a man is hardly a man. If a Chinese marries for love, his life is a filled-up cup, and he wants no secondary wife. No, not even for sake of a son. Take, for example, me, your great husband.”

I sometimes commented upon his boyish ways and appearance, which was the reason why, when he was in high spirits, he would call himself my “great husband.” He was not boyish always. I have seen him, when shouldering the troubles of kinfolk, the quarrels of his clan, and other responsibilities, acting and looking like a man of twice his years.

But for all the strange marriage customs of my husband’s people I considered them far more moral in their lives than the majority of Americans. I expressed myself thus to Liu

Kanghi, and he replied: "The American people think higher. If only more of them lived up to what they thought, the Chinese would not be so confused in trying to follow their leadership."

If ever a man rejoiced over the birth of his child, it was Liu Kanghi. The boy was born with a veil over his face. "A prophet!" cried the old mulatto Jewess who nursed me. "A prophet has come into the world."

She told this to his father when he came to look upon him, and he replied: "He is my son; that is all I care about." But he was so glad, and there was feasting and rejoicing with his Chinese friends for over two weeks. He came in one evening and found me weeping over my poor little boy. I shall never forget the expression on his face.

"Oh, shame!" he murmured, drawing my head down to his shoulder. "What is there to weep about? The child is beautiful! The feeling heart, the understanding mind is his. And we will bring him up to be proud that he is of Chinese blood; he will fear none and, after him, the name of half-breed will no longer be one of contempt."

Kanghi as a youth had attended a school in Hong Kong, and while there had made the acquaintance of several half Chinese half English lads. "They were the brightest of all," he told me, "but they lowered themselves in the eyes of

the Chinese by being ashamed of their Chinese brood and ignoring it.”

His theory, therefore, was that if his own son was brought up to be proud instead of ashamed of his Chinese half, the boy would become a great man.

Perhaps he was right, but he could not see as could I, an American woman, the conflict before our boy.

After the little Kanghi had passed his first month, and we had found a reliable woman to look after him, his father began to take me around with him much more than formerly, and life became very enjoyable. We dined often at a Chinese restaurant kept by a friend of his, and afterwards attended theatres, concerts, and other places of entertainment. We frequently met Americans with whom he had become acquainted through business, and he would introduce them with great pride in me shining in his eyes. The little jealousies and suspicions of the first year seemed no longer to irritate him, and though I had still cause to shrink from the gaze of strangers, I know that my Chinese husband was for several years a very happy man.

Now, I have come to the end. He left home one morning followed to the gate by the little girl and boy (we had moved to a cottage in the suburbs).

“Bring me a red ball,” pleaded the little girl.

“And me too,” cried the boy.

“All right, chickens,” he responded, waving his hand to them.

He was brought home at night, shot through the head. There are some Chinese, just as there are some Americans, who are opposed to all progress, and who hate with a bitter hatred all who would enlighten or be enlightened.

But that I have not the heart to dwell upon. I can only remember that when they brought my Chinese husband home there were two red balls in his pocket. Such was Liu Kanghi — a man.

THE AMERICANIZING OF PAU TSU

I

When Wan Hom Hing came to Seattle to start a branch of the merchant business which his firm carried on so successfully in the different ports of China, he brought with him his nephew, Wan Lin Fo, then eighteen years of age. Wan Lin Fo was a well-educated Chinese youth, with bright eyes and keen ears. In a few years' time he knew as much about the business as did any of the senior partners. Moreover, he learned to speak and write the American language with such fluency that he was never at a loss for an answer when the white man, as was sometimes the case, sought to pose him. "All work and no play," however, is as much against the principles of a Chinese youth as it is against those of a young American, and now and again Lin Fo, would while away an evening at the Chinese Literary Club, above the Chinese restaurant, discussing with some chosen companions the works and merits of Chinese sages and some

other things. New Year's Day, or rather, Week, would also see him, business forgotten, arrayed in national costume of finest silk, and color "the blue of the sky after rain," visiting with his friends, both Chinese and American, and scattering silver and gold coin amongst the youngsters of the families visited.

It was on the occasion of one of these New Year's visits that Wan Lin Fo first made known to the family of his firm's silent American partner, Thomas Raymond, that he was betrothed. It came about in this wise: One of the young ladies of the house, who was fair and frank of face and friendly and cheery in manner, observing as she handed him a cup of tea that Lin Fo's eyes wore a rather wistful expression, questioned him as to the wherefore:

"Miss Adah," replied Lin Fo, "may I tell you something?"

"Certainly, Mr. Wan," replied the girl. "You know how I enjoy hearing your tales."

"But this is no tale. Miss Adah, you have inspired in me a love — "

Adah Raymond started. Wan Lin Fo spoke slowly.

"For the little girl in China to whom I am, betrothed."

"Oh, Mr. Wan! That is good news. But, what have I to do with it?"

"This, Miss Adah! Every time I come to this house, I see you, so good and so beautiful, dispensing tea and happiness

to all around, and I think, could I have in my home and ever by my side one who is also both good and beautiful, what a felicitous life mine would be!”

“You must not flatter me, Mr. Wan!”

“All that I say is founded on my heart. But I will speak not of you. I will speak of Pau Tsu.”

“Pau Tsu?”

“Yes. That is the name of my future wife. It means a pearl.”

“How pretty! Tell me all about her!”

“I was betrothed to Pau Tsu before leaving China. My parents adopted her to be my wife. As I remember, she had shining eyes and the good-luck color was on her cheek. Her mouth was like a red vine leaf, and her eyebrows most exquisitely arched. As slender as a willow was her form, and when she spoke, her voice lilted from note to note in the sweetest melody.”

Adah Raymond softly clapped her hands.

“Ah! You were even then in love with her.”

“No,” replied Lin Fo thoughtfully. “I was too young to be in love — sixteen years of age. Pau Tsu was thirteen. But, as I have confessed, you have caused me to remember and love her.”

Adah Raymond was not a self-conscious girl, but for the life of her she could think of no reply to Lin Fo’s speech.

"I am twenty-two years old now," he continued. "Pau Tsu is eighteen. Tomorrow I will write to my parents and persuade them to send her to me at the time of the spring festival. My elder brother was married last year, and his wife is now under my parents' roof, so that Pau Tsu, who has been the daughter of the house for so many years, can now be spared to me."

"What a sweet little thing she must be," commented Adah Raymond.

"You will say that when you see her," proudly responded Lin Fo. "My parents say she is always happy. There is not a bird or flower or dewdrop in which she does not find some glad meaning."

"I shall be so glad to know her. Can she speak English?"

Lin Fo's face fell.

"No," he replied, "but," —brightening — "when she comes I will have her learn to speak like you — and be like you."

II

Pau Tsu came with the spring, and Wan Lin Fo was one of the happiest and proudest of bridegrooms. The tiny bride was really very pretty — even to American eyes. In

her peach and plum colored robes, her little arms and hands sparkling with jewels, and her shiny black head decorated with wonderful sombs and pins, she appeared a bit of Eastern coloring amidst the Western lights and shades.

Lin Fo had not been forgotten, and her eyes under their downcast lids discovered him at once, as he stood awaiting her amongst a group of young Chinese merchants on the deck of the vessel.

The apartments he had prepared for her were furnished in American style, and her birdlike little figure in Oriental dress seemed rather out of place at first. It was not long, however, before she brought forth from the great box, which she had brought over seas, screens and fans, vases, panels, Chinese matting, artificial flowers and birds, and a number of exquisite carvings and pieces of antique porcelain. With these she transformed the American flat into an Oriental bower, even setting up in her sleeping-room a little chapel, enshrined in which was an image of the Goddess of Mercy, two ancestral tablets, and other emblems of her faith in the Gods of her fathers.

The Misses Raymond called upon her soon after arrival, and she smiled and looked pleased. She shyly presented each girl with a Chinese cup and saucer, also a couple of antique vases, covered with whimsical pictures, which Lin Fo tried, his best to explain.

The girls were delighted with the gifts, and having fallen, as they expressed themselves, in love with the little bride, invited her through her husband to attend a launch party, which they intended giving the following Wednesday on Lake Washington.

Lin Fo accepted the invitation in behalf of himself and wife. He was quite at home with the Americans and, being a young man, enjoyed their rather effusive appreciation of him as an educated Chinaman. Moreover, he was of the opinion that the society of the American young ladies would benefit Pau Tsu in helping her to acquire the ways and language of the land in which he hoped to make a fortune.

Wan Lin Fo was a true son of the Middle Kingdom and secretly pitied all those who were born far away from its influences; but there was much about the Americans that he admired. He also entertained sentiments of respect for a motto which hung in his room which bore the legend: "When in Rome, do as the Romans do."

"What is best for men is also best for women in this country," he told Pau Tsu when she wept over his suggestion that she should take some lessons in English from a white woman.

"It may be best for a man who goes out in the street," she sobbed, "to learn the new language, but of what importance

is it to a woman who lives only within the house and her husband's heart?"

It was seldom, however, that she protested against the wishes of Lin Fo. As her mother-in-law had said, she was a docile, happy little creature. Moreover, she loved her husband.

But as the days and weeks went by the girl bride whose life hitherto had been spent in the quiet retirement of a Chinese home in the performance of filial duties, in embroidery work and lute playing, in sipping tea and chatting with gentle girl companions, felt very much bewildered by the novelty and stir of the new world into which she had been suddenly thrown. She could not understand, for all Lin Fo's explanations, why it was required of her to learn the strangers' language and adopt their ways. Her husband's tongue was the same as her own. So also her little maid's. It puzzled her to be always seeing this, and hearing that — sights and sounds which as yet had no meaning for her. Why also was it necessary to receive visitors nearly every evening? — visitors who could neither understand nor make themselves understood by her, for all their curious smiles and stares, which she bore like a second Vashti — or rather, Esther. And why, oh! why should she be constrained to eat her food with clumsy, murderous looking American implements instead of with her own elegant and easily manipulated ivory chopsticks?

Adah Raymond, who at Lin Fo's request was a frequent visitor to the house, could not fail to observe that Pau Tsu's small face grew daily smaller and thinner, and that the smile with which she invariably greeted her, though sweet, was tinged with melancholy. Her woman's instinct told her that something was wrong, but what it was the light within her failed to discover. She would reach over to Pau Tsu and take within her own firm, white hand the small, trembling fingers, pressing them lovingly and sympathetically; and the little Chinese woman would look up into the beautiful face bent above hers and think to herself: "No wonder he wishes me to be like her!"

If Lin Fo happened to come in before Adah Raymond left he would engage the visitor in bright and animated conversation. They had so much of common interest to discuss, as is always the way with young people who have lived any length of time in a growing city of the West. But to Pau Tsu, pouring tea and dispensing sweetmeats, it was all Greek, or rather, all American.

"Look, my pearl, what I have brought you," said Lin Fo one afternoon as he entered his wife's apartments, followed by a messenger-boy, who deposited in the middle of the room a large cardboard box.

With murmurs of wonder Pau Tsu drew near, and the messenger-boy having withdrawn Lin Fo cut the string,

and drew forth a beautiful lace evening dress and dark blue walking costume, both made in American style.

For a moment there was silence in the room. Lin Fo looked at his wife in surprise. Her face was pale and her little body was trembling, while her hands were drawn up into her sleeves.

“Why, Pau Tsu!” he exclaimed, “I thought to make you glad.”

At these words the girl bent over the dress of filmy lace, and gathering the flounce in her hand smoothed it over her knee; then lifting a smiling face to her husband, replied: “Oh, you are too good, too kind to your unworthy Pau Tsu. My speech is slow, because I am overcome with happiness.”

Then with exclamations of delight and admiration she lifted the dresses out of the box and laid them carefully over the couch.

“I wish you to dress like an American woman when we go out or receive,” said her husband. “It is the proper thing in America to do as the Americans do. You will notice, light of my eyes, that it is only on New Year and our national holidays that I wear the costume of our country and attach a queue. The wife should follow the husband in all things.”

A ripple of laughter escaped Pau Tsu’s lips.

“When I wear that dress,” said she, touching the walking costume, “I will look like your friend, Miss Raymond.”

She struck her hands together gleefully, but when her husband had gone to his business she bowed upon the floor and wept pitifully.

III

During the rainy season Pau Tsu was attacked with a very bad cough. A daughter of Southern China, the chill, moist climate of the Puget Sound winter was very hard on her delicate lungs. Lin Fo worried much over the state of her health, and meeting Adah Raymond on the street one afternoon told her of his anxiety. The kind-hearted girl immediately returned with him to the house. Pau Tsu was lying on her couch, feverish and breathing hard. The American girl felt her hands and head.

“She must have a doctor,” said she, mentioning the name of her family’s physician.

Pau Tsu shuddered. She understood a little English by this time.

“No! No! Not a man, not a man!” she cried.

Adah Raymond looked up at Lin Fo.

“I understand,” said she. “There are several women doctors in this town. Let us send for one.”

But Lin Fo’s face was set.

“No!” he declared. “We are in America. Pau Tsu shall be attended to by your physician.”

Adah Raymond was about to protest against this dictum when the sick wife, who had also heard it, touched her hand and whispered: “I not mind now. Man all right.”

So the other girl closed her lips, feeling that if the wife would not dispute her husband’s will it was not her place to do so; but her heart ached with compassion as she bared Pau Tsu’s chest for the stethoscope.

“It was like preparing a lamb for slaughter,” she told her sister afterwards. “Pau Tsu was motionless, her eyes closed and her lips sealed, while the doctor remained; but after he had left and we two were alone she shuddered and moaned like one bereft of reason. I honestly believe that the examination was worse than death to that little Chinese woman. The modesty of generations of maternal ancestors was crucified as I rolled down the neck of her silk tunic.”

It was a week after the doctor’s visit, and Pau Tsu, whose cough had yielded to treatment, though she was still far from well, was playing on her lute, and whisperingly singing this little song, said to have been written on a fan

which was presented to an ancient Chinese emperor by one of his wives :

“Of fresh new silk,
All snowy white,
And round as a harvest moon,
A pledge of purity and love,

A small but welcome boon.
While summer lasts,
When borne in hand,
Or folded on thy breast,
‘Twill gently soothe thy burning brow,
And charm thee to thy rest.

But, oh, when Autumn winds blow chill,
And days are bleak and cold,
No longer sought, no longer loved,
‘Twill lie in dust and mould.

This silken fan then deign accept,
Sad emblem of my lot,
Caressed and cherished for an hour,
Then speedily forgot.”

“Why so melancholy, my pearl?” asked Lin Fo, entering from the street.

“When a bird is about to die, its notes are sad,” returned Pau Tsu.

“But thou art not for death — thou art for life,” declared Lin Fo, drawing her towards him and gazing into a face which day by day seemed to grow finer and more transparent.

IV

A Chinese messenger-boy ran up the street, entered the store of Wan Hom Hing & Co. and asked for the junior partner. When Lin Fo came forward he handed him a dainty, flowered missive, neatly folded and addressed. The receiver opened it and read:

Dear and Honored Husband, — Your unworthy Pau Tsu lacks the courage to face the ordeal before her. She has, therefore, left you and prays you to obtain a divorce, as is the custom in America, so that you may be happy with the Beautiful One, who is so much your Pau Tsu’s superior. This, she acknowledges, for she sees with your eyes, in which, like a star, the Beautiful One shineth. Else, why should you have your Pau Tsu follow in her footsteps? She has tried to

obey your will and to be as an American woman; but now she is very weary, and the terror of what is before her has overcome.

Your stupid thorn, Pau Tsu

Mechanically Lin Fo folded the letter and thrust it within his breast pocket. A customer inquired of him the price of a lacquered tray. "I wish you good morning," he replied, reaching for his hat. The customer and clerks gaped after him as he left the store.

Out in the street, as fate would have it, he met Adah Raymond. He would have turned aside had she not spoken to him.

"Whatever is the matter with you, Mr. Wan?" she inquired. "You don't look yourself at all."

"The density of my difficulties you cannot understand," he replied, striding past her. But Adah Raymond was persistent. She had worried lately over Pau Tsu.

"Something is wrong with your wife," she declared.

Lin Fo wheeled around.

"Do you know where she is?" he asked with quick suspicion.

"Why, no!" exclaimed the girl in surprise.

"Well, she has left me."

Adah Raymond stood incredulous for a moment, then with indignant eyes she turned upon the deserted husband.

“You deserve it!” she cried, “I have seen it for some time: your cruel, arbitrary treatment of the dearest, sweetest little soul in the world.”

“I beg your pardon, Miss Adah,” returned Lin Fo, “but I do not understand. Pau Tsu is heart of my heart. How then could I be cruel to her?”

“Oh, you Stupid!” exclaimed the girl. “You’re a Chinaman, but you’re almost as stupid as an American. Your cruelty consisted in forcing Pau Tsu to be — what nature never intended her to be — an American woman; to adapt and adopt in a few months’ time all our ways and customs. I saw it long ago, but as Pau Tsu was too sweet and meek to see any faults in her man I had not the heart to open her eyes — or yours. Is it not true that she has left you for this reason?”

“Yes,” murmured Lin Fo. He was completely crushed; “And some other things.”

“What other things?”

“She — is — afraid — of — the — doctor.”

“She is!” — fiercely — “Shame upon you!”

Lin Fo began to walk on, but the girl kept by his side and continued:

“You wanted your wife to be an American woman while you remained a Chinaman. For all your clever adaptation of our American ways you are a thorough Chinaman. Do you think an American would dare treat his wife as you have treated yours?”

Wan Lin Fo made no response. He was wondering how he could ever have wished his gentle Pau Tsu to be like this angry woman. Now his Pau Tsu was gone. His anguish for the moment made him oblivious to the presence of his companion and the words she was saying. His silence softened the American girl. After all, men, even Chinamen, were nothing but big, clumsy boys, and she didn't believe in kicking a man after he was down.

“But, cheer up, you're sure to find her,” said she, suddenly changing her tone. “Probably her maid has friends in Chinatown who have taken them in.”

“If I find her,” said Lin Fo fervently, “I will not care if she never speaks an American word, and I will take her for a trip to China, so that our son may be born in the country that Heaven loves.”

“You cannot make too much amends for all she has suffered. As to Americanizing Pau Tsu — that will come in time. I am quite sure that were I transferred to your country and commanded to turn myself into a Chinese woman in

the space of two or three months I would prove a sorry disappointment to whomever built their hopes upon me.”

Many hours elapsed before any trace could be found of the missing one. All the known friends and acquaintances of little Pau Tsu were called upon and questioned; but if they had knowledge of the young wife's hiding place they refused to divulge it. Though Lin Fo's face was grave with an unexpressed fear, their sympathies were certainly not with him.

The seekers were about giving up the search in despair when a little boy, dangling in his hands a string of blue beads, arrested the attention of the young husband. He knew the necklace to be a gift from Pau Tsu to the maid, A-Toy. He had bought it himself. Stopping and questioning the little fellow he learned to his great joy that his wife and her maid were at the boy's home, under the care of his grandmother, who was a woman learned in herb lore.

Adah Raymond smiled in sympathy with her companion's evident great relief.

“Everything will now be all right,” said she, following Lin Fo as he proceeded to the house pointed out by the lad. Arrived there, she suggested that the husband enter first and alone. She would wait a few moments. “Miss Adah,” said Lin Fo, “ten thousand times I beg your pardon, but perhaps you will come to see my wife some other time — not today?”

He hesitated, embarrassed, and humiliated.

In one silent moment Adah Raymond grasped the meaning of all the morning's trouble — of all Pau Tsu's sadness.

“Lord, what fools we mortals be!” she soliloquized as she walked home alone. “I ought to have known. What else could Pau Tsu have thought? — coming from a land where women have no men friends save their husbands. How she must have suffered under her smiles! Poor, brave little soul!”

IN THE LAND OF THE FREE

I

See, Little One — the hills in the morning sun. There is thy home for years to come. It is very beautiful and thou wilt be very happy there.”

The Little One looked up into his mother’s face in perfect faith. He was engaged in the pleasant occupation of sucking a sweetmeat; but that did not prevent him from gurgling responsively.

“Yes, my olive bud; there is where thy father is making a fortune for thee. Thy father! Oh, wilt thou not be glad to behold his dear face. ‘Twas for thee I left him.”

The Little One ducked his chin sympathetically against his mother’s knee. She lifted him on to her lap. He was two years old, a round, dimple-cheeked boy with bright brown eyes and a sturdy little frame.

“Ah! Ah! Ah! Ooh! Ooh! Ooh!” puffed he, mocking a tugboat steaming by.

San Francisco's waterfront was lined with ships and steamers, while other craft, large and small, including a couple of white transports from the Philippines, lay at anchor here and there off shore. It was some time before the Eastern Queen could get docked, and even after that was accomplished, a lone Chinaman who had been waiting on the wharf for an hour was detained that much longer by men with the initials U. S. C. on their caps, before he could board the steamer and welcome his wife and child.

"This is thy son," announced the happy Lae Choo.

Hom Hing lifted the child, felt of his little body and limbs, gazed into his face with proud and joyous eyes; then turned inquiringly to a customs officer at his elbow.

"That's a fine boy you have there," said the man. "Where was he born?"

"In China," answered Hom Hing, swinging the Little One on his right shoulder, preparatory to leading his wife off the steamer.

"Ever been to America before?"

"No, not he," answered the father with a happy laugh.

The customs officer beckoned to another.

"This little fellow," said he, "is visiting America for the first time."

The other customs officer stroked his chin reflectively.

“Good day,” said Hom Hing.

“Wait!” commanded one of the officers. “You cannot go just yet.”

“What more now?” asked Hom Hing.

“I’m afraid,” said the first customs officer “that we cannot allow the boy to go ashore. There is nothing in the papers that you have shown us — your wife’s papers and your own — having any bearing upon the child.”

“There was no child when the papers were made out,” returned Hom Hing. He spoke calmly; but there was apprehension in his eyes and in his tightening grip on his son.

“What is it? What is it?” quavered Lae Choo, who understood a little English.

The second customs officer regarded her pityingly.

“I don’t like this part of the business,” he muttered.

The first officer turned to Hom Hing and in an official tone of voice, said:

“Seeing that the boy has no certificate entitling him to admission to this country you will have to leave him with us.”

“Leave my boy!” exclaimed Horn Hing.

“Yes; he will be well taken care of, and just as soon as we can hear from Washington he will be handed over to you.”

“But,” protested Hom Hing, “he is my son.”

"We have no proof," answered the man with a shrug of his shoulders; "and even if so we cannot let him pass without orders from the Government."

"He is my son," reiterated Horn Hing, slowly and solemnly. "I am a Chinese merchant and have been in business in San Francisco for many years. When my wife told to me one morning that she dreamed of a green tree with spreading branches and one beautiful red flower growing thereon, I answered her that I wished my son to be born in our country, and for her to prepare to go to China. My wife complied with my wish. After my son was born my mother fell sick and my wife nursed and cared for her; then my father, too, fell sick, and my wife also nursed and cared for him. For twenty moons my wife care for and nurse the old people, and when they die they bless her and my son, and I send for her to return to me. I had no fear of trouble. I was a Chinese merchant and my son was my son"

"Very good, Hom Hing," replied the first officer. "Nevertheless, we take your son."

"No, you not take him; he my son too."

It was Lae Choo. Snatching the child from his father's arms she held and covered him with her own.

The officers conferred together for a few moments; then one drew Hom Hing aside and spoke in his ear.

Resignedly Horn Hing bowed his head, then approached his wife. "'Tis the law," said he speaking in Chinese, "and 'twill be but for a little while — until tomorrow's sun arises."

"You, too," reproached Lae Choo in a voice eloquent with pain. But accustomed to obedience she yielded the boy to her husband who in turn delivered him to the first officer. The Little One protested lustily against the transfer; but his mother covered her face with her sleeve and his father silently led her away. Thus was the law of the land complied with.

II

Day was breaking. Lae Choo, who had been awake all night, dressed herself, then awoke her husband.

"'Tis the morn," she cried. "Go, bring our son."

The man rubbed his eyes and arose upon his elbow so that he could see out of the window. A pale star was visible in the sky. The petals of a lily in a bowl on the window-sill were unfurled.

"'Tis not yet time," said he, laying his head down again.

"Not yet time. Ah, all the time that I lived before yesterday is not so much as the time that has been since my little one was taken from me."

The mother threw herself down beside the bed and covered her face.

Hom Hing turned on the light, and touching his wife's bowed head with a sympathetic hand inquired if she had slept.

"Slept!" she echoed, weepingly. "Ah, how could I close my eyes with my arms empty of the little body that has filled them every night for more than twenty moons! You do not know — man — what it is to miss the feel of the little fingers and the little toes and the soft round limbs of your little one. Even in the darkness his darling eyes used to shine up to mine, and often have I fallen into slumber with his pretty babble at my ear. And now, I see him not; I touch him not; I hear him not. My baby, my little fat one!"

"Now! Now! Now!" consoled Hom Hing, patting his wife's shoulder reassuringly; "there is no need to grieve so; he will soon gladden you again. There cannot be any law that would keep a child from its mother!" Lae Choo dried her tears.

"You are right, my husband," she meekly murmured. She arose and stepped about the apartment, setting things to rights. The box of presents she had brought for her California friends had been opened the evening before; and silks, embroideries, carved ivories, ornamental lacquerware, brasses, camphor wood boxes, fans, and chinaware

were scattered around in confused heaps. In the midst of unpacking the thought of her child in the hands of strangers had overpowered her, and she had left everything to crawl into bed and weep.

Having arranged her gifts in order she stepped out on to the deep balcony.

The star had faded from view and there were bright streaks in the western sky. Lae Choo looked down the street and around. Beneath the flat occupied by her and her husband were quarters for a number of bachelor Chinamen, and she could hear them from where she stood, taking their early morning breakfast. Below their dining-room was her husband's grocery store. Across the way was a large restaurant. Last night it had been resplendent with gay colored lanterns and the sound of music. The rejoicings over "the completion of the moon," by Quong Sum's firstborn, had been long and loud, and had caused her to tie a handkerchief over her ears. She, a bereaved mother, had it not in her heart to rejoice with other parents. This morning the place was more in accord with her mood. It was still and quiet. The revellers had dispersed or were asleep.

A roly-poly woman in black sateen, with long pendant earrings in her ears, looked up from the street below and waved her a smiling greeting. It was her old neighbor, Kuie

Hoe, the wife of the gold embosser, Mark Sing. With her was a little boy in yellow jacket and lavender pantaloons. Lae Choo remembered him as a baby. She used to like to play with him in those days when she had no child of her own. What a long time ago that seemed! She caught her breath in a sigh, and laughed instead.

“Why are you so merry?” called her husband from within.

“Because my Little One is coming home,” answered Lae Choo. “I am a happy mother— a happy mother.”

She pattered into the room with a smile on her face.

The noon hour had arrived. The rice was steaming in the bowls and a fragrant dish of chicken and bamboo shoots was awaiting Hom Hing. Not for one moment had Lae Choo paused to rest during the morning hours; her activity had been ceaseless. Every now and again, however, she had raised her eyes to the gilded clock on the curiously carved mantelpiece. Once, she had, exclaimed: “Why so long, oh I why so long?” Then apostrophizing herself: “Lae Choo, be happy. The Little One is coming! The Little One is coming!” Several times she burst into tears: and several times she laughed aloud.

Hom Hing entered the room; his arms hung down by his side.

“The Little One!” shrieked Lae Choo.

“They bid me call tomorrow.”

With a moan the mother sank to the floor. The noon hour passed. The dinner remained on the table.

III

The winter rains were over: the spring had come to California, flushing the hills with green and causing an everchanging pageant of flowers to pass over them. But there was no spring in Lae Choo's heart, for the Little One remained away from her arms. He was being kept in a mission. White women were caring for him, and though for one full moon he had pined for his mother and refused to be comforted he was now apparently happy and contented. Five moons or five months had gone by since the day he had passed with Lae Choo through the Golden Gate; but the great Government at Washington still delayed sending the answer which would return him to his parents.

Hom Hing was disconsolately rolling up and down the balls in his abacus box when a keen-faced young man stepped into his store.

“What news?” asked the Chinese merchant.

“This!” The young man brought forth a typewritten letter. Hom Hing read the words:

“Re Chinese child, alleged to be the son of Hom Hing, Chinese merchant, doing business at 425 Clay street, San Francisco.”

“Same will have attention as soon as possible.”

Horn Hing returned the letter, and without a word continued his manipulation of the counting machine.

“Have you anything to say?” asked the young man.

“Nothing, They have sent the same letter fifteen times before. Have you not yourself showed it to me?”

“True!” The young man eyed the Chinese merchant furtively. He had a proposition to make and he was pondering whether or not the time was opportune.

“How is your wife?” he inquired solicitously — and diplomatically.

Hom Hing shook his head mournfully.

“She seems less every day,” he replied. “Her food she takes only when I bid her and her tears fall continually. She finds no pleasure in dress or flowers and cares not to see her friends. Her eyes stare all night. I think before another moon she will pass into the land of spirits.”

“No!” exclaimed the young man, genuinely startled.

“If the boy not come home I lose my wife sure,” continued Hom Hing with bitter sadness.

“It’s not right,” cried the young man indignantly. Then he made his proposition.

The Chinese father’s eyes brightened exceedingly.

“Will I like you to go to Washington and, make them give you the paper to restore my son?” cried he. “How can you ask when you know my heart’s desire?”

“Then,” said the young fellow, “I will start next week. I am anxious to see this thing through if only for the sake of your wife’s peace of mind.”

“I will call her. To hear what you think to do will make her glad,” said Hom Hing.

He called a message to Lae Choo upstairs through a tube in the wall.

In a few moments she appeared, listless, wan, and hollow-eyed; but when her husband told her the young lawyer’s suggestion she became as one electrified; her form straightened, her eyes glistened; the color flushed to her cheeks.

“Oh,” she cried, turning to James Clancy, “You are a hundred man good!”

The young man felt somewhat embarrassed; his eyes shifted a little under the intense gaze of the Chinese mother.

“Well, we must get your boy for you,” he responded. “Of course — turning to Hom Hing — “it will cost a little money. You can’t get fellows to hurry the Government for you without gold in your pocket.”

Hom Hing stared blankly for a moment. Then: “How much do you want, Mr. Clancy?” he asked quietly.

“Well, I will need at least five hundred to start with.”

Hom Hing cleared his throat.

“I think I told to you the time I last paid you for writing letters for me and seeing the custom boss here that nearly all I had was gone!”

“Oh, well then we won’t talk about it, old fellow. It won’t harm the boy to stay where he is, and your wife may get over it all right.”

“What that you say?” quavered Lae Choo.

James Clancy looked out of the window.

“He says,” explained Hom Hing in English, “that to get our boy we have to have much money.”

“Money! Oh, yes.”

Lae Choo nodded her head.

“I have not got the money to give him.”

For a moment Lae Choo gazed wonderingly from one face to the other; then, comprehension dawning upon her, with swift anger, pointing to the lawyer, she

cried: "You not one hundred man good; you just common white man."

"Yes, ma'am," returned James Clancy, bowing and smiling ironically.

Hom Hing pushed his wife behind him and addressed the lawyer again: "I might try," said he, "to raise something; but five hundred — it is not possible."

"What about four?"

"I tell you I have next to nothing left and my friends are not rich."

"Very well!"

The lawyer moved lesiurely toward the door, pausing on its threshold to light a cigarette.

"Stop, white man; white man, stop!"

Lae Choo, panting and terrified, had started forward and now stood beside him, clutching his sleeve excitedly.

"You say you can go to get paper to bring my Little One to me if Hom Hing give you five hundred dollars?"

The lawyer nodded carelessly; his eyes were intent upon the cigarette which would not take the fire from the match.

"Then you go, get paper. If Hom Hing not can give you five hundred dollars — I give you perhaps what more that much."

She slipped a heavy gold bracelet from her wrist and held it out to the man. Mechanically he took it.

"I go get more!"

She scurried away, disappearing behind the door through which she had come.

"Oh, look here, I can't accept this," said James Clancy, walking back to Hom Hing and laying down the bracelet before him.

"It's all right," said Hom Hing, seriously, "pure China gold. My wife's parent give it to her when we married."

"But I can't take it anyway," protested the young man.

"It is all same as money. And you want money to go to Washington," replied Hom Hing in a matter of fact manner.

"See, my jade earrings — my gold buttons — my hairpins — my comb of pearl and my rings — one, two, three, four, five rings; very good — very good — all same much money. I give them all to you. You take and bring me paper for my Little One."

Lae Choo piled up her jewels before the lawyer.

Hom Hing laid a restraining hand upon her shoulder. "Not all, my wife," he said in Chinese. He selected a ring — his gift to Lae Choo when she dreamed of the tree with the red flower. The rest of the jewels he pushed toward the white man.

"Take them and sell them," said he. "They will pay your fare to Washington and bring you back with the paper."

For one moment James Clancy hesitated. He was not a sentimental man; but something within him arose against accepting such payment for his services.

“They are good, good,” pleadingly asserted Lae Choo, seeing, his hesitation.

Whereupon he seized the jewels; thrust them into his coat pocket, and walked rapidly away from the store.

IV

Lae Choo followed after the missionary woman through the mission nursery school. Her heart was beating so high with happiness that she could scarcely breathe. The paper had come at last the precious paper which gave Hom Hing and his wife the right to the possession of their own child. It was ten months now since he had been taken from them — ten months since the sun had ceased to shine for Lae Choo.

The room was filled with children, — most of them wee tots, but none so wee as her own. The mission woman talked as she walked. She told Lae Choo that little Kim, as he had been named by the school, was the pet of the place, and that his little tricks and ways amused and delighted every one. He had been rather difficult to manage at first and had

cried much for his mother; “but children so soon forget, and after a month he seemed quite at home and played around as bright and happy as a bird.”

“Yes,” responded Lae Choo. “Oh, yes, yes!”

But she did not hear what was said to her. She was walking in a maze of anticipatory joy.

“Wait here, please,” said the mission woman, placing Lae Choo in a chair. “The very youngest ones are having their breakfast.”

She withdrew for a moment — it seemed like an hour to the mother — then she reappeared leading by the hand a little boy dressed in blue cotton overalls and white-soled shoes. The little boy’s face was round and dimpled and his eyes were very bright.

“Little One, ah, my Little One!” cried Lae Choo.

She fell on her knees and stretched her hungry arms toward her son.

But the Little One shrunk from her and tried to hide himself in the folds of the white woman’s skirt.

“Go’way, go’way!” he bade his mother.

THE CHINESE LILY

Mermei lived in an upstairs room of a Chinatown dwelling-house. There were other little Chinese women living on the same floor, but Mermei never went amongst them. She was not as they were. She was a cripple. A fall had twisted her legs so that she moved around with difficulty and scarred her face so terribly that none save Lin John cared to look upon it. Lin John, her brother, was a laundryman, working for another of his countrymen. Lin John and Mermei had come to San Francisco with their parents when they were small children. Their mother had died the day she entered the foreign city, and the father the week following, both having contracted a fever on the steamer. Mermei and Lin John were then taken in charge by their father's brother, and although he was a poor man he did his best for them until called away by death.

Long before her Uncle died Mermei had met with the accident that had made her not as other girls; but that had only strengthened her brother's affection, and old Lin Wan died happy in the knowledge that Lin John would ever put Mermei before himself.

So Mermei lived in her little upstairs room, cared for by Lin John, and scarcely an evening passed that he did not call to see her. One evening, however, Lin John failed to appear, and Mermei began to feel very sad and lonely. Mermei could embroider all day in contented silence if she knew that in the evening someone would come to whom she could communicate all the thoughts that filled a small black head that knew nothing of life save what it saw from an upstairs window. Mermei's window looked down upon the street, and she would sit for hours, pressed close against it, watching those who passed below and all that took place. That day she had seen many things which she had put into her mental portfolio for Lin John's edification when evening should come. Two yellow-robed priests had passed below on their way to the joss house in the next street; a little bird with a white breast had fluttered against the window pane; a man carrying an image of a Gambling Cash Tiger had entered the house across the street; and six young girls of about her own age, dressed gaily as if to attend a wedding, had also passed over the same threshold.

But when nine o'clock came and no Lin John, the girl began to cry softly. She did not often shed tears, but for some reason unknown to Mermei herself, the sight of those joyous girls caused sad reflections. In the midst of her weeping a

timid knock was heard. It was not Lin John. He always gave a loud rap, then entered without waiting to be bidden. Mermei hobbled to the door, pulled it open, and there, in the dim light of the hall without, beheld a young girl — the most beautiful young girl that Mermei had ever seen — and she stood there extending to Mermei a blossom from a Chinese lily plant. Mermei understood the meaning of the offered flower, and accepting it, beckoned for her visitor to follow her into her room.

What a delightful hour that was to Mermei! She forgot that she was scarred and crippled, and she and the young girl chattered out their little hearts to one another. “Lin John is dear, but one can’t talk to a man, even if he is a brother, as one can to one the same as oneself,” said Mermei to Sin Far — her new friend, and Sin Far, the meaning of whose name was Pure Flower, or Chinese Lily, answered:

“Yes, indeed. The woman must be the friend of the woman, and the man the friend of the man. Is it not so in the country that Heaven loves?”

“What beneficent spirit moved you to come to my door?” asked Mermei.

“I know not,” replied Sin Far, “save that I was lonely. We have but lately moved here, my sister, my sister’s husband, and myself. My sister is a bride, and there is much to say

between her and her husband. Therefore, in the evening, when the day's duties are done, I am alone. Several times, hearing that you were sick, I ventured to your door; but failed to knock, because always when I drew near, I heard the voice of him whom they, call your brother. Tonight, as I returned, from an errand for my sister, I heard only the sound of weeping — so I hastened to my room and plucked the lily for you.”

The next evening when Lin John explained how he had been obliged to work the evening before Mermei answered brightly that that was all right. She loved him just as much as ever and was just as glad to see him as ever; but if work prevented him from calling he was not to worry. She had found a friend who would cheer her loneliness.

Lin John was surprised, but glad to hear such news, and it came to pass that when he beheld Sin Far, her sweet and gentle face, her pretty drooped eyelids and arched eyebrows, he began to think of apple and peach and plum trees showering their dainty blossoms in the country that Heaven loves.

It was about four o'clock in the afternoon. Lin John, working in his laundry, paid little attention to the street uproar and the clang of the engines rushing by. He had no

thought of what it meant to him and would have continued at his work undisturbed had not a boy put his head into the door and shouted:

“Lin John, the house in which your sister lives is on fire!”

The tall building was in flames when Lin John reached it. The uprising tongues licked his face as he sprung up the ladder no other man dared ascend.

“I will not go. It is best for me to die,” and Mermei resisted her friend with all her puny strength.

“The ladder will not bear the weight of both of us. You are his sister,” calmly replied Sin Far.

“But he loves you best. You and he can be happy together. I am not fit to live.”

“May Lin John decide, Mermei?”

“Yes, Lin John may decide.”

Lin John reached the casement. For one awful second he wavered. Then his eyes sought the eyes of his sister’s friend.

“Come, Mermei,” he called.

“Where is Sin Far?” asked Mermei when she became conscious.

“Sin Far is in the land of happy spirits.”

“And I am still in this sad, dark world.”

“Speak not so, little one. Your brother loves you and will protect you from the darkness.”

“But you loved Sin Far better — and she loved you.”

Lin John bowed his head.

“Alas!” wept Mermei. “That I should live to make others sad!”

“Nay,” said Lin John, “Sin Far is happy. And I — I did my duty with her approval, aye, at her bidding. How then, little sister, can I be sad?”

THE SMUGGLING OF TIE CO

Amongst the daring men who engage in contrabanding Chinese from Canada into the United States Jack Fabian ranks as the boldest in deed, the cleverest in scheming, and the most successful in outwitting Government officers.

Uncommonly strong in person, tall and well built, with fine features and a pair of keen, steady blue eyes, gifted with a sort of rough eloquence and of much personal fascination, it is no wonder that we fellows regard him as our chief and are bound to follow where he leads. With Fabian at our head we engage in the wildest adventures and find such places of concealment for our human goods as none but those who take part in a desperate business would dare to dream of.

Jack, however, is not in search of glory — money is his object. One day when a romantic friend remarked that it was very kind of him to help the poor Chinamen over the border, a cynical smile curled his moustache.

“Kind!” he echoed. “Well, I haven’t yet had time to become sentimental over the matter. It is merely a matter of dollars and cents, though, of course, to a man of my strict principles, there is a certain pleasure to be derived from

getting ahead of the Government. A poor devil does now and then like to take a little out of those millionaire concerns.”

It was last summer and Fabian was somewhat down on his luck. A few months previously, to the surprise of us all, he had made a blunder, which resulted in his capture by American officers, and he and his companion, together with five uncustomed Chinamen, had been lodged in a county jail to await trial.

But loafing behind bars did not agree with Fabian’s energetic nature, so one dark night, by means of a saw which had been given to him by a very innocent-looking visitor the day before, he made good his escape, and after a long, hungry, detective-hunted tramp through woods and bushes, found himself safe in Canada.

He had had a three months’ sojourn in prison, and during that time some changes had taken place in smuggling circles. Some ingenious lawyers had devised a scheme by which any young Chinaman on payment of a couple of hundred dollars could procure a father which father would swear the young Chinaman was born in America — thus proving him to be an American citizen with the right to breathe United States air. And the Chinese themselves, assisted by some white men, were manufacturing certificates

establishing their right to cross the border, and in that way were crossing over in large batches.

That sort of trick naturally spoiled our fellows' business, but we all know that "Yankee sharper" games can hold good only for a short while; so we bided our time and waited in patience.

Not so Fabian. He became very restless and wandered around with glowering looks. He was sitting one day in a laundry, the proprietor of which had sent out many a boy through our chief's instrumentality. Indeed, Fabian is said to have "rushed over" to "Uncle Sam" himself some five hundred Celestials, and if Fabian had not been an exceedingly generous fellow he might now be a gentleman of leisure instead of an unimmortalized Rob Roy.

Well, Fabian was sitting in the laundry of Chen Ting Lung & Co., telling a nice-looking young Chinaman that he was so broke that he'd be willing to take over even one man at a time.

The young Chinaman looked thoughtfully into Fabian's face. "Would you take me?" he inquired.

"Take you!" echoed Fabian. "Why, you are one of the 'bosses' here. You don't mean to say that you are hankering after a place where it would take you years to get as high up in the 'washee, washee' business as you are now?"

“Yes, I want go,” replied Tie Co. “I want go to New York and I will pay you fifty dollars and all expense if you take me, and not say you take me to my partners.”

“There’s no accounting for a Chinaman,” muttered Fabian; but he gladly agreed to the proposal and a night was fixed.

“What is the name of the firm you are going to?” inquired the white man.

Chinamen who intend being smuggled always make arrangements with some Chinese firm in the States to receive them.

Tie Co hesitated, then mumbled something which sounded like “Quong Wo Yuen” or “Long Lo Toon,” Fabian was not sure which, but did not repeat the question, not being sufficiently interested.

He left the laundry, nodding goodbye to Tie Co as he passed outside the window, and the Chinaman nodded back, a faint smile on his small, delicate face lingering until Fabian’s receding form was lost to view.

It was a pleasant night on which the two men set out. Fabian had a rig waiting at the corner of the street; Tie Co, dressed in citizen’s clothes, stepped into it unobserved, and the smuggler and would-be-smuggled were soon out of the

city. They had a merry drive, for Fabian's liking for Tie Co was very real; he had known him for several years, and the lad's quick intelligence interested him.

The second day they left their horse at a farmhouse, where Fabian would call for it on his return trip, crossed a river in a row-boat before the sun was up, and plunged into a wood in which they would remain till evening. It was raining, but through mud and wind and rain they trudged slowly and heavily.

Tie Co paused now and then to take breath. Once Fabian remarked;

"You are not a very strong lad, Tie Co. It's a pity you have to work as you do for your living," and Tie Co had answered:

"Work velly good! No work, Tie Co die."

Fabian looked at the lad protectingly, wondering in a careless way why this Chinaman seemed to him so different from the others.

"Wouldn't you like to be back in China?" he asked.

"No," said Tie Co decidedly.

"Why?"

"I not know why," answered Tie Co.

Fabian laughed.

"Haven't you got a nice little wife, at home?" he continued. "I hear you people marry very young."

“No, I no wife,” asserted his companion with a choky little laugh. “I never have no wife.”

“Nonsense,” joked Fabian. “Why, Tie Co, think how nice it would be to have a little woman cook your rice and to love you.”

“I not have wife,” repeated Tie Co seriously. “I not like woman, I like man.”

“You confirmed old bachelor!” ejaculated Fabian.

“I like you,” said Tie Co, his boyish voice sounding clear and sweet in the wet woods. “I like you so much that I want go to New York, so you make fifty dollars. I no fiend in New York.”

“What!” exclaimed Fabian.

“Oh, I solly I tell you, Tie Co velly solly,” and the Chinese boy shuffled on with bowed head.

“Look here, Tie Co,” said Fabian; “I won’t have you do this for my sake. You have been very foolish, and I don’t care for your fifty dollars. I do not need it half as much as you do. Good God! how ashamed you make me feel — I who have blown in my thousands in idle pleasures cannot take the little you have slaved for. We are in New York State now. When we get out of this wood we will have to walk over a bridge which crosses a river. On the other side, not far from where we cross, there is a railway station. Instead

of buying you a ticket for the city of New York I shall take train with you for Toronto.”

Tie Co did not answer — he seemed to be thinking deeply. Suddenly he pointed to where some fallen trees lay.

“Two men run away behind there,” cried he.

Fabian looked round them anxiously; his keen eyes seemed to pierce the gloom in his endeavor to catch a glimpse of any person; but no man was visible, and, save the dismal sighing of the wind among the trees, all was quiet.

“There’s no one,” he said somewhat gruffly — he was rather startled, for they were a mile over the border and he knew that the Government officers were on a sharp lookout for him, and felt, despite his strength, if any trick or surprise were attempted it would go hard with him.

“If they catch you with me it be too bad,” sententiously remarked Tie Co. It seemed as if his words were in answer to Fabian’s thoughts.

“But they will not catch us; so cheer up your heart, my boy,” replied the latter, more heartily than he felt.

“If they come, and I not with you, they not take you and it be all lite.”

“Yes,” assented Fabian, wondering what his companion was thinking about.

They emerged from the woods in the dusk of the evening and were soon on the bridge crossing the river. When they were near the centre Tie Co stopped and looked into Fabian's face.

"Man come for you, I not here, man no hurt you." And with the words he whirled like a flash over the rail.

In another flash Fabian was after him. But though a first-class swimmer, the white man's efforts were of no avail, and Tie Co was borne away from him by the swift current.

Cold and dripping wet, Fabian dragged himself up the bank and found himself a prisoner.

"So your Chinaman threw himself into the river. What was that for?" asked one of the Government officers.

"I think he was out of his head," replied Fabian. And he fully believed what he uttered.

"We tracked you right through the woods," said another of the captors. "We thought once the boy caught sight of us."

Fabian remained silent.

Tie Co's body was picked up the next day. Tie Co's body and yet not Tie Co, for Tie Co was a youth, and the body found with Tie Co's face and dressed in Tie Co's clothes was the body of a girl — a woman.

Nobody in the laundry of Chen Ting Lung & Co. — no Chinaman in Canada or New York could explain the

mystery. Tie Co had come out to Canada with a number of other youths. Though not very strong he “had always been a good worker and very smart.” He had been quiet and reserved among his own countrymen; had refused to smoke tobacco or opium, and had been a regular attendant at Sunday schools and a great favorite with Mission ladies.

Fabian was released in less than a week. “No evidence against him,” said the Commissioner, who was not aware that the prisoner was the man who had broken out of jail but a month before.

Fabian is now very busy; there are lots of boys taking his helping hand over the border, but none of them are like Tie Co; and sometimes, between whiles, Fabian finds himself pondering long and earnestly over the mystery of Tie Go’s life — and death.

THE GOD OF RESTORATION

“He that hath wine hath many friends,” muttered Koan-lo the Second, as he glanced backwards into the store, out of which he was stepping. It’ was a Chinese general store, well stocked with all manner of quaint wares, and about a dozen Chinamen were sitting around; whilst in an adjoining room could be seen the recumbent forms of several smokers who were discussing business and indulging in the fascinating pipe during the intervals of conversation.

Noticeable amongst the smokers was Koan-lo the First, a tall, middle-aged Chinaman, wearing a black cap with a red button. Koan-lo the First was cousin to Koan-lo the Second, but whereas Koan-lo the Second was I young and penniless, Koan-lo the First was one of the wealthiest Chinese merchants in San Francisco and a mighty man amongst the people of his name in that city, who regarded him as a father.

Koan-lo the Second had been instructed by Koan-lo the First to meet Sie, the latter’s bride, who was arriving that day by steamer from China. Koan-lo the First was too busy a man to go down himself to the docks.

So Koan-lo the Second and Sie met —though not for the first time. Five years before in a suburb of Canton City they had said to one another: “I love you.”

Koan-lo the Second was an orphan and had been educated and cared for from youth upwards by Koan-lo the First.

Sie was the daughter of a slave, which will explain why she and Koan-lo the Second had had the opportunity to know one another before the latter left with his cousin for America. In China the daughters of slaves are allowed far more liberty than girls belonging to a higher class of society.

“Koan-lo, ah Koan-lo,” cooed Sie softly and happily as she recognized her lover.

“Sie, my sweetest heart,” returned Koan-lo the Second, his voice both glad and sad.

He saw that a mistake had been made —that Sie believed that the man who was to be her husband was himself — Koan-lo the Second.

And all the love that was in him awoke, and he became dizzy thinking of what might yet be.

Could he explain that the Koan-lo who had purchased Sie for his bride, and to whom she of right belonged, was his cousin and not himself? Could he deliver to the Koan-lo who

had many friends and stores of precious valuables the only friend, the only treasure he had ever possessed? And was it likely that Sie would be happy eating the rice of Koan-lo the First when she loved him, Koan-lo the Second?

Sie's little fingers crept into his. She leaned against him. "I am tired. Shall we soon rest?" said she.

"Yes, very soon, my Sie," he murmured, putting his arm around her.

"I was too glad when my father told me that you had sent for me," she whispered. "I said: 'How good of Koan-lo to remember me all these years. '"

"And did you not remember me, my jess'mine flower?"

"Why need you ask? You know the days and nights have been filled with you."

"Having remembered me, why should you have dreamt that I might have forgotten you?"

"There is a difference. You are a man; I am a woman."

"You have been mine now for over two weeks," said Koan-lo the Second. "Do you still love, me, Sie?"

"Look into mine eyes and see," she answered.

"And are you happy?"

"Happy! Yes, and this is the happiest day of all, because today my father obtains his freedom."

"How is that, Sie?"

“Why, Koan-lo, you know. Does not my father receive today the balance of the price you pay for me, and is not that, added to what you sent’ in advance, sufficient to purchase my father’s freedom? My dear, good father — he has worked so hard all these years. He has ever been so kind to me. How glad am I to think that through me the God of Restoration has decreed that he shall no longer be a slave. Yes, I am the happiest woman in the world today.”

Sie kissed her husband’s hand.

He drew it away and hid with it his face.

“Ah, dear husband!” cried Sie. “You are very sick.”

“No, not sick,” replied the miserable Koan-lo — “but, Sie, I must tell you that I am a very poor man, and we have got to leave this pretty house in the country and go to some city where I will have to work hard and you will scarcely have enough to eat.”

“Kind, generous Koan-lo,” answered Sie, “you have ruined yourself for any sake; you paid too high a price for me. Ah, unhappy Sie, who has pulled Koan-lo into the dust! Now let me be your servant, for gladly would I starve for your sake. I care for Koan-lo, not riches.”

And she fell on her knees before the young man, who raised her gently, saying:

“Sie, I am, unworthy of such devotion and your words; drive a thousand spears into my heart. Hear my confession,

I am your husband, but I am not the man who bought you. My cousin, Koan-lo the First, sent for you to come from China. It was he who bargained for you, and paid half the price your father asked whilst you were in Canton, and agreed to pay the balance upon sight of your face. Alas! the balance will never be paid, for as I have stolen you from my cousin, he is not bound to keep to the agreement, and your father is still a slave.”

Sie stood motionless, overwhelmed by the sudden and terrible news. She looked at her husband bewilderedly.

“Is it true, Koan-lo? Must my father, remain a slave?” she asked.

“Yes, it is true,” replied her husband. “But we have still one another, and you say you care not for poverty. So forgive me and forget your father. I forgot all for love of you.”

He attempted to draw her to him, but with a pitiful cry she turned and fled.

Koan-lo the First sat smoking and meditating.

Many moons had gone by since Koan-lo the Second had betrayed the trust of Koan-lo the First, and Koan-lo the First was wondering what Koan-lo the Second was doing, and how he was living. “He had little money and was unused to working hard, and with a woman to support what will the

dog do?" thought the old man. He felt injured and bitter, but towards the evening, after long smoking, his heart became softened, and he said to his pipe: "Well, well, he had a loving feeling for her, and the young I suppose must mate with the young. I think I could overlook his ungratefulness were he to come and seek forgiveness."

"Great and honored sir, the dishonored Sie kneels before you and begs you to put your foot on her head."

These words were uttered by a young Chinese girl of rare beauty, who had entered the room suddenly and prostrated herself before Koan-Io the First. He looked up angrily.

"Ah, I see the false woman who made her father a bar!" he cried.

Tears fell from the downcast eyes of Sie, the kneeler.

"Good sir," said she, "ere I had become a woman or your cousin a man, we loved one another, and when we met after a long separation, we both forgot our duty. But the God of Restoration worked with my heart. I repented and now am come to you to give myself up to be your slave, to work for you until the flesh drops from my bones, if such be your desire, only asking that you will send to my father the balance of my purchase price, for he is too old and feeble to be a slave. Sir, you are known to be a more than just man. Oh, grant my request! 'Tis for my father's sake I plead. For

many years he nourished me, with trouble and care; and my heart almost breaks when I think of him. Punish me for my misdeeds, dress me in rags and feed me on the meanest food! Only let me serve you and make myself of use to you, so that I may be worth my father's freedom."

"And what of my cousin? Are you now false to him?"

"No, not false to Koan-lo, my husband —only true to my father."

"And you wish me, whom you have injured, to free your father?"

Sie's head, dropped lower as she replied:

"I wish to be your slave. I wish to pay with the labor of my hands the debt I owe you and the debt I owe my father. For this I have left my husband."

Koan-lo the First arose, lifted Sie's chin with his hand, and contemplated with earnest eyes her face.

"Your heart is not all bad," he observed. "Sit down and listen. I will not buy you for my slave, for in this country it is against the law to buy a woman for a slave; but I will hire you for five years to be my servant, and for that time you will do my bidding, and after that you' will be free. Rest in peace concerning your father."

"May the sun ever shine on you, most gracious master!" cried Sie.

Then Koan-lo the First pointed out to her a hallway leading to a little room, which room he said she could have for her own private use while she remained with him.

Sie thanked him and was leaving his presence when the door was burst open and Koan-lo the Second, looking haggard and wild, entered. He rushed up to Sie and clutched her by the shoulder.

“You are mine!” he shouted. “I will kill you before you become another man’s!”

“Cousin,” said Koan-lo the First, “I wish not to have the woman to be my wife, but I claim her as my servant. She has already received her wages — her father’s freedom.” Koan-lo the Second gazed bewilderedly into the faces of his wife and cousin. Then he threw up his hands and cried.

“Oh, Koan-lo, my cousin, I have been evil. Always have I envied you and carried bitter thoughts of you in my heart. Even your kindness to me in the past has provoked my ill-will, and when I have seen you surrounded by friends, I have said scornfully: ‘He that hath wine hath many friends,’ although I well knew the people loved you for your good heart. And Sie I have deceived. I took her to myself, knowing that she thought I was what I was not. I caused her to believe she was mine by all rights.”

“So I am yours,” broke in Sie tremblingly.

“So she shall be yours — when you are worthy of such a pearl and can guard and keep it,” said Koan-lo the First. Then waving his cousin away from Sie, he continued:

“This is your punishment; the God of Restoration demands it. For five years you shall not see the face of Sie, your wife. Meanwhile, study, think, be honest, and work.”

“Your husband comes for you today. Does the thought make you glad?” questioned Koan-lo the First.

Sie smiled and blushed.

“I shall be sorry to leave you,” she replied.

“But more glad than sad,” said the old man. “Sie, your husband is now a fine fellow. He has changed wonderfully during his years of probation.”

“Then I shall neither know nor love him,” said Sie mischievously. “Why, here he — “

“My sweet one!”

“My husband!”

“My children, take my blessing; be good and be happy. I go to my pipe, to dream of bliss if not to find it.”

With these words Koan-lo the First retired.

“Is he not almost as a god?” said Sie.

“Yes,” answered her husband, drawing her on to his knee. “He has been better to me than I have deserved. And

you — ah, Sie, how can you care for me when you know what a bad fellow I have been?”

“Well,” said Sie contentedly, “it is always our best friends who know how bad we are.”

THE THREE SOULS OF AH SO NAN

I

The sun was conquering the morning fog, dappling with gold the gray waters of San Francisco's bay, and throwing an emerald radiance over the islands around.

Close to the long line of wharves lay motionless brigs and schooners, while farther off in the harbor were ships of many nations riding at anchor.

A fishing fleet was steering in from the open sea, scudding before the wind like a flock of seabirds. All night long had the fishers toiled in the deep. Now they were returning with the results of their labor.

A young Chinese girl, watching the fleet from the beach of Fisherman's Cove, shivered in the morning air. Over her blue cotton blouse she wore no wrap; on her head, no covering. All her interest was centred in one lone boat which lagged behind the rest, being heavier freighted. The

fisherman was of her own race. When his boat was beached he sprang to her side.

“O’Yam, what brings you here?” he questioned low, for the curious eyes of his fellow fishermen were on her.

“Your mother is dying,” she answered.

The young man spake a few words in English to a Greek whose boat lay alongside his. The Greek answered in, the same tongue. Then Fou Wang threw down his nets and, with the girl following, walked quickly along the waterfront, past the wharves, the warehouses, and the grogshops, up a zigzag hill and into the heart of Chinatown. Neither spoke until they reached their destination, a dingy three-storied building.

The young man began to ascend the stairs, the girl to follow. Fou Wang looked back and shook his head. The girl paused on the lowest step.

“May I not come?” she pleaded.

“Today is for sorrow,” returned Fou Wang. “I would, for a time, forget all that belongs to the joy of life.”

The girl threw her sleeve over her head and backed out of the open door.

“What is the matter?” inquired a kind voice, and a woman laid her hand upon her shoulder.

O’Yam’s bosom heaved.

“Oh, Liuchi,” she cried, “the mother of Fou Wang is dying, and you know what that means to me.”

The woman eyed her compassionately.

“Your father, I know,” said she, as she unlocked a door and led her companion into a room opening on to the street, “has long wished for an excuse to set at naught your betrothal to Fou Wang; but I am sure the lad to whom you are both sun and moon will never give him one.”

She offered O’Yam some tea, but the girl pushed it aside.

“You know not Fou Wang,” she replied, sadly yet proudly. “He will follow his conscience, though he lose the sun, the moon, and the whole world.”

A young woman thrust her head through the door.

“The mother of Fou Wang is dead,” cried she.

“She was a good woman — a kind and loving mother,” said Liuchi, as she gazed down upon the still features of her friend.

The young daughter of Ah So Nan burst into fresh weeping. Her pretty face was much swollen. Ah So Nan had been well loved by her children, and the falling tears were not merely waters of ceremony.

At the foot of the couch upon which the dead was laid, stood Fou Wang, his face stern and immovable, his eye

solemn, yet luminous with a steadfast fire. Over his head was thrown a white cloth. From morn till eve had he stood thus, contemplating the serene countenance of his mother and vowing that nothing should be left undone which could be done to prove his filial affection and desire to comfort her spirit in the land to which it had flown. "Three years, mother, will I give to thee and grief. Three years will I minister to thy three souls," he vowed within himself, remembering how sacred to the dead woman were the customs and observances of her own country. They were also sacred to him. Living in America, in the midst of Americans and Americanized Chinese, the family of Fou Wang, with the exception of one, had clung tenaciously to the beliefs of their forefathers.

"All the living must die, and dying, return to the ground. The limbs and the flesh moulder away below, and hidden away, become the earth of the fields; but the spirit issues forth and is displayed on high in a condition of glorious brightness," quoted a yellow-robed priest, swinging an incense burner before a small candle-lighted altar.

It was midnight when the mourning friends of the family of Fou Wang left the chief mourner alone with his dead mother.

His sister, Fin Fan, and the girl who was his betrothed wife brushed his garments as they passed him by. The latter

timidly touched his hand — an involuntary act of sympathy —but if he were conscious of that sympathy, he paid no heed to it, and his gaze never wavered from the face of the dead.

II

“My girl, Moy Ding Fong is ready if Fou Wang is not, and you must marry this year. I have sworn you shall.”

Kien Lung walked out of the room with a determined step. He was an Americanized Chinese and had little regard for what he derided as “the antiquated customs of China,” save when it was to his interest to follow them. He was also a widower desirous of marrying again, but undesirous of having two women of like years, one his wife, the other his daughter, under the same roof-tree.

Left alone, O'Yam's thoughts became sorrowful, almost despairing. Six moons had gone by since Ah So Nan had passed away yet the son of Ah So Nan had not once, during that time, spoken one word to his betrothed wife. Occasionally she had passed him on the street; but always he had gone by with uplifted countenance, and in his eyes the beauty of piety and peace. At least, so it seemed to the girl, and the thought of marriage with him had seemed almost sacrilegious. But now it had come to

this. If Fou Wang adhered to his resolve to mourn three years for his mother, what would become of her? She thought of old Moy Ding Fong and shuddered. It was bitter, bitter.

There was a rapping at the door. A young girl lifted the latch and stepped in. It was Fin Fan, the sister of her betrothed.

"I have brought my embroidery work," said she, "I thought we could have a little talk before sundown when I must away to prepare the evening meal."

O'Yam, who was glad to see her visitor, brewed some fresh tea and settled down for an exchange of confidences.

"I am not going to abide by it," said Fin Fan at last. "Hom Hing is obliged to return to China two weeks hence, and with or without Fou Wang's consent I go with the man to whom my mother betrothed me."

"Without Fou Wang's consent!" echoed O'Yam.

"Yes," returned Fin Fan, snapping off a thread. "Without my honorable brother's consent."

"And your mother gone but six moons!"

O'Yam's face wore a shocked expression.

"Does the fallen leaf grieve because the green one remains on the tree?" queried Fin Fan.

"You must love Hom Hing well," murmured O'Yam — "more than Fou Wang loves me."

"Nay," returned her companion, "Fou Wang's love for you is as big as mine for Hom Hing. It is my brother's conscience alone that stands between him and you. You know that."

"He loves not me," sighed O'Yam.

"If he does not love you," returned Fin Fan, "why, when we heard that you were unwell, did he sleeplessly pace his room night after night until the news came that you were restored to health? Why does he treasure a broken fan you have cast aside?"

"Ah, well!" smiled O'Yam.

Fin Fan laughed softly.

"Fou Wang is not as other men," said she. "His conscience is an inheritance from his great-great-grandfather." Her face became pensive as she added: "It is sad to go across the sea without an elder brother's blessing."

She repeated this to Liuchi and Mai Gwi Far, the widow, whom she met on her way home.

"Why should you," inquired the latter, "when there is a way by which to obtain it?"

"How?"

"Did Ah So Nan leave no garments behind her — such garments as would well fit her three souls — and is it not always easy to delude the serious and the wise?"

"Ah!"

III

O'Yam climbed the stairs to the joss house. The desire for solitude brought her there; but when she had closed the door upon herself, she found that she was not alone. Fou Wang was there. Before the images of the Three Wise Ones he stood, silent, motionless.

“He is communing with his mother’s spirit,” thought O'Yam. She beheld him through a mist of tears. Love filled her whole being. She dared not move, because she was afraid he would turn and see her, and then, of course, he would go away. She would stay near him for a few moments and then retire.

The dim light of the place, the quietness in the midst of noise, the fragrance of some burning incense, soothed and calmed her. It was as if all the sorrow and despair that had overwhelmed her when her father had told her to prepare for her wedding with Moy Ding Fong had passed away.

After a few moments she stepped back softly towards the door. But she was too late. Fou Wang turned and beheld her.

She fluttered like a bird until she saw that, surprised by her presence, he had forgotten death and thought only of life — of life and love. A glad, eager light shone in his eyes.

He made a swift step towards her. Then — he covered his face with his hands.

“Fou Wang!” cried O’Yam, love at last overcoming superstition, “must I become the wife of Moy Ding Fong?”

“No, ah no!” he moaned.

“Then,” said the girl in desperation, “take me to yourself.”

Fou Wang’s hands fell to his side. For a moment he looked into that pleading face —and wavered.

A little bird flew in through’ an open window, and perching itself upon an altar, began twittering.

Fou Wang started back, the expression on his face changing.

“A warning from the dead,” he muttered, “a warning from the dead!”

An iron hand gripped O’Yam’s heart. Life itself seemed to have closed upon her.

IV

It was afternoon before evening, and the fog was rolling in from the sea. Quietness reigned in the plot of ground sacred to San Francisco’s Chinese dead when Fou Wang deposited

a bundle at the foot of his mother's grave and prepared for the ceremony of ministering to her three souls.

The fragrance from a wall of fir trees near by stole to his nostrils as he cleared the weeds and withered leaves from his parent's resting place. As he placed the bowls of rice and chicken and the vase of incense where he was accustomed to place it, he became dimly conscious of a presence or presences behind the fir wall.

He sighed deeply. No doubt the shade of his parent was restless, because —

“Fou Wang,” spake a voice, low but distinct.

The young man fell upon his knees.

“Honored Mother!” he cried.

“Fou Wang,” repeated the voice, “though my name is on thy lips, O'Yam's is in thy heart.”

Conscience-stricken, Fou Wang yet retained spirit enough to gasp:

“Have I not been a dutiful son? Have I not sacrificed all for thee, Mother! Why, then, dost thou reproach me?”

“I do not reproach thee,” chanted three voices, and Fou Wang, lifting his head, saw three figures emerge from behind the fir wall. “I do not reproach thee. Thou hast been a most dutiful son and thy offerings at my grave and in the temple have been fully appreciated. Far from reproaching

thee, I am here to say to thee that the dead have regard for the living who faithfully mourn and minister to them, and to bid thee sacrifice no more until thou hast satisfied thine own heart by taking to wife the daughter of Kien Lung and given to thy sister and thy sister's husband an elder brother's blessing. Thy departed mother requires not the sacrifice of a broken heart. The fallen leaf grieves not because the green leaf still clings to the bough."

Saying this, the three figures flapped the loose sleeves of the well-known garments of Ah So Nan and faded from his vision.

For a moment Fou Wang gazed after them as if spellbound. Then he arose and rushed towards the fir wall, behind which they seemed, to have vanished.

"Mother, honored parent! Come back and tell me of the new birth!" he cried.

But there was no response.

Fou Wang returned to the grave and lighted the incense. But he did not wait to see its smoke ascend. Instead he hastened to the house of Kien Lung and said to the girl who met him at the door:

"No more shall my longing for thee take the fragrance from the flowers and the light from the sun and moon."

THE PRIZE CHINA BABY

The baby was the one gleam of sunshine in Fin Fan's life, and how she loved it no words can tell. When it was first born, she used to lie with her face turned to its little soft, breathing mouth and think there was nothing quite so lovely in the world as the wee pink face before her, while the touch of its tiny toes and fingers would send wonderful thrills through her whole body. Those were delightful days, but, oh, how quickly they sped. A week after the birth of the little Jessamine Flower, Fin Fan was busy winding tobacco leaves in the dark room behind her husband's factory. Winding tobacco leaves had been Fin Fan's occupation ever since she had become Chung Kee's wife, and hard and dreary work it was. Now, however, she did, not mind it quite so much, for in a bunk which was built on one side of the room was a most precious bundle, and every now and then she would go over to that bunk and crow and coo to the baby therein.

But though Fin Fan prized her child so highly, Jessamine Flower's father would rather she had not been born, and considered the babe a nuisance because she took up so much of her mother's time. He would rather that

Fin Fan spent the hours in winding tobacco leaves than in nursing baby. However, Fin Fan managed to do both, and by dint of getting up very early in the morning and retiring very late at night, made as much money for her husband after baby was born as she ever did before. And it was well for her that that was so, as the baby would otherwise have been taken from her and given to some other more fortunate woman. Not that Fin Fan considered herself unfortunate. Oh, no! She had been a hard-working little slave all her life, and after her mistress sold her to be wife to Chung Kee, she never dreamt of complaining, because, though a wife, she was still a slave.

When Jessamine Flower was about six months old one of the ladies of the Mission, in making her round of Chinatown, ran in to see Fin Fan and her baby.

“What a beautiful child!” exclaimed the lady. “And, oh, how cunning,” she continued, noting the amulets on the little ankles and wrists, the tiny, quilted vest and gay little trousers in which Fin Fan had arrayed her treasure.

Fin Fan sat still and shyly smiled, rubbing her chin slowly against the baby’s round cheek. Fin Fan was scarcely more than a child herself in years.

“Oh, I want to ask you, dear little mother,” said the lady, “if you will not send your little one to the Chinese baby

show which we are going to have on Christmas Eve in the Presbyterian Mission schoolroom.”

Fin Fan’s eyes brightened.

“What you think? That my baby get a prize?” she asked hesitatingly.

“I think so, indeed,” answered the lady, feeling the tiny, perfectly shaped limbs and peeping into the brightest of black eyes.

From that day until Christmas Eve, Fin Fan thought of nothing but the baby show. She would be there with her baby, and if it won a prize, why, perhaps its father might be got to regard it with more favor, so that he would not frown so blackly and mutter under his breath at the slightest cry or coo.

On the morning of Christmas Eve, Chung Kee brought into Fin Fan’s room a great bundle of tobacco which he declared had to be rolled by the evening, and when it was time to start for the show, the work was not nearly finished. However, Fin Fan dressed her baby, rolled it in a shawl, and with it in her arms, stealthily left the place.

It was a bright scene that greeted her upon arrival at the Mission house. The little competitors, in the enclosure that had been arranged for them, presented a peculiarly gorgeous appearance. All had been carefully prepared for

the beauty test and looked as pretty as possible, though in some cases bejewelled head dresses and voluminous silken garments almost hid the competitors. Some small figures quite blazed in gold and tinsel and then there were solemn cherubs almost free from clothing. The majority were plump and well-formed children, and there wasn't a cross or crying baby in the forty-five. Fin Fan's baby made the forty-sixth, and it was immediately surrounded by a group of admiring ladies.

How Fin Fan's eyes danced. Her baby would get a prize, and she would never more need to fear that her husband would give it away. That terrible dread had haunted her ever since its birth. "But surely," thought the little mother, "if it gets a prize he will be so proud that he will let me keep it forever."

And Fin Fan's baby did get a prize — a shining gold bit — and Fin Fan, delighted and excited, started for home. She was so happy and proud.

Chung Kee was very angry. Fin Fan was not in her room, and the work he had given her to do that morning was lying on the table undone. He said some hard words in a soft voice, which was his way sometimes, and then told the old woman who helped the men in the factory to be ready to carry a baby to the herb doctor's wife that night. "Tell her," said he, "that my cousin, the doctor, says that she long has

desired a child, and so I send her one as a Christmas present, according to American custom.”

Just then came a loud knocking at the door. Chung Kee slowly unbarred it, and two men entered, bearing a stretcher upon which a covered form lay.

“Why be you come to my store?” asked Chung Kee in broken English.

The men put down their burden, and one pulled down the covering from that which lay on the stretcher and revealed an unconscious woman and a dead baby.

“It was on Jackson Street. The woman was trying to run with the baby in her arms, and just as she reached the crossing a butcher’s cart came around the corner. Some Chinese who knows you advised me to bring them here. Your wife and child, eh?”

Chung Kee stared speechlessly at the still face — an awful horror in his eyes.

A curious crowd began to fill the place. A doctor was in the midst of it and elbowed his way to where Fin Fan was beginning to regain consciousness.

“Move back all of you; we want some air here!” he shouted authoritatively, and Fin Fan, roused by the loud voice, feebly raised her head, and looking straight into her husband’s eyes, said:

“Chung Kee’s baby got first prize. Chung Kee let Fin Fan keep baby always.”

That was all. Fin Fan’s eyes closed. Her head fell back beside the prize baby’s — hers forever.

LIN JOHN

It was New Year's Eve. Lin John mused over the brightly burning fire. Through the beams of the roof the stars shone, far away in the deep night sky they shone down upon him, and he felt their beauty, though he had no words for it. The long braid which was wound around his head lazily uncoiled and fell down his back; his smooth young face was placid and content. Lin John was at peace with the world. Within one of his blouse sleeves lay a small bag of gold, the accumulated earnings of three years, and that gold was to release his only sister from a humiliating and secret bondage. A sense of duty done led him to dream of the To-Come. What a fortunate fellow he was to have been able to obtain profitable work, and within three years to have saved four hundred dollars! In the next three years, he might be able to establish a little business and send his sister to their parents in China to live like an honest woman. The sharp edges of his life were forgotten in the drowsy warmth and the world faded into dreamland.

The latch was softly lifted; with stealthy step a woman approached the boy and knelt beside him. By the flickering gleam of the dying fire she found that for which she searched, and hiding it in her breast swiftly and noiselessly withdrew.

Lin John arose. His spirits were light — and so were his sleeves. He reached for his bowl of rice, then set it down, and suddenly his chopsticks clattered on the floor. With hands thrust into his blouse he felt for what was not there. Thus, with bewildered eyes for a few moments. Then he uttered a low cry and his face became old and gray.

A large apartment, richly carpeted; furniture of dark and valuable wood artistically carved ceiling decorated with beautiful Chinese ornaments and gold incense burners; walls hung from top to bottom with long bamboo panels covered with silk, on which were printed Chinese characters; tropical plants, on stands; heavy curtains draped over windows. This, in the heart of Chinatown. And in the midst of these surroundings a girl dressed in a robe of dark blue silk worn over a full skirt richly embroidered. The sleeves fell over hands glittering with rings, and shoes, of light silk were on her feet. Her hair was ornamented with flowers made of jewels; she wore three or four pairs of bracelets; her jewel earrings were over an inch long.

The girl was fair to see in that her face was smooth and oval, eyes long and dark, mouth small and round, hair of jetty hue, and figure petite and graceful.

Hanging over a chair by her side was a sealskin sacque, such as is worn by fashionable American women. The girl

eyed it admiringly and every few moments stroked the soft fur with caressing fingers.

“Pau Sang,” she called.

A curtain was pushed aside and a heavy, broad-faced Chinese woman in blouse and trousers of black sateen stood revealed.

“Look,” said the beauty. “I have a cloak like the American ladies. Is it not fine?”

Pau Sang nodded. “I wonder at Moy Loy,” said she. “He is not in favor with the Gambling Cash Tiger and is losing money.”

“Moy Loy gave it not to me. I bought it myself.”

“But from whom did you obtain the money?”

“If I let out a secret, will you lock it up?”

Pau Sang smiled grimly, and her companion, sidling closer to her, said: “I took the money from my brother — it was my money; for years he had been working to make it for me, and last week he told me that he had saved four hundred dollars to pay to Moy Loy, so that I might be free. Now, what do I want to be free for? To be poor? To have no one to buy me good dinners and pretty things— to be gay no more? Lin John meant well, but he knows little. As to me, I wanted a sealskin sacque like the fine American ladies. So two moons gone by I stole away to the country and found

him asleep. I did not awaken him — and for the first day of the New Year I had this cloak. See?”

“Heaven frowns on me,” said Lin John sadly, speaking to Moy Loy. “I made the money with which to redeem my sister and I have lost it. I grieve, and I would have you say to her that for her sake, I will engage myself laboriously and conform to virtue till three more New Years have grown old, and that though I merit blame for my carelessness yet I am faithful unto her.”

And with his spade over his shoulder he shuffled away from a house, from an upper window of which a woman looked down and under her breath called “Fool!”

TIAN SHAN'S KINDRED SPIRIT

Had Tian Shan been an American and China to him a forbidden country, his daring exploits and thrilling adventures would have furnished inspiration for many a newspaper and magazine article, novel, and short story. As a hero, he would certainly have far outshone Dewey, Peary, or Cook. Being, however, a Chinese, and the forbidden country America, he was simply recorded by the American press as “a wily Oriental, who, ‘by ways that are dark and tricks that are vain,’ is eluding the vigilance of our brave customs officers.” As to his experiences, the only one who took any particular interest in them was Fin Fan.

Fin Fan was Tian Shan’s kindred spirit. She was the daughter of a Canadian Chinese storekeeper and the object of much concern to both Protestant Mission ladies and good Catholic sisters.

“I like learn talk and dress like you,” she would respond to attempts to bring her into the folds, “but I not want think like you. Too much discuss.” And when it was urged upon her that her father was a convert — the Mission ladies declaring, to the Protestant faith, and the nuns, to the Catholic — she would

calmly answer: "That so? Well, I not my father. Beside I think my father just say he Catholic (or Protestant) for sake of be amiable to you. He good-natured man and want to please you."

This independent and original stand led Fin Fan to live, as it were, in an atmosphere of outlawry even amongst her own country-women, for all proper Chinese females in Canada and America, unless their husbands are men of influence in their own country, conform upon request to the religion of the women of the white race.

Fin Fan sat on her father's doorstep amusing herself with a ball of yarn and a kitten. She was a pretty girl, with the delicate features, long slanting eyes, and pouting mouth of the women of Soo Chow, to which province her dead mother had belonged.

Tian Shan came along.

"Will you come for a walk around the mountain?" asked he.

"I don't know," answered Fin Fan.

"Do!" he urged.

The walk around the mountain is enjoyable at all seasons, but particularly so in the fall of the year when the leaves on the trees are turning all colors, making the mount itself look like one big posy.

The air was fresh, sweet, and piny. As Tian Shan and Fin Fan walked, they chatted gaily — not so much of Tian Shan or Fin Fan as of the brilliant landscape, the sun shining through a grove of black-trunked trees with golden leaves, the squirrels that whisked past them, the birds twittering and soliloquizing over their vanishing homes, and many other objects of nature. Tian Shan's roving life had made him quite a woodsman, and Fin Fan — well, Fin Fan was his kindred spirit.

A large oak, looking like a smouldering pyre, invited them to a seat under its boughs.

After happily munching half a dozen acorns, Fin Fan requested to be told all about Tian Shan's last adventure. Every time he crossed the border, he was obliged to devise some new scheme by which to accomplish his object, and as he usually succeeded, there was always a new story to tell whenever he returned to Canada.

This time he had run across the river a mile above the Lachine Rapids in an Indian war canoe, and landed in a cove surrounded by reefs, where pursuit was impossible. It had been a perilous undertaking, for he had had to make his way right through the swift current of the St. Lawrence, the turbulent rapids so near that it seemed as if indeed he must yield life to the raging cataract. But with indomitable courage he had

forged ahead, the canoe, with every plunge of his paddles, rising on the swells and cutting through the whitecaps, until at last he reached the shore for which he had risked so much.

Fin Fan was thoughtful for a few moments after listening to his narration.

“Why,” she queried at last, “when you can make so much more money in the States than in Canada, do you come so often to this side and endanger your life as you do when returning?”

Tian Shan was puzzled himself. He was not accustomed to analyzing the motives for his actions.

Seeing that he remained silent, Fin Fan went on:

“I think,” said she, “that it is very foolish of you to keep running backwards and forwards from one country to another, wasting your time and accomplishing nothing.”

Tian Shan dug up some soft, black earth with the heels of his boots.

“Perhaps it is,” he observed.

That night Tian Shan’s relish for his supper was less keen than usual, and when he laid his head upon his pillow, instead of sleeping, he could only think of Fin Fan. Fin Fan! Fin Fan! Her face was before him, her voice in his ears. The clock ticked Fin Fan; the cat purred it; a little mouse squeaked it; a night-bird sang it. He tossed about, striving

to think what ailed him. With the first glimmer of morning came knowledge of his condition. He loved Fin Fan, even as the American man loves the girl he would make his wife.

Now Tian Shan, unlike most Chinese, had never saved money and, therefore, had no home to offer Fin Fan. He knew, also, that her father had his eye upon a young merchant in Montreal, who would make a very desirable son-in-law.

In the early light of the morning Tian Shan arose and wrote a letter. In this letter, which was written with a pointed brush on long yellow sheets of paper, he told Fin Fan that, as she thought it was foolish, he was going to relinquish the pleasure of running backwards and forwards' across the border, for some time at least. He was possessed of a desire to save money so that he could have a wife and a home. In a year, perhaps, he would see her again.

Lee Ping could hardly believe that his daughter was seriously opposed to becoming the wife of such a good-looking, prosperous, young merchant as Wong Ling. He tried to bring her to reason, but instead of yielding her will to the parental, she declared that she would take a place as a domestic to some Canadian lady with whom she had become acquainted at the Mission sooner than wed the man her father had chosen.

“Is not Wong Ling a proper man?” inquired the amazed parent.

“Whether he is proper or improper makes no difference to me,” returned Fin Fan. “I will not marry him, and the law in this country is so that you cannot compel me to wed against my will.”.

Lee Ping’s good-natured face became almost pitiful as he regarded his daughter. Only a hen who has hatched a duckling and sees it take to the water for the first time could have worn such an expression.

Fin Fan’s heart softened. She was as fond of her father as he of her. Sidling up to him, she began stroking his sleeve in a coaxing fashion.

“For a little while longer I wish only to stay with you,” said she.

Lee Ping shook his head, but gave in.

“You must persuade her yourself,” said he to Wong Ling that evening. “We are in a country where the sacred laws and customs of China are as naught.”

So Wong Ling pressed his own suit. He was not a bad-looking fellow, and knew well also how to honey his speech. Moreover, he believed in paving his way with offerings of flowers, trinkets, sweetmeats.

Fin Fan looked, listened, and accepted. Every gift that could be kept was carefully put by in a trunk which she hoped

some day to take to New York. "They will help to furnish Tian Shan's home," said she.

Twelve moons had gone by since Tian Shan had begun to think of saving and once again he was writing to Fin Fan.

"I have made and I have saved," wrote he. "Shall I come for you?"

And by return mail came an answer which was not "No."

Of course, Fin Fan's heart beat high with happiness when Tian Shan walked into her father's store; but to gratify some indescribable feminine instinct she simply nodded coolly in his direction, and continued what might be called a flirtation with Wong Ling who had that morning presented her with the first Chinese lily of the season and a box of the best preserved ginger.

Tian Shan sat himself down on a box of dried mushrooms and glowered at his would be rival, who, unconscious of the fact that he was making a third when there was needed but a two, chattered on like a running stream. Thoughtlessly and kittenishly Fin Fan tossed a word, first to this one, and next to that; and whilst loving with all her heart one man showed much more favor to the other.

Finally Tian Shan arose from the mushrooms and marched over to the counter.

"These yours?" he inquired of Wong Ling, indicating the lily and the box of ginger.

“Miss Fin Fan has done me the honor of accepting them,” blandly replied Wong Ling.

“Very good,” commented Tian Shan. He picked up the gifts and hurled them into the street.

A scene of wild disorder followed. In the midst of it the father of Fin Fan, who had been downtown, appeared at the door.

“What is the meaning of this?” he demanded.

“Oh, father, father, they are killing one another! Separate them, oh, separate them!” pleaded Fin Fan.

But her father’s interference was not needed. Wong Ling swerved to one side, and falling, struck the iron foot of the stove. Tian Shan, seeing his rival unconscious, rushed out of the store.

The moon hung in the sky like a great yellow pearl and the night was beautiful and serene. But Fin Fan, miserable and unhappy, could not rest.

“All your fault! All your fault!” declared the voice of conscience.

“Fin Fan,” spake a voice near to her.

Could it be? Yes, it surely was Tian Shan.

She could not refrain from a little scream.

“Sh! Sh!” bade Tian Shan. “Is he dead?”

“No,” replied Fin Fan, “he is very sick but he will recover.”

“I might have been a murderer,” mused Tian Shan. “As it is I am liable to arrest and imprisonment for years.”

“I am the cause of all the trouble,” wept Fin Fan.”

Tian Shan patted he shoulder in an attempt at consolation, but a sudden footfall caused her to start away from him.

“They are hunting you!” she cried. “Go! Go!”

And Tian Shan, casting upon her one long farewell look, strode with rapid steps away.

Poor Fin Fan! She had indeed lost every one, and added to that shame was the secret sorrow and remorse of her own heart. All the hopes and the dreams which had filled the year that was gone were now as naught, and he, around whom they had been woven, was, because of her, a fugitive from justice, even in Canada.

One day she picked up an American newspaper which a customer had left on the counter, and, more as a habit than for any other reason, began spelling out the paragraphs.

A Chinese, who has been unlawfully breathing United States air for several years, was captured last night crossing the border, a feat which he is said to have successfully

accomplished more than a dozen times during the last few years. His name is Tian Shan, and there is no doubt whatever that he will be deported to China as soon as the necessary papers can be made out.

Fin Fan lifted her head. Fresh air and light had come into her soul. Her eyes sparkled. In the closet behind her hung a suit of her father's clothes. Fin Fan was a tall and well-developed young woman.

"You are to have company," said the guard, pausing in front of Tian Shan's cage. "A boy without certificate was caught this morning by two of our men this side of Rouse's Point. He has been unable to give an account of himself, so we are putting him in here with you. You will probably take the trip to China together."

Tian Shan continued reading a Chinese paper which he had been allowed to retain. He was not at all interested in the companion thrust upon him. He would have preferred to be left alone. The face of the absent one is so much easier conjured in silence and solitude. It was a foregone conclusion with Tian Shan that he would never again behold Fin Fan, and with true Chinese philosophy he had begun to reject realities and accept dreams as the stuff upon which to live. Life itself was hard, bitter, and disappointing. Only dreams are joyous and smiling.

One star after another had appeared until the heavens were patterned with twinkling lights. Through his prison bars Tian Shan gazed solemnly upon the firmament.

Some one touched his elbow. It was his fellow-prisoner.

So far the boy had not intruded himself, having curled himself up in a corner of the cell and slept soundly apparently, ever since his advent.

“What do you want?” asked Tian Shan not unkindly.

“To go to China with you and to be your wife,” was the softly surprising reply.

“Fin Fan!” exclaimed Tian Shan. “Fin Fan!”

The boy pulled off his cap.

“Aye,” said he. “’Tis Fin Fan!”

THE SING SONG WOMAN

I

Ah Oi, the Chinese actress, threw herself down on the floor of her room and, propping her chin on her hands gazed up at the narrow strip of blue sky which could be seen through her window. She seemed to have lost her usually merry spirits. For the first time since she had left her home her thoughts were seriously with the past, and she longed with a great longing for the Chinese Sea, the boats, and the wet, blowing sands. She had been a fisherman's daughter, and many a spring had she watched the gathering of the fishing fleet to which her father's boat belonged. Well could she remember clapping her hands as the vessels steered out to sea for the season's work, her father's amongst them, looking as bright as paint could make it, and flying a neat little flag at its stern and well could she also remember how her mother had taught her to pray to "Our Lady of Pootoo," the goddess of sailors. One does not need to be a Christian to be religious, and Ah Oi's parents had

carefully instructed their daughter according to their light, and it was not their fault if their daughter was a despised actress in an American Chinatown.

The sound of footsteps outside her door seemed to chase away Ah Oi's melancholy mood, and when a girl crossed her threshold, she was gazing amusedly into the street below — a populous thoroughfare of Chinatown.

The newcomer presented a strange appearance. She was crying so hard that red paint, white powder, and carmine lip salve were all besmeared over a naturally pretty face.

Ah Oi began to laugh.

“Why, Mag-gee,” said she, “how odd you look with little red rivers running over your face! What is the matter?”

“What is the matter?” echoed Mag-gee, who was a half-white girl. “The matter is that I wish that I were dead! I am to be married tonight to a Chinaman whom I have never seen, and whom I can't bear. It isn't natural that I should. I always took to other men, and never could put up with a Chinaman. I was born in America, and I'm not Chinese in looks nor in any other way. See! My eyes are blue, and there is gold in my hair; and I love potatoes and beef, and every time I eat rice it makes me sick, and so does chopped up food. He came down about a week ago and made arrangements with father, and now everything is fixed and I'm going away

forever to live in China. I shall be a Chinese woman next year — I commenced to be one today, when father made me put the paint and powder on my face, and dress in Chinese clothes. Oh! I never want anyone to feel as I do. To think of having to marry a Chinaman! How I hate the Chinese! And the worst of it is loving somebody else all the while.”

The girl burst into passionate sobs. The actress, who was evidently accustomed to hearing her compatriots reviled by the white and half-white denizens of Chinatown, laughed — a light, rippling laugh. Her eyes glinted mischievously.

“Since you do not like the Chinese men,” said she, “why do you give yourself to one? And if you care so much for somebody else, why do you not fly to that somebody?”

Bold words for a Chinese woman to utter! But Ah Oi was not as other Chinese women, who all their lives have been sheltered by a husband or father’s care.

The half-white girl stared at her companion.

“What do you mean?” she asked.

“This,” said Ah Oi.

The fair head and dark head drew near together; and two women passing the door heard whispers and suppressed laughter.

“Ah Oi is up to some trick,” said one.

II

“The Sing Song Woman! The Sing Song Woman!” It was a wild cry of anger and surprise.

The ceremony of unveiling the bride had just been performed, and Hwuy Yen, the father of Mag-gee, and his friends, were in a state of great excitement, for the unveiled, brilliantly clothed little figure standing in the middle of the room was not the bride who was to have been; but Ah Oi, the actress, the Sing Song Woman.

Every voice but one was raised. The bride-groom, a tall, handsome man, did not understand what had happened, and could find no words to express his surprise at the uproar. But he was so newly wedded that it was not until Hwuy Yen advanced to the bride and shook his hand threateningly in her face, that he felt himself a husband, and interfered by placing himself before the girl.

“What is all this?” he inquired. “What has my wife done to merit such abuse?”

“Your wife!” scornfully ejaculated Hwuy Yen. “She is no wife of yours. You were to have married my daughter, Mag-gee. This is not my daughter; this is an impostor, an actress, a Sing Song Woman. Where is my daughter?”

Ah Oi laughed her peculiar, rippling, amused laugh. She was in no wise abashed, and, indeed, appeared to be enjoying the situation. Her bright, defiant eyes met her questioner's boldly as she answered:

"Mag-gee has gone to eat beef and potatoes with a white man. Oh, we had such a merry time making this play!"

"See how worthless a thing she is," said, Hwuy Yen to the young bridegroom.

The latter regarded Ah Oi compassionately. He was a man, and perhaps a little tenderness crept into his heart for the girl towards whom so much bitterness was evinced. She was beautiful. He drew near to her.

"Can you not justify yourself?" he asked sadly.

For a moment Ah Oi gazed into his eyes — the only eyes that had looked with true kindness into hers for many a moon.

"You justify me," she replied with an upward, pleading glance.

Then Ke Leang, the bridegroom, spoke. He said: "The daughter of Hwuy Yen cared not to become my bride and has sought her happiness with another. Ah Oi, having a kind heart, helped her to that happiness, and tried to recompense me my loss by giving me herself. She has been unwise and indiscreet; but the good that is in her is more than the evil, and now that she is my wife, none shall say a word against her."

Ah Oi pulled at his sleeve.

“You give me credit for what I do not deserve,” said she. “I had no kind feelings. I thought only of mischief, and I am not your wife. It is but a play like the play I shall act tomorrow.”

“Hush!” bade Ke Leang. “You shall act no more. I will marry you again and take you to China.”

Then something in Ah Oi’s breast, which for a long time had been hard as stone, became soft and tender, and her eyes ran over with tears.

“Oh, sir,” said she, “it takes a heart to make a heart, and you have put one today in the bosom of a Sing Song Woman.”

SRA. FRAGRÂNCIA PRIMAVERIL

Sra. Fragrância Primavera	3
Agradecimentos	5
A Sra. Fragrância Primavera	7
A mulher inferior	30
A sabedoria do novo	55
Sua trêmula imagem	91
O presente do pequeno Me	102
A história da mulher branca que se casou com um chinês	116
Seu marido chinês	136
A americanização de Pau Tsu	147
Na terra da liberdade	165
O lírio chinês	182
A travessia ilegal de Tie Co	188
O Deus da Restauração	197
As três almas de Ah So Nan	206
O valioso bebê chinês	217
Lin John	223
O espírito afim de Tian Shan	227
A cantora	238

Mrs. Spring Fragrance	247
Acknowledgment	249
Mrs. Spring Fragrance	251
The Inferior Woman	272
The Wisdom of the New	298
“Its Wavering Image”	334
The Gift of Little Me	344
The Story of One White Woman who Married a Chinese	358
Her Chinese Husband	378
The Americanizing of Pau Tsu	389
In The Land of the Free	407
The Chinese Lily	423
The Smuggling of Tie Co	429
The God of Restoration	438
The Three Souls of Ah So Nan	448
The Prize China Baby	459
Lin John	465
Tian Shan’s Kindred Spirit	469
The Sing Song Woman	480
Literatura Livre	489
Ficha técnica	496

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

F219 Far, Sui Sin (1865-1914)
Sra. Fragância Primavera / Sui Sin Far. Tradução de Ricardo Giassetti.
– São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 502 p.; Il.
Disponível em:
<https://mojo.org.br>
<https://literaturalivre.secsp.org.br>

Título Original: Mrs. Spring Fragrance (1912). Edição bilingue Português / Inglês.

ISBN 978-85-455108-6-4

1. Literatura Americana. 2. Conto. 3. Escritora Norte-americanas de Ascendência Chinesa. 4. Multiculturalismo. I. Título. II. Série. III. Giassetti, Ricardo, Tradutor. IV. Eaton, Edith Maude (1865-1914). V. Imigração Chinesa. VI. SESC – Serviço Social do Comércio. VII. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VIII. Literatura Livre.

CDU 820(72)

CDD 810

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pela organização Internet Archive:
<https://archive.org/details/cu31924075243513>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.
This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>